UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

RICARDO OLIVEIRA SILVA

OS HOMENS DENTRO DO ARCO-ÍRIS:
Representações das masculinidades em perfis de homens trans jovens no *Instagram*

Teresina
2021

RICARDO OLIVEIRA SILVA

OS HOMENS DENTRO DO ARCO-ÍRIS:
Representações das masculinidades em perfis de homens trans jovens no *Instagram*

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação - PPGCOM - da Universidade Federal do Piauí – UFPI como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof. Dr. Gustavo Fortes Said
Co-orientadora: Profa. Dra. Camila Calado Lima

Teresina
2021

RICARDO OLIVEIRA SILVA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação - PPGCOM - da Universidade Federal do Piauí – UFPI como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof. Dr. Gustavo Fortes Said
Co-orientadora: Profa. Dra. Camila Calado Lima

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Gustavo Fortes Said - UFPI
Orientador

_____

Profa. Dra. Camila Calado Lima - UFPI
Coorientadora

_____

Profa. Dra. Livia Fernanda Nery Da Silva - UFPI
Examinadora Interna

_____

Prof. Dr. Breno de Oliveira Ferreira - UFAM
Examinador Externo

Aos homens trans, especialmente àqueles que tiveram suas postagens analisadas. E à minha família (mãe, pai e irmãos) pelo apoio e pelo orgulho que têm deste primeiro mestre da família.

AGRADECIMENTOS

A travessia até aqui foi longa, intensa e desafiadora. Foram tantos momentos, como a preparação para a seleção do mestrado, a aprovação, alegria misturada a ansiedade de entrar para uma pós-graduação na Universidade Federal do Piauí. Olhando o percurso realizada, ainda mais com o desafio de produzir em meio a uma pandemia nunca vista antes na história recente do mundo a sensação é de sobrevivência, resistência e gratidão. Agradecer é um dos atos mais sublimes que a espécie humana apresenta. Portanto enquanto escrevo, vou me lembrando de tantas pessoas que foram importantes nessa trajetória, e que trajetória! Em muitos momentos, pensei em desistir, me indagava o porquê tinha escolhido vivenciar esse processo que para mim foi muito desafiador. Muitas pessoas associam esse percurso acadêmico como um caminho solitário, o que realmente por diversas vezes eu me senti sozinho, e nessas horas acionar nossa rede de apoio é fundamental.

Dessa forma, venho fazer meu registro de gratidão, e aqui faço uso de algumas palavras do compositor Acioly Neto que diz "Toda caminhada começa no primeiro passo/ A natureza não tem pressa, segue seu compasso /Inexoravelmente chega lá", o que sugere que mesmo sem ter muita certeza, foram os meus que me deram a oportunidade de dar os primeiros passos. Portanto são aos meus pais, meus primeiros agradecimentos, pelo esforço e empenho que tiveram para que eu conseguisse estudar e ir avançando até o mestrado. Isso se amplia a todas as outras áreas da minha vida. Salvador e Anizete, meu muito obrigado!

Meu muito obrigado também aos meus irmãos e irmãs, pelo incentivo, apoio e compreensão. O mestrado requer algumas renuncias, a gente acaba ficando atarefado e ter a compreensão de vocês foi importante, reconhecendo a torcida e força que vinham em momentos de desafios. Angélica Patrícia, Galba Maria, Salvador Filho, Roberto e Nina: meu muito obrigado! Através deles e delas, estendo aos meus cunhados e sobrinhos, minha família extensão.

Fazendo uma menção a cantora pop Anitta, em show do Rock in Rio de 2019 "Quero muito agradecer a mim" por não ter desistido, por todas as manhãs, tardes, noite e madrugadas sentados (ou deitado) em frente ao notebook, pelas idas nos app de transporte, pelas idas no ônibus lotados, por toda renuncia desde da seleção até o desenrolar do mestrado. Obrigado a mim mesmo, por nunca ter desistido, mesmo em que muitos momentos era o que mais pensava. Obrigado a mim mesmo por acreditar e buscar meus objetivos, recordar dos motivos que me fizeram fazer o mestrado, por ter superado e os momentos mais difíceis,

como a pandemia do nova coronavírus, em que fiquei 7 meses no interior, em quarentena com meus pais. Obrigado a mim mesmo sempre ter encontrado força onde parecia não ter mais. Como se diz “quando me sinto mais fraco, é aí onde sou mais forte!”

Minha gratidão aos meus amigos e amigas, que me motivaram e apoiaram para o ingresso ao mestrado em Comunicação. Contar com amizades que nos colocam num caminho de conquistas pessoas e profissionais é muito importante, ter torcida quando as dificuldades permeiam e queremos fraquejar, quando os desafios são grandes e queremos desistir. Obrigado em especial a Libni, Carla, Rômulo, Arany, a galera do pré-sal: Cleiana, Cristal, Anne, Elizandra, Ticiani, Juliana e Indira. Obrigado!

Meus agradecimentos a Prefeitura Municipal de Teresina, através da Secretaria Municipal da Cidadania, Assistência Social e Políticas Integradas pela sensibilidade para liberação em licença para estudo, que possibilitou a oportunidade de por mais de 1 ano me dedicar exclusivamente para o mestrado.

Agradeço aos docentes e toda equipe do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, pela disponibilidade em ensinar e compartilhar os conhecimentos na área da Comunicação, uma área tão complexa e vasta, com grandes possibilidades de estudo e pesquisa. Obrigado por cada aula, encontros, eventos ou simplesmente as conversas pelos corredores da UFPI.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Gustavo Fortes Said (que recebeu o desafio de conduzir a reta final de uma pesquisa em andamento) e a Prof.ª Dra. Camila Calado Lima que de forma atenciosa e motivadora foi aco-orientadora do trabalho. Não poderia também deixar de agradecer a Prof.ª Dra. Livia Fernanda Nery da Silva que me acolheu no mestrado no processo de orientação, mas que por razões contextuais familiares teve que ser interrompido. Esse agradecimento, também vem acompanhado de um pedido de desculpas se não fui o mestrando que eu prometi ser. O processo do mestrado certamente é uma jornada que requer cumplicidade e empenho, a orientação é uma peça fundamental para o quebra cabeças de tudo que a gente vai lendo, formulando, produzindo, nesse mosaico, ter uma orientação que nos mantenha no chão é muito importante e essencial, e vocês tentaram colocar esse pesquisador “ verdinho” para aos poucos amadurecer, crescer e evoluir, quem sabe eu tenha conseguido avançar um pouco!

Á turma de mestrado 2019 - 2021, colegas que vão ficar para sempre na minha memória, principalmente aos companheiros da “panelinha acadêmica”: Rannyelle, Heriton

Vinícios e Thanya. Obrigado pelas partilhas, sorriso, broncas, lanches etc., vocês foram fundamentais para essa caminhada!

Ao NEPEC- Núcleo de Pesquisa e Estudos em Comunicação, em especial ao professore doutor Laerte Magalhães pelo empenho e dedicação ao grupo e por trazer temáticas interessantes, das quais encontrei a Análise de Discurso Crítica como um viés metodológico a ser trabalhado em minha pesquisa.

E por falar em pesquisa, agradeço as autoras, os autores, autores, pesquisadoras e pesquisadores que me acompanharam nesse processo. O mestrado realmente nos possibilita uma variedade de discussões, temáticas, e as contribuições das estudiosas e estudiosos foram essenciais para essa travessia acadêmica, assim como os encontros e eventos que possibilitaram ampliar horizontes e me conectar com esse universo fascinante que se constitui o campo da Comunicação.

"Ser ‘trans’ é cruzar uma fronteira política" e "A decisão de 'mudar de sexo' é necessariamente acompanhada disso que Édouard Glissant chama de 'um tremor'. A travessia é o lugar da incerteza, da não-evidência, do estranho. E tudo isso não é uma fraqueza, mas um poder. 'O pensamento do tremor', diz Glissant, 'não é o pensamento do medo'. É o pensamento que se opõe ao sistema."

(Paul B. Preciado, em publicação de 19 de abril para o jornal El País)

RESUMO

Na presente pesquisa se investigou as representações das masculinidades em perfis de jovens homens trans no *Instagram*, como também contemplou os conceitos sobre gênero, masculinidades e transexualidades evocados a partir das referências teóricas e do material coletado e comparou as narrativas discursivas encontradas nos perfis de jovens homens trans às questões contemporâneas dos estudos de gênero e masculinidades. A pesquisa utilizou-se de uma abordagem teórico-metodológica à luz da Análise do Discurso Crítica- ADC (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; RAMALHO E RESENDE, 2011; VAN LEEUWEN, 1997;VAN LEEUWEN, 2003) que fundamentou as análises das representações das masculinidades considerando as postagens dos perfis de jovens homens trans no Instagram como material discursivo desses atores sociais .Desta forma, selecionamos 5 perfis de homens trans entre 18 a 35 anos, em que foram analisadas 10 postagens de cada perfil no período de 6 meses, iniciando em dezembro de 2019 até maio de 2020. Em relação ao referencial teórico, temos na temática das sexualidades, transexualidades e gêneros uma perspectiva da Teoria *queer* encontrada em Bluter (2002, 2003,2010) Scott (1995), Preciado (2011,2017) e masculinidades nomes como, Bento (2006,2015), Connell, (1995,2013) e Zurian (2011), e mais especificamente sobre homens trans e transmasculinidades, temos Almeida (2012) e Ávila (2014), entre outros. Sobre representação, encontramos as na conceituação de Hall (1997, 2000, 2006, 2016) que traz uma conexão entre cultura, identidade, linguagem e discurso, bem como a relação com a imagem em Flusser (1985). Ainda destacamos a escrita de si na contemporaneidade, nas reflexões teóricas de Foucault (1992;1984;1980;1994), Thompson (1990), Hjarvard (2008) e Braga (2006). Consideramos que o trabalho apontou reflexões importantes sobre as representações das masculinidades em homens trans jovens encontradas nas postagens do Instagram, sendo identificadas em três principais categorias:1- "Posto, logo existo: as transmasculinidades midiatizadas", na qual aborda uma autoreferência da transexualidade como autoafirmação de uma masculinidade possível e dissidente; 2- "No corpo, retratos de quem sou: uma corporeidade masculina?" Que dispõe da relação entre masculinidade e corpo performático; 3- "Entre rupturas e encaixes: desafios em superar modelos hegemônicos de masculinidades" que traz uma reflexão das representações das masculinidades como um movimento pendular que ora legitima uma masculinidade hegemônica ou tradicional, ora rompe com esse paradigma. Dessa forma, o estudo mostrou satisfatório em seus objetivos e as hipóteses consideradas inseridas dentro das discussões atuais das masculinidades como plurais e co-existentes. As postagens assumem uma produção de sentidos contemporânea de masculinidade na sociedade ocidental, através da mídia social Instagram que apontam para movimentos de encaixe e desencaixe entre os modelos hegemônicos e dissidentes de masculinidade, bem como sua pluralidade na contemporaneidade.

Palavras-chaves: Representações; Gênero; Masculinidades; Homens trans; Instagram.

ABSTRACT

In the present research, it was investigated the representations of masculinities in profiles of young trans men on Instagram, as well as included the concepts of gender, masculinities and transsexualities, evoked from the theoretical references of the material gathered and compared the discursive narratives found in profiles of young trans men to contemporary issues of gender studies and masculinities. The research use a theoretical-methodological approach in the light of Critical Discourse Analysis – CDA (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; RAMALHO AND RESENDE, 2011; VAN LEEUWEN, 1997, 2003), which was the basis for the analysis of the representations of masculinities considering the posts of profiles of young trans men on Instagram as discursive materials of these social actors. Thus, we selected 5 profiles of trans men between the ages of 18 and 35, in which 10 posts of each profile were analyzed during 6 months, beginning in December 2019 until May 2020. In relation to the theoretical background, we have in topics of sexualities, transsexualities and genders, a perspective of Queer theory found in Butler (2002, 2003, 2010), Scott (1995), Preciado (2011, 2017) and masculinities, names such as Bento (2006, 2015), Connell (1995, 2013) and Zurian (2011) and more specifically about trans men and transmasculinities, we have Almeida (2012) and Ávila (2014), among others. About representation, we find the concept of Hall (1997, 2000, 2006, 2016), who brings a connection among culture, identity, language and discourse, as well as the relation with image in Flusser (1985). We also highlight the self writing in contemporaneity, in the theoretical reflections by Foucault (1992; 1984; 1980;1994), Thompson (1990), Hjarvard (2008) and Braga (2006). We consider that the work outlined important reflections on representations of masculinities in young trans men found on Instagram posts, being identified in three main categories: 1- "I post, therefore I am: mediatized masculinities", in which it addresses a self-reference of transsexuality as self-assertion of a possible and dissident masculinity; 2- "In the body, portraits of who I am: a male corporeality?", which disposes of the relation between masculinity and performative body; 3- "Between ruptures and fittings: challenges in overcoming hegemonic models of masculinities", which brings a reflection on the representations of masculinities as a pendular movement that sometimes legitimizes a hegemonic or traditional masculinity, sometimes it breaks with this paradigm. Therefore, the study proved satisfactory in its objectives and the hypotheses considered inserted within the current discussions on masculinities as plural and co-existing. The posts assume a production of contemporary meanings of masculinity in Western society, through Instagram social media, which point to docking and undocking movements among the hegemonic and dissident models of masculinity, as well as their plurarity in contemporaneity.

Keywords: Representations; Gender; Masculinities; Trans men; Instagram

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Perfil de Lucca Najar no Instagram 135
Figura 2 – Perfil de Lorenzo Ferreira no Instagram 135
Figura 3 – Perfil de Ivan Luca no Instagram 136
Figura 4 – Perfil de Chris Cruz no Instagram 136
Figura 5 – Perfil de Paulo Vaz no Instagram 137
Figura 6 - Transmasculinidadeautoreferenciada em post de @chrisincruz 141
Figura 7 – Transmasculinidade autoreferenciada em post de @luccanajar 143
Figura 8 – Transmasculinidade autoreferenciada em post de @luccanajar 144
Figura 9 – Transmasculinidade autoreferenciada em post de @lorenzo_fcosta 146
Figura 10 – Transmasculinidade autoreferenciada em post de @popo_vaz 146
Figura 11 - Antes e depois de @luccanajar e @oivanluca postados pelos perfiis 153
Figura 12 - Postagem do feed de @popo_vaz e @oivanluca 157
Figura 13 - Performances em feed dos perfis @oivanluca e @luccnajar 159
Figura 14 - Duas postagens de @chriscruz enfatizando sua barba 161
Figura 15 - Roupas e acessórios masculinos do perfil @lorenzo_fcosta 163
Figura 16 - Perfis @chrisincrus e @oivanluca cobrindo os peitorais 163
Figura 17 - @lorenzo_fcosta em foto com sua namorada 165
Figura 18 - @popo_vaz com seu namorado na quarentena 166
Figura 19 - Foto de @lorenzo_fcosta 170
Figura 20 - Chrisineruz com seu filho 171
Figura 21 - @lorenzo_fcosta com copo de cerveja 161
Figura 22 - Chrisineruz com seu filho 176

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Categoria de Análise Textual 132
Tabela 2 - Estruturas Ideológicas do Discurso (EID) 133
Tabela 3 - Esquema de análise analisada 138
Tabela 4 - Quadro de análise 149
Tabela 5 - Quadro de análise 150
Tabela 6 - Analise da postagem de Chrisineruz com seu filho 171

LISTA DE SIGLAS/ABREVIATURAS

ADC - Análise de Discurso Crítica

EID- Estruturas Ideológicas do Discurso

FTM - Femaletomascule

LGBTQIAP+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais.

GLS - Gays, Lésbicas e Simpatizante.

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais e Travestis.

LGBTQQICAPF2K+ - Lésbica, Gay, Bissexual, Transgênero, Queer - Questionando, Intersexual -Curioso, Assexual, Agênero, Aliado, Pansexual Polisexual, Familiares e amigos, 2 - Two-spirit (dois espíritos), Kink (fetichista).

TRS – Teoria das Representações Sociais

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INCICIAIS 16
1.1 O Início de uma travessia 16
1.2 Do lugar de escuta ao lugar da pesquisa em transmasculinidades 17
1.3 Discursos, Representações e Masculinidades na Contemporaneidade 24
1.4 Estrutura da Dissertação 30
1.5 Tinha uma Pandemia no meio do Caminho 31
2 REPRESENTAÇÕES: PERSPECTIVAS E CONEXÕES CONCEITUAIS 32
2.1 Representação, Cultura e Identidade 33
2.3 Representação e Discurso 40
2.4 Representação e Imagem 51
3 GÊNERO, MASCULINIDADES E OS HOMENS TRANS 54
3.1Gênero como uma (des)construção social e cultural 55
3.2 Corpos e performances: a questão do binarismo e suas rupturas 65
3.3Quem são os homens trans? Considerações sobre transexualidade masculina 75
3.4 Masculinidades plurais e perspectivas contemporâneas do "Ser Homem" 86
4 O INSTAGRAM COMO ESPAÇO DAS ESCRITAS DE SI NA CONTEMPORANEIDADE 105
4.1 A Escrita de si em Foucault 105
4.2 A sociedade contemporânea midiatizada 108
4.3 A internet numa sociedade do espetáculo 110
4.4 O Instagram como espaço discursivo das escritas de si na contemporaneidade 113
5 ASPECTOS METODOLÓGICOS: CONSIDERAÇÕES DE UMA INVESTIGAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES NO INSTAGRAM 117
5.1 Considerações sobre uma pesquisa em comunicação 121
5.2 A Análise de Discurso Crítica como método de investigação 123
5.3 Percurso de investigação: Estratégias metodológicas 137
6 REPRESENTAÇÕES DAS MASCULINIDADES EM PERFIS DE HOMENS TRANS JOVENS NO INSTAGRAM 139
6.1 Posto, logo existo: As transmasculinidades midiatizadas 141
6.2 No corpo, retratos de quem sou: Uma corporeidade masculina 152

6.3 Entre rupturas e encaixes: Desafios em superar modelos hegemônicos de masculinidades 164
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 177
REFERÊNCIAS 183
APÊNDICES 188

1 INTRODUÇÃO

1.1 O início de uma travessia

Inicio esse trabalho resgatando um percurso realizado ao longo dos últimos anos, como um processo que se deu partida na seleção do mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. Quando decidi me candidatar a uma das vagas, estava precisando fazer alguns movimentos de vida, que pudesse acrescentar na minha vida pessoal e profissional, foi aí que a intenção de cursar uma pós-graduação surgiu. Nesse desafio que me coloquei a percorrer, faço menção as palavras atribuídas à de Fernando Pessoa que diz que "há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares" e que "é o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos". Isto é, todo processo que se inicia nos deixa marcas e nos coloca em transformações em vários aspectos da nossa vida.

Dessa forma, quando me interessei para ingressar em um curso de mestrado, tinha algumas motivações. A primeira delas era a possibilidade de uma ascensão no grau de escolaridade, o que representaria para mim uma continuação na carreira educacional, acadêmica e profissional. O retorno para a academia, portanto, era um desejo e um desafio que me motivou a buscar um programa que pudesse atender minha formação em Psicologia e afinidade de temas para estudo. Logo me deparei com um questionamento de qual programa ingressar. Após avaliar algumas possibilidades, decidi por uma pós-graduação em Comunicação. Aí veio uma reflexão do porquê dessa escolha. Por que um psicólogo iria ingressar em um curso de mestrado em Comunicação?

Uma das possíveis respostas seria o interesse pela Comunicação Social, na qual por duas vezes tentei seguir como graduação, sendo a primeira em 2001 e a segunda em 2018. Por circunstâncias diferentes, tive que abandonar o sonho de ser jornalista, mas o interesse por Comunicação sempre me acompanhou.

Confesso que até a chegada da temática proposta neste trabalho, percorri um caminho desafiador e cheio de curvas e obstáculos. Entrei com uma proposta totalmente diferente, que versava sobre mobilização social através da internet, talvez inspirado pelo contexto do meu trabalho como psicólogo social com atuação na área da Assistência Social. No projeto inicial, buscava discutir como os novos movimentos sociais ganham voz nesta Galáxia da Internet, como denomina Castells (2003). Ao caminhar pelas disciplinas do mestrado, e deparei com

algumas reflexões que me fizeram abandonar a ideia original. Meu interesse foi se direcionando para aspectos relacionados à midiatização e aos processos que envolviam a produção de subjetividades e identidades.

Faço um recorte aqui de como passei por vários temas, desde da tele-existência[1], os novos ciborgues[2], esses relacionados a essa maneira de viver na sociedade ocidental do século XXI e que aparecia em diversas discussões em sala. Aí começo a direcionar minha trajetória ao tema que subscrevo nesta dissertação.

Acredito que a vida acadêmica tem muita relação com a vida pessoal, com as experiências de si que vão permeando a trajetória da pesquisa. Dessa forma, apareceu fortemente a questão das identidades de gênero e sexualidades em suas pluralidades e nuances como são representadas pelas cores do arco-íris. A inquietude e as curiosidades nesse processo de autoconhecimento, nessa volta pra si, em relação a própria identidade e sexualidade, encontrou no interesse decompreender as mais realidades dentro da "sopa de letrinhas" da diversidade um lugar possível para a pesquisa situada na Linha de Pesquisa Mídia e Produção de Subjetividades do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Piauí.

1.2 Do lugar de escuta ao lugar da pesquisa em transmasculinidades

Foi nesse contexto que começou a ser mais visível uma trajetória de pesquisa que contemplasse mais ainda os vários "lugares de fala" que fui atravessando nesse percurso: de ex-aluno desistente do curso de Jornalismo, passando pela formação e profissão em

[1] Encontramos em (BELLO. 2013) que o termo utilizado em referência a virtualização da existência, associado a uma produção e promoção de si como imagem, apoiado nas reflexões de alguns teóricos como Baudrillard (1991), Flusser (2008) e Trivinho (2007), que versam sobre essa perspectiva da contemporaneidade associada a uma "emergência e conseqüente penetração das plataformas ciberculturais de relacionamento e projeção subjetiva em diversos espaços e tempos do cotidiano" (BELLO. 2013, p 73).

[2] Termo utilizado para denominar um hibridismo da fusão do corpo humano a uma máquina, que ganha novos siginificados na comtemporaneidade. Podemos referir-se a consideração feita por Guattari (1990, p. 48) encontrado em Siqueira e Medeiros (2011, p.12): "na era das revoluções informáticas, do surgimento das biotecnologias, da criação acelerada, de novos materiais e de uma "maquinização" cada vez mais fina do tempo, novas modalidades de subjetivação estão prestes a surgir." Ou ainda relacionado ás reflexões de Siqueira e Medeiros (2011) em se localiza que o ciborgue se relaciona a "todas as info/nano/bio-tecnologias, pós/trans-humanos" (p.12), considerando principalmente as contribuições de Hayles (2005), em que os autores relacionam o termo "a constituição de nossa subjetividade está intimamente vinculada às tecnologias que nos rodeiam" (p.13) e que encontra na obra de Haraway (2000), *Manifesto Ciborgue,* um alinhamento conceitual em que define o termo como "é uma mistura de humanos e máquina, de realidade e ficção, ou seja, é uma figura que necessita de elementos humanos, tanto na construção do imaginário como na construção dos corpos" (p.16)

Psicologia, ao aluno de um mestrado em Comunicação, até questões que permeiam as vivências mais pessoais. Dessa forma, me coloco como um "lugar de escuta".

Voltando a "sopa de letrinhas" da diversidade, meu interesse logo se direcionou ao guarda-chuva que está inserida a letra "T", na qual abarca as pessoas transexuais, transgêneros e travestis, como foco de estudo e reflexão, mais precisamente aos homens trans, transexuais masculinos ou como algumas pessoas chamam, os FTM (sigla para abreviar a expressão em inglês *femaleto mascule*[3]).

Mas porque o interesse em estudar fenômenos que estão presentes nas vivências de homens trans? A resposta para essas e outras perguntas talvez não se esgotem ou tenham exatidão e clareza, mas apontamentos e reflexões que trago aqui. A primeira delas é que, ao debruçar em questões que envolvem os homens trans, se reflete também a questões presentes nos estudos sobre gênero e de como se constitui essa categoria como uma estrutura importante no percurso sócio-histórico da sociedade ocidental. Uma outra questão, que possa estar associada a anterior é tentar compreender esse movimento de gênero referente após as ondas propostas pelo Feminismo, ou ainda discutir o caminho percorrido pelas masculinidades como gênero historicamente dominante para algo em desconstrução ou qualquer outro termo que grife suas transformações até o presente momento.

Acrescenta-se a tais indagações uma volta para perguntas que aparecem como investigações que repensem algumas considerações sobre a constituição dos sujeitos ou das sujeitas. Existir para além de um corpo, um lugar determinado biologicamente ou fisiologicamente. Uma existência em trânsito que tenciona a ordem hegemônica de uma heterossexualidade compulsória para se deparar com outras possibilidades, que rompem um binômio legitimado por séculos em nome ora da ciência, ora da religião. Transformar, transitar, transpor uma existência determinada até mesmo antes do nascimento é causar redemoinhos, é desordenar um sistema ou "cistema"[4].

O rompimento desses padrões parece desestabilizar todo um emaranhado e engrenagem que se estendem na sociedade ocidental e que traz muitos questionamentos sobre os modos de vida, de ser e de existir a que fomos "acostumados". O rompimento desses padrões parece desestabilizar também a escala binária que envolve papeis sociais,

[3] Feminino para o masculino - tradução nossa

[4] Trocadilho com a palavra sistema, para chamar atenção sobre como a cisgeneridade, que é o termo utilizado quando ha uma linearidade entre corpos fisiológicos, biológicos, comportamentais, psicológico e performático, ou seja referente a pessoas não transexuais, como uma forma compulsória e hegemônica das identidades de gênero- considerações nossas

afetividades, identidades e representações que alicerçam nossa forma de se apresentar e estar no mundo.

Dessa forma, a escolha do tema de pesquisa se consolidou em investigar como se constitui as representações das masculinidades desses homens trans na contemporaneidade, principalmente os jovens, considerando exatamente as transformações sociais advindas dos estudos de gênero, das ações da militância e do desenvolvimento tecnológico, contemplado nos processos de midiatização.

Atualmente pode-se observar as manifestações de tais representações na perspectiva de uma escrita de si mediada pela plataforma social *Instagram*[5], que aparece como um espaço imagético e discursivo em que aparecem narrativas de si de forma midiatizada, o que foi possibilitado pelo desenvolvimento técnico-comunicacional e dos meios de comunicação, que evidenciou uma "escrita de si" na contemporaneidade.

Alinhar discursividades e representações é um dos caminhos possíveis para retratar quem são os homens e suas masculinidades no contexto atual. Alinhar discursividades e representações é assinalar uma reflexão sobre se o homem do século vigente carrega em si características identitárias hegemônicas e tradicionais ou se este homem considera novos arranjos e marcadores, que desconstroem paradigmas da masculinidade dominante, viril, violenta e outras características representacionais que marcam o "ser homem" ocidental.

A investigação das representações das masculinidades em homens transpossibilita uma viagem pelas vivências dentro das nuances de cada masculinidade e a percepção das razões deste tema estar tão em pauta nas pesquisas contemporâneas. Trabalhar com materiais discursivos de homens trans no *Instagram* pode apontar uma transformação irradiada em toda a sociedade que repensou a questão de gênero como algo estrutural e que reflete um espectro que vai das relações afetivas até as relações de trabalho, o que compreende a emancipação das mulheres e o aumento da visibilidade das mais variadas formas de existir, viver, se relacionar e se inserir nas atividades econômicas e políticas que a sopa de letrinhas dos gêneros e sexualidades possibilitam. Talvez por isso a insurgência de pesquisas que se debruçam nas

[5]O Instagram é um aplicativo ou software criado em 2010 pelos desenvolvedores de tecnologia Kevin Systrom e Mike Krieger originalmente disponível apenas para o iPhone, iPad e iPod Touch; sendo que em abril de 2012 foi adicionado suporte para Android's com câmera e depois para todos os smartphones e também computadores. Ele apresenta funções como compartilhamento de texto, imagem e vídeos, em que nas suas atualizações trazem novas funções como o Stories em 2016, o IGTV em 2018 e mais recentemente o Reels em 2020. Atualmente conta com aproximadamente mais de 1 bilhão de usuário no mundo e mais de 60 milhões no Brasil, segundo pesquisa em sites de informações e dados- considerações nossas a partir de pesquisa online

masculinidades, na diversidade sexual e de gênero, como mais uma onda poderosa que possa contribuir para novas conquistas e para o rompimento de engrenagens limitantes e opressoras.

Coloco aqui um trecho do livro *Viagem Solitária* do escritor e psicólogo transexual João Nery, falecido em 2018, para sinalizar como as representações orientam as mais variadas formas de performar os gêneros. Expõe:

> Durante um ano e meio fui motorista de táxi. Apesar do ofício neurotizante pelo barulho, pelos engarrafamentos e, sobretudo, pela intolerância dos motoristas, era gratificante o fato de estar exercendo, pela primeira vez, uma profissão basicamente masculina. (NERY, 2011, p.22).

O trecho nos faz pensar que ser taxista o colocava Nery numa posição representacional de pertencimento ao gênero masculino. E hoje, com qual profissão nos identificamos com no espectro binário masculino ou feminino? Como exercer a paternidade, maternidade, os relacionamentos, a estética etc.? Essas e outras perguntam permeiam as representações das masculinidades no sentido geral, do meu lugar de homem cis e mais ainda me instiga a identificar essas representações em homens trans.

Voltando a sopa de letrinhas e a escolha pelos homens trans, que está dentro do guarda-chuva da letra T, é preciso considerar a importância de cada letra. A metáfora da sopa de letras pode ser transportada também pela visibilidade das cores do arco-íris, cada cor e cada letra devem ser legitimadas.

A sigla utilizada atualmente para contemplar as variadas formas de gêneros e sexualidades é LGBTQIAP+[6]: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e o sinal + para ampliar outras possibilidades e nuances na paleta de cores do arco-íris. Em termos oficiais, a sigla aparece mais como LGBT, nomenclatura aprovada na 1ª Conferência Nacional GLBT, realizada em Brasília em 2008. A alteração foi uma reivindicação de lésbicas para celebrar a luta de mulheres por mais protagonismos e evidência na militância política. Lembro aqui de uma sigla utilizada na década de 90 que, por algum tempo, permeou as designações divergentes da heteronormatividade, a GLS (Gays, Lésbicase Simpatizantes).

Há ainda uma sigla mais recente que tem aparecido em publicações internacionais sobre sexualidades e gêneros, que é a LGBTQQICAPF2K+[7]: L – lésbica; G - gay; B -

[6] Sigla encontrada a partir de pesquisa em sites sobre a temática, bem como consulta a organizações sociais que trabalham com o público e que tem sido utilizada por muitas pessoas e organizações em publicações nas mídias.
[7] Sigla encontrada em alguns sites, que trazem uma amplitude ainda maior sobre sexualidades e gêneros, além de abarcar outros aspectos relacionados ao público, somando atitudes, comportamentos e posicionamentos

bissexual; T - transgênero; Q - *queer* - pessoas que não seguem o modelo de heterossexualidade ou binarismo de gênero; Q - *questioning* - alguém que está se questionando sobre a sexualidade; I – *intersex* – intersexual; C - *curious*– curioso; A - *assexual*- pessoas que não têm atração sexual; A – *agender* - agênero, uma identidade caracterizada pela ausência de gênero; A – *ally* - aliado, ou seja, um heterossexual não homofóbico; P - *pansexual* - indivíduo que se sente atraído por todos os gêneros; P – *polysexual* - polisexual, alguém que se sente atraído por pessoas de vários gêneros; F - *friends andfamily* - amigos e familiares; 2 - *two-spirit* - ao pé da letra, dois espíritos, termo derivado de tribos indígenas norte-americanas nas quais alguns indivíduos se vestiam e desempenhavam papeis sociais dos dois gêneros; K – kink - fetichista ou pessoa que pratica sexo de maneira não convencional.

Aqui não aprofundarei sobre a trajetória dos termos e nomenclaturas, apenas apontar que os signos apresentados representam uma disputa simbólica e semântica que contemplam uma luta por existir e ter sua visibilidade garantida e legitimada. Em relação a pessoas travestis, transexuais e ou trangêneras, a visibilidade atribuída nas mídias tradicionais e virtuais tem se ampliado nos últimos anos. Das famosas artistas como Rogéria, Roberta Close, que evidenciavam o glamour feminino às manifestações identitárias trans presentes hoje em diversas áreas, inclusive na academia, algo mais recente ainda pode ser atribuído ao - como vou nominar aqui - "giro trans-masculino", talvez associada a uma motivação maior para a execução do presente trabalho. Nunca se falou tanto sobre transexualidade masculina como atualmente. Não que os homens trans não existissem, mas certamente foram mais invisibilizados ao longo da história.

Muitos devem ser os motivos para a invisibilidade dos homens trans. No momento, quero destacar dois possíveis: o primeiro é que a constituição de uma identidade trans masculina pode ter sofrido uma repressão que passa pelo machismo, e pode ter sido suprimida em pessoas que foram designadas mulheres e que tangenciaram a transição por não se sentirem apoiadas na luta por exercerem influência da opressão pela própria emancipação contra a hegemonia machista. Um outro possível motivo é que muitos homens trans acabavam sendo diluídos em estereótipos da mulher lésbica "masculinizada". Esse último vai aparecer em trabalhos referenciados posteriormente neste trabalho.

Em relação à visibilidade de homens trans na atualidade, vou me remeter primeiro à mídia para depois adentrar no mundo das pesquisas, da produção acadêmica e do conhecimento. Dessa maneira, resgato uma personagem criada por Glória Perez para a novela

A Força do Querer (TV Globo, 2017), que marcou muito a trajetória de muitas pessoas que estavam vivenciando sua transição. Na novela, os conflitos vividos por Ivan, que até então se chamava Ivana, interpretado pela atriz Carol Duarte, mostram as vivências intersubjetivas, como crises nas relações familiares e o processo de hormonização e cirurgias para se chegar a uma maior coerência com o gênero identificado.

Na vida real também desbotaram personagens que assumiram referenciais recentes na visibilidade de homens trans, como o filho da cantora Gretchen, Thammy Miranda, que ficou muito conhecido por retratar o processo de transição em suas mais variadas etapas, desde conflitos e aceitação da família até a paternidade recentemente anunciada. As transformações no corpo e imagem, neste caso, foram amplamente midiatizadas pela televisão e redes sociais. Outro homem trans que ficou em evidência foi Tarso Brant, que se tornou famoso por visibilizar seu processo de transição vivenciado pelas redes sociais e tem atualmente mais de 600 mil seguidores no *Instagram*. Aqui também ressaltamos a memória de João Nery, já citado acima, que fez de sua vida uma militância existencial.

Sobre os trabalhos acadêmicos recentes com a temática da transexualidade masculina, aparece principalmente uma abordagem da visibilidade, das conquistas em relação aos direitos garantidos a essa população e alguns que evidenciam as vivências desse processo nas mídias sociais, como por exemplo, Graciano (2018) que ressalta o papel do *Instagram* no processo de reconhecimento da transexualidade, sendo visível pelas mensagens imagéticas, o que possibilita uma representação discursiva relevante na transmissão identitária dos sujeitos trans.

Em outro estudo encontrado, Vieira Júnior (2018) discute sobre a recepção da transexualidade nas redes sociais, sendo encontrado pelo autor dois importantes discursos, os que deslegitimam e os que legitimam as pessoas trans, sendo que os enunciados deslegitimadores são evidenciados pela exclusão, desumanização e distorção em relação à transexualidade e, mais especificamente, aos transexuais masculinos. Tem-se ainda em Amorim (2016) uma pesquisa sobre a percepção dos homens trans nas mídias sociais, como forma de visibilidade e reconhecimento, sobretudo nas narrativas vivenciais desses atores sociais inseridas nestas plataformas digitais.

É importante destacar que a pauta da transexualidade masculina pode ser advinda de uma discussão que é provocada na contestação de um modelo exclusivo de masculinidade, e é nessa contestação que nascem pesquisas que visam vislumbrar a pluralidade dessa masculinidade. Destaco o trabalho de uma grande teórica brasileira dos estudos sobre gênero,

masculinidades e transexualidade, Benerice Bento intitulado *Homem não tece a dor* (2015) que traz em seu corpo várias reflexões sobre o assunto, desde a carência das pesquisas até questões metodológicas, como também um sentido importante de compreender a masculinidade como plural, trazendo pautas como masculinidade hegemônica e como esse homem atravessa as transformações sociais contemporâneas. A autora traz referencias importantes para a temática, como Raewyn Connell (que fez a transição do gênero masculino para feminino), Pierre Bourdieu, Joan Scott e outras.

Um outro marco acadêmico brasileiro sobre masculinidades e, em questão sobre os homens trans, é o estudo de Guilherme Almeida, que foi publicado na Revista Estudos Feministas, intitulado Homens trans: novos matizes na aquarela das masculinidades? (2012) que chamou atenção sobre essa nova categoria que emerge no cenário das pesquisas de gênero visando diferenciá-las de outras identidades e sexualidades, de modo a compreender particularidades da experiência transexual masculina. Na sua pesquisa, o autor coloca sua experiência particular e traça apontamentos desse universo a partir de sua relação com a própria transexualidade.

Alguns pesquisadores latinos também têm se debruçado para compreender o fenômeno das masculinidades plurais, como Francisco A. Zurian. Em seu estudo sobre produção audiovisual, procurou identificar representações presentes intercruzando cultura e gênero. Apresenta uma discussão sobre novas formas de representar o "ser homens" na cultura latina na pesquisa Héroes, machos o, simplesmente, hombres: una mirada a larepresentación audiovisual de las (nuevas) masculinidades (2011).Uma grande referência nos estudos das masculinidades sem dúvida é Raewyn Connell, que dedicou alguns trabalhos no sentido de discutir como os modelos de masculinidades atravessam vivências intersubjetivas, conectadas a estruturas que permeiam as relações de poder e hegemonia e afetam a sociedade enquanto padrões, papeis sexuais e de gênero presentes nas práticas sociais e econômicas.

Sobre o cruzamento das masculinidades plurais e a transexualidade masculina, recorremos a uma outra produção da socióloga Benerice Bento para nortear a ideia despatologizante e considerar a transexualidade como uma experiência, uma vivência para além dos discursos médicos para um discurso sobre si. Em sua tese A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual (2006), considera os conteúdos das narrativas das pessoas que passam por processos de transição em suas especificidades e reconhecimentos em si e para si.

1.3 Discursos, representações e as masculinidades na contemporaneidade

Depois de apresentar algumas pesquisas sobre masculinidades e homens trans, que demonstram uma visibilidade e pautas insurgentes, voltemos para o estudo aqui proposto. Considero importante destacar quatro aspectos que norteiam e sinalizam o desenvolvimento desta pesquisa. O primeiro deles é colocar a categoria gênero como construída, desconstruída e reconstruída em sentido social, cultural, relacional, sendo as constituições de masculinidades devem ser também questionadas ou localizadas no entendimento e diferenciação do que seria uma outra coisa que não o feminino, numa relação compreendida em termos binários do que se foi sendo agrupadas e associadas historicamente.

O segundo aspecto é que manifestações de gênero estão atreladas ao campo das representações que vão desenhando marcadores identitários a serem performados por pessoas nas mais variadas esferas de suas vidas. O terceiro aspecto levantado é que as representações são evidenciadas nas discursividades circuladas na cultura presente. Tais discursividades vislumbram características da sociedade contemporânea e dos dispositivos discursivos na atualidade; as representações seriam visíveis, portanto, nas discursividades.

O último aspecto é que é possível identificar as representações das masculinidades através das escritas de si contemporâneas localizadas sob o advento da midiatização que promoveu uma escrita de si midiatizada, publicizada e exteriorizada em que aparece a plataforma digital *Instagram* como um espaço discursivo-imagético contemporâneo propício para investigar tais representações das masculinidades em homens trans.

Dessa forma, o contexto em que se localiza a pesquisa é o da sociedade contemporânea midiatizada, caracterizada pelo desenvolvimento dos meios de comunicação que se insere nos contextos de vida e que envolve processos produzidos por sujeitos que se utilizam de meios técnicos para expressar-se (PÉRSIGO, FOSSÁ, 2010). Segundo as autoras, “nesse contexto a tecnologia torna-se a mola propulsora de diferenciadas formas de interação social” (PÉRSIGO, FOSSÁ, p.6, 2010).

Sobre a sociedade contemporânea, Braga (2006) aponta que a midiatização se estabelece como processo de interação e de referência, por considerar que a realidade se expande sobre a vida humana influenciando os processos sócio-técnico-discursivos e esse processo de referência acaba afetando a todos os indivíduos e instituições, ainda que em níveis diferentes.

As relações entre os processos comunicativos na sociedade contemporânea, certamete encontrou na Internet uma convergência sem igual. Sobre essa afirmação, evoco o as constribuições de Castells (2003) nais quais evidenciam que estamos vivendo em uma sociedade em rede definida como sendo uma nova forma de economia e vivência social baseada na rede mundial de computadores, como Castells (2003) bem afirma.

Para Castells (2003) "a Internet é uma rede de comunicação global, mas seu uso e sua realidade em evolução são produto da ação humana sob as condições específicas da história diferencial" (CASTELLS, 2003, p 12) o que pensar que tal advento mudou para sempre a vida das pessoas, o modo de produção, as relações, a comunicação.

Destaco a escolha de um recorte etário importante para capturar as representações das masculinidades aqui propostas, sendo assim escolhidos os homens trans jovens, por compreender que atendem a motivação do aspecto contemporâneo da pesquisa e por estes serem empiricamente evidenciados como a maioria dos usuários da internet 2.0 e da plataforma digital Instagram.

Desta forma, as redes sociais aparecem como dispositivos tecnológicos e comunicacionais importantes utilizadas principalmente por jovens, conforme Recuero (2009) menciona sobre o apoio social e a visibilidade que essas redes proporcionam, se tornando um espaço importante para diversos grupos sociais e atores sociais , os quais se encontram um espaço para reivindicar sua participação na estrutura social, mesmo que expostos também a reações contrárias, determinados grupos sociais percebem as redes sociais como um espaço de reconhecimento a partir de diversos atores existentes, apresentando uma interligação que os tornam visíveis.

Neste sentido, um recorte para as pessoas em processo de transição de gênero, mais especificamente para os jovens transexuais masculinos, aparece como um importante público a ser evidenciado nestes processos sociocomunicacionais promovidos pelas mídias sociais, como o *Instagram.*

Em relação à plataforma digital *Instagram* como uma rede social relevante para permear a temática por ser considerada atualmente como possuindo um grande número de jovens incluídas nas interações propiciadas pelo aplicativo, que é um fenômeno que pode ser constatado ainda em Castells (1999), quando este relaciona as transformações da comunicação de massa tradicionais para um sistema de redes horizontais provocadas pela internet que vem transformando a virtualidade em uma dimensão essencial da realidade, o que

coloca o aplicativo em questão de modo tão presente no dia a dia das pessoas na sociedade atual.

Graciano (2018) relata que a plataforma digital está sendo uma das mais utilizadas, principalmente através dos celulares e que inicialmente era de uso exclusivo para aparelhos *Iphone,* sendo expandido para versões em Android a partir do ano de 2012. O aplicativo dispõe de alguns recursos como edição de fotos, textos e vídeos, aparecendo como ferramenta convergente e multimídia, possibilitando interação e visibilidade dos usuários, bem como circulação de sentidos e representações, contribuindo com uma vivência de práticas sociais no tocante à interação e socialização.

Ainda sobre as redes sociais podemos perceber em Sibilia (2008) uma necessidade emergente de exposição dos aspectos relacionados da vida íntima e privada, apontando para a subjetividade que está próxima do olhar do outro e inserida num regime de visibilidade permanente, o que mostra esses espaços como importantes quando se observa o contexto vivencial dos sujeitos, reportando para as manifestações de gênero, sexualidade, afetividade, que são manifestadas através das postagens, mostrando o estilo de vida e as expressões relacionadas às questões de gênero, às identificações com corpo, comportamento e outras sutilezas expressas nas plataformas das redes sociais.

Considerando, portanto, a mídia social *Instagram* um cenário que abrange narrativas discursivas de jovens transexuais masculinos, como pode ser evidenciado em Amorim (2016), que relaciona a visibilidade das questões referentes a transexualidade masculina, e estabelecendo o discurso como prática social em Fairclough (2001), tem-se que as postagens apontam elementos da cultura, dos processos de subjetivação e das representações nos contextos ali dimensionados. A questão da masculinidade, como inserida na identidade de gênero, pode ser pensada como uma categoria importante a ser investigada, sendo esta construída socialmente ao longo do tempo, como pode ser visto nas contribuições de Judith Butler, Benerice Bento, Paul Preciado, Michel Foucault e outros pesquisadores já mencionadas.

Retomando a temática sobre o masculino, as masculinidades e as transmasculinidades, mesmo admitindo que têm sido crescentes as pesquisas nesta área, ainda carece de maiores estudos a respeito, e pode ser provocada uma discussão sobre a construção do masculino na sociedade contemporânea fortemente midiatizada

Considera-se pertinente adentrar numa investigação que aborde a temática sobre masculinidades e penetre na questão das identidades de gênero sobre o prisma da

transexualidade masculina. Desta forma, apresenta-se a indagação a seguir: Quais as representações das masculinidades podem ser encontradas em perfis jovens trans homens através de suas postagens no *Instagram*?

Na tentativa de responder tal indagação foram levantadas algumas reflexões hipotéticas que direcionaram e motivam o andamento da pesquisa. A primeira hipótese é que os jovens trans homens expressam e manifestam suas identidades através da mídia social *Instagram*, por meio de fotos, vídeos e textos agrupados nas postagens. A segunda é que jovens trans homens são atravessados pelas representações sociais que a identidade masculina tem assumido na contemporaneidade, contemplando um modelo de masculinidades plural, com aspectos relacionados à preocupação estética com a imagem do corpo, expressões de afetividade, variações em relação ao trabalho e orientação sexual, por exemplo. A terceira hipótese é que os perfis dos jovens trans homens produzem sentidos a partir das postagens, e essas repercutem nos usuários das mídias sociais sobre as manifestações identitárias masculinas, sendo estas inseridas no contexto discursivo, como prática social circulante na sociedade contemporânea.

O objetivo principal deste trabalho é investigar representações das masculinidades presentes nas postagens de 5 perfis de homens trans jovens no *Instagram.* De forma mais específica, pretende (a) contextualizar os estudos de gênero na perspectiva das masculinidades e transexualidade masculina, (b)identificar categorias representacionais das masculinidades contemporâneas em discursos presentes nas postagens de perfis de homens trans jovens no *Instagram* (c)evidenciar a rede social *Instagram* como um dispositivo discursivo-imagético no qual se realiza uma escrita de si na contemporaneidade, fortalecendo identidades e reforçando representações circulantes no panorama sociocultural atual.

Definida uma temática a ser refletida, sujeitos a serem observados e algumas considerações a serem compreendidas, se percebe um desafio presente em qualquer aventura investigativa: como se chegar a resultados satisfatórios que apontem ou vislumbram os questionamentos levantados? Dessa forma, qual melhor percurso metodológico seria possível para investigar representações das masculinidades presentes nas narrativas discursivas das postagens em perfis de homens trans jovens no *Instagram?*

Cabe uma reflexão localizada no contexto de uma pesquisa que tem a Comunicação como sua grande área e suas especificidades apresentadas no contexto de um programa de pós-graduação no qual apresenta a linha de pesquisa mídia e produção de subjetividades, sendo esse cenário da pesquisa intercruzado, como já dito anteriormente, com minha área de

formação e vivência profissional. Assim, fui constituindo proximidade com as correntes teóricas e estratégias metodológicas que ajudassem a chegar em algumas respostas para pesquisa.

Em estudos sobre Comunicação, a pesquisa pode evidenciar uma característica peculiar, considerando as reflexões de Braga (2011), quais sejam: (a)a relação interdisciplinar que aparece na constituição desse campo, (b)a questão das influências de cada disciplina específica e sua importância para o campo da Comunicação, e (c) um ponto que a coloca muitas vezes em um sentido vazia, que deve ser confrontado em uma maior materialidade epistemológica associada a ontologia possa fortalecer o campo da Comunicação, enquanto área de conhecimento.

Tem-se ainda sobre o campo da Comunicação uma reflexão conceitual do que seria o próprio campo científico proposto por Bourdieu (1996) em Romancini (2006) que considera o campo científico como demais campos, acompanhado de seus *habitus* específicos, que se conversam, se interagem e interconectam numa perspectiva de lutas e discursos que podem dialogar para fortalecer um capital científico em Comunicação, observando as suas interconexões.

. Na presente pesquisa, escolheu-se utilizar da Análise Crítica do Discurso como ferramenta a julgar ser uma estratégia de investigação que possa apontar o objetivo proposto de aferir as representações das masculinidades em jovens trans homens no Instagram. A escolha é direcionada ao intercruzamento de discurso e representação, como bem considera Fairclough (2001), ao pontuar que os discursos são inseridos nas práticas sociais e que podem sofrer mudanças, conforme aspectos culturais, sociais e ideológicos. Para o autor "o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado "(FAIRCLOUGH, 2001, p.91).

Dessa forma, para que as motivações iniciais fossem correspondidas e sinalizassem as representações contemporâneas das representações das masculinidades, decidimos investigar perfis de jovens, faixa etária entre 18 a 35 anos. Como se chegar a tais sujeitos da pesquisa? Primeiro, realizou-se uma pesquisa através das hashtag #homem #trans, #transhomem, #ftm, chegando ao número de cerca de 110 perfis. A seguir, procedeu-se a análise prévia de alguns perfis, a partir daí, foram escolhidos os 05 perfis daqueles que se auto-referenciavam enquanto homens trans e que evidenciavam o processo de transição de alguma forma. Na seleção dos perfis, levou-se em conta ainda que os perfis teriam que ser públicos e brasileiros,

sem região específica, e as contas teriam que ter uma regularidade nas postagens de pelo menos mais de 1 ano de atividade no Instagram.

Assim foram selecionados 5 perfis: (1)Lucca Najar (@lucca.najar)[8] possui37,4 mil seguidores e 508 publicações (até 29/06/2019) e mais de um ano de conta ativa, no perfil se identifica como criador de conteúdo e youtuber, residindo em São Paulo;(2) Lorenzo Ferreira (@lorenzo_fcosta)[9] possui 1.204 seguidores e 208 publicações (até 29/06/2019), com mais de um ano de conta, no perfil se identifica como 18 anos, casado , data de início da transição: 02/03/19; (3)Ivan Luca (@oivanmunhoz)[10] possui 693 seguidores e 216 publicações (até 29/06/2019) e mais de um ano de conta ativa, no perfil se identifica como fotógrafo, 26 anos, e a data de início da transição: 13/09/2018; (4) Chris Cruz (@chrisincruz)[11] possui 1.399 seguidores e 501 publicações (até 29/06/2019), no perfil se identifica como apenas feliz; e (5)Paulo Vaz (@popo_vaz) possui 115 mil seguidores e 362 publicações (até dia 29/06/2019),no perfil se identifica como blogueiro, youtuber.

Definido os enunciadores observáveis, outro desafio era o material a ser investigado. Como analisar discursivamente as postagens dos perfis escolhidos? Considerando o *Instagram* como uma plataforma multifacetada, em que são compartilhados fotos, vídeos, textos, emojis etc., quão grande o desafio de construir uma estratégia metodológica para analisar as discursividades ali apresentadas. Neste percurso, foi estabelecido analisar as postagens estáticas (foto e texto), durante o período de 6 meses, sendo uma a cada semana.

Em relação a questão ética da pesquisa, já que se trata de analisar postagens de perfis pessoais, é importante refletir sobre, de modo que ao explanar e descrever materiais discursivos íntimos para se chegar a tais representações das masculinidades. Encontramos em Fernandes *et al* (2018) uma reflexão sobre a pesquisa em meio digital e trazem em Langer e Beckman (2005) considerações éticas sobre como realizar a pesquisa, sendo que esses autores destacam que ao analisar conteúdos de comunidades abertas, ou seja, públicas, não seria necessário alguma autorização oficial para análise, já que ao publicarem, as pessoas disponibilizam o conteúdo para o público em geral, contudo, há sim algumas críticas e também aqui considero oportuno destacar que essa questão provocou questionamentos no percurso da pesquisa.

[8] Instagram de Lucca Najar, disponível em: https://www.instagram.com/luccanajar. Acesso em: 22/05/2021.
[9] Instagram de Lorenzo Ferreira, disponível em: https://www.instagram.com/lorenzo_fcosta. Acesso em: 22/05/2021.
[10] Ivan Luca no Instagram, disponível em https://www.instagram.com/oivanluca. Acesso em: 22/05/2021.
[11] Chris Cruz no Instagram, disponível em https://www.instagram.com/chrisincruz. Acesso em: 22/05/2021.

1.4 A estrutura da dissertação

Para compreender e expor o tema proposto, a dissertação foi dividida em cinco capítulos, além das considerações iniciais e finais. No primeiro deles *Representações: perspectivas e conexões conceituais*, abordamos uma trajetória do conceito de Representação, passando por conexões com a cultura, identidade e discurso, conforme a perspectiva de Stuart hall e a Análise de Discurso Crítica. No segundo capítulo, com o título Gênero, Masculinidades e os Homens Trans, trazemos a discussão sobre a (des)construção social do gênero com base nos estudos *queer*, fazemos referência à pluralidade nas manifestações das masculinidades, considerando a crítica às masculinidades hegemônicas marcadas pelo machismo e o patriarcado e as transformações na sociedade atual que refletem na construção de masculinidades contemporâneas. Trazendo também reflexões sobre os homens trans e suas especificidades e sobre a transexualidade como performance de gênero desvinculada de um olhar patológico.

No terceiro capítulo intitulado O Instagram como espaço imagético-discursivo da escrita de si na contemporaneidade, retomamos as considerações sobre discurso no contexto da escrita de si na sociedade contemporânea midiatizada, relacionando a plataforma Instagram como dispositivo discursivo imagético na qual se escreve e inscreve performances de gênero na contemporaneidade principalmente utilizada por jovens. No quarto capítulo Aspectos metodológicos: considerações de uma investigação das representações das masculinidades em perfis de homens trans jovens no Instagram, são feitas observações sobre a metodologia adotada, utilizando a Análise de Discurso Crítica, sobretudo nas contribuições das abordagens metodológica dos teóricos Van Leeuwen (1997, 2003) e Van Dijk (1999, 2003).

No quinto e último capítulo Representações das masculinidades em perfis de homens trans jovens no *Instagram* são apresentadas as categorias representacionais das masculinidades encontradas nos perfis de jovens homens trans investigados, apontando para uma pluralidade da categoria masculinidade, uma luta por reconhecimento e visibilidade das suas transexperiências, assim como uma performatividade de gênero masculina que encontra um paradigma de corporeidade , de encaixes em normas, padrões e também rupturas de um masculinidade hegemonicamente construída.

Na travessia aqui proposta sobre as representações das masculinidades em perfis de jovens homens trans no *Instagram*, considera-se que ao se inscrever nas postagens, essas pessoas revelam muito da sociedade atual, refletindo sobre as questões contemporâneas e

desafiadoras que nos fazem pensar e repensar sobre como nos constituímos enquanto sujeitos em transformações, em sujeitos sócio-históricos e atravessados por interseccionalidades que nos marcam no tempo e espaço. Como toda travessia, há certamente fissuras, lacunas, escapamentos que se perderam na viagem, mas ainda se mostra como importante no processo de reconhecimento e visibilidade insurgente de adentrar no tema das masculinidades trans.

Apontar as representações de tais masculinidades é também nos provocar a reconhecer nossas representações de mundo, de gêneros, de existências nesse sistema que nos rege, que tenta nos definir em padrões e identidades fixas. Apontar as representações de tais masculinidades é reconhecer que somos diversos e que trilhamos um caminho que somos também travessias em um mundo em transformação.

1.5 Tinha uma pandemia no meio do caminho

Como diz a poesia de Carlos Drummond de Andrade "No meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho", havia uma pedra no meio do caminho! Mas uma pedra que muito incomodou, a ponto de tirar muitas vidas, mais de meio milhão só no Brasil e que afetou a vida de todo o planeta. Não é difícil entender que estou falando da Pandemia do Novo Coronavírus que se iniciou no final do ano de 2019, na China e que ganhou o mundo inteiro e que ainda vivenciamos.

Na conjuntura acadêmica, o isolamento social provocou uma nova forma de participar das aulas e eventos, restringiu o contato físico com os colegas de sala de aula, professores e a instituição. Provocou dificuldade de acessar materiais teóricos em meio físico, prejudicando o meu desempenho nas fases finais do mestrado.

O luto pelas perdas de familiares e todas as incertezas desencadearam crises de humor, ansiedade que acarretaram em baixa produtividade e dificuldade de concentração, a tal ponto de muitas vezes pensar que não fosse possível concluir o processo de pesquisa.

Portanto, a presente pesquisa certamente foi influenciada por esse contexto tão desafiador e ao entregá-la à sociedade é mais uma vitória e resistência da ciência, que luta não só contra um pandemia em relação à saúde pública, mas um outra pandemia ocasionada pela situação política do nosso país, que ameaça à democracia, o conhecimento científico e a existências das populações dissidentes, marginalizadas e subalternizadas, como a dos homens trans em que a pesquisa se apoia como atores sociais fundamentais para a temática das masculinidades na contemporaneidade.

2. REPRESENTAÇÕES: PERSPECTIVAS E CONEXÕES CONCEITUAIS

O ato de representar parece permear a Humanidade desde remotas civilizações, refletimos aqui sobre esse ato como uma manifestação quase existencial da espécie humana. Um exemplo disso, basta pensarmos em algo, alguma coisa, algum conceito e, mais precisamente, considerar alguma opinião sobre, ou alguma imagem que formulamos de objetos, pessoas, fenômenos da natureza, somos capazes de imprimir alguma forma de conhecimento, mesmo que seja primário, é por assim dizer uma "visão sobre".

Por exemplo, ao pensarmos em um sacerdote católico, imediatamente vamos elencar algumas características para o descrever ou para o representar, da mesma forma pode acontecer ao imaginarmos um terapeuta, um jogador de futebol ou um artista. Ao estudarmos sobre o conceito de representação surgem uma série de indagações como: Quais aspectos estariam contidos nessas representações? Será que representamos as mesmas características se deslocarmos no tempo, espaço, sociedade e cultura?

Há complexidades quando entramos no campo teórico e prático das representações que são necessárias serem refletidas. Psicólogos, sociólogos, filósofos, e outros tipos de estudiosos participam da seara reflexiva provocada quando o assunto recai sobre as representações.

Pensar uma investigação sobre representações é necessário localizar um sentido conceitual para de fato se chegar a algumas possíveis considerações e traçar perspectivas e conexões que ajudem a levar a uma discussão que contemple a temática proposta no presente estudo. Pensar uma investigação sobre representações é adentrar numa categoria que tem suas complexidades e está inserida em transdisciplinaridades que buscam dar conta de sua teoria e aplicabilidade de forma mais clara e compreensível.

Além disso, vislumbrar um estudo acerca do conceito em questão é desafiador, porque tal categoria pode ser vista em algumas possibilidades teóricas desde que teve seu aparecimento nos estudos do sociólogo Emile Durkheim, como representações coletivas, passando pela sua sistematização na Teoria das Representações Sociais do psicólogo social Serge Moscovici e seu desenvolvimento, com aspectos mais contemporâneos, em sua relação com a cultura, linguagem e discurso por exemplo.

Neste capítulo abordaremos o tema das representações sociais e suas conexões com a cultura, a identidade, a linguagem, o discurso e a imagem, para evidenciar o mecanismo da

representação de modo que contemple uma base para se investigar representações das masculinidades em homens trans jovens na rede social Instagram.

2.1 A representação, cultura e identidade

Considerando-se que a sociedade contemporânea é o cenário desta pesquisa, adota-se a centralidade da cultura na vida das pessoas e na formação das identidades. Para tal, ver-se em Stuart Hall (1997, 2000, 2006, 2016) base teórica para tratar dessas discussões. O teórico de origem jamaicana e britânica é um dos principais estudiosos da cultura, e fundador dos Estudos Culturais britânicos. O sociólogo formulou conceitos na contemporaneidade relacionados a sujeito, processos comunicacionais, identidade e representação e é exatamente nesses últimos dois pontos que consiste na presente discussão. Segundo Moraes (2019, p. 168):

> Para Hall é justamente na esfera cultural que se dá a luta pela significação, portanto, os textos culturais são o próprio local onde o significado é negociado e fixado e, as lutas pelo poder passam cada vez mais a serem extremamente simbólicas. A cultura, portanto, na perspectiva de Hall é um dos elementos mais dinâmicos e mais imprevisíveis da mudança histórica do novo milênio.

Para entender o conceito de representação em Hall (2016) é preciso expor a compreensão da "vida cultural" para os estudos contemporâneos, e a necessidade de se pensar a identidade na vida social.

De acordo com Hall (1997), a cultura ganha centralidade na segunda metade do século XX, pois fatores de expansão da sociedade se associam ao papel constitutivo em todos os aspectos da vida social (economia, acesso à informação, política, direitos entre outros elementos). O autor aponta que os processos de globalização (produção e circulação de informações, bens simbólicos e econômicos) ampliam as trocas culturais, o que é impulsionado pelas tecnologias de comunicação e informação.

Hall (1997) também ressalta que o tempo e o espaço foram alterados por essa estrutura global, encurtando os afastamentos dos "outros", aproximando e mesclando culturas, bem como considerando interesses capitalistas e disputas ideológicas nesses processos. Vale frisar que o "outro" em suas obras aparece como um marcador de produção e diferenciação de sentidos, identidades e relações. Para tal, reflete o olhar sobre "outro" como parte do processo de formação dos sujeitos, um modo que guia os significados e as identificações

O estudioso aponta que toda a reorganização levou as sociedades a reformular modos e ritmo de vida (trabalho, motivações, saúde, lazer, padrões morais, etc.) em outras direções que acompanhassem esses processos de “modernização” e “globalização”. Hall (2006) compartilha que a continuidade e historicidade das identidades são questionadas nesse novo cenário tempo/espaço (intensidade) das culturas globais. “Outro efeito desse processo foi o de ter provocado um alargamento do campo das identidades e uma proliferação de novas posições de identidade, juntamente com um aumento de polarização entre elas” (HALL, 2006, p. 84).

Para Hall (1997), esse cenário constitui uma mudança social significativa no mundo, o que impulsionou os estudos a refletir sobre essa (re)configuração e seus impactos, adotando a cultura como eixo norteador desses processos. Um dos pontos ressaltados pelo estudioso sobre a “virada cultural” como impulsionadora de novas reflexões foi a compreensão da linguagem e do discurso como agentes formadores da sociedade e dos sujeitos.

> A "virada cultural" está intimamente ligada a esta nova atitude em relação à linguagem, pois a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas. O próprio termo "discurso" refere-se a uma série de afirmações, em qualquer domínio, que fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento. O termo refere-se tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento. Dizer, portanto, que uma pedra é apenas uma pedra num determinado esquema discursivo ou classificatório não é negar que a mesma tenha existência material, mas é dizer que seu *significado* é resultante não de sua essência natural, mas de seu caráter discursivo. A "virada cultural" amplia esta compreensão acerca da linguagem para a vida social como um todo. Argumenta-se que os processos econômicos e sociais, por *dependerem* do significado e terem consequências em nossa maneira de viver, em razão daquilo que somos -nossas identidades - e dada a "forma como vivemos", também têm que ser compreendidos como práticas culturais, como práticas discursivas. (HALL, 1997, p. 29, grifos do autor, sic).

Nesse sentido, a linguagem é pensada como um sistema de classificação e de diferentes formações discursivas como elementos fundamentais em trocas culturais bem como elementos que constituem as culturas (e as identidades), relações sociais e suas mudanças. Com isso, compreende-se a linguagem como dispositivo/espaço para analisar todas as esferas e fenômenos da vida em sociedade.

Outra observação tratada por Hall (1997) sobre a “virada cultural” é a questão epistemológica de análise das sociedades e sujeitos: a ampliação da noção tradicional de cultura das práticas e instituições, que desloca o viés explicativo e independente da cultura, para uma visão construtivista com dependências circunstâncias ao objeto de pesquisa.

Segundo o teórico esse posicionamento, possibilitou pensar as multiplicidades da cultura. Assim, pode-se pensar por exemplo: “cultura” do trabalho, “cultura” da maternidade, “cultura” das compras.

Direciona-se aqui, uma proposta de perceber através da “cultura” da mídia digital (*Instagram*) representações que são inseridas na perspectiva da “cultura” dos homens trans. E nesse ponto que é necessário entender a necessidade da identidade na vida contemporânea. Ou como questiona Hall (2000), quem precisa da identidade?

Hall (2000) observa que nos últimos anos ocorreu uma explosão discursiva em torno do conceito de identidade. O estudioso apresenta que tal conceitualização e debatida de um afastamento da ideia de identidade enquanto originária, um sujeito cartesiano (unificado), para perspectivas pós-modernas influenciadas pela psicanálise, pela subjetividade, e questões de racionalização dos sujeitos. Nesta lógica, o “eu” é celebrado como performativo, e concepções essencialistas como etnia, raça, nacionalidade e identidade cultural são atravessadas por essas reflexões, e as mesmas são situadas como um “campo político” para localização social.

O teórico entende que os sujeitos são composições discursivas, no sentindo que os sujeitos partilham (e se diferenciam) de um ponto em comum, e dessa forma se identificam (ou se afastam) e produzem suas identidades. Assim, Hall (2000) aborda a identificação como meio de posição sobre as práticas sociais, bem como os discursos produzidos em locais históricos e institucionais específicos que formam a organização da sociedade e identidades. Segundo Hall (2000, p. 109-110, grifos do autor):

> Além disso, elas [identidades] emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto na marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. Acima de tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são constantemente invocadas, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. [...] As identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação e apego apenas *por causa* de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transforma o diferente em “exterior”, em abjeto. Toda identidade tem, à sua “margem”, um excesso, algo mais. A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como funcional não é uma forma natural, mas uma forma construída de não fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” – mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado.

Frente ao exposto, podemos dizer que a identidade é uma peça fundamental para compreensão do funcionamento da vida contemporânea, como também para formação das

sociedades e suas relações. É possível perceber que as identidades se articulam em uma esfera de jogos de poder: interesses de demarcações, de reivindicações, de posicionamentos e lutas no meio social. Através delas, ou de suas invocações, acontecem processos de pertencimentos e identificação, e as mesmas atuam com ferramentas de ação política, no sentido de orientar as organizações sociais.

A identidade é um lugar de apego e desencaixe no tempo, são discursos particulares que regem posicionamentos (HALL, 2000, 2006). O autor articula que a identidade é formada por práticas discursivas, sendo as camadas de composição da identidade os seguintes: o subjetivo, o social, o comum e o incomum; essas camadas são vínculos de compartilhamento para os sentidos que os significam. Assim, a identidade é um processo em constante transformação, inacabado, em que os meandros da identificação a conduzem. Moraes (2019, p. 170) ao trabalhar sobre tal discussão em Hall (2000) aponta que:

> Para o autor, as identidades sociais devem ser pensadas como construídas no interior da representação, através da cultura, sendo resultantes de um processo de identificação que nos permite posicionarmo-nos no interior das definições fornecidas pelos discursos culturais. Desse modo, nossas subjetividades são produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico. De igual forma, Hall ao desenvolver uma concepção de identidade como estratégica e posicional defende que, na modernidade tardia, as identidades são cada vez mais fragmentadas e fraturadas, multiplicadamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições.

Toma-se a exposição sobre identidade apresentada por Hall (2000, 2006) como meio de entender que a representação está nesse processo de reconhecimento, pertencimento e identificação. Desse modo, um jovem trans com grande alcance nas redes sociais como Paulo Vaz (@popovaz[12]) torna-se uma referência na construção de representação de identidade desse grupo social.

Portanto, analisar o que é emitido através de discursividade no meio digital no qual um jovem trans exerce influência sobre outros que o tem como referência é uma forma de compreender como são construídas representações de masculinidades trans. Apoia-se esse argumento no que reflete Foucault (1999) a respeito da história da sexualidade no ocidente, não se pode apontar o que foi o sexo ao longo dos últimos três séculos, mas pode-se analisar o que foi dito sobre o sexo: entendendo o discurso como prática regulamentadora e estrutura de poder e saber. Sobre representação e discurso vamos fazer mais considerações na seção a seguir, mas aqui identificamos a importância de se compreender esse mecanismo da

[12] Perfil do youtuber, digital influencer Paulo Vaz na plataforma social Instagram, encontrado em https://www.instagram.com/popo_vaz/?hl=pt-br

representação inseridos na cultura e que incidem nas identidades. É interessante observar que ao se referir a discursividades em jovens trans homens, se evidencia como a linguagem atravessa esse cenário.

Hall (2016) utiliza-se de conceitos sobre a linguagem para trabalhar representação. O teórico lança luzes sobre o papel (função) da linguagem como representação, promovendo reflexões através de um olhar culturalista, ou melhor, dizer construtivista, em que a cultura por meio da representação possibilita ferramentas de interpretar realidades, comportamentos e atores sociais. De acordo com Hall (2016, p. 21, grifos do autor):

> A cultura, podemos dizer, está envolvida em todas essas práticas que não são geneticamente programadas em nós (diferentemente do movimento involuntário do joelho ao ser estimulado por um martelo), mas que carregam sentido e valores para nós, que precisam ser *significativamente interpretados* por outros, ou que *dependem do sentido* para seu efetivo funcionamento. A cultura, desse modo, permeia toda a sociedade. Ela é o que diferencia o elemento "humano" na vida social daquilo que é biologicamente direcionado. Nesse sentido, o estudo da cultura ressalta o papel fundamental do domínio *simbólico* no centro da vida em sociedade.

O teórico desenvolve o conceito de representação guiado pela investigação de como é construído o significado. Segundo o autor, representar é uma parte fundamental do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre participantes de uma mesma cultura. "Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos", afirma Hall (2016, p. 31, grifos do autor). O estudioso ainda pontua que esse processo não é simples e direto.

Para tal, Hall (2016) apresenta e comenta três abordagens teóricas sobre representação dialogando com linguagem e a cultura. Essas são a reflexiva, a intencional e a construtivista. Sendo a última a mais trabalhada pelo teórico, na qual são articulados os estudos de semiótica do linguista Ferdinand Saussure e os pensamentos sobre discursividade do filósofo Michael Foucault.

Antes de ingressar nas discussões dessas três abordagens de representação, Hall (2016) chama atenção para dois pontos sobre sistemas de representação. O primeiro ponto refere-se ao mundo "real": as coisas existentes e físicas.

Já o segundo ponto, diz respeito ao "conceito": conceitualização dessas coisas reais, sujeitos, objetos e eventos, os quais sãos nomeados e organizados em um sistema de linguagem (signos e significantes, á exemplo, letras e imagens) e numa cultura (práticas e relações compartilhadas). Nesses sistemas, os objetos, pessoas e acontecimentos só tem

sentido por uma relação de linguagem com sujeitos participantes de um mesmo sistema cultural (bagagem da compreensão e estrutura de mundo). Segundo Hall (2016, p. 38):

> No cerne do processo de significação na cultura surgem, então, dois "sistemas de representação" relacionados. O primeiro nos permite dar sentido ao mundo por meio da estrutura da construção de um conjunto de correspondências, ou de uma cadeia de equivalências, entre as coisas – pessoas, objetos, acontecimentos, ideias abstratas etc. – e o nosso sistema de conceitos, os nossos mapas conceituais. O segundo depende da construção de um conjunto de signos, dispostos ou organizados em diversas linguagens, que indicam ou representam aqueles conceitos. A relação entre "coisas", conceitos e signos se situa, assim, no cerne da produção do sentido na linguagem, fazendo do processo que esses três elementos o que chamamos de "representação".

Pode-se exemplificar essa dinâmica de representação da seguinte forma, homens trans existem, eles são pessoas, estruturas físicas e sociais. Esse aspecto realístico se refere à existência desses corpos e suas materialidades. Já o "conceito" sobre ser trans é um significante, uma concepção do que é transexualidade, e esse é criado por meio de imagens e conceitualizações sobre tal existência. Butler (2003) defende que o gênero é performativo, ligado a construção discursiva e cultural, a exemplo, o uso de acessórios e roupas são uma linguagem que constroem ou representam expressões de gênero (como vamos ver adiante). Desse modo, a dinâmica de compreensão sobre homem trans estaria nesse sistema de representação: "real e conceito".

Hall (2016) dá enfoque em três abordagens sobre linguagem para explicar como funciona o sentido da representação pela linguagem. A primeira teorização é a reflexiva, nela o sentido está na materialidade, ou seja, tem uma ligação direta ao objeto, pessoa, ideia ou evento do mundo real: adota-se o físico como ponto de referência. O autor traz a ideia de "imitação" pensada pelos gregos; nessa lógica, a linguagem reflete ou imita a verdade, as coisas existentes no mundo, como um espelho que reflete o mundo como ele é.

A segunda abordagem citada por Hall (2016) é a intencional, a qual se refere que as coisas recebem o sentido dado por seus autores. Nessa proposição, o interlocutor é "dono" dos significados, as palavras significam o que o autor quer transmitir. Hall (2016) comenta que há validade nesse pensamento, no sentido de que realmente os sujeitos utilizam a linguagem para convencer ou comunicar algo importante para ele, isso a partir da visão e da compreensão de mundo de quem escreve ou fala. Porém, o estudioso chama atenção para o fato de a linguagem ser um sistema social, ou seja, a linguagem só tem sentido se compartilhada. Assim, a intenção consiste no produtor como único "dono" do sentido, como única fonte de

produção de sentidos, pois através da linguagem, a representação é realizada por uma negociação, e não em uma ação solitária e única.

Saussure e Foucault são pensadores destacados na abordagem construtivista, que é a terceira e última concepção exposta por Hall (2016). O autor diz que nela reconhece-se o caráter público e social da linguagem. Para tal, admite-se que as coisas em si não significam, mas sim que os sujeitos constroem os significados, usando-se de sistemas representacionais: conceitos e signos-significantes-significados.

É válido pontuar que as três perspectivas de representação não se excluem. Na abordagem construtivista, não se deve confundir o mundo real, as coisas e pessoas existentes com as práticas e processos simbólicos pelos quais a representação, o sentido e a linguagem operam. De acordo com Hall (2016, p. 109, grifos do autor):

> Nós chamamos isso de abordagem *construtivista* da representação, contrastando-a com as abordagens *reflexiva* e *intencional*. Agora, se a cultura é um processo, uma prática, como ela funciona? Na *perspectiva construtivista*, a representação envolve fazer sentido ao forjar ligações entre nós diferentes ordens de coisas: o que nós devemos chamar amplamente de mundo das coisas, pessoas, eventos e experiências; o mundo conceitual, os conceitos mentais que carregamos em nossas cabeças; e os signos, arranjados nas linguagens, que "respondem por" esses conceitos ou os comunicam. Agora, se você tiver que fazer uma ligação entre sistemas que não são os mesmos e fixa-los, pelo menos por um tempo, para que a coisa em outro, então de haver al que nos permita uma tradução entre eles – algo nos diga qual palavra usar para qual conceito, e assim por diante. Portanto, a noção dos códigos.

A partir das discussões de Hall (2016) sobre representação entende-se que produção de sentido é dependente da prática de interpretação, e que relação de produção e interpretação constroem representações. Para tal, é preciso a utilização de códigos, a exemplo, a linguagem e discursividades, e esses são situados em objetos, pessoas e eventos. A decodificação dessas práticas é uma forma de perceber como se constroem representações e como as mesmas são utilizadas pelos sujeitos em suas relações.

Representar é um ato de compartilhamento dentro de uma mesma cultura e pela utilização de conceitos e classificações possibilita maneiras de pensar as coisas. Hall (2016) ainda chama atenção para o processo de análises de representação. Por se tratar de um quadro complexo, faz-se necessário representar ou trabalhar com interpretação da representação com uma postura de assumir recortes: fragmentos do mundo social. Pois, quando se representa, se fragmenta uma parte de um todo.

Dessa forma, ao fazer uma intersecção entre representação, cultura e identidade, temos que a linguagem atravessa muito fortemente esses conceitos em Hall (2016). Aqui destacamos que a linguagem transpõe a escrita, no sentido de texto em letras, mas em um sentido mais

amplo, que inclui a imagem, as intertextualidades e interdiscursividades que intercruzam para além da materialidade dos signos, mas está muito mais presente nos "significantes". É neste lugar (o significante) que podemos encontrar de forma muito evidente a representação e suas conexões com a cultura e identidade.

Sobre significado, significante e linguagem, encontramos no psicanalista Jacques Lacan (1901-1981) considerações importantes que marcaram seus estudos e contribuíram para que sua teoria psicanalítica surgisse como uma leitura para além da Psicanálise proposta Freud. Em Lacan (1998), temos que o significado presente nos signos, ou seja, nas palavras, nas coisas, tem efeito quando visto dentro de uma cadeia do significante, sendo que o sentido acontece exatamente na perspectiva que transita do significado ao significante. Esse movimento nos faz pensar que não existe uma significação exclusiva nem de um e nem do outro elemento dessa cadeia, mas na relação que se estabelece no inconsciente.

Lembramos que há uma relação direta entre inconsciente e linguagem na psicanálise lacaniana. Aqui não vamos tecer aprofundamentos dos conceitos e propostas dessa teoria, mas apontar considerações que enfatizam a importância da linguagem na constituição dos sujeitos, e por isso das suas representações, como um reforço para cruzar com a cultura e a identidade em Hall. Assim, encontramos em Lacan (1998) que a constituição desse inconsciente-linguagem deve aos discursos, sendo que são neles que os significados deslizam dentro da cadeia dos significantes.

Desta forma, a linguagem atravessa a representação quando a dimensionamos na cultura e na identidade, sendo que ao evocar a concepção lacaniana de inconsciente, vimos que temos um cruzamento interessante de se perceber. Lembramos aqui que é no discurso que se concebe a transmissão da linguagem, portanto, reforçamos que nas práticas sociais as representações são evidenciadas nas discursividades que se apresentam, é neste sentido que discorreremos sobre representação e discurso na seção a seguir.

2.2 Representação e discurso

O ato de realizar um discurso, é uma ação social, não tem como promover um discurso se não estiver dentro de um sistema de linguagem (que se compartilhem signos e significados), bem como faz parte de uma lógica cultural que os sujeitos codifiquem coletivamente relações sociais, processos de significação, identificações e representações. Para compreensão dessa telha, é válido realizar os seguintes questionamentos: o que é o

discurso? Por que pensar em discurso? Onde está o discurso na representação? Talvez a o entendimento de muitos (senso comum) sobre discurso, seja o ato de falar, proferir uma oratória sobre determinado assunto (isso também é discurso), por exemplo, um político apresentado suas propostas ao público, ou mesmo quando um professor é convidado para ser patrono de uma turma e tem que proferir suas palavras na solenidade de formatura. Em ambos os exemplos, mesmo que de forma não consciente, as palavras emanadas são carregadas de representações, expressas na forma de linguagem.

Para Michael Foucault (1996), discurso é uma prática social, o discurso é um meio de interconexão, relacionado aos eixos de saber, poder e fazer. No complexo pensamento foucaultiano, radicalmente, é possível dizer que tudo do universo social está atrelado ao discurso.

Por este caminho, podemos pensar que a vida é um ato de realizar discurso, e o discurso, ou melhor, dizer os discursos constituem a vida em sociedade. “Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

O filósofo contemporâneo aponta para o entendimento/lógica de que as sociedades, as instituições sociais, e os campos de saberes (por exemplo, medicina, psicologia, pedagogia, justiça entre outros) são disciplinas formadas por discursos (práticas sociais). E por sua vez, essas são ancoradas em vozes do conhecimento, as quais instituem normas, controles e delimitações na vida dos sujeitos que compõem determinada sociedade: exercício de poder; seus procedimentos enquanto conhecedores sob determinado (s) objeto (s) é realizado em um campo discursivo; uma ordem de ação e funcionalização sobre algo do mundo social. Assim, essas ordens podem conjurar poderes e perigos sobre os sujeitos.

Adotar a visão do discurso como prática social, é um modo de compreender o mundo, uma forma de entender que o discurso (proveniente da linguagem) é um dispositivo que os sujeitos, as sociedades e o conhecimento atuam sobre o mundo em suas relações. Logo, discurso é uma parte do processo de representação, o ato de representar só é possível pela fala, pela descrição, pela reprodução imagética, pela narração, ou seja, todo corpo que envolve a linguagem e a necessidade de uso de saberes.

Foucault (1996) ainda aborda que por conta da conjuração de saberes e poderes, algumas narrativas (“coisas ditas”) em sociedade são formuladas a partir de diferentes

circunstâncias de relações para com os sujeitos, de modo que promovem desnivelamento entre os discursos.

Segundo Foucault, os discursos se mostram no cotidiano, nas trocas e nos atos de quem o pronunciou (1996, p. 22) "[...]; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer". Nesse sentido, pensar a representação pelo viés foucaultiano de discurso é um caminho para detectar a materialização do que é dito e no não dito sobre esses jovens e aonde os mesmos são inseridos (a ordem de discurso). Dessa forma, adotar esse modo de vislumbrar a produção de discursividades é um ato de observar representações.

Tendo apresentado o que é discurso, ou melhor, dizer, a visão adotada aqui do que é discurso, como já foi refletido: discurso é uma ponte por onde se torna real a vida social (práticas sociais). Para tal, foca-se que a linguagem é um elemento construtor dessa ponte. Desse modo, segue-se a busca do discurso como representação.

Ramalho e Resende (2011) expõe o discurso como uma parte irredutível da vida social, uma dialética entre linguagem e sociedade, uma parte constituinte das relações e efeitos sociais. Neste conceito, entende-se o discurso/linguagem e sociedade não como uma estrutura fixa a um corpo linguístico, ou na ação de usar o discurso em sua forma individual, mas sim na flexibilidade/interação entre ambos. As autoras defendem que as práticas e relações sociais constituintes sob discurso refletem em três principais funções: agir, relacionar e representar.

Por sua vez, Oliveira e Carvalho (2013) trabalham com essa conceitualização por meio de concepções de Norman Fairclough sobre discurso, práticas sociais e relações dialéticas. De acordo com Oliveira e Carvalho (2013, p. 283-284, grifos dos autores):

> Enfim, as relações existentes entre língua e sociedade são inegáveis. Fairclough chama a nossa atenção para os efeitos constitutivos do discurso, que contribuem para a construção de identidades sociais, posições de sujeito, relações sociais, sistemas de conhecimento e crenças. Por outro lado, ele ressalta que "a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social firmemente enraizada em estruturas sociais materiais concretos, orientando-se para elas" (Fairclough,2008:33). Percebe-se, nessas palavras, a influência do materialismo histórico no pensamento de Fairclough. Por isso, uma pergunta que sugere é a seguinte: são as práticas sociais que constituem o discurso ou é o discurso que constitui as práticas sociais? Fairclough adota uma posição dialética para explicar essas relações: o discurso constitui as práticas sociais que, por sua vez, constituem o discurso. Isso significa que "o uso da linguagem dá sua própria contribuição à reprodução e/ou à transformação da sociedade e da cultura, incluindo-se as relações de poder. É aí que reside o poder do discurso; e é por isso que vale a pena lutar por ele" (Fairclough e Wodak, 2005: 390). [...] em um sentido

> mais restrito, ele usa o termo *discurso* para designar modos particulares de representações especificas da vida social.

A partir das autoras e autores supracitados acima, é possível situar o interesse do discurso como representação, aqui buscado. Tomam-se os discursos realizados por homens jovens trans no *Instagram* como uma dialética que concebem um fenômeno social: representação. Esse é constituído por elementos semióticos, signos e significantes, assim tomar fotos, ilustrações, vídeos postados por esses sujeitos é uma forma perceber práticas sociais e elementos identitários por meio de um dispositivo digital que veicula os discursos desses jovens.

Ou ainda pode-se tencionar com a articulação de Fairclough (2001) referenciado por Oliveira e Carvalho (2013) que traduz que cada prática é uma articulação de elementos sociais diversos dentro de uma configuração relativamente estável por meio dos seguintes elementos: atividades, sujeitos e suas relações, instrumentos, objetos, tempos e lugar, formas de consciência, valores e discurso. Sendo assim, cada postagem realizada pelos perfis aqui analisados são configurações de representações.

Desta forma, Irineu (2019), ao abordar o tema das representações e sua relação com o discurso, traz um caminho interessante que aponta para a Análise Crítica do Discurso (ACD) como uma ferramenta teórica que sinaliza as conexões entre a TRS, aspectos da Psicologia Social e da Linguística, que considera importante ao se tentar compreender o fenômeno das representações " como processos discursivos envolvidos na reprodução destes "objetos do pensamento" (MOSCOVICI, 1976) através dos quais elaboramos nossa visão sobre o mundo e sobre seus elementos constitutivos" (IRINEU, 2019,p.14). Quando o autor insere a ACD neste contexto, pode-se observar que está evidenciado o fato desta teoria dar ênfase aos processos ideológicos contidos nos discursos e que em suas discursividades há presença de dinâmicas, constituindo os discursos como não estáticos, mas possível de mudanças.

A ADC apresenta-se, portanto, como uma luz na investigação das representações das masculinidades em homens trans jovens, por adentrar nas discursividades presentes deste grupo social, acompanhar as mudanças presentes e como estas se mostram em suas postagens, textos e fotos. A ADC teve sua denominação por Norman Fairclough em 1985 e se desenvolveu como perspectiva teórica com diferentes expoentes que contribuíram com outras conexões que a fizeram contemporânea no campo dos estudos dos discursos e nas relações com as outras áreas de conhecimento para além da linguística e semiótica.

Vimos uma contribuição de discurso para a ADC em Fairclough (2001, p.91), quando este menciona que:

> O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.

Neste trecho fica bem nítido a relação entre discurso e representação e que o interesse da ADC no estudo dos discursos pode ser atribuído aos aspectos que estão inseridos nas transformações no campo da ideologia, da política e outros aspectos que merecem uma visão mais crítica na sociedade.

Para Resende e Ramalho (2006), a ADC percebe o discurso como um modo de ação contextualmente localizado nas estruturas que organizam a produção discursiva na sociedade e os indivíduos, através do seu enunciado, agindo sobre essas estruturas de modo que contribui para manter e transformar as formas de ação social.

Junior e Ottoni (2013) corroboram com o posicionamento acima e pontuam como um fator importante para a manutenção ou transformação de uma ação ou prática social, que é a hegemonia. Para os autores:

> O discurso é um meio possível de instauração e manutenção da hegemonia, assim como de resistência e de transformação. A ADC objetiva a promoção de conscientização e da emancipação. Ela não busca apenas descrever e explicar, mas nos esclarecer os "enganos" que nos interpelam no cotidiano. Tem preocupação com os efeitos ideológicos sobre as relações sociais de dominação e exploração que, por vezes, esteiam distribuição desigual de poder. (JUNIOR; OTTONI,2013, p.5).

Quando investigamos representações das masculinidades em homens trans jovens, essa concepção da hegemonia como componente dos discursos e que incide nas representações pela linguagem é essencial. Esse fato é observado ao olharmos que tipo de masculinidade está sendo mais evidenciadas, se é a masculinidade hegemônica (CONNELL, 1987:1995) ou masculinidades mais contemporâneas ou plurais como Almeida (2012), Bento (2010). Dessa forma, ao abordar a questão da hegemonia presentes nos discursos, encontramos em Fairclough (2001, p. 122) considerações sobre este com conceito:

> Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um "equilíbrio instável". Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior

> instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. A luta hegemônica localiza-se em uma frente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil (educação, sindicatos, família), com possível desigualdade entre diferentes níveis e domínios.

Ao dimensionar a hegemonia e suas relações com o poder em várias esferas como político e econômico, Fairclough (2001) aponta que ao analisarmos nossas práticas sociais, as intertextualidades e interdiscursividades são acompanhadas por essas práticas, que podem ser vistos em diversas formas na aplicabilidade da ADC. O que faz a ideologia e hegemonia estarem presentes ao nos depararmos com qualquer tipo de texto.

Os conceitos de intertextualidades e interdiscursividades são considerados importantes para a ADC, haja vista que sinalizam uma mudança na estruturação e reestruturação das ordens do discurso (conceito que foi evocado de Foucault) e que estão relacionados à mudança social. Sendo que a intertextualidade está relacionada ao fato de que o texto "responde, reacentua e retrabalha textos passados e, assim fazendo, ajuda a fazer história e contribui para processos de mudança mais amplos, antecipando e tentando moldar textos subsequentes" (p.134,135). Já quando nos referimos a interdiscursividade, temos que se constitui uma categoria mais ampla porque diz respeito não apenas aos textos passados que estão presentes em novos textos de forma manifesta, mas abarca toda a configuração de convenções discursivas que "migram" de um texto a outro e que nem sempre estão manifestas na superfície textual visível, mas podemos considerar que estão presentes nas "entrelinhas" de qualquer manifestação textual.

Dois nomes aparecem como expoentes advindos da base teórica da ADC e que podem ser relacionados com seu cruzamento com os estudos sobre representações sociais, os linguistas Teun A. Van Dijk e Theodoor Jacob "Theo" van Leeuwen. Dijk se dedicam a refletir sobre a polissemia em torno do conceito de discurso e pontua como importante a consideração de que estão presentes elementos como significados compartilhados e a interação social contextualizada que amplia o discurso para além da linguagem e o coloca em uma perspectiva tripla que inclui discurso, cognição e sociedade. Já Van Leeuwen apresenta uma análise crítica a partir dos atores sociais, com base na semiótica funcional, disposta a evidenciar os mecanismos de exclusão, supressão, e outros artifícios que reforçam ou diminuem significações de temas, grupos, ou outro aspecto socialmente permutável.

Para Irineu (2011) o linguista Van Dijk (1999; 2003) faz uma intersecção entre discurso, ideologia e representação social, ao considerar que as práticas discursivas são realizadas na interação social, e que nesta interação há uma forte presença de constructos

linguísticos-discursivos ideológicos que incidem nas representações em determinados grupos sociais e identitários, ao qual denomina de "estruturas ideológicas do discurso (EID)". Em Irineu (2011, p.96) temos que:

> Tais estruturas podem ser entendidas como a reconstrução cognitiva, na linguagem, das principais condições sociais para a existência e a reprodução de grupos sociais variados, ou seja, as condições sociais da existência, a organização, a reprodução e as práticas sociais dos grupos e seus membros tanto em dimensões sociais como em dimensões mentais. Revelam, assim, através da carga semântica na qual se constituem, diversos traços pertinentes às condições de produção das RS. Os grupos e seus membros se singularizam nas práticas sociais (e aqui está claro que o discurso se apresenta como uma dessas práticas) por questões de ordem identitária como: quem são (ou seja, como se veem, como se representam), o que fazem, o que querem, no que creem, onde se localizam (posição social) o que têm ou não têm como valores sociais, como veem os outros com quem interagem, ou seja, como representam, em seu discurso, os objetos do mundo.

Vimos então que para o autor é interessante estabelecer uma relação tridimensional discurso-sociedade-cognição observada nas representações realizadas por grupos sociais, que emitem nos seus enunciados os valores, marcações identitárias, suas formas de ver o mundo, atravessados por questões ideológicas. Podemos relacionar a dinâmica das práticas sociais que promovem mudanças na ordem dos discursos, como vimos anteriormente em Fairclough (2001). O autor considera a ideologia e hegemonia como aspectos que fazem parte das discursividades/ práticas sociais.

Ainda temos que em Van Dijk (1999; 2003), encontrado em Irineu (2011), que nas discursividades os sujeitos se posicionam em seus textos, fazendo surgir representações que são estabelecidas na interação dos grupos sociais, ou seja, são evocadas no processo comunicativo, determinadas estruturas linguístico-discursivas reveladoras. As mesmas são observadas em relação aos valores e crenças destes indivíduos circunscritos numa dinâmica desses grupos.

Em relação aos grupos sociais que vivenciam as representações em suas discursividades apresentadas por Van Dijk (1999), Irineu (2011) propõe um agrupamento de elementos que podem ajudar no percurso de análise do discurso em grupos encontrados na internet, no nosso caso contribuirá para investigação das masculinidades em homens trans jovens. Irineu (2011, p.96) destaca elementos como por exemplos "o desenvolvimento e o compartilhamento de representações sociais, através das quais os grupos categorizam as coisas do mundo frente a seu repertório de crenças e se identificam como membros daquela congregação ideológica" e o "estabelecimento e o fortalecimento de relações entre grupos, concretizando-se, por exemplo, na expansão das redes sociais".

Dessa forma, para van Dijk (2016, p. 204), a ADC consiste em "tipo de investigación que se centra enelanálisis discursivo y estudia, principalmente, la forma enla que el abuso de poder y ladesigualdad social se representan, reproducen, legitiman y resistenenel texto y elhablaen contextos sociales y políticos"[13]. O que nos faz pensar que esse método de análise considera as diferenças sociais e as especificidades de determinados grupos, no que tange aos atravessamentos marcados por desigualdades, relações de poder que desembocam em aspectos socio discursivos impressos nos textos.

Um dos grandes legados de van Dijk (1999, 2016) para ADC é exatamente a inserção de uma visão cognitiva dos discursos ou sociocognitiva, permeada por elementos como poder, ideologia, hegemonia que são de certa forma internalizados em uma cognição social, por isso é interessante a perspectiva triangular discurso-cognição-sociedade. Essa perspectiva considera que pelas representações sociais de um grupo, através da interação social de seus membros, se estabelece uma circulação de discursividades que se relaciona na constituição identitária local, sendo compartilhados significados, valores e crenças que fortalecem um sentimento de pertencimento entre os sujeitos. De certa forma, reitera a importância do percurso realizado aqui das representações e como ela se conecta com outros conceitos e perspectivas teóricas.

VanDijk (2016), apresenta dois níveis presentes nas discursividades o micro e o macro. No nível micro, se localizam os mecanismos de linguagem, os discursos, a comunicação e a interação verbal, já no macro estão aspectos como poder, desigualdade e dominação. O autor pontua que essas formas de poder são encontradas nos textos e nas interações sociais, há uma relação com processos cognitivos que são constituídos nas representações. Como é possível perceber esses níveis nos discursos? Para Dijk (2016), é possível estabelecer uma análise que identifica tais aspectos referentes às relações de poder nos diferentes níveis realizada pela ADC.

O autor relaciona alguns tópicos que podem exemplificar como as relações de poder, dominação e hegemonia estão inseridos nos contextos discursivos como desigualdade de gênero, discursos midiáticos, políticos, racismo, etnocentrismo etc. Reflete ainda sobre o aspecto crítico da ADC como questionamento para se desenvolver tal análise de forma contextualizada e implicada nos mecanismos micro e macro. Neste contexto, as representações estariam em um nível cognitivo, social e cultural presentes nos discursos. Em

13 Tipo de pesquisa que enfoca a análise discursiva e estuda, principalmente, a forma como o abuso de poder e a desigualdade social são representados, reproduzidos, legitimados e resistidos no texto e na fala em contextos sociais e políticos (tradução nossa).

Van Dijk (2003, p.169), encontramos uma definição de discurso inserido no contexto da representação e da interação social:

> Discursos são como icebergs, já que eles só se expressam algumas de suas formas específicas de conhecimento (contextualmente relevante), apesar do fato de que uma grande massa de formas de conhecimento parte da fundação sociocultural comum. Muitas das propriedades de discurso, tais como tópicos gerais, coerência local, pronomes, metáforas e muitos outros, deve ser definido em termos deste tipo de conhecimento cultural compartilhado socialmente.

Vamos abordar aqui mais um nome que se conecta neste cenário de discurso e representação em relação a ADC. Theo Van Leeuwen (1997) trata das representações dos atores sociais. O autor considera que a partir das discursividades podemos perceber que as representações ajudam a sustentar relações de dominação dentro de uma determinada prática social, já que elas são ideológicas, e, portanto, podem ser construídas ou desconstruídas.

Essas representações dos atores sociais estão presentes nas construções textuais e na forma como são dispostas na linguagem escrita. Van Leeuwen reflete como sujeitos produzem os discursos e como esses sujeitos aparecem nos textos produzidos, sugerindo com base na semiótica funcional, mecanismos de exclusão, supressão, e outros artifícios que reforçam ou diminuem significações de temas, grupos, ou outro aspecto socialmente permutável.

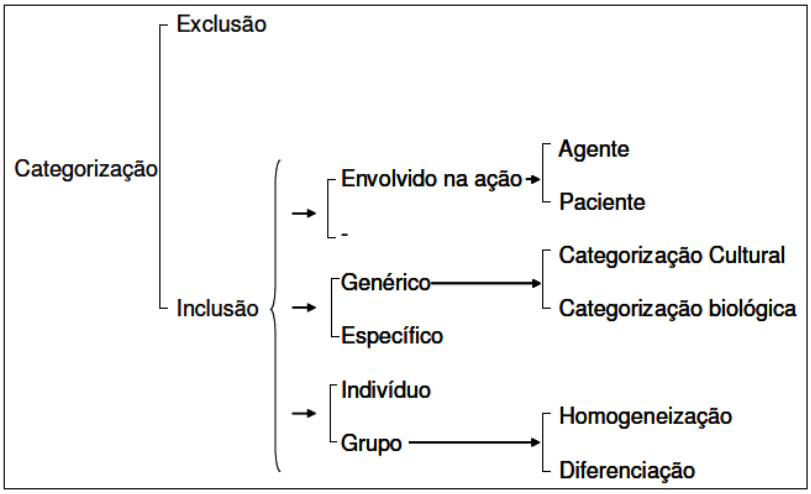
Ainda em consonância com o mesmo autor, ele propõe em seu "inventário sócio semântico" estratégias discursivas que aparecem nas construções textuais, nas quais podemos verificar quais são os diversos modos pelos quais os atores sociais podem ser representados. Dessa forma, estabeleceu a relevância sociológica e crítica de algumas categorias linguísticas evidenciadas nos discursos, considerando o contexto cultural e social. Essas estratégias colocam sob dois sentidos principais em relação aos atores sociais na língua, são eles: agentes ou/e pacientes.

Nesse sentido, temos que a representação dos atores sociais é inserida em uma rede de sistemas linguísticos distintos e complexos que contemplam aspectos léxico-gramaticais como figuras retóricas. Esses sistemas linguísticos no discurso passam por transformações através de processos que envolvem o apagamento, a reestruturação e a substituição da consistência linguística na forma de categorias como a inclusão, exclusão e supressão (VAN LEEUWEN, 1997).

Nos mecanismos de inclusão, exclusão e supressão, o primeiro ocorre em um processo que reside a grande força política da representação dos atores sociais, já que no discurso as representações e as relações dos atores sociais sofrem uma distribuição que não reflete a

prática social. Dentro dessa perspectiva, não é necessário que haja congruência entre o papel que os atores sociais desempenham, de fato, em práticas sociais e os papéis gramaticais que lhes são atribuídos no discurso (VAN LEEUWEN, 1997). Ele considera que na inclusão podem ser contempladas algumas categorias, como aparece na figura produzida por Van Leeuwen (1997, p. 219):

Figura 2 -Representação dos atores sociais



Fonte: Van Leeuwen (1997, p. 219)

Como vimos na figura, na categoria inclusão, estão presentes outras subcategorias que emergem nos discursos que "recontextualizam" os atores sociais, marcados por suas especificidades, que o diferenciam enquanto grupos sociais. Ao incluir os atores sociais nos discursos, ora se estabelecem pela presença na ação, como agente ou paciente, ou aparecem em menção como categorização cultural ou biológica de forma genérica ou são incluídos pela homogeneização e diferenciação nos grupos. Neste estudo será importante perceber esses mecanismos da categoria inclusão presentes nas postagens de homens trans jovem no Instagram para se chegar as representações das masculinidades ali dimensionadas como discursividades textuais-linguísticas dentro do que o autor relaciona como sendo parte do "inventário sócio-semântico" desses grupos.

Em relação à exclusão, como categoria presente nos textos, van Leeuwen (1997) a percebe como importante aspecto para se compreender como os atores sociais são representados em textos, visto que as "representações incluem ou excluem atores sociais para servir os seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem" (VAN LEEUWEN, 1997, p. 183). Ela ocorre quando, por exemplo, em alguma matéria jornalística

ou outro material não aborda em seu texto alguns atores sociais. Eles simplesmente não aparecem enquanto enunciadores, o autor destaca que nem sempre é possível identificar claramente o processo de exclusão, "por não deixarem marcas" nas representações.

O processo de supressão em van Leeuwen (1997) é derivado da exclusão, como uma forma desta, sendo realizada quando se faz uma exclusão sem deixar referência dos atores sociais em qualquer parte do texto, também, pelo ato de colocar o ator em segundo. Assim, podemos observar a supressão quando em algum texto determinados atores sociais, por mais que se apresentem na temática geral, acabam não sendo contemplados textualmente.

Van Leeuwen (2008) dimensiona as considerações da teoria dos atores sociais para a perspectiva da imagem, sendo aplicadas as categorias e outros mecanismos de análise crítica que contribuam para visibilizar os mecanismos de representação. Para a análise da imagem, o autor considera três dimensões importantes: distância social, relação social e interação social, que se relacionam a como as pessoas são representadas, descritas ou narradas pelo *viewer*. Dessa forma, são analisados os ângulos, planos, posição dos personagens que aparecem em cena; tudo é material para analisar as representações dos atores sociais.

Ao inserir a ACD na perspectiva imagética, Van Leeuwen (2008) instaura uma ampliação linguística para o campo comunicacional, reflete sobre as formas contemporâneas e ocidentais de comunicação e se apresenta como uma estratégia importante de pensar as representações presentes nas discursividades nas mídias sociais, como fenômeno atual possibilitado pela sociedade midiatizada, que será exposto em outro capítulo deste estudo. A ACD se insere como ferramenta de análise contemporânea no campo das representações, por entender que esta não se aplica somente a estruturas textuais, mas está inserida em outras formas de discursos como prática social em constante transformação.

Nessa seção, traçamos algumas considerações sobre discurso e representação, e sobre como a ADC pode ser uma ferramenta importante para subsidiar tal discussão. Desde a compreensão sobre a ordem do discurso em Foucault e suas relações de poder, discurso como prática social permutável e permeada pela ideologia, hegemonia e outros aspectos em Fairclough, a relação de discurso, cognição e interação social em Van Dijk, por último, as contribuições de van Leeuwen sobre a representação dos atores sociais nos discursos enquanto dispositivo sócio-semântico e estratégias de análise crítica de imagens, ampliando as discursividades analisáveis para o campo imagético. Na próxima seção faremos uma breve relação entre representação e imagem, refletindo ser importante para a proposta do presente estudo.

2.3 Representação da imagem

Hall (1997, p. 29) afirmou anteriormente que o "'discurso' refere-se a uma série de afirmações, em qualquer domínio", diante disso, afirmamos que, além da identidade, da linguagem e do discurso, um desses domínios está na imagem.

Um dos conhecimentos que adquirimos no Ensino Básico é que a linguagem pode ser verbal e não verbal. A linguagem verbal está nos textos escritos, discursos falados, entre outros. A linguagem não verbal está nos gestos, posturas, formas, ilustrações, símbolos, ícones, índices, músicas etc. e a imagem é um exemplo importante dessa linguagem. Um exemplo de linguagem não verbal está nas sinalizações do trânsito, como as placas e semáforos, que são dispositivos que informam e alertam os pedestres, ciclistas e motoristas como devem agir no trânsito. Assim, em outras palavras, podemos dizer que as "imagens falam", pois produzem discursos e representações. A imagem é fonte de comunicação desde os primórdios, a exemplo as pinturas rupestres, que foram desenhadas pelos nossos ancestrais em cavernas rochas, paredes etc. Tais imagens representam a cultura, a economia, as formas de socializar desses povos etc.

A imagem ganha destaque na história como meio de representação da cultura. Na medida em que houve o desenvolvimento de técnicas artísticas, a vida humana passou a ser representada de formas diversas e até mais vívidas como é o caso das pinturas e esculturas realistas. A fotografia surgida em 1817, através do francês Joseph Niépce (1763-1828), passou a ser um fenômeno mundial, sendo adotada como modo de recordação, publicização, arte etc. Na contemporaneidade, por meio das novas tecnologias, temos a possibilidade de obter capturas de imagens por meio das máquinas fotográficas digitais ou mesmo dos telefones celulares. Tais câmeras dispõe de artifícios que flagam a realidade de maneira mais realista possível, capturando as cores e os objetos do jeito que a vemos. Hoje a tecnologia apresenta diversos recursos que tornam a captura do cotidiano de maneira fácil e profissional, através de um simples aparelho conduzido por pessoas comuns.

Autores contemporâneos como Fernanda Bruno (2013) afirmam que estamos na Era da imagem e da vigilância. Ela consegue perceber isso nas diversas tecnologias de captura de imagem que estão desde as câmeras de vigilância em lugares públicos, semipúblicos e privados, às câmeras de celular:

> Se considerarmos uma listagem bastante incompleta das tecnologias, temos câmeras de vigilância em lugares públicos, semipúblicos e privados; webcams pessoais ou institucionais, sistemas de videovigilância “inteligentes” e programados para

> monitoramento da atividade humana, usualmente voltados para a detecção de condutas e situações suspeitas ou de risco; sistemas de controle de trânsito (câmeras, pardais, radares); sistemas de geolocalização; fronteiras e portões eletrônicos (senhas e cartões de acesso, scanners para pessoas e objetos, sensores de detecção de presença e movimento); mecanismos de autenticação e controle de identidade (cartões de identidade; dispositivos de identificação biométrica como impressão digital, scanner de iris, topografia facial, software de reconhecimento facial, scanner de mão; mecanismos de autenticação da identidade no ciberespaço); redes de monitoramento e cruzamento de dados informacionais (compras, comunicações, trajetos, serviços); sistemas digitais de monitoramento, coleta, arquivo, análise e mineração de dados pessoais no ciberespaço (rastreadores de dados pessoais na Internet, interceptadores de dados de comunicação e navegação, softwares de captura e mineração de dados; bancos de dados eletrônicos, profiling, drones ou veículos aéreos não tripulados (VANTS), entre outros. (BRUNO, 2013, p. 29).

Suas palavras são importantes para compreender o quanto as câmeras ganharam espaço na atualidade sendo atravessadas por ações que perpassam as esferas da segurança, lazer, entretenimento, mas também do controle e da disciplina. As câmeras presentes nos *smartphones* são, porém, dispositivos que passam a funcionar a partir de uma predisposição do indivíduo, diferente de outras câmeras de vigilância que operam maior repressão sobre as pessoas, como as câmeras de segurança que flagam a imagem humana muitas vezes sem o querer ou consentimento do indivíduo. Assim, na contemporaneidade a imagem tornou-se um produto desejado e consumido pelo homem, por todo lugar e a todo instante, de diferentes formas, num fluxo intenso e ininterrupto.

Por meio da câmera de celular unidas às redes sociais, por exemplo, às pessoas passam a utilizar a imagem fotográfica como meio de afirmação identitária como também de subjetivação. É importante considerar a importância da imagem, em especial, a fotografia como uma forma de representação do mundo a partir dos sujeitos que a produzem. Flusser (1985, p.9), considera também que as "imagens têm o propósito de representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, interpõe-se entre mundo e homem", ou seja, elas mediam formas de representação que se inserem nos contextos aos quais aparecem e direcionam sentidos, sendo a fotografia, uma forma de imagem mais específica que acaba evidenciando representações projetadas em contextos identitários e discursivos. Assim, a fotografia se apresenta como uma imagem advinda de aparato técnico, o que Flusser (1985, p.13) vai relacionar que "[...] as imagens técnicas imaginam textos que concebem imagens que imaginam o mundo".

Flusser (2009) compreende que a fotografia é um importante disparador discursivo, pois por seu funcionamento complexo, o "aparelho operador parece não interromper o elo entre a imagem e seu significado" (FLUSSER, 2009, p. 14). Assim, é louvável que de uma imagem fotográfica possa-se apreender discursos que poderão revelar identidades, representações sociais, dentre outros atravessamentos. Além disso, Flusser (1998) entende a

existência de um caráter aparentemente objetivo que acompanha a fotografia. Ele entende que o observador confere a fotografia como em seus olhos, porém, quando a decifra, a faz como visões de mundo. Ele afirma que “Decifrá-las é reconstituir os textos que tais imagens significam” (FLUSSER, 1998, p. 34), assim, ver imagens técnicas significa ver discursos relativos ao mundo.

Em outras palavras, compreende-se que o trabalho de interpretação de uma imagem, como na interpretação do verbal, vai pressupor também relações com a cultura, a sociedade, a história, a economia etc. Jesus (2008. p. 3) afirma: "as imagens agregam nas projeções a oralidade, a escrita, os gestos, e desta forma, constroem realidades, produzem e reproduzem significados que estão comprometidos com o sistema cultural envolvido". Assim, estudar as imagens é buscar responder questões como: Por que essa fotografia foi tirada? O que os elementos dessa imagem dizem? O que poderia ser dito e não foi dito? O que foi dito poderia ser dito de outra forma? Entre outros questionamentos.

Entretanto, para responder questões como esta é importante que o observador tenha grande sensibilidade e atenção, como afirma Bunde (2019. s/p):

> O conceito de sensibilidade inserido será definido por meio do indivíduo como ser sentimental. Ou seja, aquilo que, ao longo da vida, aguça os seus sentimentos pessoas, e, dessa forma, tornou-se importante. Exemplo disso são as artes produzidas ao longo da história, em diferentes períodos e em um passado totalmente diferente do presente. Entretanto, hoje, estas mesmas obras assumem significados diferentes para determinadas pessoas, de acordo com interpelação e contexto a que estão suscetíveis. O discurso estético carrega o mesmo ímpeto ideológico do verbal. No entanto, por se tratar de algo mais pontual, e atingir esteticamente o indivíduo, a rapidez com que esse discurso poderá atingir o sucesso com o receptor é maior.

A compreensão de mundo por parte do observador, sentimentos que ele carrega, conhecimento adquiridos, apropriação das teorias que explicam os fenômenos estudados etc. são fundamentais para que os resultados na análise de discurso imagética sejam mais satisfatórios.

Em nosso caso, como vamos analisar fotografias de sujeitos como nós, é importantíssimo que tenhamos a sensibilidade de compreender o contexto que rodeia o "enunciador" - quem enuncia/produz o enunciado -, sem deixar aguçar nosso olhar de pesquisador -a quem é dirigido o enunciado/a enunciação. Diante disso, no próximo capítulo iremos fazer um estudo mais minucioso sobre o principal tema desta pesquisa que é a transmasculinidades, mas, também, de outros temas que o atravessam.

3 GÊNERO, MASCULINIDADES E OS HOMENS TRANS

Ao traçar palavras que nos auxiliam a percorrer um pensamento sobre as representações das masculinidades em jovens homens trans no *Instagram* é necessário colocar algumas peças no mosaico conceitual que nos inspira a pensar no contexto de gênero e sexualidade enquanto categorias contemporâneas. Olhar a trajetória de desconstrução dessas categorias alicerçadas em estruturas deterministas, polarizadas em binarismos condicionados a pensamentos naturalistas que imperam em discursos conservadores e fundamentalistas, aqui terá uma importância especial.

Escolhemos nesse capítulo trilhar em quatro seções essa travessia, iniciando com a concepção de gênero como uma (des)construção social, inspirado na Teoria *Queer*[14] com suas ideias pós-estruturalistas, se pretende desvincular as velhas engrenagens associadas ao determinismo biológico e a diferenciação sexual que por muito tempo permaneceu como escolha rígida ao se referir a questão de gênero e sexualidade. Na próxima seção se reflete nas corporeidades e rupturas com um contrato determinista e recria experiências em transexualidades que transitam, que se transformam e se direciona a uma transexualidade de reconhecimento de si e identidades de gênero para um refazer caminhos de uma "transexperiência"[15].

Em seguida, traça-se uma perspectiva sobre a transexualidade masculina, de forma a compreender melhor as especificidades e manifestações identitárias dos homens trans, apresentando como nossos atores sociais a serem contemplados na pesquisa. Por último se debruça no panorama das masculinidades plurais e contemporâneas que se repense o que seja

[14]Miskolci (2007) nos traz que a Teoria Queer foi primeiramente mencionada por Teresa de Lauretis para se referir a "um conjunto de pesquisadores desenvolvia em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e de gênero (p.2). e "em termos teóricos e metodológicos, os estudos queer surgiram do encontro entre uma corrente dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês" (p.2). O autor destaca ainda que a Teoria Queer teve como inspiração os trabalhos de Michel Foucault e Jacques Derrida, que tinham como objetivo "objetivo era explicitar os processos que criam sujeitos normais, adaptados, em suma, hegemônicos, apenas construindo também sujeitos ilegítimos, rotulados como anormais e alocados na margem do social" (p.3) e se desenvolveu a partir de pesquisas de autoras e autores como Eve K. Sedgwick, Gayle Rubin, David M. Halperin, Judith Butler e Michael Warner, que segundo Miskolci ( )"começaram a empreender análises sociais que sublinhavam a centralidade dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo hetero/homossexual para a organização da vida social contemporânea dando mais atenção crítica a uma política do conhecimento e da diferença". Miskolci destaca ainda que a Teoria Queer corresponde juntamente com os Estudos Culturais e as teorias Pós-Coloniais fazem parte de que Mattelart e Neveu (2004) chamam de teorias subalternas, as quais fazem uma crítica dos discursos hegemônicos na cultura ocidental.

[15] Conceito utilizado por Ávila e Grossi (2010, p.1) para se referir "ao processo de como processos de transformação do corpo de sujeitos assignados biologicamente como mulheres que se identificam com o gênero masculino". As autoras ainda consideram o termo como contraponto da patologização do processo transexualizador e enfatiza as especificidades nos contextos das vivências dos transexuais, aqui consideramos o termo de forma semelhante, para visibilizar os processos de resistência e protagonismo das pessoas trans, em especial aos homens trans de que o trabalho se refere.

a experiência atual do “ser homem”, ou do que se “tornar homem”, considerando aspectos que marcaram essa trajetória e que atravessam essa (des)construção.

Para se estabelecer os diálogos teóricos nesta discussão, chamamos algumas teóricas e teóricos que pensaram como suas ideias e estudos poderiam contribuir para e com a ciência, não de forma a reproduzir discursos de uma ciência dura e positivista, mas uma ciência que produz conhecimentos que implicam em posicionamentos que são imbricados em contribuir para uma sociedade legitimada pela pluralidade e diversidade como formas de compreender um mundo em trânsito.

3.1 Gênero como uma (des)construção social e cultural

Hoje em dia está na moda o chá revelação, uma comemoração em que os pais da criança a chegar reúnem a família e amigos para a tão esperada descoberta do sexo do bebê, se for menina aparecerá a cor rosa, se for menino a cor azul. Não faz muito tempo que uma famosa frase proferida pela então ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humano do Governo Bolsonaro, na qual afirmava que "a nova era começou, e que agora menino veste azul e menina veste rosa” ganhou destaque nas redes sociais. Mas como duas cores podem representar um sistema binário masculino e feminino? Não só essas duas cores, mas ao idealizar o sexo do bebe um mundo também nasce no imaginário dos que o cerca, assim os brinquedos, roupas, brincadeiras, se projeta futuras profissões, relacionamentos, comportamentos, atitudes e por aí vai. Definir um universo a partir do sexo é demarcar o sexo como gênero, é definir um gênero binário alimentado por construções na sociedade sobre diferenças entre o que seria feminino e masculino.

Imaginamos uma situação hipotética, uma família resolve criar sua criança contrariando as normas da misoginia, binarismos e condicionamentos que operam e imperam uma ordem discursiva hegemônica do que seja o dualismo da diferenciação sexual historicamente construída. Ao escolher um nome “neutro”, a família resolve adotar o nome de Loah, ao escolher o enxoval procurou escolher tons em verde e marrom, em relação aos brinquedos, Loah dispõe de objetos geométricos em madeira, esculturas de ser humano sem distinção entre “menino” ou “menina”. Loah também dispõe de uma grande opção de jogos, quebra-cabeças etc., um aparato com figuras sem definição de masculino e feminino. Será que a família estará salva das armadilhas do binarismo ou das diferenças sexuais e de gênero

impostas pelas instituições de ensino, de religião, das práticas sociais cotidianas? Seria utópico achar que a resposta para tal pergunta seria positiva.

Uma reflexão para tal utopia seria a engrenagem social no qual foi se construindo essas diferenças, essas representações, essas concepções que estão entranhadas no desenvolvimento das sociedades, das civilizações na trajetória das criações do que sejam homens e mulheres como definições que baseiam as relações sociais. Mas uma luz para tal pensamento seria a de que não estamos em sociedades estáticas.

Há um constante movimento que nos coloca a pensar que tais diferenças se modificam, se estabelecem em novos parâmetros, ou ainda esses parâmetros não são uniformes, basta assim imaginar que ao se descolar no tempo e espaço, em territórios sociais distintos, certamente vamos encontrar características diferentes em tentam desenhar um homem ou uma mulher, ou ainda pode ser mais exitoso uma ruptura com esse binarismo, o que seria para a família de Loah, um refrigério.

Considerando que em nossa sociedade há marcadores que diferenciam, como já vimos acima, que afetam nossas representações do que seja masculino ou feminino na perspectiva binária, Fávero (2010) faz uma referência sobre essa questão do gênero e os processos que os envolvem, abandonando a naturalização simples dos aspectos relacionados as significações do que seja masculino e feminino em nossa sociedade. Para a autora, há armadilhas nesse contexto, o que vale desconsiderar por exemplo uma hierarquia que foi biologicamente e naturalmente desenhada para corresponder uma superioridade masculina em relação ao feminino, obra que segundo ela está relacionada com a implantação do patriarcado em nossa cultura. Certamente ela foi inspirada em outras autoras que vão se inserir em uma abordagem crítica dos muitos aspectos que estão relacionados no contexto do gênero, como vamos ver posteriormente.

A autora relaciona algumas características produzidas por uma naturalização ou "biologização" em que aparecem como legítimos, como por exemplo a ideia de que homens tem um certo privilégio biológico em relação as mulheres, ou ainda que mulheres são destinadas ao parto e a maternidade. Segue com esse pensamento, para questionar a posição em que foi criada uma dicotomia que colocam homens e mulheres em posições quase antagônicas quando se referência por exemplo que homens são mais racionais e mulheres mais emotivas, o que parece ser uma armadilha e um equívoco que estão presentes nas relações de poder nesse contexto evidenciado principalmente através do patriarcado estabelecido na sociedade (FÁVERO, 2010).

Assim, essas diferenças construídas na cultura e sociedade entre masculino e feminino revelam facetas que devem ser refletidas à luz de algumas disciplinas como a Psicologia, que é a área de interesse maior da autora e na qual vai direcionar uma maior atenção em suas colocações, a de que por exemplo estabelecer uma Psicologia do gênero. Se a cultura e a sociedade têm afetado práticas sociais, ela também pode estar relacionada a formas de expressão das afetividades e das emoções, e nesse contexto a construção das diferenças sociais aparecem fortemente evidenciadas, não só na divisão social do trabalho, nas práticas políticas, mas também aparecem nos aspectos intersubjetivos, como homens e mulheres são representados quando se fala em emoções, afetos etc. Para Fávero (2010) é o aspecto que deve ser mais central, as emoções e subjetividades que foram socioculturamente construídas nessa polaridade.

Uma das críticas de Fávero (2010) também é que essa dicotomia homem-mulher, masculino-feminino acaba por considerar desembocar em algumas formas de violência, de estereótipos, de normatizações, como a heterossexualidade por exemplo. A autora traz inúmeras consequências ou questões que podem estar relacionadas a essa construção dicotômica estabelecida socialmente e culturalmente. Mas o que fazer diante disso? Fávero (2010) lança uma luz de esperança a esse cenário: é que se esses aspectos relacionados a dicotomia masculino e feminino foram criados, eles também podem passar por mudanças, "se há construção é possível reconstruir" (p. 24).

Uma grande contribuição da ideia de gênero como uma construção social foi acesa sem dúvida pelos estudos que culminaram no que se chama de Teoria *Queer*, que surgiu nos Estados Unidos nos anos da década de 80, com as produções iniciais de Tereza de Lauretisque apresentava uma nova proposta teórica, diferente aos estudos gays e lésbicos existentes na época, nos quais consideravam essas identidades sexuais como fixas, estáticas e que eram muitas vezes vistas como uma pauta de patologia e encaixes de discursos distanciados das vivências (MISKOLCI, 2009).

A Teoria *Queer* ganhou muitos representantes que repensaram os determinismos associados principalmente a dominação masculina, ao patriarcado e as formas que legitimavam diferenças atreladas ao sexo, biologicamente definido e que em si definia todo um arcabouço de opressão, de encaixes, de regras sociais que desfavoreciam qualquer manifestação que rompesse com essa concepção hegemônica até então, e que mostra uma luta por apresentar formas dissidentes, fora dos encaixes dicotômicos e binaristas, a própria

palavra que dá nome a essa teoria vem exatamente relacionar o diferente, vem ressaltar os escapes e rupturas de convenções.

Para Louro (2004), o termo *queer* se apresenta como algo que coloca em movimento padrões e se desenha como subversivo, a autora relaciona um significado que pode ir muito além de uma teoria apenas, mas se destina a rupturas nas práticas sociais, como podemos ver neste fragmento:

> Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis e *drags.* É o excêntrico que não deseja ser "integrado" e muito menos "tolerado". Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do "entre lugares, do indecidível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2004, p. 7-8).

Louro (2004) relaciona que um dos principais legados desse movimento teórico é questionar a heterossexualidade compulsória, por em cheque essas normas e padrões, reconhecer os movimentos subversivos desses "corpos estranhos", um questionamento a partir do que é considerado diferente, estranho, à margem. Como vimos, a autora joga à baila as contradições que o *quer* exerce, ao mesmo tempo que incomoda também causa fascínio. Sem dúvida, a teoria *queer* contribui de forma muito efetiva a questionar o que é dado, o que é dito e nos direciona a abarcar as questões de gênero como construídas e, portanto, desconstruídas.

Muito desse movimento teórico se deve a efervescência das lutas Feministas, a Revolução Sexual e os estudos de Michel Foucault que contribuíram para mudanças de paradigmas nas estruturas de gênero e sexo nas sociedades ocidentais. Aqui não iremos nos aprofundar em tais questões, mas fazer breves considerações de como elas foram importantes para dispensar a concepção de gênero atrelada às práticas sociais, o que direciona a pensar que gênero não é uma categoria estática, mas reflexiva e contextualizada com a sociedade e suas transformações, o que certamente pode ser relacionada ao desenvolvimento de uma perspectiva teórica *queer*.

Para sinalizar as contribuições feministas, vamos nos remeter aos pensamentos da historiadora Joan Scott, que percebeu em seus estudos que a ligação sexo-gênero deve apresentar uma visão crítica e implicada nas relações sociais que são marcadas por uma concepção hierarquizada predominantemente nos modos de produção, da política, da organização social que possibilitou a consolidação do patriarcado nas sociedades ocidentais. Portanto, não vamos discorrer profundamente as ideias feministas que provocaram tais questionamentos e nem seus diversos desdobramentos, apenas reforçar a ideia sustentada de

que ao associar dicotomicamente feminino e masculino, vamos inscrever um conjunto de representações construídas e porque não (des)construídas um percurso sócio-histórico, marcados fortemente por relações de poder.

Em relação a ideia de uma construção de gênero que rompe com o binômio sexo/gênero no sentido que se provoca as relações que o diferenciaram homens e mulheres ao longo da história nas civilizações se deve muito aos estudos feministas, podemos encontrar em Scott (1995) uma evidência do gênero como categoria analítica da vida social, que coloca o gênero como elemento para uma análise da política, das relações sociais entre os sexos, do governo, da construção e distribuição do poder, o que faz presente nas relações sociais e institucionais. Dessa forma, temos que "o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos" e "uma forma primária de dar significado às relações de poder" (SCOTT ,1995, p. 86).

Nesse sentido, encontramos em Scott (1995), sobre a concepção de gênero relaciona ao que a autora enfatiza como "construções culturais", o que aqui lemos enquanto uma construção social ou como preferimos (des)construção social, assim temos em um trecho do seu escrito que:

> "Gênero" é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. (SCOTT, 1995).

Como vimos, um grande pensador que vai contribuir com essa concepção de gênero é Michel Foucault, a partir de suas análises sobre poder e sexualidade, abriu-se uma forma de pensar questionadora e que balançou as estruturas rígidas e estáveis, para se ver a partir dos discursos socialmente constitutivos que desenham modos de ser da sociedade em seus recortes históricos e sociais. Em sua extensa e densa biografia, Foucault abordou muitos assuntos que pulverizou os vários campos de conhecimento, e foi alicerce para pensar principalmente a sociedade contemporânea.

Para este estudo será importante acessar as suas contribuições no campo de questionar a sexualidade e as relações de poder, para além das instituições, mas nas esferas mais privativas ou como vai denominar nas microfísicas do poder, que passa pelas disciplinas dos corpos e por que não também dizer dos gêneros. Nessa seção, vamos pincelar o que autor pode ter contribuído para a forma de pensar *queer*, ou ainda de modo mais específico como contribuiu para reforçar o gênero como categoria que pode ser vista nas engrenagens de poder e sexualidade na sociedade.

Quando falamos na construção social do gênero para uma leitura em foucaultiana, pode ser destacado que ela está relacionada a dispositivos de poder que foram historicamente marcados e que pode ter gerado repressões, opressões e julgamentos que permearam as relações dos sujeitos com as diversas formas de manifestações das sexualidades dentro de uma estrutura marcada pelo poder, de forma evidenciada no cotidiano, nas relações sociais, nas sutilezas vivenciadas no dia a dia. Como podemos observar:

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve−se considerá−lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 1979, p. 08).

Dessa forma, as diferenças impostas socialmente entre "homens" e "mulheres" que foram culturalmente impostas tem uma ligação muito forte com mecanismos de poder que impera em discursos implícitos nas relações sociais e que exercem imperativos de dominação e subordinação e que influenciam o que foi hegemonicamente colocado como padrão, como por exemplo a heterossexualidade, ou a supremacia do patriarcado.

Temos ainda em Foucault (1999) relacionando a sexualidade, o sexo numa perspectiva de poder que atravessou a história, principalmente por discursos religiosos, médicos, econômicos e políticos, historicamente sofrem influência dos discursos e consequente, das relações de poder, Foucault menciona que:

> Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. Todos esses elementos negativos — proibições, recusas, censuras, negações — que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso. (FOUCALT, p. 17, 1999).

Outro fator que consideramos importante para a visão de gênero proposta nesta seção e que se encontra nas bases da chamada teoria *queer* é o contexto propiciado pela chamada Revolução Sexual, ocorrida principalmente na década de 60, mas que foi um movimento com ramificações em diversas áreas do conhecimento que a desencadeou em um cenário de pós-guerra. Assim, a denominada Revolução Sexual sofreu algumas influências por exemplo da Psicanálise, mas que o seu marco foram os relatórios desenvolvidos por Alfred Charles Kinsey (1894-1956) sobre o comportamento sexual de homens e mulheres, nos quais considera que "que todos os comportamentos sexuais considerados anômalos são na verdade

normais, e, ao mesmo tempo, afirmou que ser exclusivamente heterossexual é anormal: é fruto de inibições culturais e de condicionamentos sociais, contrários à natureza do homem" (SANT'ANA, 2016,p.05)

Sant'Ana (2016) reflete sobre os desdobramentos e críticas aos estudos apontados nos relatórios Kinsey, e considera a importância de dois teóricos que ampliaram ainda mais a visão sobre sexualidade apontada pelo biólogo, marcando ainda mais esse período de transformações. Assim, a sexualidade transitou de uma concepção essencialista para uma concepção construtivista social. Três estudiosos são citados por Sant'Ana (2016) para elucidar o campo da sexualidade desvinculada com alguma energia inata ou biológica, Foucault (já mencionado anteriormente), pelo sociólogo John H. Gagnon e seu companheiro de pesquisa William Simon. Sant'Ana (2016) menciona que um marco dessa visão construtivista foi a obra Sexual Conduct (1973) em que Gagnon e Simon lançam as bases para uma interpretação social das raízes do desejo sexual dos seres humanos. Eles desconstroem a ideia de que desejo sexual possui de fato um determinismo biológico" (SANT'ANA, 2016, p.05).

Certamente, os anos de 60 e 70 foram marcantes para uma nova forma de vivência da sexualidade, com as ideias desses autores e estudiosos, vimos que a sociedade dessa época foi pensada para que as pessoas tivessem uma maior liberdade e consciência das manifestações sexuais, mas sobretudo esses questionamentos apontam que a Revolução Sexual também foi percebida pelas transformações na cultura e sociedade, pelos aparatos tecnológicos e outros aspectos da sociedade do século XX.

Qual, portanto, seria o significado de pensar gênero como uma categoria socialmente construída, ou como preferimos ressaltar: (des)construída? As respostas possíveis para tais indagações, como já pinceladas no início dessa seção as colocam na posição de reivindicar principalmente que não há uma linearidade cartesiana que assegura um enquadramento de papeis sociais, de expressões identitárias ou de comportamentos que relativam a experiência do gênero associado imediatamente ao sexo e este imediatamente a genitália, ou ainda a algum tipo de determinismo binário biológico, fisiológico anatômico.

Como mencionado anteriormente, É a partir desses questionamentos provocados por autoras feministas e *queer* que se traz uma reflexão de como os papeis sexuais e as diferenciações que assumiram no percurso constitutivo nas diversas civilizações que se percebe claramente que essas diferenças não são alocadas em uma esfera puramente biológica, e nem podemos atrelar como algo dado e acabado, há muitas conexões e

interferências no universo dicotômico homem-mulher, como vamos dialogar em sessões posteriores.

Romper com essas naturalizações preestabelecidas é entrar em conformidade com as questões trazidas a exemplo pela historiadora Joan Scott, que percebeu em seus estudos que a ligação sexo-gênero deve apresentar uma visão crítica e implicada nas relações sociais que são marcadas por uma concepção hierarquizada predominantemente nos modos de produção, da política, da organização social que possibilitou a consolidação do patriarcado nas sociedades ocidentais. Aqui não vamos discorrer profundamente as ideias feministas que provocaram tais questionamentos e nem seus diversos desdobramentos, apenas reforçar a ideia sustentada de que ao associar dicotomicamente feminino e masculino, vamos inscrever um conjunto de representações construídas e porque não (des)construídas um percurso sócio-históricos, marcados fortemente por relações de poder.

Encontramos em Judith Butler uma voz que assume muito essas reflexões queer. A partir da trajetória breve aqui relacionada, Butler (2003) converge uma representação do gênero como categoria de análise, o gênero como construção social e as relações de poder percebidas nessa construção. Assim, a autora passa a visualizar a teoria *queer*, como uma teoria de reivindicação e resistência do que seja diferente às normas e padrões, e traça críticas de como se foi construindo os gêneros na sociedade, para propor o que consideramos aqui: uma desconstrução.

Para a autora, a concepção de gênero como uma construção, compreendida pelo tensionamento do binarismo e as relações de poder existentes nesse contexto desembocam em uma perspectiva de normalização do que seja masculino e feminino ao longo do desenvolvimento das sociedades. Butler (2003) chama atenção que os discursos socialmente construídos sobre os sujeitos na polaridade binarista de masculino e feminino são introjetados de tal forma nas práticas sociais que constituem como norma, como padrão, como naturalização, o que questiona a ideia simplista e do senso comum de uma fundamentação essencialista e naturalista do que seja gênero. Como podemos ver nesse trecho:

> Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros, nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso. (BUTLER, 2003, p. 194-195).

O que vimos, portanto, é que para Butler (2003) as características identitárias de masculino e feminino são consideradas construídas socialmente, ao ponto que são internalizadas e vivenciadas nos corpos, a partir dos discursos em que circulam. A forma

como as pessoas manifestam tais características de identificação entre os gêneros, é chamado pela autora de performatividade de gênero (que vai ser mais explorada na próxima seção).

Butler (2003) destaca que pela norma se estabelece padrões do que seja homem e mulher ditos "normais", mas considera que a expressão das performatividades de gênero é inacabada exatamente pela dificuldade de se corresponder a rigidez dos próprios padrões regulatórios construídos socialmente, pelos atos, gestos e corporeidades.

É nesses escapes, nos desencaixes que se constituem o que podemos considerar de performatividades que são dissidentes, como transexuais, travestis, homossexuais etc. São essas pessoas que ganham interesse ainda maior na chamada teoria *queer*, exatamente por estarem a margem dos padrões e normas que os discursos binaristas construíram.

Se há uma construção social dos gêneros, há de algum modo um movimento também de desconstrução. Essa desconstrução é romper com a rigidez e padrões que engessam as expressões da identidade, das várias possibilidades de se estabelecer nas mais variadas performances de gênero que se expande em uma vivência pós-binários, que viabiliza um espectro maior entre ser homem e ser mulher.

Dessa forma, compreende-se que a perspectiva aqui apresentada corrobora com as ideias dessas pessoas que se dedicaram a estudar gênero para além de quaisquer determinismos que o atrela a biologia, fisiologia, sexo etc. A ideia de gênero contemplada é mais aproximada de discursividades, de relações de poder, que pode ser refletida em várias áreas como política, economia, religião etc. Como a reflexão a seguir de Scott:

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as "construções sociais" – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1990. p. 7).

Portanto, o desencaixe entre gênero e sexo (sendo sexo aqui do ponto de vista que foi consolidado hegemonicamente como biológico) é o que norteia, é o que nos faz pensar que muito das características que foram socialmente assimiladas a homens e mulheres podem ser desconstruídas, exatamente por considerar que no campo das discursividades há possibilidades de mudanças, sendo evidenciadas nas práticas sociais. Assim, da mesma forma que as cores azuis e rosa serviram para marcar masculino e feminino, pode ser que não se referenciem mais, e isso se estende a outros signos ou significantes, como profissões, relacionamentos etc.

Voltando ao exemplo de Loah, caminhar no sentido de identificação neutra é desafiador, mas o trânsito entre performatividades de gênero que rompa com normas rígidas e prisionais pode não ser tão impossível se caso prospectar uma sociedade em transformações em suas práticas sociais e logo também discursivas que possibilite uma existências mais livre de determinismos binários entre homem e mulher, mas há uma advertência que haverá sempre armadilhas de novos encaixes, o que não pode limitar os movimentos e reinvenções de e nos gêneros.

Temos que a experiência de sexo-gênero é uma experiência que assume uma intrínseca relação, do ponto de vista da construção social ou cultural, para Butler (2010, p.25):

> Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado 'sexo' seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero se revela absolutamente nenhuma. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo.

Portanto a relação gênero-sexo está implicada em uma construção social e cultural que considera faces de uma moeda que gira em torno das forças de normas estabelecidas e carecem serem discutidas, desveladas para daí desconstruir e reinventar performatividades, que vai ser melhor visualizadas em uma corporeidade, como vamos ver adiante, sobre os corpos possíveis de construção e desconstrução. Interessante pensar que para Butler (2010, p.37) “o gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada”.

Desta forma se considera esse movimento contínuo quando se performa os gêneros, como expressão das transformações socioculturais apresentadas em uma sociedade marcada por intervenções seja política, econômica, climática, a cultura e sociedade estão em constante movimento, e as questões de gênero se alia a esses movimentos como resposta dessas construções e desconstruções. Dizer que gênero é uma (des)construção social e cultural é assinalar possíveis rupturas, escapes e reposição de papeis sociais atrelados a ele. Dizer que gênero é uma (des)construção social e cultural é assinalar transições e travessias, um não lugar fixo e imutável.

3.2 Corpos e performances: a questão do binarismo e suas rupturas

.

Quando pensamos em um corpo, quando imaginamos um corpo, qual a representação imagética vem a “nossa mente”? É um corpo masculino, é um corpo feminino, ou é um corpo

jovem, um corpo de uma criança, de um idoso? Que tipo de corpos estamos representando? É um corpo nu, ou como está vestido? É magro? É um corpo musculoso? São muitas as reflexões que cabem nesta indagação inicial.

Como vimos anteriormente, partimos de uma concepção de gênero enquanto categoria crítica, permeada por discursos e socialmente construído. Enquanto performatividade de gênero, como os corpos são performados? Vamos tentar compreender como os teóricos de inspiração *queer* fazem esses diálogos.

Considerando a existência de relações de poder, Preciado (2011) chama atenção para uma sexopolítica (tomando anotações dos estudos de Foucault em que se debruçou sobre a biopolítica), para refletir algumas considerações que incidem sobre as pessoas que vivem à margem de normas, os *queer* enquanto dissidentes. Assim, acrescenta que:

> O gênero não é o efeito de um sistema fechado de poder nem uma ideia que recai sobre a matéria passiva, mas o nome do conjunto de dispositivos sexopolíticos (da medicina à representação pornográfica, passando pelas instituições familiares) que serão o objeto de uma reapropriação pelas minorias sexuais (PRECIADO, 2011, p. 14).

Dessa forma, aparecem armadilhas que parecem tentar normatizar os ditos de um discurso de gênero que pode ser reproduzido ainda por grupos minoritários, enquanto identidades dissidentes do binarismo e da dicotomia homem-mulher. Esse discurso parece exercer marcações no campo da corporeidade, sendo reflexo dessa sexopolítica mencionada pelo autor, mas traz uma força que tenciona essa relação, provocando movimentos que desestabiliza, esses movimentos são provocados muito do que Preciado denomina de "multidão *queer*", como podemos evidenciar em suas palavras, quando menciona que:

> O corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação prostética dos gêneros. A sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais... As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se *queer*. (PRECIADO, 2011, p. 14).

Assim, Preciado (2011), reflete em alguns conceitos pós-estruturalistas, sendo influenciado pelo pensamento do filósofo Gilles Deleuze, quando este usa o termo "desterritorialização", o que o faz considerar que este esse processo de "desterritorialização" do corpo (dessa multidão *queer*), obriga a resistir aos processos do tornar-se "normal" (PRECIADO, 2011, p. 14). Dessa maneira, ao referir-se ao monstro sexual que se torna em multidão *queer*, Preciado considera que identidades de gênero dissidentes ou grupos

minoritários assumem uma importância ao serem percebidos em suas especificidades, como corpos que existem e estão presentes na sociedade.

Preciado (2011) chama atenção sobre a importância dos corpos dessa multidão *queer* em propor uma resistência e desviar de discursos tradicionais que passam pela medicina anatômica e até mesmo pela pornografia, sendo uma outra possibilidade de corpos, mas que de algum modo não estão para além dos gêneros já postos ou de um possível "terceiro sexo", sendo que esses corpos assumem uma reapropriação de discursos da sexopolítica para propor uma ruptura nos encaixes de normal ou desviantes. Desta forma:

> A política da multidão *queer* não repousa sobre uma identidade natural (homem/mulher) nem sobre uma definição pelas práticas (heterossexual/homossexual), mas sobre uma multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que os constroem como "normais" ou "anormais": são os *drag kings*, as *gouinesgarous*, as mulheres de barba, os transbichas sem paus, os deficientes ciborgues...O que está em jogo é como resistir ou como desviar das formas de subjetivação sexopolíticas. (PRECIADO, 2011, p.16)

Os movimentos e tensões que vivenciam os "corpos *queer*" (uma leitura nossa em alusão a multidão *queer*), tem sido importante para se pensar em rupturas dos binarismos rígidos que foi desenhando a sexopolítica, que colocou a prova as existências de novas possibilidades de corpos, admitindo-se homens com vagina e mulheres com pênis, por exemplo. Ainda esses movimentos e tensões provocados por uma desterritorialização dos corpos refletem uma reinvenção de corpos, o que Preciado denomina de "tecnologia dos corpos". Essa tecnologia dos corpos está muito relacionada ao conceito de performidade de gênero desenhado por Butler, o que é compreensível por estarem no bojo da chamada teoria *queer*.

Podemos até dizer que a Teoria *Queer* não nega as normas, ela questiona as normas, as naturalizações, e isso é ter também um outro olhar para os corpos *queer*, um lugar de posicionamento e manifestação identitária que vai desencaixar sexo e gênero, "corpo de homem ou um corpo de mulher. Dar visibilidade aos ditos "anormais", "monstros", ou qualquer outro adjetivo que venha carregado dos discursos produzidos por uma sexopolítica e reapropriar-se dela para legitimar exatamente esses corpos estranhos, *queer* em vários dispositivos de poder, como família, ciência e outras formas de conhecimento. Para Preciado

> A história dos movimentos político-sexuais pós-moneístas é a história dessa criação das condições de um exercício total de enunciação, a história de uma inversão da força performativa dos discursos e de uma reapropriação das tecnologias sexopolíticas de produção dos corpos dos "anormais" (PRECIADO, 2011, p. 17).

É necessário romper com o binarismo e a dicotomia homem-mulher para legitimar os corpos *queer*? Quem são mesmo os corpos que chamados de *queer*? Não vamos aqui aprofundar sobre "corpes não-binares", apenas alertar que pela performidade de gênero e tecnologia dos corpos é possível uma "trans-experiência" que possa existir ou "trans-existir" pelas arestas e rupturas que se construiu socialmente homens e mulheres, masculino e feminino. Ser um corpo *queer* é assumir que há uma desordem, há algo que "saiu pela culatra" das teias da normalização, mas ainda assim trazem consigo algum tipo de marcação identitária ou representação entre perspectivas masculinas ou femininas. Ser um corpo *queer* é assumir um encontro entre performatividade de gênero e tecnologias de corpos para trans-existir.

Consideramos que uma trans-experiência legítima dos corpos *queer* (ou poderia ser corpas *queer*) é o que há de mais vívido em construir e desconstruir gêneros e romper de uma vez por todas qualquer biologização que defina e possa inscrever sobre ser homem ou mulher. Transpor um corpo que historicamente foi marcado pela naturalização ou normalização, sem, portanto, desconsiderar que traz em si algumas armadilhas ainda de relações de poder e representações assumidas em uma composição de performatividade que se desenha nas linhas de encaixe e rupturas das cartografias que fazem parte de uma trans-experiência. Como Louro (2004, p. 7-8) vai considerar: "*queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina".

Dessa forma, um gay afeminado ao desfilar seus trejeitos, adereços e modos de fala, ou uma lésbica "sapatona caminhoneira" ao marchar firme e forte assumem ambiguidades que provocam desencaixes nas normas e naturalização, ao sabermos sobre a transexualidade ou travestilidade, pessoas, nas suas mais variadas especificidades, são corpos ou "corpas" *queer* (expressão usada por exemplo para travesti e transexuais femininas contrapondo a dominação linguística masculina) que ao linguajar popular "causam rebuliço" por onde passam. Esse "rebuliço"[16] é estabelecido em uma nova dimensão sexopolítica e sobretudo afirmam novas formas de ser homem ou mulher, ou nenhum desses casos. Os corpos *queer* são "corpos que importam".

A frase que encerra o parágrafo anterior é uma referência ao livro de Butler em que a autora expõe considerações oportunas para se pensar como os corpos *queer* vem assumindo

[16]Palavra que é utilizada para significar "agitação", "confusão", "desordem". Vimos que ela representa bem a questão do sentido do termo *queer* para designar um confronto com a estabilidade importa pelas normas sociais de gênero e sexualidade que foram historicamente constituídas.

uma posição nesta trans-experiência. Dessa forma, ao voltarmos para as indagações que abriram esta seção, os corpos de homens, corpos de mulheres, corpos de idosos e corpos de jovens são acompanhados de expectativas atravessadas pelas normas, o inesperado, o estranho, o desviante vai causar desconforto. Materializar corpos é um sentido visível das performances dos sujeitos, sejam eles em quaisquer gênero e sexo. Aqui vamos nos importar em especial aos corpos de homens trans, que serão vistos na próxima seção deste capítulo.

Butler (2002, p. 19-20) traz cinco questões sobre a materialidade dos corpos em relação ao gênero dentro de uma perspectiva *queer*, que pretende reconfigurar um sentido natural que explique ingenuamente como os gêneros se manifestam e se materializam nos "sujeitos". Temos que a primeira questão evocada pela autora é que a "reconsideração da matéria dos corpos como efeito de uma dinâmica de poder" que o torna "inseparável das normas regulatórias que regem sua materialização e seus efeitos sobre o corpo"; a segunda diz respeito "a compreensão da performatividadecomo aquele poder reiterativo do discurso de produzir os fenômenos que ele regula e impõe ; a terceira se refere a a "construção do "sexo", não mais como dado corporal sobre o qual se impõe artificialmente a construção de gênero, mas como norma cultural que rege a materialização dos corpos; em relação a quarta questão, temos que há "uma reconcepção do processo pelo qual um sujeito assume, se apropria, adota uma norma corporal, não como algo a que, a rigor, está sujeito, mas, antes, como uma evolução na qual o sujeito, o "eu" falante é formado em virtude de passar por esse processo de assumir um sexo" e na quinta e última, a autora relaciona que se apresenta "um vínculo desse processo de "assumir" um sexo com a questão da identificação e com os meios discursivos que o imperativo heterossexual usa para permitir certas identificações sexuais e excluir e repudiar outras".

Para Butler (2002, p. 20), os sujeitos que estão a margem, ou como ela pontua os que são denominados de abjetos, se encontram em zonas "inabitáveis" da vida social que são povoados por aqueles não fazem parte da hierarquia dos sujeitos, mas cuja condição de viver sobre os desígnos do "inviável", é aí onde habitam as formas de existir das pessoas trans, as formas dissidentes, que extrapolam a heterosexualidade compulsória. Os abjetos, esses habitantes dessas zonas de rupturas, zonas instaveis , que"constitui o limite que define o terreno do sujeito que o identifica contra o qual - e em virtude do qual - o terrenodo sujeito irá circunscrever sua própria reivindicação de autonomia e da vida" são impelidos por meio da tensão entre a exclusão e a abjção, uma força que produz uma internalização do sujeito que os repudiam.

Essa tensão que Butler (2002) relaciona pode ser encontrada em performatividades de gênero que assimila a materialidade aferida aos gêneros hegemonicos, um movimento que tenta internalizar os sujeitos (aqueles que se apresentam na perspectiva heterosexual) e sua exterioridade de modo que essas performatividades de gênero possam ser reconhecidas. A reflexão a esta consideração é oportuna a pensar como as relações de poder e a questão cultural inside tantos para os heteroseuxais , como para as formas de sexualidades "dissidentes", mas transexistir cabe romper com esse paradigma, cabe escapar pelas frechas de uma transexperiencia,

As performatividades são movimentos que direcionam para uma existência para além das hierarquias e sexualidades hegemônicas, mas Butlerconsidera que essas performatividades não escapam das normas, mas se movimentam para além delas. A autora reflete que essas performatividades são encontradas nas discursividades, recorre a visão da psicanálise lacaniana sobre a questão da linguagem, da gramática, do imperativo que inscreve nas performatividades, por consequente na materialidade do gênero /sexo, pelas normas impostas como reguladoras, sendo portanto que a performatividade"não é um ato singular", porque é sempre a reiteração de uma norma ou conjunto de regras e, na medida em que adquira a condição de ato no presente, esconde ou disfarça as convenções das quais é um repetição" (BUTLET, 2002,p. 34).

Temos que a performatividade é inscrita nos discursos, nas relações de poder que direciona os corpos, os sujeitos, sendo os corpos materialização de um gênero que foi autorizado a existir, romper com essa autoridade, pressupõe uma luta, uma luta que Preciado considerou como corpo *queer*, corpos políticos, corpos que relutam mesmo diante das normas que regulam, dos verbos que direciona os atos performativos, ato esse que Butler enfatiza que não pode ser singular, mas composto por algumas vozes, vozes essas que tentam legitimar os "corpos que importam". Temos em Butler que na formação da identidade do gênero os atos são performativos e relacionados por sinais corporais quanto por meios discursivos. O que faz então parecer que não existam gêneros verdadeiros e nem falsos, já que são produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável.

Butler (2010) vai considerar o conceito de performance, associado sobretudo às *drags queens* que performam o gênero, com efeito paródico de qualquer gênero. É nessa concepção que a performance se constitui uma realização na esfera individual, sendo referenciado no sentido coletivo como performativo, aplicada aos discursos que constrói os gêneros. A autora traz uma reflexão sobre o processo performático se confere ao interno/externo,

público/privado. Tal reflexão ganha uma interface na questão identitária, permeada pelos aspectos físicos, psicológicos e ou sociais. Dessa forma considera que o gênero se constrói como um ato, um estilo corporal, já que não há uma essência que o defina anteriormente; sendo intencional e performativo, o gênero é, portanto, se estabelece como uma performance, uma "construção que oculta normalmente sua gênese" (BUTLER, 2010, p. 199).

Podemos conferir a performance de gênero como uma experiência intencional, um ato de existir, para além de designações biológicas, mas uma condição de performar masculinidades e ou feminilidades, competindo aos personagens sujeitos atributos socialmente referenciados aos gêneros identificados, podendo assim ser possível transitar em materialidade e simbolicamente, o que direciona os modos de exteriorização do gênero no contexto de como se apresentar ao mundo, às pessoas e a si mesmo.

Contudo, dentro das armadilhas de uma materialidade, de uma performance, de uma ressignificação do corpo, há um direcionamento do olhar do "Outro", esse "outro lacaniano" evocado por Butler (2002), que diz, que nomeia, que define, que estabelece uma relação de espelho, de reconhecimento, o que pode levar a performatividades limitadas na esfera do binarismo, o mesmo que pode aprisionar numa polaridade entre masculino e feminino, reproduzindo assim quase dogmaticamente características identitárias limítrofes e permeadas por interditos de poder.

Trazendo para o contexto da pesquisa aqui desenvolvida, em relação a performatividade de homens trans, no qual há materialidade dos corpos e gênero e sexo masculino, certamente trará questões relacionadas ao "ser homem" (como vamos ver na próxima seção) que referência a construção de uma identidade masculina pelo olhar do outro, da sociedade, da construção social e cultural do gênero. Ser um homem trans, performar uma identidade masculina, ou melhor "representar" essa masculinidade (vamos explorar melhor sobre isso na seção a seguir) é levar em conta esse movimento pendular de ruptura e encaixe, de pertencer e não pertencer, de reinventar um corpo que importa, ao passo que não podemos desconsiderar os imperativos de uma masculinidade construída até aqui, as performances vão acompanhando as transformações do gênero que são os atributos, as características que o caracterizam.

Butler (2002, p. 134)[17] reitera sobre as forças que imperam nas performatividades, as colocando em um lugar não tão livre em si, mas que:

[17]Tende-se a pensar que a sexualidade é algo construído ou determinado; pensar que se for construído, é em algum sentido livre, e se for determinado, é em algum sentido fixo. Essas oposições não descrevem a complexidade do que está em jogo em qualquer empreendimento, considerando as condições em que o sexo e a

> Hay una tendencia a pensar que lasexualidad es algo, o bienconstruido, o bien determinado; a pensar que si es construida, esenalgún sentido libre, y si está determinada, es enalgún sentido fija. Estas oposiciones no describenlacomplejidad de lo que estáenjuegoencualquieresfuerzo por considerar las condiciones emlas que se asumenel sexo y lasexualidad. La dimensión "performativa"delaconstrucción es precisamente lareiteraciónforzadade normas. En este sentido, no se trata solamente de que hayarestricciones a laperformatividad; antes bien, es necessário reconcebirlarestricción como lacondiciónmisma de laperformatividad. Laperformatividad no es ni libre juegoniautopresentaciónteatral; nipuedeasimilarsesencillamenteconlanoción de *perforomance*enel sentido de realización. Además, larestricción no necesariamenteesaquello que fijaunlímite a laperformatividad; La restricción es, antes bien, lo que impulsa y sostienelaperformatividad.

Assim, temos que ao performar o sujeito, ou "assujeitado"[18], pode ter uma escolha consciente de reinventar pra si um corpo apresentado ao mundo como lhe convém no sentido de pertencer ao sexo-gênero que se identifica, mesmo que essa performatividade seja restrita as normas do sexo-gênero identificado, mas sobretudo deve ser considerada as complexidades que estão inseridas nesse jogo, como encenar um personagem, o sujeito atribui as características que melhor achar que legitima a sua performance, na vida real, as pessoas escolhem para si um arcabouço que os coloca para o mundo exterior sua existência enquanto gênero-sexo.

Para Bento (2008) a performatividade de gênero encontra na transexualidade sua forma bem evidente, contrariando uma perspectiva patológica, um discurso médico, a autora vai relacionar exatamente uma transexperiência, uma transexualidade vivenciada como um confrontamento de determinismo biológico, fisiológico, social, para os corpos – sujeitos.

Vamos falar mais sobre transexualidade na seção a seguir, mas para refletir sobre corpos e performances, e como tentar uma fuga do binarismo, vamos trazer uma consideração da autora na qual pontua que "a transexualidade é uma das múltiplas expressões identitárias que emergiram como uma resposta inevitável a um sistema que organiza a vida social fundamentada na produção de sujeitos 'normais/anormais' e que localiza a verdade das identidades em estruturas corporais" (BENTO, 2008, p. 24-25).

---

sexualidade são assumidos. A dimensão "performativa" da construção é precisamente a reiteração forçada de normas. Nesse sentido, não se trata apenas de haver restrições à performatividade; em vez disso, é necessário reconhecer a restrição como a própria condição da performatividade, performatividade não é uma brincadeira livre ou uma auto-apresentação teatral, nem pode ser semelhante a ser simplesmente um conceito de performance no sentido de realização. Além disso, a restrição não é necessariamente o que estabelece um limite para a performatividade; em vez disso, a restrição é o que impulsiona e sustenta a performatividade (tradução nossa).

[18] Usamos aqui a palavra no sentido de refletir sobre as condições impostas, que atravessam as pessoas, e vai nos constituindo enquanto um sujeito no mundo, esse mundo tal como alguns teóricos e teóricas pós-estruturalistas advertem é um emaranhado de agenciamentos, modos de subjetivação que estão o tempo todo interagindo- considerações nossas

Para Bento (2008, p. 94, 95), sobre a questão das rupturas normativas que podem ocorrer nesta perspectiva da transexualidade em relação as performatividades de gênero, coloca que:

> As performances de gênero que reivindicam a inteligibilidade fora dos marcos natualizantes teriam o efeito de fazer proliferar diversas configurações de gênero, como camadas sobrepostas de ressignificação do masculino e do feminino, em um movimento contínuo de produção de metáforas que, simultaneamente, podem desestabilizar a identidade substantiva e privar as narrações naturalizadas da heterossexualidade do seu protagonismo central. Essas possibilidades, no entanto, se efetivam a partir da mediação entre as idealizações e as práticas concretas. Por essas idealizações, as "mulheres de verdade" são heterossexuais, desejam ser mães, são passivas e emocionalmente frágeis. Nessa perspectiva, não há possibilidade de articular as esferas constitutivas dos sujeitos fora desse roteiro. Os deslocamentos são vistos como problemas individuais, talvez. fruto de algum "distúrbio", como seria o caso dos/as transexuais.

Neste trecho, podemos perceber que Bento (2008) tece sobre a capacidade de transpor configurações hegemônicas de gênero-sexo, ressaltando as várias camadas que podem existir entre os polos masculino e feminino, o que desestabiliza as narrativas de naturalizações de sujeitos em homens e mulheres “de verdade”, do que se espera que sejam, os transexuais veem exatamente como uma ressignificação, ou como nomeia em seu estudo “uma reinvenção de um corpo”. Dessa forma, cabe uma mulher com pênis, um homem com vagina, uma mulher com pelos faciais, um homem com seios etc. Corpos que assinam uma transposição de alguma norma naturalizante, corpos que transpõe discursos médicos, apenas existem como existem os demais corpos-gêneros.

Sobre esses corpos-gêneros dissidentes, os quais começamos essa seção dando visibilidade enquanto corpos *queer*, que atravessa a existência, como política, pode ser ainda mais evidenciado enquanto o “manifesto contrassexual” de Preciado (2011), sendo que este autor (que é transexual masculino) traça uma reivindicação como tecnologia de corpos, o que encontra nas performances uma tentativa de ruptura, de legitimação e aceitação de si, independente de reconhecimento social, mas efetivar uma experiência de si, no corpo e gênero, sendo estes dispositivos tecnológicos, por assumirem artifícios de performances como hormônios, cirurgias, próteses, roupas etc.

O corpo *queer* é um corpo que utiliza de tecnologias para performar, podemos dizer assim e contrapor a tirania de um “cistema” patriarcal, capitalista e neoliberal. Preciado em seu “Hino ao Corpo” de 2020 faz uma reverência aos corpos dissidentes, fora das normas, fora de uma ditadura de produtividade, docilidade, heteronormatividade, fora de um corpo juvenil e perfeito, como encontramos nesse trecho de sua crônica:

> Nós amamos o corpo real, frágil e vulnerável, e não o corpo ideal e tirânico da norma. Nós amamos o corpo poético, porque a linguagem é só um dos órgãos abstratos do corpo vivo. E amamos o corpo com todas as suas dimensões orgânicas e inorgânicas. A linguagem e a tecnologia são órgãos coletivos e politizados. Como todos os outros órgãos do corpo, elas foram roubadas de nós. Nós não sabemos quase nada sobre o corpo vivo. Portanto, devemos amá-lo lá onde ele se exprime: em sua fragilidade trêmula.[19]

Como um homem trans, Preciado assinalou uma travessia enquanto corpo dissidente em suas crônicas ao jornal Liberacion, entre suas performances e corpo, tenta tecer uma ruptura com as normas binárias, é assim inspirador para os corpos *queer*, corpos trans pensarem com ele suas transexperiência. Consideramos uma definição do próprio Paul Preciado sobre si, sobre seu corpo trans, e que lançaremos considerações na próxima seção sobre os homens trans para refletir o lugar do corpo *queer*, corpo dissidente, corpo político e que subverte a medicina e as ciências psis, para um lugar de não patologização, mas de renascimento de si.

Não sou um homem, mas um homem trans. Como homem trans, desidentifico-me da masculinidade dominante e de sua definição normativa. Eu sou um contrabandista, minha história e minha consciência estão fora de sintonia com a ficção política masculina que é a minha hoje. Ao menos uma vez por dia, lembro na conversa com um interlocutor ou uma interlocutora que eu sou um homem trans, uma maneira de dizer sobre meu confronto com o sistema sexo-gênero. Nossos corpos trans são um ato de dissidência. Para mim, um homem trans faz parte da minoria das mulheres, porque, para mim, as mulheres não são uma natureza, mas uma minoria política. Minha cultura permanece a das mulheres, fui criada e educada na feminilidade. Eu sou um feminista. Não me esqueço disso. A cada vez que alguém me chama Paul, é um ato de cooperação que se torna um ato de resistência política. De certo modo, estou em uma recuperação ativa do que me foi radicalmente roubado: a alegria da infância. Desejo que cada um invente um novo manual para seu corpo, que saia da norma, que não se reconheça no espelho. [20]

Assim, temos que os corpos trans fazem parte de uma "hibridação" à norma hegemônica, devemos amar esse corpo dissidente, esse corpo trans que é mais do que uma

---

[19] Trecho de uma crônica de Paul Preciado publicada originalmente no jornal *Liberátion* em 22 de maio de 2020 e traduzida por Luiz Morano para Revista Observatório de Resistências Plurais em 02 de junho de 2020. Disponível em: https://resistaorp.blog/2020/06/02/hino-ao-corpo/. Acesso em: 14/05/2021.

[20] Entrevista de Paul Preciado a Célice Daumas, originalmente publicada no jornal Liberátion em 19 de março de 2019 e traduzida por Luiz Morano, publicada pela Revista Observatório de Resistências Plurais em 26 de março de 2019. Disponível em https://resistaorp.blog/2019/03/26/nossos-corpos-trans-sao-um-ato-de-dissidencia-do-sistema-sexo-genero/. Acesso em: 14/04/2021.

materialidade de gênero-sexo, é um "manifesto contrassexual" (PRECIADO, 2014) que visa desestabilizar o que foi até então construído em relação a marcadores binários, que dividem os sexos entre homem e mulher, esquecendo que existem pessoas para além dessas definições naturalista e simplistas. Aceitar essas performances, esses corpos, essas rupturas é mais do que garantir a vida dessas pessoas, mas é existir enquanto uma política de corpos contra os arranjos de poder que foram estabelecidos nessa dicotomia homem-mulher. É a "multidão *queer*" em sua mobilização, em seu ato de resistência, de subversão. Ainda que haja desafios, ainda que haja armadilhas, é preciso que essa multidão tenha voz, tenha uma visibilidade que provoque as estruturas que foram cristalizadas, enraizadas na constituição dos sujeitos.

Preciado (2014) reflete sobre a construção social, cultural ou psicológica do gênero, reposicionando essas considerações com foco no que ele denomina de tecnologias do corpo, sendo que a contrassexualidade tem como tarefa o estudo dos instrumentos e dos dispositivos sexuais, das relações de gênero e sexo que se estabelecem entre corpo e máquina/técnica, com a finalidade de desnaturalizar as noções tradicionais de sexo e de gênero. Portando considera que os corpos (gênero e sexo) se relacionam enquanto dispositivos inscritos em um sistema tecnológico e sociopolítico. Esse sistema abarca máquinas, produtos, instrumentos, redes, conexões, fluxos de energia e de informação, usos e desvios que incidem sobre o corpo, mas esse corpo não é somente receptáculo de todos os discursos e práticas de gênero que atuam nele, mas deve ser considerado como sua própria manifestação.

Ao reconsiderar os atos performativos de gênero de Butler (2002), Preciado(2014) relaciona que a contras sexualidade como tarefa de identificar os espaços errôneos e as falhas da estrutura social-discursiva, considerando a importância dos lugares ocupados pelos corpos dissidentes, como ele nomeia de bichas, caminhoneiras, sapatas, bichas etc. , ela vai se localizar para além da performatividade de gênero, chamando atenção para as transformações corporais, físicas e sexuais que as pessoas podem assumir, como forma de obter prazer, com uso de dildos, próteses, sendo corpos ativos em um processo tecnológico que se inscreve nos gêneros, não somente por convenções , mas cabe uma materialidade nesse sistema tecnológico e sociopolítico que compete aos "contrassexuais".

Refletimos nessa seção sobre as performances, corpos, rupturas ao modelo normativo binário e que aprisiona corpos, corpos estes vivos, *queer*, políticos, tecnológicos, em movimento para transexistir em seus espaços, em seus contextos. Adiante vamos nos direcionar a um desses corpos dissidentes, o corpo *queer* –político-tecnológico-discursivo dos

homens trans, sob a luz da transexualidade masculina e sobretudo refletir sobre os atravessamentos das masculinidades plurais na constituição desses homens trans.

3.3 Quem são os homens trans? considerações sobre transexualidade masculina

A campanha de dia dos pais de uma empresa de cosméticos brasileira em 2020 trouxe mais um debate em torno de Thammy Miranda, artista e homem trans, no vídeo apareceu ao lado de seu filho em cenas de amor e carinho que provocaram discursos de ódio nas redes sociais. Algumas pessoas questionavam sua paternidade, o chamaram de aberração, deslegitimando sua experiência em ser homem. Cabe aqui uma reflexão: será que os homens trans precisam ser legitimados pela cisgeneridade? É necessário, portanto, fazer algumas considerações sobre a transexualidade a partir da perspectiva dos FTM, transman, transexual masculino, transhomem, transexual masculino, termos referentes que aparecem na literatura em referência a transexualidade masculina como bem destaca o assistente social, professor, pesquisador e homem trans Guilherme Almeida (2012) em suas "novas matizes sobre a aquarela das masculinidades". Como o autor também preferimos denominar de homens trans, mas considerando as outras formas como similares ou equivalentes, o que demanda muito de como cada um gosta de se referir.

Antes mesmo de Thammy Miranda despontar como um dos grandes personagens quando assunto é transexualidade masculina, o psicólogo, escritor e militante- João Nery (nascimento-morte) já aparecia em sua transexperiência como luta, resistência e militância, o que deve ser sempre lembrado e enaltecido, utilizamos seu exemplo também na introdução deste trabalho para provocar um reflexão sobre as representações das masculinidades em homens trans. Nery sem dúvida se tornou uma grande referência quando o assunto se refere ao tema abordado, Almeida (2018) ressalta que ele representa " a primeira geração de homens trans brasileiros, que tem mais de 60 anos e da qual se sabe muito pouco" (ALMEIDA, 2018,p.210). O autor pontua que essa geração de homens trans da qual Nery representou foi marcada por grandes dificuldades, como intervenções corporais de forma clandestina, limitadas tecnologias biomédicas, falta de reconhecimento jurídico e maior invisibilidade nas discussões sobre gênero e sexualidade e em outros contextos da sociedade, destacando que tais transições se fizeram em pleno período de ditadura militar (ALMEIDA,2018).

Almeida (2018) considera que faz parte da segunda geração de homens trans, a qual vivenciaram um pouco mais de conquistas, como terem sua transição já em um processo mais

definido, ainda que inicial, são inseridos em um contexto de maior organização e mobilização dos movimentos LGTB's, advindo também do período político, tiveram mais acesso a informações sobre transexualidade, mastiveram muitos desafios, como menciona:

> Eles enfrentaram dificuldades para obter a retificação judicial de nome e sexo e reconhecimento público como homens transexuais, principalmente nos seus espaços de trabalho, comunitárias e familiares, sobretudo pela pouca visibilidade das questões trans durante sua juventude e parte da vida adulta. (ALMEIDA, 2018, p. 2010).

Almeida (2018) apresenta outras duas possíveis gerações que vieram depois dele. A terceira é caracterizada, segundo ele, por grandes avanços como a interação possibilitada com advento das redes sociais, que possibilitaram maior informações e partilhas entre homens trans, essa geração já acompanhou um processo de transição anterior e teve maior acesso a serviços transexualizador, estabeleceu diálogos com pautas como a inserção de homens trans nas universidades, questões como diversidade sexual entre os trans, não binarismo, parentalidade e outras. A geração a seguir, para Almeida (2018) é marcada pela grande quantidade de pessoas que se denominam homens trans, com suas especificidades como o não-binarismo por exemplo.

Mesmo que o autor se refere a essas gerações de forma arbitraria e não oficializada, o que o fez para enaltecer a importância de João Nery como representante precursor, quase como um ancestral comum aos que vieram depois dele. Ele sinaliza um percurso interessante dos homens trans no Brasil. Possa ser que já nos preparamos para uma outra geração, talvez uma extensão dessa última, sendo agregada mais diretos, reconhecimentos, visibilidades, militâncias, participação política, engajamento e cada vez mais sair da patologia ou disforia, para uma transexperiência, uma transexistência. Cada uma dessas gerações apresenta suas conquistas e desafios, e acabam construindo caminhos cada vez mais reflexivos para a pergunta: quem são os homens trans? Há algumas possibilidades para responder, ou tentar responder, mas serão sempre inacabadas, e para cada homem trans certamente haverá alguma definição que o coloque como protagonista para essa indagação.

Recorremos mais uma vez, e quantas forem necessárias as "matizes" propostas por Almeida (2012) na "aquarela das masculinidades" (sobre masculinidades vamos discorrer melhor na próxima seção) para refletir em possibilidades e considerações sobre transexualidade masculina, fazendo conexões que evocam nessa transexperiência. Desse modo, temos que cada processo de transição é como se acendesse uma cor dessa aquarela, com suas nuances, matizes que fazem homem trans vivenciar seu processo de forma única e

pessoal, mas é importante fazer considerações para estabelecer subsídio nas discussões sobre as representações das masculinidades em perfis de homens trans jovens no Instagram, o que se pretende neste trabalho.

Para Bento (2008, p. 19) “a transexualidade é um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gêneros no corpo” ou ainda “a experiência transexual” “quebra a causalidade entre sexo/gênero/desejo e desnuda os limites de um sistema binário assentado no corpo-sexuado” (BENTO, 2008, p.21). essas afirmações reforçam a transexualidade como uma prova que gêneros são para além das designações apreendidas no campo sexo-biológico, já debatido anteriormente aqui pelas teóricas queer e que sempre oportuno trilhar nesse caminho, sendo a experiência trans uma evidência muito clara dessa compreensão.

Bento (2008) traça um panorama histórico de como se constituiu as diferenças sexuais entre homens e mulheres, principalmente nos discursos científicos, que foram aprisionando o gênero ao corpo sexual. Esse percurso mostrado por Bento (2008) reposiciona as pessoas transexuais como ela destaca que “não é uma experiência identitária a-histórica, ao contrário, revela toda dor e dramaticidade os limites de uma ordem de gênero fundamentada na diferenciação sexual” (BENTO, 2008, p. 24).

Dessa forma, as pessoas transexuais não podem ser desconsideradas da história, como se elas não existissem, mas se deve refletir que a não visibilidade sinaliza o quanto foram colocadas à margem da sociedade em nome de normas e marcadores binários rígidos, assim, a experiência transexual tanto para homens como para mulheres acaba sendo uma reivindicação desse binarismo fundamentalista, quer seja pela ciência, pela medicina ou pela religião. Escapar das “armadilhas dos gêneros” é desafiador, para pessoas trans, romper com essa diferenciação sexual nos gêneros e nas relações de poder que estão inseridas nesse contexto é um caminho que tenta percorrer as teorias de gênero para uma prática social menos preocupada com definições do que seja “coisas de homem” ou “coisas de mulher” relacionado exclusivo ao corpo designado biologicamente, discussão está que foi realizada já em outra seção. Em Bento (2008, p.38) vimos que “esse processo de fuga do cárcere dos corpos-sexuados é marcado por dores, conflitos e medos”. É um cenário de ambiguidade, ambiguidade em relação a um desejo, a uma vontade e medo de viver assinados pela dissidência.

Dentro do contexto *queer*, a transexualidade pode ser entendida como já vimos anteriormente um encontro entre a materialidade do gênero-sexo com suas performances,

considerando também como uma manifestação contrassexual que evidencie os corpos *queer* em sua plena subversão de normas e discursividades hegemônicas que construíram os sujeitos em relação ao gênero e sexualidade. A transexualidade aparece, portanto como uma odisseia rumo a uma realização de si, um olhar para dentro e fora de forma mais coesa em sua identidade, desejos, afetos, comportamentos e o que mais constituir uma reinvenção de uma experiência de vida que ultrapasse os desígnios estabelecidos antes mesmo do nascimento, por convenções ingênuas e naturalizantes.

Subverter uma "ordem natural" dos gêneros-sexos é um caminho que muitas pessoas buscam, através de caminhos também subversivos ou mais recentemente pelas políticas públicas de saúde, que já dispõe de alguma forma de assistência , quer seja para o uso de hormônios ou cirurgias, mas ao escolher pela via da política pública, a pessoa transexual esbarra em um desafio de superar uma patologização ou incongruência fortemente identificada por um agente externo, quer seja psicólogo, psiquiatra ou médico, o que seria rejeitado por algumas teóricas e teóricos *queer*, como Bento.

Em Bento (2006) há uma proposta clara de desvincular a transexualidade do viés patológico e dos discursos da medicina, da psiquiatria, da psicologia e qualquer área disciplinar e colocá-la sob o olhar de dentro, a partir da própria experiência transexual. Para a autora, ao reinventar um corpo, ou seja, ao embarcar nessa odisseia da transexualidade, se pretende assumir uma própria autodesignação performática, aqui em sua amplitude, com as tecnologias do corpo-gênero. Dessa forma, uma invenção dos corpos pressupõe, portanto, uma sua reinvenção contínua, que procura compreender as performances dos sujeitos que não se conformam em e com seus corpos regidos pelas normas e designações naturalistas, mas que subvertem em suas práticas cotidianas e procuram adequar corpo, sexualidade e gênero, reinventando-os aos modos mais coesos com sua própria autodesignação performática.

Bento (2006) destaca que ao se reinventar um corpo, corpo esse trans, deve dar voz aos sujeitos que fazem essa travessia. É nessa perspectiva que Bento traça uma experiência transexual em seu estudo, enfatizando a performatividade dos gêneros como uma possível resposta para as indagações sobre a transexualidade. Ela considera que só por meio das vozes dos próprios transexuais podemos questionar a legitimidade das ciências médicas, biológicas e do universo "psi" que tentam chegar a um "transexual de verdade", como cópia patologizada e mal-acabada de seres heterossexuais completos e saudáveis. Bento percebe um conjunto de práticas e discursos que atuam sobre os corpos e almas dos transexuais, regulando-os, como "dispositivo da transexualidade", que coloca a pessoa transexual em um

ciclo de variadas intervenções externas para se estabelecer uma legitimação do que se inscreve no seu contexto de vida.

Sobre transexualidade, temos também uma consideração história em Graciano (2018) que traz um recorte da transexualidade como presente na humanidade, na qual sempre existiu registros históricos em várias culturas, umas associavam a transexualidade a divindades, heróis e em outras eram vistas de forma maligna. O que dimensiona que ela não é um fenômeno contemporâneo, uma invenção da sociedade "pós-moderna". Percebemos que na história da humanidade ela aprece em variados contextos, dependendo da cultura e dos agrupamentos sociais, atravessados pela religião e filosofia. Graciano (2018) atribui a marginalização e a rejeição como decorrente das relações de disciplina e poder que constitui as sociedades emergidas no ocidente, a partir da concepção foucaultiana.

O autor cita Foucault (1999) para destacar que as pessoas transexuais são marginalizadas, principalmente pela crença que as estigmatiza como anormais, devido à ideia de que o correto é atribuir gênero ao sexo biológico do nascimento, sendo assim, durante muito tempo, as pessoas transexuais eram entendidas como hermafroditas e consideradas como - criminosas, ou filhas do crime, já que sua disposição anatômica, seu próprio ser, embaraçava a lei que distinguia os sexos e prescrevia sua conjunção. Percebe-se que permeia sobre a transexualidade desde a antiguidade uma realidade de preconceito e exclusão (FOUCAULT, 1999, p. 39).

Graciano (2018) vai mencionar que ala está no paradigma das categorias identitárias associada ao gênero, o autor destaca que na identidade de gênero há elementos psicossociais que estão internalizados ao corpo do indivíduo, portanto a transexualidade é um exemplo dessa identidade, pois a pessoa transexual vai agir conforme o seu reconhecimento, sendo assim a mulher transexual ou homem, ao adotar nome, aparência e comportamento, devem ser tratados como se identificam ou se estabelece como reconhecimento de si, dessa maneira, ressalta-se que o fator determinante à identidade de gênero da pessoa transexual não é a cirurgia, mas como ela se reconhece (GRACIANO, p. 43, 2018).

Em relação a transexualidade masculina, a produção científica tem percebido mais recentemente um crescimento da temática nas pesquisas. Talvez esse crescimento se dê a partir de um contexto de lutas identitárias LGBTQIAP+, com recorte para o guarda-chuva trans, tecer, portanto, uma temática cada vez mais ampliada da "sopra de letrinhas" alinhado as preocupações sobre o papel das masculinidades na perspectiva do feminismo tem ressoado

nesta crescente onda de pesquisas sobre uma transexualidade masculina, que como vamos perceber, tem suas peculiaridades e desafios.

Alguns pesquisadores têm se destacado em relação a essas pesquisas que abordam a temática da transexualidade masculina, como Guilherme Almeida, Simone Ávila, Douglas Alves Graciano, Vieira Junior, Benjamin Braga Neves, Camilo Braz, Mirian Pilar Grossi e Alexandre Amorim. As pesquisas abordam desde a concepção sobre considerações do universo das transmasculinidades, passando pelas temáticas transversais como as políticas públicas e a esfera da visibilidade e reconhecimento dos homens trans, abordando também a recepção e interação das mídias sociais (o que nos interessa bastante para o presente estudo). Aqui não vamos descrever e fazer pontuações das produções por eles realizadas, apenas tomar algumas notas que cabem para refletir diante do recorte das transmasculinidades, considerando sua expansão e temas que as atravessam.

Ávila (2014) trouxe à baila a temática emergente das transmasculinidades em seu trabalho de doutorado, fazendo uma referência ao processo transexual masculino no Brasil contemporâneo que aponta as vivências dos homens trans em suas mais variadas nomenclaturas (como observadas no início da seção e que também são vistas no trabalho de Guilherme Almeida). A pesquisadora considera que desde de 2010 tem se visibilizado a questão dos transmaculinos no país, é portanto uma preocupação de refletir sobre a transmaculinidade como uma nova identidade social, associada a masculinidades contemporâneas e que luta pela despatologização e cada vez mais reconhecimento, a pesquisa transdisciplinar foi realizada com homens trans entre 18 a 50 anos, e apontou que não é possível existir um modelo único e universal de transmasculinidades, mas ela está inserida em um contexto de constantes movimentos em suas produções e vivências, são consideradas pertencente as masculinidades alternativas, por se apresentar como uma "masculinidade sem pênis" o que rompe com paradigmas hegemônicos que atrela ao masculino um exclusivo órgão sexual, no caso o pênis, essas transmasculinidades são vistas como contra hegemônicas, mesmo apresentando algumas características que são associadas historicamente às masculinidades, como dominação, subordinação e marginalização. Ainda sobre a transexualidade masculina, Ávila (2014, p. 213) conclui que:

> As transmasculinidades brasileiras são múltiplas e variadas, oscilando entre a masculinidade hegemônica e as masculinidades subordinadas e marginalizadas. As transmasculinidades são fortemente marcadas por tensões e contradições, que se refletem nas relações dos transhomens com outros transhomens, em uma relação por vezes hierárquica, com os homens, com as mulheres e com as equipes de saúde. A hierarquia a que me refiro diz respeito a um certo tipo de "escala", para definir quem é "mais" trans, a qual pude observar nas discussões de um grupo no *Facebook*.

> Parece ser “mais” trans quem já iniciou a transição, quem toma hormônios, quem fez mastectomia, quem tem uma aparência mais masculina.

A partir da tese de Ávila (2014) podemos tecer algumas considerações importantes, primeiro pela a notoriedade do tema ter sido abordado, o panorama traçado pela pesquisadora sobre os homens trans (e suas nomenclaturas que o referenciam na pesquisa) os colocam enquanto categoria reflexiva nos aspectos teóricos e vivenciais, enfatizando as questões plurais , os vários dispositivos em que aparecem e uma luta para romper com um discurso patológico, mas ao mesmo tempo procuram ser incluídos na assistência médica para realizar o processo transexualizador, o que de fato mostra tensões e contradições, outro fato a ser considerado é que por mais que se trazem uma masculinidade subversiva e dissidente, aspectos corporais, físicos e comportamentais são visto como uma busca de uma escala em que o identificam como mais “trans”, sendo que os que apresentam uma aparência “mais masculina” são postos em uma hierarquia maior, estas são algumas considerações importantes para se pensar encontradas Ávila (2014) em sobre transexualidade masculina.

Em outro estudo de Ávila (2014) com Grossi (2014), as autoras expõe a importância da inserção dos transexuais masculinos nos movimentos LGBTQIAP+ , que historicamente visibilizou uma maior participação de transexuais femininos e travestis em organizações sociais e militância, o que destacam que a partir de 2010 que se começa a perceber uma maior participação de homens trans em grupos ou coletivos de forma mais organizada (aqui fazemos um recorte para a importância de homens trans como João Nery na militância, mas considera que ainda não representava uma organização mais coletiva).

Ávila e Grossi (2010) destacam como um grande marco o surgimento da Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT) em 2012, na qual em seu processo utilizou-se de uma mobilização nas mídias sociais que pudessem abarcar uma maior participação de homens trans de todo país e a criação do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT) em 2013, que nasceu em uma demanda de coletividade dos homens trans e possuindo atividades semelhantes a ABHT. As autoras consideram que a inserção de homens trans em organizações coletivas se deve principalmente pela maior visibilidade nas mídias em relação aos processos de transição e que essa demanda foi se ampliando de modo as pautas específicas foram surgindo, mas ressaltam que há muitos desafios nessa participação dos homens trans nesses movimentos.

Atualmente, temos observado que a participação de homens trans nos movimentos sociais e políticos que abarcam a população LGBTQIAP+ tem aumentado consideravelmente

, principalmente se olharmos as manifestações em ações, eventos, e nas mídias sociais, sejam em páginas coletivas de organizações, sejam de forma individualizada, os homens trans tem cada vez mais ocupado uma voz nas discussões sobre os temas que os atravessam, e tem reivindicado de forma mais evidente sua representatividade em várias esferas da vida social e política.

Para Neves (2015), a transexualidade masculina aparece entrelaçada com o cuidado em saúde no panorama das masculinidades e relações de gênero, sendo que esta relação se manifesta como uma resistência a práticas que por muitas vezes tecem preconceito e marginalização que dificultam o acesso de homens trans a rede de saúde, sendo realizada pesquisa em vídeos-blogs de homens trans no *YouTube* para perceber essas relações, o que pode ser observada que os conteúdos produzidos por estes canais apontam que há uma tensão entre o saber médico e o que é produzido pelas vivências transmasculinas em relação ao processo transexualizador, além de se apresentarem como o "potencial destes diários virtuais na criação de uma rede social e de cuidado em saúde de homens trans e pessoas transmasculinas, além da produção de conhecimentos para o campo da saúde" (NEVES, 2015,p.101).

Braz (2017) relaciona a questão da transexualidade masculina à uma perspectiva antropológica em relação ao tempo, a espera e ao acesso aos serviços de saúde no processo de transição e acompanhamento mais geral, o cuidado com a saúde é visto como pauta em canais da internet, em que os próprios homens trans relatam suas narrativas nesse percurso. Braz (2017) reflete sobre algumas formas de temporalidades e sãs tensões, como o tempo dos sujeitos e o tempo protocolar, entre o tempo de cada um e o tempo institucional. Dessa forma, apresenta que no percurso da transexualidade masculina a espera pelo atendimento e acesso a saúde é uma das etapas, mas que muitos homens trans acabam trocando informações sobre o processo transexualizador em plataformas de vídeos na internet, como é o caso do *YouTube*. Destaca ainda que a expectativa de iniciar a transição é comparado a uma "segunda adolescência" e que considera que no processo da transexualidade masculina pode ser encontrado dois aspectos importantes: o" conjunto de expectativas heteronormativas e cisnormativas operam na construção de repertórios simbólicos a respeito da transexualidade" e a "a tensão entre os tempos oficiais/institucionais e o tempo vivido/subjetivo é, também, uma chave interpretativa central para analisar as transmasculinidades.

De fato, ao perceber a transexualidade masculina pelos próprios homens trans, vamos encontrá-la como um percurso de vida, que traz ansiedade, angustias, alterações e

transformações próprios de um rito de passagem, de transição, de transformação. Ao considerar essa etapa mediado pelas políticas públicas de saúde, cabe destacar como os movimentos de reconhecimento, aceitação está conectado a um tempo do outro, esse outro institucional com as regras e burocracias. Essa expectativa de viver plenamente o gênero correspondente e que este escape de um sistema que privilegia a heterossexualidade e cisgeneridade. Destacamos como são importantes as redes de apoio, a coletividade, o fortalecimento das identidades trans que tem no espaço da internet uma arena propícia ao compartilhamento desse percurso de vida, o que reforça ainda mais a temática proposta neste estudo, tomando essa consideração, os trabalhos encontrados, quase em sua totalidade, destacam a importância da internet e das mídias sociais para as transmasculinidades contemporâneas.

Assim, encontramos também em Vieira Júnior (2018) discute sobre a recepção da transexualidade nas redes sociais, sendo encontrado pelo autor dois importantes discursos, os que deslegitima e os legitima as pessoas trans, sendo que os enunciados deslegitimadores são evidenciados pela exclusão, desumanização e distorção em relação a transexualidade, e mais especificamente aos transexuais masculinos, tem-se ainda em Amorim (2016) uma pesquisa sobre a percepção dos homens trans nas mídias sociais, como forma de visibilidade e reconhecimento, sobretudo nas narrativas vivenciais desses atores sociais inseridas nestas plataformas digitais. Em Graciano (2018) que ressalta que o papel do *Instagram* no processo de reconhecimento da transexualidade, sendo visível pelas mensagens imagéticas, o que possibilita uma representação discursiva relevante na transmissão identitária dos sujeitos trans.

Esses trabalhos apontam considerações importantes em relação a transexualidade masculina. Inicialmente pode ser destacado que ela historicamente foi menos visibilizada do que a transexualidade feminina e em relação a travestis. Os homens trans se mostram como uma categoria identitária mais recente e vem ganhando mais destaques em pesquisas e visibilidade. Outra consideração é uma luta para dar vozes aos homens trans, com suas narrativas sobre si e na resistência de um processo transexualizador cada vez mais distante de normas que o torna patológico e a margem de uma cisnormatividade. Destacamos também a importância da internet, que foi visivelmente presente, tanto como na construção de uma rede de apoio, como na produção de conteúdos sobre transmasculinidades, como também em reconhecimento, militância, visibilidade e fortalecimento da identidade dos homens trans.

Voltamos então a reflexão apresentada no início da seção sobre os homens trans e o processo de transexualidade masculina. Quando indagamos sobre a questão da legitimação dos homens trans na sociedade, é importante ressaltar que não partirá da cisnormatividade autorizar suas existências, cabe sim uma auto-identificação, um processo que se inicia em si mesmo para então espraiar em suas manifestações na sociedade. Quantos homens trans sobrevivem no anonimato e para eles não há nenhum mal nisso, mas sem dúvidas que a presença cada vez maior nos espaços públicos, nos equipamentos das políticas públicas, nos espaços de discussão política, nas artes, na militância, na mídia e onde eles quiserem. Não cabe a cisgeneridade e os discursos médicos historicamente construídos legitimar numa perspectiva patológica ou disfuncional, não cabe os ditos sobre, mas em relação as transexistência.

Dar sentido as transexistências por si só se legitima as várias experiências transmasculinas. Os homens trans são mais uma das cores do arco-íris identitário no campo dos gêneros e sexualidades, cores ressaltadas pelo azul e rosa da bandeira trans, não como cores que normatizam, como vimos em outra seção, mas que juntas e misturadas formam "novas matizes" nas masculinidades como menciona Guilherme Almeida. Os homens trans são bem mais do que lésbicas masculinizadas, sapatões, caminhoneiras, mulheres barbadas, homens com vaginas, são bem mais do que quaisquer definições, mas os homens trans são pessoas que ultrapassam os limites dos gênero-sexo-corpo, como reflete Paul Preciado, são corpos dissidentes que não pretende ter sempre seu reconhecimento no espelho que são os outros, mas desestabilizar qualquer norma que encaixe o que de fato é ser homem. Ser um homem trans é bem mais do que performar uma masculinidade, mas é ser uma nova forma de masculinidade que atravessa o corpo, a alma, as subjetividades e desemboca em novas formas identitárias.

Em Almeida (2012) encontramos quatro grupos de homens trans que os sinalizam dentro da "aquarela das masculinidades" e que podem nos fornecer como um parâmetro para refletir como estão nos dias atuais, o autor destaca que as divisões realizadas não são estáticas ou fixas, mas podem ser transitórias, mas o fez para agrupar características que demarcasse como os homens trans tem se estabelecido nos seus territórios vivenciais. Sendo assim, o primeiro grupo mencionado pelo pesquisador constitui de pessoas que optam em não desvincular totalmente dos aspectos "femininos", o que os faz permanecerem como mulheres em vários espaços sociais como família, trabalho, e apresentam atributos femininos como cabelo, roupas, mas que na intimidade fazem uso de acessórios e outros atributos masculinos,

inclusive nomes. Para o autor existem algumas razões para tal grupo de pessoas optarem por se manifestarem dessa forma, como fatores subjetivos que abarcam os medos e incertezas, também fatores mais objetivos ou sociais, como por exemplo em relação aos riscos das modificações corporais.

O segundo grupo mencionado por Almeida (2012) é composto por pessoas que não realizam procedimentos físicos e corporais que se vinculam a um processo transexualizador, mas se utilizam de outros recursos para se performar como homens, como uso de roupas, acessórios, cortes de cabelo e geralmente realizam atividades laborais associadas ao "universo masculino", sendo referenciados ao gênero masculino e demonstram estarem satisfeito dessa forma. O próximo grupo apresentado pelo pesquisador encontra-as os que não pretendem se prender a um universo masculino ou feminino, são pessoas que lutam por um rompimento de demarcações rígidas entre os gêneros, assim fazem uso de hormônios, mas nem sempre optam por cirurgias, performam uma "ideologia igualitária" e inspirados em teóricos como Preciado (2011) e Butler (2002) que falam dessas fugas das normatizações binárias.

O último grupo apontado na pesquisa de Almeida (2012) se insere no contexto das modificações corporais pelo uso de hormônios e cirurgias, como também uso de próteses penianos e demais aparatos que os identificam os identificam como masculinos, o que reflete também em termos jurídicos e legais e que segundo o pesquisar estão cada vez mais presentes na sociedade, e que imprimem uma representação bem evidenciada do que sejam os homens trans para Almeida (2012).

Almeida (2012) ao revisitar a "aquarela das masculinidades" para anunciar que os homens trans vazaram da "caixa de pandora" em suas transmasculinidades, reflete uma preocupação que emergiu do seu estudo de 2012, que é sobre como esses homens trans tem performado as suas transmasculinidades, se eles têm a tido como receptiva aos modelos tradicionais e hegemônicos, como vivenciam em seus espaços as relações de gênero que o acompanham. Para o pesquisador, nos tempos mais atuais, ao pensar na aquarela, a percebe como uma complexidade ainda maior do que a de 2012. Almeida (2019) comemora o avanço das pesquisas sobre transmasculinidades e pontua que as questões mais atuais trazem um contexto implicado em múltiplas conexões. Destaca em relação aos homens trans, pode ser visto uma grande variedade de manifestações encontradas tanto nos modos de ser, como também em suas sexualidades, admitindo homens trans bissexuais, gays, não binários etc. O pesquisador traz uma reflexão sobre o desafio de ser homem trans nos dias atuais, haja vista, a ascensão do conservadorismo do atual contexto brasileiro, sendo que "cada vez que um

homem trans diz “eu sou homem” joga luz na dimensão burlesca, sobretudo no que o pensamento conservador considera natural e fundamento do imenso poder investido na categoria homem” (ALMEIDA, 2019, p.35).

Em Amorim (2016) encontramos uma pesquisa sobre a percepção dos homens trans nas mídias sociais, como forma de visibilidade e reconhecimento, sobretudo nas narrativas vivenciais desses atores sociais inseridas nestas plataformas digitais que os coloca como pauta contemporânea e luta para resistência, ter seu reconhecimento nos espaços da mídia social como palco para mostrar sua transexperiência. Assim, os homens trans ganham cada vez mais espaço e visibilidade, mas cabe enfatizar que não buscam uma legitimação pelo “cistema”, mas ao se mostrarem, acabam também construindo mais uma rede de apoio e referência. Ao passo que se mostram, que colocam sob os olhares dos outros, também são vítimas de vozes que discursam ódios, preconceitos, e tentam desconsiderá-los, mas sobretudo, ao postarem, ao exporem aparecerem, eles agem como corpos *queer* políticos na multidão, como pontua Preciado (2011).

Vimos, portanto, que os homens trans, assim como qualquer outro homem está imerso na grande pluralidade do que “ser homem” na contemporaneidade, abarcando a diversidade sexual, as novas formas de trabalho, as novas formas de relação entre os gêneros etc. É o que pretendemos apontar na próxima seção deste estudo, adentrar em novas aquarelas e descobrir novas matizes, novas cores que celebrem as masculinidades contemporâneas.

3.4 Masculinidades plurais e perspectivas contemporâneas do “ser homem”

Algumas indagações aparecem quando se reflete como se constituiu as representações do que é ser homem na sociedade ocidental atual. Qual caminho levou a construção social do masculino? Quais as relações entre poder, representação e identidade estão envolvidas nessa leitura ou discursividades que se construiu sobre o universo masculino? Essas e outras perguntas acabam surgindo quando se pretende adentrar em um estudo sobre representações das masculinidades, em especial as masculinidades em homens trans jovens.

Em seu texto *Homem que é homem* (2000) do escritor Luis Fernando Veríssimo, aparecem várias situações em que o autor contextualiza normas e representações que foram popularmente desenhando a imagem masculina:

Homem que é Homem não usa camiseta sem manga, a não ser para jogar basquete. Homem que é Homem não gosta de canapés, de cebolinhas em conserva ou de qualquer outra coisa

que leve menos de 30 segundos para mastigar e engolir. Homem que é Homem não come suflê. Homem que é Homem não deixa sua mulher mostrar a bunda para ninguém, nem em baile de carnaval. Homem que é Homem não mostra a sua bunda para ninguém. Só no vestiário, para outros homens, e assim mesmo, se olhar por mais de 30 segundos, dá briga.[21]

Talvez se o escritor o reescrevesse hoje, certamente algumas dessas e outras afirmações teriam que ser revistas, o" homem que é homem" cada vez mais tem se permitido fazer coisas que extrapolam o seu papel que foi construído ao longo do tempo e permeado o que hoje se admite como masculinidades, o que nos faz pensar que não existe uma única categoria de homem, uma forma exclusiva de vivenciar o exercício do masculino, ou como preferimos o exercício das masculinidades.

Como vimos no parágrafo anterior, aqui falamos em masculinidades (no plural), por entender nas leituras realizadas e nas vivências, que não se admite atualmente um único modelo, ou uma masculinidade que seja estática no tempo e espaço, que paira sobre as sociedades e cultura. Falar em masculinidades como ampliação desse universo masculino é afrontar um panteão em que foi colocado, é fazer um movimento de padrões, normas que atravessam um binarismo cruel que foi socialmente e culturalmente consolidado uma primazia do homem em relação a mulher, isto em vários campos, desde da religião, artes, literatura e ciência. Ou ainda as normas que inseriram os homens em um universo de agressividade, violência, embotamento afetivo, competitividade que muitas vezes o aprisiona.

Ao adentrar no cenário das masculinidades plurais é importante refletir algumas questões que fazem parte dessa "aquarela", como algumas que já colocamos no início desta seção. Tentar respondê-las de modo breve não seria uma tarefa tão simples, o que vamos discorrer aqui são apanhados teóricos que nos ajudam a construir um pensamento da pluralidade da categoria e refletir sobre o homem atual que nos é apresentado ou melhor dizendo o que seja o "ser homem" para a contemporaneidade.

Bento(2015) com seu célebre trabalho "*Homem não tece a dor:* queixas e perplexidades masculinas" sem dúvidas foi uma das grandes contribuições para pensar sobre tema das masculinidades no Brasil. Nele a autora reflete que ao estudar sobre masculinidades, devemos ter uma compreensão sobre "os processos sociais de construção ,relacionando-os a contextos sociais determinados" (BENTO, 2015,p.81), ou seja, os "estudos sobre os homens

[21]Crônica encontrada originalmente na Coletânea de LFV, as mentiras que os homens contam, da Editora Objetiva/2000. Disponível também em: http://seguinte.inf.br/noticias/3--neuronio/491_Homem-que-e-homem-%7C-Luis-Fernando-Verissimo. Acesso em: 24/05/2021.

tentam compreender os mecanismos sociais por meio dos quais estes estruturam suas práticas, pensando-as relacionalmente" (BENTO,2015,p.83). Bento (2015, p.82) destaca ainda que "os primeiros estudos sobre masculinidade datem da década de 1970, só na segunda metade da década de 80 estes começam a se constituir de forma mais sistemática e consistente". A autora considera que:

> As etnografias possibilitam concluir que a masculinidade, sua definição e o processo de constituição variam de sociedade para sociedade. O que é incentivado em determinadas sociedades pode ser repudiado em outras. Os estudos sobre homens tentam demonstrar que a multiplicidade de masculinidade também pode ser observada no mesmo contexto social. Pode-se chegar a tal conclusão ao se fazer um exame mais aproximado, com o foco de análise mais fechado, e a partir do cruzamento da variável gênero com classes sociais, raça/ etnia e geração. (BENTO,2015, p.86).

De fato, devemos perceber que qualquer pretensão de abordar o tema das masculinidades como plurais, é notável que se pontue a dinamicidade, complexidade e interseccionalidade que o tema abarca. Olhar os homens em seus contextos e adentrar nas especificidades nos ajuda a chegarmos ao ponto de visualizar uma possível masculinidade contemporânea, destacando o seu percurso de construção e as variadas constituições que se mostraram ao longo do tempo e espaço. Importante destacar que se deve muito ao campo dos estudos feministas, de gênero, pós-estruturalistas ao adentrar na perspectiva das masculinidades. Outro ponto de destaque é que ao apontar as masculinidades em suas mais variadas categorias, se percebe o quanto é desafiador e o quanto se conecta na própria análise das sociedades, principalmente a nossa sociedade ocidental, latina e brasileira.

Bento(2015) traz algumas definições e considerações importantes para o estudo das masculinidades, a partir de teóricas do gênero com Joan Scott, Simone de Beauvoir, Elisabeth Badinter e Raewyn Connell, nas quais apontam para as relações de poder e construção social que envolvem os papeis sociais do gênero, em uma óptica que ainda contempla uma perspectiva principalmente binária, trazendo aspectos relacionados a consolidação do patriarcado e as invenções das diferenças sexuais entre homens e mulheres.

Assim, temos que Bento (2015, p. 83) ao se referir a Scott (1995) traz a questão que a autora feminista chama "nossa atenção para a necessidade de se formular perguntas que busquem compreender como as sociedades constroem as relações de gênero e como estas constroem as relações sociais" (algumas considerações sobre essa questão já foram mencionadas na primeira seção desse capítulo). Ainda, Bento (2015) reflete em Scott (1995), que a masculinidade seria na perspectiva da autora uma forma de manifestação de gênero em que estão presente nas relações estabelecida por homens inseridos em práticas sociais de

modo que estas não são consideradas únicas e fixas, mas que fazem parte de um conjunto de práticas estabelecidas nas relações de gênero e que são percebidas na sociedade.

Ao relacionar que existem mais de um tipo de masculinidade, e que esta se estabelece nas relações sociais que são constituídas no tempo e espaço, Bento (2015) faz uso da famosa colocação de Beauvoir na qual menciona que "ninguém nasce mulher, torna-se mulher", para considerar analogicamente que também ser afirmado no caso dos homens, já que "busca desconstruir uma definição assentada nos aspectos fixos, biológicos, de uma natureza masculina, seguindo uma tendência epistemológica no campo dos estudos de gênero" (BENTO, 2015, p. 85)

Vimos que Bento (2015) considera a masculinidade enquanto categoria atrelada ao gênero que se constituiu social e culturalmente, como já vimos anteriormente na primeira seção deste capítulo. Sendo então construída, as masculinidades congregam características que as define e as descrevem nesta relação, o que Bento (2015) encontra em Connell (1987) quatro concepções teóricas que podem definir as masculinidades para a autora:

> 1) A "essencialista": define masculinidade a partir dos atributos biológicos, ou seja, o fato de ter pênis; 2) A normativa: define masculinidade tomando como referência um padrão comportamental, um conjunto de atitudes e expectativas. Nessa concepção, é homem quem estrutura sua prática de acordo com este modelo; 3) Positivista: busca determinar a forma como os homens são, fazendo com que haja uma ênfase no fato observado. Trata homens e mulheres como blocos; 4) Semiótica: define masculinidade a partir de um sistema simbólico diferente nos quais masculinidade e feminilidade estão em contraste (passiva x ativo, subjetivo x objetivo). (2015, p. 84).

Ao vermos as definições nas mais variadas proposições teóricas propostas por Connell (1987) encontradas em Bento (2015), podemos observar que as perspectivas que definem o campo das masculinidades atravessam correntes ideológicas tensionadas nas relações de diferenças biológicas, normativas, semióticas e positivistas que partem de uma visão predominantemente dual, polarizada entre homem (masculino) e mulher (feminino). No que tange a definição biológica, há uma marcação em uma dimensão física e fisiológica, que centraliza o que seja masculino atrelada ao órgão sexual peniano, o que como vimos já foi superada pelos estudos de gênero e principalmente pela teoria *queer*. Ao que compete definir a categoria como norma, vai muito a encontro das relações de padrão, comportamento, encaixes sociais fixos que agrupam características aos gêneros e estabelece uma tabela de característica do que seja o masculino.

Em relação a perspectiva positivista, temos que se assemelha a anterior, sendo que os padrões estabelecidos encaram uma definição empírica do que seja homem e do que seja

mulher, colocando-os como blocos separados. A concepção semiótica, percebe a masculinidade no campo simbólico, o que compete as diferenças entre feminino e masculino em posições discursivas e em movimentos quase sempre antagônicos.

Ao lermos Connell (1987) em Bento (2015) percebemos como a autora é uma referência internacional no campo das masculinidades, foi ela que assinalou para os estudos das masculinidades que existem uma masculinidade hegemônica (vamos falar mais sobre ela adiante) e masculinidades subordinadas (vamos desmembrá-las em outros tipos adiante), sendo a primeira a que foi hierarquicamente constituída nas sociedades ocidentais e patriarcais. Desta forma, Bento (2015), ao se referir a masculinidade hegemônica em Connell (1987), afirma que está se relaciona à "capacidade de impor uma definição específica sobre outros tipos de masculinidade" (p. 87) ou ainda que ela "apresenta o homem no poder, com o poder e de poder" (p. 87). A masculinidade torna-se sinônimo de força, sucesso, capacidade, confiança, domínio, controle" (BENTO, 2015, p. 89). Esse modelo de masculinidade hegemônica promove a competição, as relações de poder marcadas por padrões quase inatingíveis a maioria dos homens, o que pode acarretar uma insegurança de não ser um "homem de verdade".

Em Bento (2015, p. 90), podemos relacionar que os estudos das masculinidades contemplam uma definição que abrange:

> Diversas histórias simultâneas: da busca individual do homem pela acumulação daqueles símbolos culturais que denotam masculinidade, que indicam que ele a alcançou efetivamente; daqueles padrões usados para se evitar que as mulheres incluam-se na vida pública e que sejam remetidas para uma esfera privada desvalorizada; do acesso diferenciado que os diferentes tipos de homens têm aos recursos culturais que conferem masculinidade e de como cada um desses grupos passa a desenvolver modificações próprias para preservar e reivindicar sua masculinidade. Trata-se do poder que estas definições por si só têm para a preservação do poder efetivo que o homem exerce sobre a mulher e que alguns homens exercem sobre outros homens.

Diante dessas colocações, ressaltamos que o estudo das masculinidades não é um estudo sobre homens, mas principalmente de como a categoria foi social e culturalmente associada a dominação do homem sobre a mulher e do homem sobre os outros homens, com algumas características que as tornas superiores a outras, havendo uma hierarquia de masculinidades, o que hoje em dia, se mostra cada vez mais movimentos que superem essa hierarquia de modo a considerar na pluralidade um efeito mas aceitável das masculinidades nas sociedades, que possam romper com estigmas, preconceitos, modos de produção etc.

Em relação “a dominação masculina” em que está compreendida uma masculinidade dita hegemônica, temos em Bourdieu (2002), que ela se instaura em uma construção que passa pelas relações de gênero e corporeidade, que mesmo de forma inconsciente ela aparece inscrita da forma como se consolidou uma hierarquia dos sexos. Dessa forma, o autor relaciona eu seu livro que tece sobre o tema, questões que estão na cerce da masculinidade dominante na história da ciência, classe social e nos demais níveis da sociedade, o que ele considera como *habitus*, que vai delinear em práticas que representa o universo masculino.

Bourdieu (2002), associa um ordem masculina evidenciada desde os primórdios, na qual inscreve nos corpos através de injunções e rituais de exclusão das mulheres, o que podemos perceber nos ritos de instituição do masculino que efetivam-se através de operações que marcam a diferenciação separação do mundo materno que é evidenciada principalmente na instauração da virilização, que é vista como negação da parte feminina no masculino, o autor cita aa circuncisão como um coroamento da construção do masculino.

Para o autor, a dominação masculina faz uma adequação da ordem simbólica do mundo social, sendo seus mecanismos efetivos de atuação através de uma submissão que legitima uma forma de violência que ele denomina de violência simbólica, que se apresenta como uma violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas e exercida pelas vias mais sutis de dominação, na qual podemos perceber que a as formas de dominação masculina estão referenciadas na teoria do poder simbólico que se exerce por uma via de mão dupla, à medida que os dominados aplicam aquilo que os domina esquemas que são produtos da dominação, fazendo de seus atos de conhecimento atos também de reconhecimento e dominação.

Esse poder simbólico que Bourdieu (2002) ressalta advém muito de uma visão cosmológica de mundo "androcêntrico", em que há um poder emanado de um falo-narcisista em que se apara as sociedades, aí claramente há uma contribuição dos pensamentos psicanalíticos. O autor ainda pontua que um dos efeitos da dominação simbólica não está na lógica pura das consciências, mas através de esquemas de ação, avaliação, percepção e ajustamento inconsciente de projetos às probabilidades, o que nos direciona a pensar que a dominação masculina está presente em um nível implicado em relações que vão além da superficialidade, mas que ganha uma amplidão maior ainda, por estar enraizada em práticas sociais historicamente hegemônicas. Esse poder atribuído ao falo resulta em uma visão de mundo que, estando organizada segundo a divisão em gêneros relacionais (masculino e

feminino), institui o falo como símbolo de virilidade, o que amplia o sentido do falo psicanalítico.

Essas considerações encontradas em Bourdieu (2002), nos faz compreender uma relação com o modelo de masculinidade proferida por Connell (1987) mencionadas por Bento (2015), um modelo baseado na hegemonia de dominância, superioridade, controle e poder que homens exercem sobre mulheres e outros homens, sobre ouras formas de masculinidades.

Bento (2015.p 200) salienta que sua pesquisa foi importante para "chamar a atenção para necessidade de a Sociologia incorporar o estudo sobre homens como um tema fundamental para o entendimento das relações de gênero no Brasil" e que seu estudo não pretende ser genérico, mas relacionado principalmente a masculinidade hegemônica. Amplia-se também para outras áreas e disciplinas essa incorporação, para que se tenha uma visão mais ampla do espectro das masculinidades e suas implicações nas práticas sociais, ou ainda a autora considera importante que "a desconstrução analítica da representação substantivada do "masculino" certamente terá que passar pela formulação de novos instrumentos conceituais". É essa desconstrução que acreditamos ser possível nas representações das masculinidades aqui investigadas em homens trans no contexto da rede social Instagram, haja visto, acreditarmos em uma mudança social das discursividades enquanto prática social que se efetiva na circulação de sentidos produzidos pelos sujeitos na mídia (vamos falar mais sobre isso no próximo capítulo).

Bento (2015) também pontua ser importante a realização de novas pesquisas, de maior escuta empírica sobre os homens, sobre as masculinidades e as conexões possíveis, é o que acabou acontecendo no país, com o crescimento em estudos que contemplam a temática, a qual ainda necessita de mais olhares que se debruçam sobre o desafio de estabelecer uma perspectiva crítica e reflexiva.

Ao estudar as produções audiovisuais, Zurian (2011) nos oferece um material para também refletirmos sobre as masculinidades no sentido das representações, que estão sendo evidenciadas na sociedade através do audiovisual, como parâmetro que nos ajuda a pensar as masculinidades presentes na sociedade latina e que possa influenciar as representações das masculinidades também aqui no Brasil. O autor relaciona que os estudos das masculinidades, a partir dos estudos sobre gênero quando direcionados as produções audiovisuais devem ser utilizados artifícios como a semiótica, estudos textuais, estruturalistas, históricos, é nesse contexto que ele lança suas considerações de como as masculinidades são representadas pelas imagens produzidas nesses dispositivos.

Zurian (2011) destaca que através da desconstrução da dominação do patriarcado realizado pelas lutas feministas, provocaram um vazio de identidade, uma lacuna sobre quais seriam os papeis sociais desempenhados pelos homens, e que nas uma indagação sobre como se estabelece as relações de gênero nessa nova sociedade marcada por conquistas mais igualitárias. Ele faz referência aos argumentos da estudiosa do gênero Teresa de Lauretis para considerar a relação de representação e gênero. Dessa forma aborda que "El género se construye em larepresentación de lasideas imperantes que señalan como debeactuardicho género. De ahíla máxima importancia de intervenirenlarepresentación, porque esaintervención libera el esquema normativo" (ZURIAN, 2011, p. 39)[22]

Zurian (2011) nos traz, portanto algumas das representações das masculinidades encontradas em seu estudo. Temos que de um modo geral no cinema a masculinidade hegemônica apareceu por muito tempo como presente nas produções, o que também está relacionado com a presença masculina nos roteiros, direções e atuações, ou seja há uma visível presença de uma representação em que "Hombres que transpiranvirilidadsin ambages, fríos, calculadores, fuertes, activos, con carácter15 y personalidad, siemprevencedores y triunfalesespecímenes de lamasculinidad universal que sabe ocupar suespacio de dominio no cuestionado e incuestionable"[23] (ZURIAN, 2011, p. 39).

Zurian (2011) sobre as representações das masculinidades menciona que na década de 80, apareceram personagens masculinos com um viés um pouco diferente, como o cuidado com a aparência física e esforçados para "dar prazer" às mulheres, na década de 90 a vaidade e a busca por status e poder podem ser vistos como evidenciados nos homens. Nos anos 2000, aparecem uma preocupação maior ainda com o corpo, músculos, moda e uso de maquiagem, sendo que os chamados "metrossexuais" são destaques nessas produções, que em termos mais contemporâneo deu lugar aos *Übersexual,* que foram uma junção dos metrossexuais e o que o autor denomina de "*BoBos,* contracción de «burgués» (*bourgeois*) y «bohemio» (*bohemian*)" (ZURIAN, 2011, p. 39), que estão relacionados a homens de classe alta e com posição de destaque na sociedade. Ele também ressalta que aparecem os homens que se vestem e se maquiam com aspectos relacionados comumente ao universo feminino e com posições mais abertas, com participação em eventos culturais, suas preocupações com o corpo etc. O autor

[22]O gênero é construído a partir da representação de ideias predominantes que indicam como esse gênero deve agir. Daí a extrema importância de intervir na representação, pois essa intervenção liberta o esquema normativo. (tradução nossa).

[23]"Homens que transpiram virilidade sem ambigüidade, frios, calculistas, fortes, ativos, com caráter e personalidade, sempre vitoriosos e triunfantes exemplares de masculinidade universal que sabem ocupar seu espaço de domínio indiscutível e indiscutível". (tradução nossa).

também destaca o aparecimento de personagens homens que são abertamente homossexuais e exercem a sexualidade livremente. Aparecem também nas 2000 mais produções em que podem ser vistas uma relação de paternidade, com aspectos relacionados à relação pai e filho (ZURIAN, 2011)

Em suma, podemos considerar em Zurian (2011), que as produções audiovisuais ocidentais, trazem historicamente uma masculinidade mais tradicional, vinculada a masculinidade hegemônica e patriarcal, com acréscimos de características de masculinidades mais pluralizadas, com presença de papeis sociais mais diversificados em relação a vaidade, orientação sexual e exercício da paternidade de forma mais presente. Zurian (2011) aponta que as representações sinalizam para o desenvolvimento de novas formas de masculinidades, o que pode ser relacionado desmitificação da masculinidade e a heterossexualidade normativa operada pelo patriarcado e introduzindo novas mentalidades, com a participação das mulheres e suas lutas, que abarcam a premissa de que são personagens que não oferecem masculinidade universal que abrange todos os homens, mas uma imagem construída por um grupo de pessoas relacionadas em um determinado espaço e tempo.

Considerando a relação das masculinidades com o tempo e espaço, ou seja, implicada em determinado período histórico e numa data sociedade, temos em Vilarinho (2005, p. 94), ao analisar produções literárias do estado do Piauí na virada do século XIX e durante o século XX, observa o desenvolvimento de masculinidades plurais que retratam a transição do período rural ao período que corresponde a uma maior urbanização e crescimento de práticas comerciais. Nas obras analisadas, o pesquisador aponta que:

> o período em análise consiste em momento de transição, no qual temporalidades diversas convivem no meio social, e mesmo que a escriturística masculina diga que os homens eram capturados por novas possibilidades de vivenciar a masculinidade, estes ainda se deixavam levar por caminhos diversos aos da disciplina, aos de uma relação mais estreita com a cultura escrita.

Como podemos observar nessa afirmação do pesquisador, as masculinidades plurais convivem com modelos diferentes, nos quais se mostram características de uma masculinidade baseada na tradição da virilidade, atividade externa, virilidade e por outro lado, encontram-se características como afetividade, preocupação com os filhos etc. O estudo destaca a preocupação dos literatos de evidenciar uma discursividade que fosse emancipatória para um modelo de masculinidade baseado na diversidade e ruptura de uma identidade de gênero estática e baseada em padrões de comportamento culturais enraizados. As transformações das masculinidades podem ser vistas associadas aos modos de produção e do

crescimento da burguesia, das práticas econômicas e sociais, como pontua Vilarinho (2005), retratando as transições de uma sociedade predominantemente rural e agrária para uma sociedade urbana e industrial.

De fato, ao refletirmos no estudo do historiador, podemos indagar como se evidencia ou são construídas as masculinidades nos tempos atuais, como se tem percebido a pluralidade destas na contemporaneidade e as questões levantadas no início da seção. Ao fazer considerações sobre a construções da masculinidade, Ponce (2004, p.8) relaciona que muitos estudiosos associaram está a:

> Unprocesocomplejo em elcual se combinanel poder, eldolor y el gozo enel marco no sólo de lasocialización, laexigencia social y losestereotipos dominantes sobre "lamasculinidad", sino también de lapropiaconstrucción de las subjetividades acordes conlasrepresentaciones hegemónicas de lo que implica ser varón, es decir, "hombre de verdad", "hombrecon letras mayúsculas".[24]

Neste processo, como já vimos em outros momentos deste estudo, são atravessadas várias questões inseridas nas relações de gênero, e que se modificam em perspectiva sociohistórica que consideram essa construção dinâmica, como uma travessia, mesmo que traga elementos de uma "masculinidade hegemônica", "subordinada", "dissidente" ou "contemporânea ". O que é certamente aceito é que há uma diversidade que precisa ser evidenciada, uma pluralidade em que muitos tipos de masculinidade convivem, são circulantes na sociedade, enfatiza os "matizes" como se refere Almeida. Em relação a essas masculinidades plurais ou diversas, Ponce (2004) temos que se caminha para uma vivência das masculinidades em sua primazia da ética, da responsabilidade, dos valores de convivência social das sociedades atuais, o que podemos refletir que cabe não aceitar "um homem de verdade", ou com "letra maiúscula" que reproduza violências, opressões, agressividade, competitividade, mas que possa expressar afetividade, compromisso, cuidado e tantas outras características que se mostram diversas e necessárias.

Em relação ao processo de construção (e desconstrução) das masculinidades, Bogea (2019, p.91) ressalta, apoiado nas leituras pós-estruturalistas e teoria *queer*, que seu "conceito que está permanentemente em processo de construção e significação, a partir da multiplicidade e dinamicidade da própria sociedade e de como as pessoas sociais significam as suas relações", o que nos faz pensar que na contemporaneidade há um movimento

[24]Um processo complexo em que poder, dor e alegria se conjugam no quadro não só da socialização, da demanda social e dos estereótipos dominantes sobre a "masculinidade", mas também da própria construção de subjetividades de acordo com as representações hegemônicas do que significa ser homem, ou seja, , "Homem real", "homem com letras maiúculas (tradução nossa).

constante de reflexão sobre os intercruzamentos que tem orientado as vivências das masculinidades no contexto atual, a considerar uma hiperglobalização, uma grande expansão das mídias sociais que caracteriza uma sociedade midiatizada (vamos tecer sobre isso no próximo capítulo), um movimento político e social de reivindicação da população LGBTQIA+, da consolidação das ideias feministas, a luta contra o racismo etc. É neste contexto que devemos pensar esse movimento que coloca as masculinidades em um movimento permanente e contínuo.

Bogea (2019) ao se referir nos estudos de Louro (2007) e Scott (1990), destaca que as masculinidades realmente devem ser sustentadas numa perspectiva múltipla de identidade. Ele pontua também que ela sofre interferências de discursividades que vai da concepção naturalista, que atrela o masculino ao órgão sexual, ou seja, pênis. Outra discursividade, que começa a romper com a concepção naturalista-biológica, é a visão psicanalista introduzida por Freud no seu Complexo de Édipo, que trouxe a masculinidade a partir dessas relações familiares e inspiradas nas tensões inconscientes que desempenha uma constituição que emerge na castração do "menino" pelo "pai".

Bogea (2019) traz também as reflexões teóricas de um outro psicanalista, Lacan (1998) em que subdivide a masculinidade em três momentos:" primeiro é o relacionamento do filho com a mãe, segundo é a entrada do pai nessa relação e o terceiro é quando o menino renuncia ao desejo materno ao se identificar com o pai, pois é o pai que possui o falo" (BOGEA, 2019, p.93). Para o autor, mesmo inserindo elementos que desvinculava a masculinidade do sentido biológico, mas considera que a visão psicanalista ainda traz uma ideia determinista. Como já mencionamos aqui, Bogea (2019) corrobora com a ideia de que a partir dos movimentos feministas é que a masculinidade é questionada enquanto categoria biologizante e é colocada de fato como categoria cultural e social.

Esse breve recorte das construções das masculinidades enquanto discursividades é para firmar que ela não é estática, mas enfatizamos aqui sua característica de ser contextualizada no tempo e espaço, na revisão de teorias e vivências, em um sentido dinâmico. Encontramos ainda em Bogea (2019), que após as contribuições dos estudos pós-estruturalistas há uma virada importante para uma desconstrução das masculinidades que eram colocadas como centro opressor nas relações de gênero, e admite-se uma multiplicidade ainda maior, em que cabe novas formas de masculinidades que desassocia a paradigmas consolidados do que seja o masculino e o "ser homem de verdade", assim como colocou Ponce (2004) ao considerar que as novas formas de masculinidades devem estar coerentes

com a cidadania, a ética e o compromisso de uma boa convivência, Bogea (2019) traz a emergência de novos padrões que devem ser inseridos no contexto das masculinidades como características em que são contempladas “mudanças e rupturas nesses padrões rígidos de gênero” (BOGEA, 2019, p.94) que coloca lado a lado norma e dissidência de forma coexistentes na contemporaneidade, sendo permitido a coexistência , como exemplifica o pesquisador , do “macho e a bicha, o ativo e o passivo”.

Ao inserir essas rupturas e mudanças, admite-se uma quebra na norma em relação a orientação sexual e masculinidades. O padrão de heterossexualidade compulsória atrela as masculinidades, é revisto, é desconsiderado e visto como uma construção de masculinidade apoiado em discursos normativos que devem ser cada vez mais superados, desse modo, abarcando as variações de sexualidades dentro do espectro das masculinidades “plurais”, que podemos perceber numa visão mais contemporânea sobre elas.

Bogea (2019) traz s uma consideração importante em relação a questão das sexualidades mais ampliadas, principalmente sobre a homossexualidade e masculinidade, que é um tabu que permeia os “homens”, sobre a concorrência que existe nessa relação, já que foi construída a ideia de que ao se afirmar a masculinidade devem-se negar a presença da homossexualidade (o que pode ser estendido a outras formas de sexualidades), ou ainda um certo temor para os homens o fato de apresentar uma homossexualidade , conforme referência em Badinter (1993), no qual aponta ainda que “essa repulsa ao diferente, se reflete no medo pela igualdade entre os sexos, pois esses sujeitos geralmente são defensores da manutenção dos papéis sexuais tradicionais” (BOGEA ,2019, p.95).

Como vimos, ao admitir uma possibilidade múltipla do “ser homem”, também estão inseridos os homens trans, como uma forma de masculinidade plural associada a ruptura de normas biologizantes, naturalistas e deterministas. Inserir os homens trans nas masculinidades plurais e contemporâneas é resistir a formas de masculinidades construídas hegemonicamente. De fato, essas novas formas de masculinidades constituídas nas mudanças de paradigmas, coloca em xeque as normas e padrões, o que gerou, para os estudiosos uma “crise de masculinidade”, um não lugar mais fixo e estático em que era colocado a categoria. Sobre isso, temos em Bogea (2019, p. 95) que:

> A “crise da masculinidade” seria o rompimento com esses padrões configurados como pertencentes ao uma referência de masculinidade tida como hegemônica, no entanto isso não representou o surgimento de um “novo homem”, pois ainda vivemos as imposições de uma “masculinidade” tida como “natural/normal” para todos os homens.

De fato, observamos nos dias atuais, uma reflexão cada vez mais presentes sobre essa "crise da masculinidade", como uma tensão dos padrões tradicionais das masculinidades e os novos arranjos, as masculinidades múltiplas e plurais que são cada vez mais legitimadas nos estudos acadêmicos e nas vivencias sociais. Mas essa crise pode ser observada em discursos, que muitas podem evocar uma homofobia, transfobia e ódio, o que pode ser encontrado por exemplo nas redes sociais virtuais. O caso do transexual masculino Thammy Miranda reflete bem essa questão, no qual foi vítima de comentários carregados de ódio e preconceito, com atos de boicote a empresa que o colocou na propaganda em comemoração ao dia dos pais, em que teve sua paternidade questionada por reproduzir discursos biológicos e deterministas, que já deviam ser superados.

Além da questão das sexualidades, essa crise da identidade masculinidade advém também das conquistas das mulheres, tanto na esfera política, como na esfera econômica e social, que é visto como uma nova posição das mulheres em relação aos homens, como aborda Badinter (1993). O autor também considera que os homens vivenciam uma ameaça em relação a feminilidade, que causa um medo da perda da força, da virilidade, do poder de um sexo construído para ser "dominante". O poder da feminilidade e a homossexualidade são, portanto, um constante perigo da supremacia de uma masculinidade hegemônica que por muito tempo foi considerado o único modelo aceitável para se estabelecer uma identidade masculina, de fato esse modelo, como já vimos tem dado espaço para novas formas de masculinidades, consideradas aqui como masculinidades plurais. Romper com o ideal burguês de masculinidade, como coloca Gay (1995), ao elencar os atributos de um "comportamento masculino", que são postos como bravura, coragem, musculatura que eram contemplados como características que se sobressaiam aos que eram "bem-sucedidos", imagem que durante muito tempo foi representada nas pinturas, literatura, e também nas produções audiovisuais.

Quando pensamos em uma masculinidade contemporânea, encontramos que ela está em um movimento contínuo de construção, e que se localiza em certas condições históricas, como vimos anteriormente, portanto é importante considerar que as atuais formas de masculinidades podem sinalizar mudanças de pensamentos ideológicos, de modos de ser que se relaciona as práticas sociais ocidentais e contemporâneas. Admite-se que atualmente que a convergência das diversas formas de cultura, identidades sociais e de gêneros que não são fixas em si, mas mutáveis e em constante transformação, o que pode ser visto nessa colocação de Connell (1995, p.189) sobre gênero, no qual menciona que:

> Se o gênero é um produto histórico, então ele está aberto à mudança histórica. É a isso que nos referimos quando falamos de política do gênero. Se quisermos que essa mudança se torne consciente e aberta ao controle democrático, então precisamos saber como o gênero é moldado e como ele pode ser re-moldado.

Diante dessas palavras de Connell (1995) temos uma emergência em remodelar a concepção de masculinidade que imprima uma hegemonia excludente e dominadora, mas esta deve ser propagada como uma masculinidade plural, que conviva com as várias formas de "ser homem". Essa mudança de paradigma da categoria masculinidade se deve também muito a percepção de hegemonia como algo não estático, mas que são também mutáveis em determinados períodos históricos.

Em Kimmel (1998) ao refletir sobre a construção das masculinidades em relação a hegemonia, nos traz que ela deve ser percebida no coletivo e também no âmbito individual, ou seja, inserida nas transformações em que passa a cultura e como estas transformações acabam afetando os sujeitos, o que podemos observar que o próprio conceito de masculinidade enquanto conceito hegemônico é passível de mudança. Sendo que atualmente, o que é mais aceito é o conceito de masculinidade enquanto plural (lembramos de Guilherme Almeida em sua aquarela). Desta forma, encontramos em Kimmel (1998, p. 106) que "ao usar o termo no plural, nós reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos".

Para evidenciar as masculinidades plurais, tentaremos apresentar alguns tipos possíveis a servirem como norte para as análises das representações das masculinidades encontradas em perfis de jovens trans no Instagram, com base em estudos e conexões teóricas utilizadas na nesta pesquisa. Assim, compilamos inicialmente alguns tipos de masculinidades a serem observadas dentro da concepção de pluralidade consideradas no presente trabalho dissertativo.

A primeira delas é a masculinidade hegemônica(que de alguma forma já abordamos anteriormente), que foi descrita e mencionada principalmente por Connell (1987; 2013) e que orienta muito as discussões acerca das masculinidades e os atravessamentos que são inseridos no campo dos estudos feministas e que norteiam muitas das pautas sobre a posição que tem ocupado na relação entre os gêneros e entre os próprios homens. Connnell (1987; 1995;2013) ao se referir a masculinidade hegemônica, aponta que ela é associada a imposição do patriarcado e a subordinação das mulheres, como uma tipologia de masculinidade que é amplamente aceita e que apresenta uma hierarquia definida de padrões de homens que sobrepõe a outros.

Connell e Messerschmidt (2013) nos trazem reflexões sobre o conceito de masculinidade hegemônica. Ao fazerem uma retrospectiva da construção do conceito, encontram suas bases em pesquisas australianas e nas teorias feministas sobre o patriarcado e o papel dos homens em transformá-lo. Outro fator destacado no estudo é em relação categoria de hegemonia apresentada principalmente por Antonio Gramsci, em que podemos considerar em suas bases a característica de ser dinâmica nas mudanças estruturais promovida por lutas de classes e grupos sociais pela mobilização, o que se observou foi o conceito foi vinculado a ideia de supremacia e controle. Essa crítica leva a relacionar que a masculinidade hegemônica pode não ser estática, mas móvel e possível de variações e mudanças, mas ressaltam que na sua formulação são inseridas algumas contribuições que a fazem como um conjunto de práticas relacionadas aos homens, e que essas práticas acabam sendo normativas de comportamentos em várias áreas como saúde e organizações.

Para o presente estudo, vamos considerá-la como inicialmente colocamos, que tem um efeito em reforçar atributos de dominação, relações de poder, estímulo a competição, a presença de virilidade e status para relacionar esse tipo de masculinidade, como uma masculinidade que influencia um conceito mais tradicionalmente ou historicamente vinculado a masculinidade, mas é importante ressaltar que ao tentar categorizar as masculinidades, como analisa Bento (2015, p.90):

A masculinidade hegemônica constrói uma ideologia que lhe dá sustentação, podendo ser caracterizada por um conjunto coerente de ideias que busca justificar, por meio de construções cognoscíveis e discursivas as práticas dos homens. Na nossa sociedade, a ideologia da masculinidade hegemônica define padrões de comportamento que devem ser seguidos pelos homens e se estrutura com base em relações assimétricas entre os gêneros

O segundo tipo de masculinidade que vamos elencar é a *masculinidade subalternizadas,,* apontada por Connell (1987) como sendo a relação estabelecida entre a masculinidade dita hegemônica como uma forma hierárquica que subalterniza outros tipos de masculinidades que não correspondem ao ideal hegemônico branco, viril, forte, dominante etc., ela se mostra como uma certa oposição, ou tensão em romper com as características vistas como dominantes e que provoca um movimento de resistência à normativa que impõe aos homens uma supremacia, dominação, superioridade, mas que aos homens que a expressam cabe a afetividade, a sensibilidade, cooperação e outras características que violam uma “dominação masculina” e as coloca em paralelo a características ditas femininas.

Sobre este tipo de masculinidade, encontramos uma relação das lutas das “masculinidades subalternas” em resistir face a padrões de desigualdade e assimetria entre os homens que não assumem os postos que foram historicamente e culturalmente , no campo ideológico, estabelecidos como legitimamente pertencentes aos homens, a saber “o homem branco, de classe média, de meia-idade, heterossexual, é a masculinidade que estabelece os padrões para os outros homens pelos quais são julgados e, na maioria das vezes, considerados incompletos” (BENTO, 2015, p. 89)

Frente a essa relação das masculinidades hegemônicas e “subalternas” (como é denominada pelo autor), Kimmel (1998, p. 106) aponta que “é invisível àqueles que tentam obtê-la como um ideal de gênero, ela é especialmente visível precisamente àqueles que são mais afetados pela sua violência”. A partir dessa consideração é pertinente destacar o papel desse tipo de masculinidadede resistir, lutar para que se estabeleça enquanto discurso e prática social, pois é salutar pensar que sua resistência provoca uma mudança de paradigmas que vem sendo sustentado na sociedade há algum tempo. A masculinidade subalternizada é evidenciada na sociedade como sendo uma masculinidade “menor”, na qual os padrões hegemônicos tentam deslegitimiza-la, o que corresponde a uma relação assimétrica, que coloca no topo uma masculinidade quase inatingível, que pode gerar frustração e sentimento de inferioridade entre os próprios homens, sendo que estes estão associados a mulheres e homossexuais (estes últimos grupos ainda mais rebaixados). Aqui já falamos sobre o medo e insegurança em que muitos homens passam por se apoiarem em ideais hegemônicos causadas pelo feminismo ou o poder das mulheres e uma “ameaça gay”, o que pode ser observado no próximo tipo de masculinidade a ser pautado, que é a "masculinidade tóxica".

Sobre esta outra denominação de masculinidade, a masculinidade tóxica, temos que corresponde a uma concepção de masculinidade apoiada nas normas e características da hegemônica, entretanto, traz marcas identitárias aos homens que os limitam e os coloca em um movimento de corresponder a determinadas características que foram historicamente construídas, o que o fazem procurar performar um padrão hegemônico que acaba provocando mal estar ao próprio homem e aos que estão ao seu redor. Digamos que ela é vista como uma consequência da masculinidade dita hegemônica, na perspectiva de ser relacionada a tentativa de alcançar os ideais propostos por ela, o que gera um “comportamento masculino” que busca uma prova a todo custo de ser um “homem de verdade”.

Se a masculinidade hegemônica produz uma masculinidade tóxica, as masculinidades subalternizadas são associadas a um outro tipo que é uma manifestação ainda mais agravada,

que acaba afetando aspectos sociais, econômicos, psicológicos, comportamentais, que vamos denominar de masculinidades marginalizadas, que entraria neste grupo os homens que se encontram “ à margem” , ou seja, historicamente foram excluídos de processos sociais como trabalho, educação e práticas sociais, por condições que são marcadas pela interseccionalidades que os colocam em uma situação “de fora” de um “ ponto de vista privilegiado” (na perspectiva de bellhooks) , olhar este de dominante e colonizador que tem no capitalismo e nos seus modos de produção e modos de ser , assim, colocam à margem as masculinidades indígenas, masculinidades “latinas” e masculinidades negras, sobre esta última, encontramos nos estudos de Suart Hall e Bell Hooks considerações importantes (que aqui não serão abordas de forma aprofundada, mas apontar reflexões) que sinalizam tais masculinidades como marginalizadas.

Em produções como Cultura e Representação e Da Diáspora, Hall aborda a questão racial e dos imigrantes, como as representações estereotipadas encontradas em filmes e outros dispositivos culturais, ou na questão enfrentada por imigrantes que lutam contra as posições subalternas a que são submetidos. Bell Hooks vai falar em suas produções sobre feminismo negro, pautas que envolvem a questão das masculinidades negras, principalmente em o quanto são afetadas pelo olhar do colonizador branco (representante de uma masculinidade dominante e hegemônica). Hooks aponta estratégias para resistir e sobressair a estas amarras que foram construídas discursivamente que legitimaram tal posição que confere a essas masculinidades a serem marginalizadas, ao resistirem, reconstroem essas masculinidades ao ponto que elas se tornem contra-hegemônicas.

O próximo tipo de masculinidade que nomeamos é a masculinidade übersexual, relacionada a superação do adjetivo que permeou os homens em décadas anteriores que os chamavam de metrossexual. A essas masculinidades atribuímos características como a vaidade, o cuidado com o corpo, com o status, com a moda, com uma performance que colocam os homens em um patamar de “bem-sucedido”, “belo”, “atraente” e se mostra contemporâneo, preocupado com uma autoimagem e adepto a tecnologias diversas.

O último tipo apresentado até aqui é a masculinidade dissidente ou *queer*, que consideramos como sendo uma identidade masculina em protesto contra qualquer norma que tenta determinar o que seja homem, rompendo com estereótipos físicos, comportamentais e psicológicos que foram historicamente construídos em favor de uma masculinidade dominante, o que a faz ser dissidente em relação a esta.

A masculinidade dissidente ou *queer* na qual nomeamos se apoia principalmente na teoria *queer*, mais precisamente em um dos seus expoentes, que vivencia em si mesmo essa masculinidade, que é o filósofo Paul Preciado. Ao mencionar a importância política dos corpos *queer*, como vimos já neste trabalho, Preciado (2011) destaca então uma sexopolítica na qual incidem sobre as pessoas que vivem à margem de normas, os *queer* enquanto dissidentes, que causam estranhamento e são necessários para desestabilizar uma engrenagem padronizada de corpos e gêneros.

Portanto essa masculinidade que chamamos de dissidente ou *queer* abarca diversas formas de se perceber enquanto homem, um lugar que transita entre a transexualidade, a performatividade, as tecnologias dos corpos, a não-binaridade, as várias formas de sexualidades que fazem um percurso dentro dessa masculinidade que é uma manifestação mais sublime da pluralidade na aquarela das masculinidades. É nela que majoritariamente encontramos, ou acreditamos encontrar os homens trans, como Preciado nos coloca, ao conceder entrevista a

Não sou um homem, mas um homem trans. Como homem trans, desidentifico-me da masculinidade dominante e de sua definição normativa. Eu sou um contrabandista, minha história e minha consciência estão fora de sintonia com a ficção política masculina que é a minha hoje.

Na masculinidade *queer*, cabem as sexualidades diversas que podemos assumir, seja homossexual, bissexual, pansexual, assexual e tantas outras possibilidades, cabe usar roupas as roupas e cortes de cabelo desejarem, cabe assumirem os postos de trabalho que lhe convém e o que mais divergir, romper ou confrontar paradigmas binários fixos que foram construídos para desenhar uma masculinidade.

Ao assinar sua própria masculinidade, Preciado (2011) também nos faz refletir sobre a masculinidade contemporânea, múltipla e plural em que estamos vendo cada vez mais presente nos dias atuais, é essa masculinidade que coexiste, que confronta, que luta contra as formas de opressão que nos interessa e que tem apresentado cada vez diante de nós. Cabe nessas diversas formas de masculinidade, em que mencionamos algumas, mas que podem existir outros tipos que abarquem as características de ser homem na sociedade contemporânea atual," diga-se de passagem," a sociedade principalmente ocidental, latino-americana, brasileira.

Ser homem hoje é bem mais do que ter um pênis, falar grosso, ter estabilidade econômica etc. Ser homem na atualidade é lidar com uma sociedade que está em constante

processo de transformação e mudança. Ser homem na contemporaneidade é compreender os atravessamentos, os intercruzamentos que estão presente e assinam uma peculiaridade e recortes próprios em seus contextos de vida, o que não admite pensar que haja uma homogeneidade masculina, neutra, uniforme e isenta de interferências. Ser homem é considerar o paradigma da interseccionalidade como podemos ver em Collins (2009) ao refletir sobre questões presentes em pessoas negras em relação a estereótipos e representações, nos dar uma dimensão sobre a relevância de se interseccionar alguns marcadores identitários quer seja raça, classe ou gênero para que possamos entender como algumas características sociais juntas podem incidir em relações de poder, de controle, de representações.

Isso reflete que o homem atual não é universal, mas pensado a partir das relações de poder que o construíram, pelos atravessamentos e intercruzamentos, ou seja as interseccionalidades (que pedimos emprestado principalmente do feminismo negro) que estabelecem vivências plurais. É a partir dessa perspectiva que pretendemos analisar as representações das masculinidades em homens trans jovens, por refletirmos se tais representações contemplam essa masculinidade plural e visualizar esse homem se hoje, a partir do recorte das identidades de gênero trans. Escolhemos os jovens exatamente por considerá-lo como reflexo mais próximo da contemporaneidade, sendo o contexto utilizado das redes socais virtuais como espaço legitimado das escritas de si, ou seja, das autonarrativas presentes na sociedade contemporânea como vamos ver no capítulo adiante.

4 O INSTAGRAM COMO ESPAÇO DAS ESCRITAS DE SI NA CONTEMPORANEIDADE

Neste capítulo vamos abordar o contexto da sociedade midiatizada e a escrita de si na contemporaneidade para compreender o *Instagram* como espaço imagético e discursivo para as representações das masculinidades em jovens homens trans, considerando que os jovens têm uma grande expressividade no uso dessa mídia social, a qual selecionamos como material de análise para melhor compreender) um cenário de masculinidades mais contemporâneas.

Desta forma, ao considerar o contexto atual contemporâneo, apresentamos algumas conexões teóricas que nos ajudam na discussão aqui proposta, como na primeira seção em que abordaremos a perspectiva da juventude em relação a contemporaneidade, na qual apontaremos alguns conceitos atuais sobre juventude e características dos jovens no contexto atual, principalmente sobre o uso das tecnologias e conjunturas sociais que os colocam como interesse na pesquisa em questão.

Contemplaremos a temática da escrita de si em Foucault para subsidiar a reflexão de uma necessidade de falar de si, como estratégia discursiva que consideramos oportuna para uma compreensão do porquê de as narrativas autorreferenciadas serem tão presentes na sociedade contemporânea, principalmente como o advento da internet e das mídias sociais. As reflexões teóricas da escrita de si foucaultiana apontam para uma relação entre sujeito, discurso, verdade e poder na confissão, relevantes para compreendemos as representações das masculinidades nos perfis de jovens trans homens no Instagram.

Nas próximas secções do capítulo vamos adentrar mais na localização do contexto da pesquisa realizada na rede social Instagram, sendo que na seção sobre a sociedade contemporânea midiatizada vamos considerar o recorte histórico atual, apresentando dessa forma uma contextualização atual de uma sociedade que é atravessada pela midiatização e o desenvolvimento tecnológico-comunicacional.

4.1 A escrita de si em Foucault

Michel Foucault (1992) revela uma a escrita de si não direcionada para perseguir o que não se pode dizer, ela se refere antes em “captar o já dito; reunir aquilo que se pode ouvir e ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (1992: pp). O que nos faz levar o que seu pensamento se direciona a compreender como se percebe os ditos

sobre si, a escrita de si para onde o sujeito se localiza e o coloca em uma ordem discursiva. O autor ainda relaciona a escrita como uma dimensão ascética, na qual se redime dos maus pensamentos no ato de comunicar-se.

Consideramos essa volta do filósofo ao campo das subjetividades uma visão de sua própria escrita de si, que desenhou uma perspectiva teórica e vivencial sobre o poder, o conhecimento, a sexualidade etc., como o controle e disciplina afetou suas produções e pensamento. Essa concepçãoestá relacionada emsuas produções ao que se pode denominar de *tecnologias de si ou tecnologias do eu,* ou seja, práticas que oportunizamaos sujeitos uma reflexão de si a partir docontexto em que operam e se transformam para traçar ajustamentos que orientam a constituição de modos como se descrevem, narram-se, julgam-se ou controlam a si mesmos.

Para Foucault (1984), escrever é "se mostrar", expor-se, fazer aparecer em sua face parte da face do outro, instaurando uma concepção de verdade sobre si, uma leitura capaz de pôr nas próprias linhas uma existência legitimada pelo outro. Tal posicionamento se configura como "uma história que não seria aquela do que poderia haver de verdadeiro nos conhecimentos, mas uma análise dos 'jogos de verdade', dos jogos entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência"(Foucault, 1984: 13).

Aliás,o que o referido autor introduz na escrita de si um tom confessional, portanto considera que as dimensões do poder que atravessam a prática da confissão são caracterizadas nas narrativas de si, as quais estabelecem uma relação com a verdade que visa a purificar o eu pela revelação da mais profunda interioridade. Essa "maquinaria da confissão" confere ao indivíduo uma culpa, um pecado, cabendoa ele investigar e identificar os erros e desvios de caráter que o possam levaràcorreção, isto é, àadequação às normas instituídas e ao regime de verdade predominante.

A confissão acontece a partir do olhar de um outro superior, detentor das normas e da verdade, capaz de auxiliar na busca da salvação. A vigilância e punição podem ser estabelecidas como mecanismos em que a experiência de si, legitimada pelo outro, está ligada àconcepção do filósofo sobre dispositivos instaurados em uma relação com o modelo panóptico que em Foucault relaciona uma ideia de vigilância aos olhos do outro, que atravessa, também, o olhar de si ou para si.

Notamos que um efeito bem real desse cálculo das aparências é a interiorização do olhar do outro, que assegura o funcionamento automático do poder, a passagem da vigilância

à autovigilância. O olhar do outro deve constituir um olhar sobre si, deve abrir por completo outro campo de visibilidade que se situa agora no interior do próprio indivíduo (pensamentos, desejos, paixões) e que deve ser 'observado' sob os vários sentidos da palavra por ele mesmo, pela e na confissão.

Essa questão da escrita de si como ato confessional pode ser compreendida em Foucault (1980) como um dos principais procedimentos de individualização difundidos pelo poder. O filósofo propõe uma genealogia da confissão na qual mostra como dentre os rituais probatórios, esta torna-se uma das técnicas mais valorizadas de produção da verdade no mundo ocidental, difundido-se amplamente como prática social e cultural.

Na acepção de Foucault (1980), a sociedade ocidental do século XX é singularmente permeada pela confissão, o que se pode deduzir em vários aspectos e em diferentes repercussões, nas mais diversasinstâncias institucionais.A exemplo doque se observa desde as relações familiares, passando pelas atuações profissionais e pelos atos solenes, a confissão aparece e expõe os "pecados, os pensamentos e os desejos [...] O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente." (FOUCAULT, 1980, p. 59).

Nessa perspectiva, relacionada a um"animal confidente", o autor coloca a escrita de si como uma prática de constituição da subjetividade e de trabalho sobre si, e nesse sentido, pode ser presumidacomo linha de fuga diante do poder e como meio de abertura para o outro, dentro da lógica da vigilância, da governabilidade,de suas rupturas e rompimentos, como podemos assimilarna afirmativa: "o movimento da alma que sabe de si é um percurso pelo mundo, uma compreensão das circunstâncias atuais e dos eventos concretosque podem afetar-nos" (FOUCAULT, 1994b, p. 160).

Ao debruçar-se em uma escrita de si, Foucault (1980)redimensiona os modos pelos quais os antigos gregos e romanos investiram na produção da subjetividade, na formação e na noção de cidadania, reconsiderando essa produção de subjetividade a partir do pensamento ocidental, reconfigurando assim uma lógica da modernidade e introduzindo em suas teorias ou "tecologias do eu" uma experiência ou ponto de vista sob o olhar do século XX.Desse modo, aponta para as complexidades da sociedade contemporânea, então muitos o relacionam como um filósofo do século XXI.

4.2 A sociedade contemporânea midiatizada

Em uma sociedade contemporânea, evidenciamos que os processos comunicacionais advindos do avanço tecnológico e principalmente da internet estão inseridos no conceito de midiatização, um sentido para elucidar tal vivência atual. Sobre essa questão, alguns estudiosos da comunicação postulam considerações e contribuições importantes para traçar um panorama desse fenômeno, e de sua implicação para os modos de vida no século XXI.

Thompson (1990) associaa midiatização como um elemento constitutivo do desenvolvimento da sociedade contemporânea. Para ele, há uma forte ligação entre a midiatização, suas consequências culturais e o surgimento das grandes organizações de mídia em nível nacional e global.

Por sua vez, Hjarvard (2008) atrelaesse período histórico contemporâneo à midiatização como "processo universal que caracteriza todas as sociedades"(2008, p.113). E continua mencionando que se caracteriza por "um desenvolvimento que se acelerou particularmente nos últimos anos do século XX, em sociedades modernas, altamente industrializadas e predominantemente ocidentais"(2008, p.113).

Hjarvard (2014) pontua, ainda, que

> os estudos de midiatização ocupam-se das mudanças estruturais de longo prazo relativas ao papel da mídia na cultura e na sociedade, em que os meios de comunicação adquirem maior autoridade para definir a realidade e os padrões de interação social (...) A midiatização pode ser considerada um processo macrossocial, na medida em que suas influências se fazem visíveis na sociedade como um todo. (HJARVARD, 2014, p. 17).

Outro autor que dimensiona essa perpectiva é Braga (2006), que estabelece a midiatização como processo de interação e de referência, por considerar que a realidade se expande sobre a vida humana de modo ainfluenciar os processos sociotécnicodiscursivos, os quaisacabam afetando todos os indivíduos e as instituições, ainda que em níveis diferentes.

Issoleva-nos apautara midiatização como elemento presente na sociedade para além de quem manuseia ou produz os meios de comunicação, dada a suarepercussão e dimensão nos modos de vida, produzindo nos sujeitos, direta ou indiretamente, transformações em suas práticas sociais.

Aliás, osusodito autor expõe que essa característica da midiatização como interação se relaciona ao fato de que os dispositivos midiáticos possibilitam a criação de um repertório dinâmico de interação social, ou seja, os processos midiáticos de comunicação não se

restringem ao “momento de contacto”, podendo ser armazenados para futuro resgate e circulação social, o que suscitauma interação complexa de participantes da sociedade e o acervo diverso de dados (BRAGA, 2006).

Encontramos uma discussão em Verón (2014) sobre a perspectiva histórica, processual e discursiva em que amidiatização se insere na sociedade, firmando-se como processo que perpassa asemiologia e antropologia, pois apresenta um fenômeno ligado àexteriorização dos processos mentais pelas vias materiais. Esse pensamento do autor influenciou os estudiosos sobre midiatização aoestabelecer as mídias como significativasna concepção de desenvolvimento tecnológico e comunicacional para a produção de sentidos.

Fausto Neto (2008) descrevea midiatização como uma problemática conceitual que se insere na perspectiva do próprio fenômeno. Como tal, carece de reflexões e sua conceituação é marcada também pela transitorialidade.Assim, a midiatização resulta da evolução de processos midiáticos para os quais se espelhamcomo “modo de estruturação e funcionamento dos meios nas dinâmicas sociais e simbólicas” (2008, p.90).

Outro elemento que emergequando se busca compreender o processo da midiatização é o de ambiência, proposto por Gomes (2016), segundo o qual os processos midiáticos são permeados por novos meios de comunicação e constituem um ambiente novo que possibilita um novo modo de ser no mundo. Dessa forma, as inter-relações tornaram-se complexas e ampliaram-se, criando uma nova ambiência, sendo que o processo humano de comunicação é potencializado na sociedade contemporânea por meio desses novos meios de comunicação, o que resulta em uma inter-relação comunicacional que insere a cultura da midiatização.

Sobre aconcepção de uma nova ambiência, encontramos uma consideração meritória em Sodré (2002), quando traz àbaila que as novas tecnologias possibilitam um processo de comunicação imediato, em tempo real, tornando acessíveis as formas de visibilidade como nunca vistas anteriormente. Logo, tem-se que

> a sociedade contemporânea rege-se pela midiatização, quer dizer, ‘pela tendência à virtualização’ ou telerealização das relações humanas, presentes na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as tecnologias da comunicação. (SODRÉ, 2002, p. 21).

Pérsigo e Fossá (2010, p. 6) discorrem sobrea questão da midiatização como um marco das sociedades contemporâneas que, para elas, compreende o desenvolvimento dos meios de comunicação que se inserem nos contextos de vida ou, ainda, pode ser referenciada como “um

processo produzido por sujeitos simbólicos que necessitam de meios técnicos para expressar-se".

Em relação à subjetividade e às mediações tecnológicaspossibilitadas pela midiatização, em Colvara (2016) concebemos que há uma indagação reflexiva sobre a articulação do ser social, das relações sociais e da questão tecnológica. No tocante ao desenvolvimento da tecnologia (e aqui entra a midiatização como uma materialidade desse avanço tecnológico) e suas implicações nos sujeitos, o autor menciona que "vivemos uma transformação social, em que a nossa subjetividade foi alterada substancialmente com a técnica" (COLVARA, 2016, p.29).

4.3 A internet em uma sociedade do espetáculo

Sem dúvida, o advento da Internet transformou a maneira de comunicar-nos na sociedade contemporânea. Seu surgimento se deu pelo desenvolvimento tecnológico e pela evolução nos meios de comunicação, provocando alterações em práticas sociais e simbólicas. Essas transformações nos meios de Comunicação são vistas de forma positiva e negativa, ou como Umberto Eco (1993) nomeia, como "apocalípticos e integrados".

Em sua obra, o supracitado autor menciona dois pensadores e suas perspectivas antagônicas: Pierre Lévy, que considera que se trata de uma comunicação não de "um para todos", mas de "todos para todos", possibilitando assim uma comunicação mobilizadora ;e Lucien Sfez, que vê o mundo ameaçado pelas mudanças, as quais perturbam a razão habitual e exercem, a despeito de nossas vontades, Assim, concebe essas transformações e mudanças como ameaçadoras, sendo que essas novas tecnologias podem manipular as ações humanas.

Sobre as transformações na comunicação e suas implicações na sociedade, identificamos em Thompson (2009) uma relação entre a comunicação, a produção e troca de informações e de conteúdo simbólico, como um processo que envolve as diferentes formas de poder, com base em instituições paradigmáticas concentrando poder econômico, político, coercitivo ou simbólico. Segundo o autor, a comunicação compreende "um tipo distinto de atividade social que envolve a produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas" (2009, p. 25).

Thompson (2009) relaciona o desenvolvimento dos meios de comunicação na sociedade com o imperialismo cultural e a globalização da mídia. Essa relação, segundo ele, traz fenômenos que interferem nas práticas coletivas e nas individualidades, os quais podem

ser observados nos processos comunicativos mediados e na questão da visibilidade que se reflete na concepção do privado ao público e do público ao privado – que repercutem na vida das pessoas–, o que sugere uma repercussão também subjetiva.

Thompson (2009) explica que o *self* está mais reflexivo e aberto, e que os materiais simbólicos mediados não destroem o local compartilhado. Indo além disso, aduz que o *self* surge, finalmente, como um projeto simbólico que o indivíduo constrói ativamente. Contudo, esse mesmo *self* é atingido negativamente, nesse nosso mundo, pela intrusão mediada de mensagens ideológicas, pela dupla dependência mediada, pelo efeito desorientador da sobrecarga simbólica e pela sua absorção total nessa quase-interação mediada.

As relações entre os processos comunicativos na sociedade certamente encontrou na internet uma convergência sem igual, o que potencializa as afirmações de Thompson (2009). Seja dito de passagem, em Castells (2003) podemos evidenciar a sociedade em rede, definida pelo autor como uma nova forma de economia e vivência social, baseada na rede mundial de computadores, como mostra otrecho a seguir:

> No final do século XX, três processos independentes se uniram, inaugurando uma nova estrutura social predominantemente baseada em redes: as exigências da economia por flexibilidade administrativa e por globalização do capital, da produção e do comércio; as demandas da sociedade, em que os valores da liberdade individual e da comunicação aberta tornaram-se supremos; e os avanços extraordinários na computação e nas telecomunicações possibilitados pela revolução microeletrônica. (Castells, 2003: 8)

Para Castells (2003, p. 12), "a Internet é uma rede de comunicação global, masseu uso e sua realidade em evolução são produto da ação humana sob as condições específicas da história diferencial". O autor compreende a sociedade em rede como um conjunto de nós que se intercruzam, e faz referência à Aldeia Global proposta por Marshal McLuhan (1962), a qual chamou de "Galáxia de Gutenberg", em alusão à revolução da Comunicação impressa, e depois, aos meios de comunicação de massa, o que para Castells (2003) foi inspiração para o que denominou de a "Galáxia da Internet", considerando o papel que a rede assume na vida cotidiana dos usuários e repercute em todo o mundo.

Diante dos processos desencadeados pelas transformações nos meios de comunicação e pela sociedade em rede, surge uma questão que vai de encontro às ideias de Thompson (2009), sobre visibilidade e relação entre público e privado: é o que se nomeia de "Sociedade do Espetáculo". O que podemos evidenciar em Debord (1987) sobre o conceito proposto inicialmente é que a continuidade e expansão desse espetáculo não devem ser atribuídas

somente ao aperfeiçoamento da instrumentação dos meios de comunicação, mas ao seu espraiamento no espaço, na constituição de uma espécie de espetáculo integrado que opera por irradiação, e no tempo, na produção de uma geração que teria se socializado submetida às suas leis.

Na perspectiva da sociedade do espetáculo, Sibilia (2008) postulaa ênfase em um *eu* e na visibilidade atrelada a esse "narcisismo midiático". Para ela, esse eu busco aprovação do outro, é uma subjetividade que deseja ser amada e desejada em um "[...] verdadeiro mercado de personalidades, no qual a imagem pessoal é o principal valor de troca" (2008, p.235). Dessa forma, o "show do eu" é visto como espetacularização direcionada ao cotidiano publicizado e às narrativas de si, como cópias das celebridades quando assumiam um lugar de destaque e notoriedade, e tomado o lugar dessas no processo que vai da intimidade à extimidade.

Sibilia (2008) afirma que estamos "[...] vivenciando um corte na história que altera as formas de ser e estar no mundo", o que permite absorver uma transição de intimidade que era sutil e intensa para outra totalmente espetacular, exposta nos mais variados dispositivos das redes sociais, o que faz transitar do "refúgio do eu" para a "exposição do eu" (2008, p. 15).

Essas novas formas de expressão e comunicação produzem profundas implicações na experiência cotidiana, nas formas como nos relacionamos com o próprio *eu*, com os outros e com o mundo. Para Sibilia (2008), agora o que interessa não é o que cada um faz, mas o que cada um é, ou em outros termos, não importa o que você faz, mas o que você é, ou como podemos dizer, mostra ser ou, ainda, como se apresenta.

Do ponto de vista de Sibilia (2008), estamos diante de uma alteração radical e nova configuração sociocultural possibilitadas por novas tecnologias, novos meios de comunicação, em um contexto social específico, sob novas linguagens que abrangem, inclusive, as produções audiovisuais, com mais informação, identidades fluidas e subjetividade estilizada.

Legitimando a autora, assentimos que a espetacularização da intimidade cotidiana se tornou habitual, munida de um arsenal de técnicas de estilização das experiências da vida e da personalidade que fabricam uma expectância do eu e de outros eus.

Em um asociedade do espetáculo do século XXI, a internet potencializa uma nova ou transformada maneira de ser e estar no mundo, ratificando "o show do eu", como pontua Sibilia (2008), o constituído como escrita de si, midiatizada, visibilizada pela sociedade contemporânea, colocando no bojo dos processos de subjetivação a espetaculiaridade do olhar do outro.

4.4O Instagram como espaço discursivo das escritas de si na contemporaneidade

O Instagram é uma rede social que este ano está completando 11 anos de existência e não para de se destacar entre as redes sociais da atualidade. É a 4ª rede social mais utilizada no Brasil, no mundo fica na 5ª colocação, perdendo somente para o Facebook (2,6 bilhões de usuários), do YouTube (2 bilhões), do WhatsApp (2 bilhões) e do WeChat (1,2 bilhão). Possui mais de 1 bilhão de usuários ativos mensais (MAUs) e mais de 500 milhões de usuários ativos diários (DAUs) no Mundo[25].

É uma rede social que tem a imagem como principal componente. Pode-se dizer que é um álbum eletrônico em que as pessoas compartilham com outras pessoas os flagrantes do dia a dia por meio de fotografias, vídeos e outros tipos de imagens. Mas não é só uma máquina de compartilhamento, a plataforma possui vários recursos que permitem que o usuário crie conteúdos diversificados que podem ser vistos em todo planeta, além de outros componentes que permitem diversas formas de interação entre as pessoas e a própria plataforma.

O Instagram é uma rede social cheia de campos (janelas ou recursos) como o Feed, o *Story*, o *Reels*, o IGTV, o *Direct*, a Loja, a Pesquisa, o *Home*, os Destaques etc., e recursos mais simples como o curtir, salvar, compartilhar, comentar, arquivar etc. Esses itens fazem parte de um desenvolvimento continuo que os elaboradores desta plataforma engendram desde que a rede social foi lançada. Todos os anos há atualizações com ampliação de recursos e apresentação de novos componentes.

O Feed, componente do Instagram que esta pesquisa se dedica estudar, é um campo em que o usuário (ou perfil) pode publicar fotografias, vídeos e outros tipos de imagens que estejam armazenadas em seu telefone celular ou que sejam tiradas em tempo real pelo usuário. Quando se posta uma fotografia, por exemplo, ela ficará disponível para todos os outros usuários que estejam vinculados a rede de contatos (ou seguidores) do perfil em questão. Se o usuário tiver sua conta pública, esta fotografia poderá ser vista por outros perfis que não façam parte da rede de contato do usuário em questão, pois uma conta pública permite que qualquer pessoa do mundo observe, compartilhe, curta, salve ou comente.

Além disso, no ato da publicação de uma imagem ou vídeo no Feed é possível que se adapte a coloração, contraste, brilho entre outros elementos da imagem. Há efeitos próprios que o usuário pode escolher também para deixar sua fotografia ou vídeo mais atraente aos

[25] Disponível em: https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/10/06/instagram-faz-10-anos-como-uma-das-maiores-redes-sociais-do-mundo-e-de-olho-no-tiktok-para-nao-envelhecer.ghtml. Acesso em: 20/06/2021.

seus seguidores. Ao postar uma imagem ou vídeo no perfil pode-se escrever um texto na descrição (ou legenda) que fica localizado a baixo da imagem. No espaço que se confere a descrição o usuário pode escrever textos, usar *hashtags*, usar *emojis*, assim como marcar outros usuários.

Entende-se que o Feed é um recurso do Instagram, que não diferente dos seus outros recursos, permitem que as pessoas divulguem quem são, o que fazem, aonde trabalham, para onde viajam, quem são seus amigos e familiares, como também suas alegrias, lutas, contextos, dores etc. Fernanda Bruno (2013) compreende que as "máquinas de ver", dentre as quais está o Instagram, possibilitam que as pessoas criem modos de relação em que a moeda de troca está na valorização do olhar do outro:

> Se o eu se constituo na imagem e como imagem, é preciso que ele tome para si seus atributos contemporâneos, ampliando a sua margem de interatividade. O eu-imagem deve ser reativo ao olhar do outro. Sua autenticidade não mais se esconde por trás de signos a interpretar, mas se constitui no ato mesmo de se fazer ver pelo outro. Esta íntima relação entre existir, ver e ser visto é explicitada, por exemplo, nas votações que decidem o futuro dos participantes de reality shows, nas conversações e "curtidas" em redes sociais, ou nas ferramentas de comentários de blogs e de plataformas de compartilhamento de fotografias ou vídeos, por meio das quais os leitores e espectadores participam ativamente da escritura e da composição da imagem que o autor constitui para si e para os outros. (BRUNO, 2013, 69).

A autora compreende que as redes sociais, assim como outras plataformas digitais, passaram a ser um espaço em que as pessoas fazem circular modos de ser vinculados a vigilância e espetáculo. Além disso, é um espaço em que as pessoas se encontram entrelaçadas por processos de subjetivação homogêneas e heterogêneas, isto é, processos de subjetivação em que se encontram ancorados em produções hegemônicas vinculados a disciplina e ao controle, assim outros processos que se pautas linhas de ruptura (BRUNO, 2013).

A rede social Instagram se destaca por estar em constante transformação, não diferente das outras redes sociais que buscam engajar um público cada vez mais exigente e inconstante. Esta rede social vem fazendo pesquisas com a ajuda dos seus "algoritmos" afim de criar soluções de entretenimento contínuo para os seus usuários. Anteriormente as fotografias eram o principal recurso de interação desta plataforma, depois disso veio os selfies, após isso os vídeos, agora os vídeos curtos[26]. Há uma incansável busca em se adaptar ao gosto das pessoas

[26] Disponível em: https://capricho.abril.com.br/comportamento/instagram-nao-e-mais-sobre-fotos-o-que-engaja-sao-videos-do-tipo-tiktok/. Acesso em: 28/06/2021.

ou mesmo em despertar novas tendências e gostos do mercado e do público, e podemos dizer que anda dando certo.

Por meio das redes sociais, em especial do Instagram o comercio veio a encontrar uma forma plausível para vender produtos e serviços. Ou seja, não há somente perfis/usuários de pessoas, mas também de lojas, fábricas, indústrias entre outras instituições governamentais, privadas ou não governamentais. Além disso, o Instaram passou a ser um ótimo campo para que pessoas comuns passam a ser famosas. Ao que chamamos de "digitais influencers" que assim como os famosos/estrelas da música do cinema ou da TV, possuem um número importante de pessoas que buscam nesses perfis entretenimento, inspiração, conhecimento etc.

De acordo com o site tramaweb.com.br existem 5 tipos de influenciadores digitais. Os nano influenciadores (que possuem entre 1 mil a 10 mil seguidores), os min influenciadores (que possuem entre de 10 mil a 100 mil seguidores), os interinfluenciadores (que possuem entre 100 mil a 500 mil seguidores) os macroinfluenciadores (que estão entre 500 mil a 1 milhão de seguidores) e os mega influenciadores, popularmente chamados de estrelas (que têm mais de 1 milhão de seguidores).

Compreendemos que com as redes sociais as pessoas comuns puderam ter espaço para mostrarem suas artes, assim como os seus modos de pensar e viver. Terra (2017) compreende que as redes sociais são plataformas que possibilitam aos sujeitos serem ativos no processo de sociabilidade, tendo poder, autonomia e voz. Como diz:

> O universo virtual, alinhado à lógica das redes sociais, contribui diretamente para a mudança das relações entre os sujeitos. O ciberespaço deixa de ser apenas meio para se tornar também mensagem, parte constituinte do processo de produção de sentido. A partir da interatividade e do compartilhamento constitui-se uma rede na qual o sujeito é simultaneamente espectador, produtor e consumidor de imagens, informações e discursos. É capaz de interromper e alterar o fluxo das informações. É agente e não mais paciente no processo. Ganha poder, autonomia e voz. Está mais vivo do que nunca. Através do compartilhamento das experiências, o sujeito contemporâneo desenha para si mesmo uma nova forma de estar no mundo. (p. 86).

Especificamente sobre o Instagram, Terra (2017) corrobora:

> O Instagram institui novas formas de sociabilidade e aparece como alternativa. Um ambiente estésico e de abertura, potencializador de novas alternativas, novas vozes, novos discursos e novas formas de colocação no mundo. Afinal de contas, é essencialmente virtual e, portanto, possibilidade infinita; constitui-se de imagens, apresenta identidades, e permite que sejamos produtores, consumidores e espectadores uns dos outros; fortalece o compartilhamento de experiências e sensações, criando entre os sujeitos não apenas uma rede de informação, mas uma rede afetiva. (p.87).

Por meio do Instaram é possível as pessoas seja produtoras, além e serem consumidoras e espectadoras. É uma forma de compartilhar a cultura, os diversos pontos de vistas que muitas vezes se tornam periféricos devido à grande hierarquia social de vozes que busca cada vez mais criar padrões para a vida, levando as pessoas a pensarem e agirem de acordo com os pensamentos ditos legítimos, cunhando desigualdades e construindo uma realidade antidemocrática.

Considerando o *Instagram* como um cenário que abrange narrativas discursivas de jovens homens trans, como pode ser evidenciado em Amorim (2016), que relaciona a visibilidade das questões referentes a transexualidade masculina nas mídias sociais, e estabelecendo o discurso como prática social em Fairclough (2001), tem-se que as postagens apontam elementos da cultura e da identidade, em que aparece inseridas na concepção de representações em Hall (2016, 1997, 2000, 2006, 2016).

A questão das masculinidades, como inserida na identidade de gênero, pode ser pensada como uma categoria importante a ser investigada dentro da perspectiva representacional, sendo esta categoria construída socialmente e culturalmente ao longo do tempo, como pode ser visto nas contribuições de Judith Butler, Joan Scott e outros pesquisadores, e que nos leva a refletir como esta categoria se apresenta presente na contemporaneidade. Além disso, podemos pontuar que as masculinidades são percebidas atualmente como plurais, em que co-existem alguns tipos que confrontam com a masculinidade hegemônica formatada principalmente por Connell (1995,2013).

Assim, acreditamos ser possível responder o problema que nos dispomos a responder: Quais as representações das masculinidades podem ser encontradas em jovens trans homens nas suas postagens no Instagram? Utilizando duas hipóteses como norte: Os sujeitos jovens trans homens expressam e manifestam suas representações através da mídia social *Instagram*, por meio de fotos, vídeos e textos agrupados no que se chama de “postagens”. A plataforma digital se evidencia como espaço de narrativas discursivas que marcam uma escrita de si na contemporaneidade. E os sujeitos jovens trans homens são atravessados pelas representações das masculinidades que tem assumido na contemporaneidade, contemplando um modelo de masculinidade plural.

Sabendo disso, na próxima seção iremos debater sobre as estratégias metodológicas que foram montadas para a realização desta pesquisa. Mostraremos os sujeitos e o porquê da escola destes. Para tanto torna-se necessário compreender qual a lógica que atravessa o nosso viés metodológico, por meio da Análise do Discurso.

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS: CONSIDERAÇÕES DE UMA INVESTIGAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DAS MASCULINIDADES EM HOMENS TRANS JOVENS NO INSTAGRAM

Ao iniciarmos uma pesquisa, depois de definido o tema, objetivos, hipótese etc., sem dúvida uma das maiores inquietações é qual procedimento metodológico que devemos seguir, haja vista, ser um ponto essencial para responder a indagação e a problemática a ser considerada. Dessa forma, o "como fazer" para "se chegar" as respostas é uma travessia que parece não ser tão linear. Há um certo dilema que cerca o pesquisador, e principalmente os pesquisadores menos experientes: atender as exigências acadêmicas sem, contudo, reproduzir padrões positivistas, distantes do material a ser pesquisado, ou ainda corresponder a um rigor científico sendo que a própria ciência tem se transformado ou, pelo menos, sido levada a um movimento de repensar suas práticas na sociedade contemporânea do século XXI.

Neste sentido de procurar a melhor forma de encontrar possíveis respostas, a metodologia parece ser central em uma pesquisa, o que a faz desafiadora e reflexiva, pois acreditamos que qualquer metodologia também é uma forma de produzir conhecimento. Isto porque ao conectar método e teoria, análise de resultados e a literatura base de um trabalho, acaba por produzir alguma nova informação, algum novo conhecimento. Sendo assim, digamos que na travessia da pesquisa, a metodologia pode ser encontrada como um remo que leva um barco para percorrer seu trajeto, embora a teoria possa guiar a viagem; é na metodologia que vamos avançar, vamos nos movimentar para se chegar a algum lugar.

Temos em Meyer e Paraíso (2012) uma reflexão importante sobre esse "como fazer" ao movimentar o "barco da pesquisa". Acreditam que no processo da pesquisa, a metodologia aparece como um sentido pedagógico, já que nos auxilia a transpor as dificuldades encontradas sob a luz do conhecimento adotado, ou seja, na aplicação dos procedimentos metodológicos é que encontramos possíveis direcionamentos e possíveis respostas ao que nos propomos, é portanto norteadora e reflexiva, o que de fato acaba nos provocando novas conexões e formas de produzir algo de novo, sendo que nos procedimentos metodológicos há um grande aprendizado.

Ao propormos uma investigação que contemple as representações das masculinidades apresentadas em perfis de jovens homens trans no Instagram, há, portanto, alguns desafios a serem considerados, mas apresenta também uma grande motivação para percorrer essa travessia. Por se tratar de representações de um grupo social específico, a própria pesquisa

tem como característica ser qualitativa, exatamente por considerar que o material a ser analisado parte de uma perspectiva humana, intersubjetiva, discursiva. Por isso, ao estudar tais representações das masculinidades em jovens homens trans no Instagram, encontramos dentro da pesquisa qualitativa elementos que aproxima mais dos objetivos propostos, já que esta se insere dentro da perspectiva de uma pesquisa social, que é interessada em questões contemporâneas e sociais dado ao recorte apresentado.

Desta forma, ao escolher uma pesquisa qualitativa, mergulhamos em alguns aspectos relacionados ao fazer científico e a esta dimensão como contribuinte para a produção de conhecimento na sociedade ocidental, como destaca Minayo (2001) ao considerar que a ciência assume uma hegemonia para explicar o mundo, os fenômenos, a sociedade, diferentemente do senso comum e da mitologia (sobre mitos falamos no primeiro capítulo deste trabalho como são importantes na questão das representações como forma de conhecimento), sendo que a ciência busca responder questões importantes, mas que mesmo se apresentando uma supremacia na tentativa de responder, ainda assim permanecem algumas lacunas. A autora pontua que o lugar hegemônico da ciência pode ser compreendido principalmente por duas razões, sendo a primeira como um caráter externo a ela, pelo próprio desenvolvimento tecnológico advindo da revolução industrial que produz respostas mais técnicas, e a outra razão é mais interna, se refere ao fato dos cientistas terem conseguido estabelecer uma linguagem fundamentada em conceitos, métodos e técnicas para compreensão do mundo, das coisas, dos fenômenos, dos processos e das relações.

Essa hegemonia da ciência, na forma de explicar os mais diversos fenômenos, processos e relações tem sido, portanto, reproduzido nas temáticas contemporâneas e atravessam os métodos de análises e coleta de dados, o que sugere ser adotado critérios e parâmetros para que as respostas às indagações de uma pesquisa, mesmo que a própria ciência seja permeada por conflitos e contradições como ressalta a autora, esses critérios e métodos são parâmetros que podem consolidar uma produção de conhecimento. Minayo (2001) aponta que na pesquisa social, devem ser observados algumas considerações que a diferencia das demais abordagens naturalistas e das suas objetividades mais rígidas, por se tratar de demandas que são dinâmicas e inseridas em contextos que precisam serem levados em consideração. A autora reflete sobre o fato de que na pesquisa social há duas posições que devem ser levadas em conta: a primeira se é considerar que enquanto seres humanos, somos agentes e estamos inseridos em uma realidade da qual nos debruçamos a estudar o que poderia pôr em desconfiança a objetividade da pesquisa e a segunda é que, ao buscar a objetivação,

que são próprias das ciências naturais, poderíamos descaracterizar o que há de essencial nos fenômenos e processos sociais, que é a questão da subjetividade encontrada da dinâmica social.

De fato, ao se pretender realizar uma pesquisa inserida em um contexto social, devemos refletir sobre esses pontos que destaca Minayo (2001), como lançar luz sobre as questões éticas e técnicas que permeiam o trabalho de investigação aqui proposto. A caracterização da pesquisa ao ser definida por qualitativa é evidenciada nas palavras de Chueke e Lima (2012) ao considerá-la como uma ruptura ao modelo dominante de ciência baseado em uma empiria positivista, indutiva e que buscava provar as hipóteses por verificação e aponta para uma nova relação entre pesquisador e objeto de estudo, na qual apresenta um novo paradigma que é a presença da subjetividade, ou seja, para eles: "a realidade é subjetiva, construída a partir das representações dos sujeitos e entre sujeitos. Acredita-se que o mundo se fundamente na subjetividade humana, não na objetividade científica. Assim, pesquisador e objeto são construídos na experiência" (CHUEKE; LIMA, 2012, p.64).

Chueke e Lima (2012) consideram importante repensar o papel do pesquisador ao realizar uma pesquisa qualitativa diante de um cenário contemporâneo com tantas transformações nos fenômenos sociais e suas complexidades, sendo este papel equivalente ao de interpretar uma realidade a partir dos próprios sujeitos, sob a luz de teorias que podem dar subsídios necessários para que se compreendam tais indagações realizadas, utilizando dos discursos sociais como falas, gestos e ações. Ao mencionarem sobre os métodos e as técnicas de coletas dedados na abordagem qualitativa, temos que esta utiliza-se de algumas estratégias metodológica como "o estudo de caso único ou múltiplo, a etnografia, a história de vida, a *groundedtheory*[27], a pesquisa-ação, a fenomenologia" (CHUEKE; LIMA,2012,p.66) e em relação às técnicas utilizadas, tem-se que o pesquisador pode usar da criatividade em busca da melhor forma e mais adequada forma de se chegar às reflexões propostas, sendo que pode ser usada a entrevista, a observação participante, a observação direta, a análise de discurso, a análise de conteúdo, a análise da narrativa por exemplo.

[27] Em Bianchi (2008) temos que A Grounded Theory ´é uma das formas mais puras de pesquisa qualitativa que foi iniciada na década de 60, por Barney Glaser e Anselm Strauss, sendo que essa técnica utiliza-se como"forma de coleta, um apanhado de várias outras técnicas qualitativas: entrevistas, análise de discursos, estudo de casos, análise de memorandos e outros documentos já escritos". A autora destaca ainda, ao mencionar Goulding (2005), "que como o método emergiu da sociologia, uma área de investigação focada na sociedade e no indivíduo, a aplicação parece bastante apropriada para as pesquisas que tenha implicações de comportamento "(BIANCHI,2008, p. 247)

Ainda, sobre a abordagem qualitativa de investigação, Dieb (2004, p. 33):

> entende as práticas sociais como atividades humanas carregadas de significados, as quais dão sentido à vida dos atores sociais. Sob a perspectiva dessa abordagem, a pesquisa ganha uma configuração interpretativista e o pesquisador passa a priorizar, desta maneira, o ponto de vista dos atores sociais como o seu principal objeto de estudo.

Em relação a essa consideração de Dieb (2004), temos que é relevante colocar os atores sociais como protagonistas, ou seja, são eles e para eles que a pesquisa se dirige de uma forma especial. Dever-se considerar suas vivências e suas discursividades para além da pesquisa em si, compreendendo que são esses atores sociais que devem produzir o material a ser interpretado pelo pesquisador, mas sempre observando o olhar que eles têm sobre a proposta temática, por exemplo, no caso da nossa pesquisa, os homens trans jovens são os atores sociais, portanto, ao analisar as postagens temos que procurar evidenciar o ponto de vista deles, dessa forma, se pode chegar a uma representação mais legítima das masculinidades.

Sendo assim, a pesquisa apresentada tem como abordagem qualitativa de investigação, por considerar que as representações das masculinidades em homens trans jovens como parte de uma prática social, inserida em contextos dinâmicos que levamos a estabelecer como método investigativo as estratégias da Análise Crítica do Discurso, por esta dar mecanismos interpretativos relevantes para tal compreensão.

Temos, portanto, na pesquisa em questão que ao investigar representações, damos sentidos as falas e imagens, aos discursos inseridos nas postagens de homens trans jovens no Instagram como material emanado desses atores sociais e a partir da interpretação realizada sob a luz do referencial teórico proposto, podemos trazer à baila as hipóteses aquilevantadas. Observamos que tal abordagem contempla executaremos a identificação, a descrição e a interpretação das estruturas linguístico-discursivas envolvidas na construção e expressão destes construtos discursivos no mundo virtual possibilitado pela sociedade contemporânea, que como vimos é atravessada pelos processos de midiatização que são visualizados nas narrativas de si na plataforma Instagram.

Em relação à pesquisa, consideramos que ela tem uma característica explanatória, haja visto apresentar constructos teóricos sobre representações, gênero e masculinidades, além de trazer considerações sobre a sociedade contemporânea midiatizada e a perspectiva da ADC como estratégia de análise das representações, levando em consideração principalmente os aspectos relacionados a ideologia e hegemonia apresentadas pelos atores sociais e como

aparecem dispostas no grupo social dos homens trans jovens, o que ressalta as contribuições teóricas de van Dijk van Leeuwen . Sendo assim, realizamos um levantamento de literatura sobre os temas em questão, de forma que o leitor se familiarize com as reflexões teóricas que ajudaram a traçar uma dialética interpretativa em relação aos objetivos e hipóteses apresentadas.

Para elucidar o caráter explanatório da pesquisa, encontramos em Gil (2008) que a pesquisa que tenha como característica ser explanatória está relacionada a primeira etapa de um estudo mais amplo, podendo ser aplicada em estudos iniciais para se obter uma visão geral acerca de determinados fatos, e portanto é um muito relevante quando se realiza pesquisas no campo social data a proporção temática a ser discutida e suas conexões teóricas que forma a base de estudo das interpretações do pesquisador sobre a uma "questão problema". Consideramos também que a pesquisa assume uma característica descritiva quando pretende proporcionar novas visões sobreas representações das masculinidades, ou seja, uma realidade já conhecida de certa forma, mas que aqui ganha uma nova dimensão por se tratar de um grupo social específico que são os homens transjovens, de tal forma que se pretende descrever por objetivo os fatos e fenômenos desta realidade, conforme ressalta Gil (2008) ao comparar as pesquisas descritivas com as explanatórias.

Adiante vamos apresentar maiores considerações sobre a pesquisa em curso, de modo a refletir em pontos importantes e no "como fazer" nessa travessia que é a pesquisa, ressaltando suas especificidades enquanto localizada na área de Comunicação, e dado ao seu cenário de investigação, que é a plataforma digital Instagram, como também dimensionar o material a ser analisado sob à luz da ADC e das representações enquanto parâmetro para estudar o material discursivo em pauta, que são as postagens dos homens trans jovens no Instagram, que requer um olhar múltiplo para a pesquisa e que merece destacar os procedimentos utilizados para responder a "questão problema" a ser refletida em curso na pesquisa.

5.1 Considerações sobre uma pesquisa em Comunicação

Ao se estabelecer uma temática de pesquisa em Comunicação, é importante considerar a multiplicidade que a área está inserida, já que os processos comunicacionais estão em toda parte, desde as relações humanas, do desenvolvimento tecnológico, as transformações na linguagem etc. O que se faz necessário destacar que as pesquisas em Comunicação quase

sempre têm conexões com outras áreas do saber, já que ela além de ser uma ciência ela também atravessa outras disciplinas e outros campos do conhecimento humano. Dessa forma ao traçar os passos de uma pesquisa dentro de uma pós-graduação em Comunicação uma pergunta parece acompanhar o pesquisador: "o que tem de comunicação nessa pesquisa?"

A indagação talvez seja apresentada como uma reflexão de que por mais que seja múltipla e interconectada com outras áreas do saber, é preciso ter um foco nos processos comunicacionais ao pretender realizar uma produção acadêmica em um mestrado de Comunicação. Assim, na construção da questão a ser estudada, contemplamos os processos comunicacionais que envolve a sociedade contemporânea midiatizada, mais precisamente visualizar o Instagram como espaço discursivo em que homens trans jovens fazem uso para os narrarem enquanto registro das suas vivências, o que nos possibilita conectar a investigação das representações das masculinidades ali evidenciadas.

Temos em Braga (2011),ao referir-se aos estudos sobre Comunicação, que a pesquisa pode evidenciar uma característica peculiar, e que podemos considerar ser três pontos de sentidos importantes, a relação interdisciplinar que aparece na constituição desse campo, a questão das influências de cada disciplina específica e sua importância em que se encontra com o campo da Comunicação, e um ponto que a coloca muitas vezes em um sentido vazia, que deve ser confrontado em uma maior materialidade epistemológica associada a ontologia possa fortalecer o campo da Comunicação, enquanto área de conhecimento.

O que nos faz refletir exatamente a complexidade dos estudos em Comunicação e os desafios que lhe são apresentados, como mencionado no parágrafo inicial desta seção, quando indagamos sobre a realização de pesquisas nesta área de conhecimento. O que como destacamos, cabe uma reflexão localizada no contexto de uma pesquisa que tem a Comunicação como sua grande área e suas especificidades apresentadas no contexto de um programa de pós-graduação no qual apresenta a linha de pesquisa mídia e produção de subjetividades, sendo esse cenário da pesquisa intercruzado com outras disciplinas como a Linguística, a Psicologia, a Sociologia etc.

Tem-se ainda sobre o campo da Comunicação uma reflexão conceitual do que seria o próprio campo científico proposto por Bourdieu (1996) em Romancini (2006) que considera o campo científico como demais campos, acompanhado de seus *habitus* específicos, mas que se conversam, se interagem e interconectam numa perspectiva de lutas e discursos que podem dialogar para fortalecer um capital científico em Comunicação, observando as suas

interconexões. Assim, fomos constituindo proximidade com as correntes teóricas e estratégias metodológicas que ajudassem a chegar em algumas respostas para a pesquisa.

Sobre esta arena desafiadora da pesquisa em Comunicação, percebe uma força transmetodológica como encontramos em Maldonado (2012) que esta perspectiva está associada à inter-relação de propostas metodológicas mistas para as problemáticas em comunicação, que aparecem em construções conceituais e no entrelaçamento de lógicas diversas, como ressalta de modo a considerar que a transmetodologia pode ser definida como sendo uma "vertente epistemológica que afirma a necessidade de confluências e confrontações entre vários métodos" ou ainda enfatiza que na transmetodologia há um "reconstrução de estratégias " estas podem ser evidenciadas "em cada empreendimento/projeto de investigação iniciado" (MALDONADO, p.31, 2012).

Desta forma, Lívia Nery (2016) refletindo sobre a transmetodologia de Maldonado (2012), considera ser relevante em pesquisas pela possibilidade da confluência de métodos com uma análise que contempla a multidimensionalidade e multicontextualidade de uma investigação cientifica o que vem em consonância com a presente pesquisa em curso, por ver a necessidade de convergência na problemática sugerida em torno das representações das masculinidades em jovens homens trans no ambiente da rede social Instagram. Dessa forma, a pesquisa terá uma abordagem qualitativa, explanatória e descritiva, utilizará a Análise de Discurso Crítica como método analítico.

Sobre a pesquisa realizada em meio digital em Comunicação, especificamente quando se pretende compreender cenários e vivências de sujeitos no ciberespaço, pode-se assemelhar a uma pesquisa etnográfica por conter elementos como encontramos em Gil (1999) que compreende o processo de observação como fundamental para a análise dos sentidos humanos na obtenção de determinada informação sobre aspectos da realidade e além possibilita um direcionamento para as etapas de estudo e abordagem dos sujeitos observados. Assim, temos que observar o cenário digital requer compreender que as práticas sociais intercambiadas ali são legítimas tal como no meio offline, portanto, são cabíveis de observações e investigações sociais.

5.2 A Análise de Discurso Crítica como método de investigação

Já vimos no primeiro capítulo a conexão entre discurso e representação, como esses conceitos tomam uma dimensão importante no contexto da pesquisa, sendo que ao considerar

o cruzamento entre discurso e representação temos que na pesquisa social ou mais precisamente na pesquisa qualitativa, essa dimensão se apresenta como mais do que referência teórica para discussão, mas também se apresenta como método de análise, como recurso metodológico para que se construa os materiais a serem analisados na pauta da pesquisa.

Consideramos a estratégia da ADC como mais adequada para que se debruce nos materiais discursivos das postagens de jovens homens trans no Instagram por ser um recurso que subsidia uma compreensão dos fenômenos enunciados inseridos no contexto das práticas sociais em transformações, sendo que a ADC nos ajudará a identificar categorias das representações das masculinidades encontradas nas postagens de jovens homens trans no Instagram , apontando aspectos evidenciados dos tipos de masculinidades as quais representam, atravessados pela hegemonia, ideologia, e outros elementos que são inseridos nos enunciados discursivos.

A importância do discurso nas sociedades já foi discorrida por muitos teóricos. Foucault (1996) sobre sociedade e discurso, percebe que a apropriação do discurso se dá de diversas formas e em várias áreas do saber, como medicina, educação e que as lutas sociais são entrelaçadas pelas relações de poder desses discursos que de alguma forma sobressaem a outros, dessa forma, a transexualidade da mesma forma que se apropria de discursos sobre corpo, desejo, identidade também procura alicerçar na sociedade um lugar de reconhecimento sobre novas possibilidades de vivenciar o corpo e a sexualidade, desafiando discursos hegemônicos e tradicionais sobre como por exemplo as masculinidades, o que consideramos pertinente olhar os discursos dos homens trans jovens de modo a identificar esses movimentos discursivos como representantes de uma mudança social.

Sobre a Análise de Discurso Crítica, encontramos em Fairclough (2001), uma importante consideração sobre os discursos, os colocando como inseridos nas práticas sociais e que podem sofrer mudanças, conforme aspectos culturais, sociais e ideológicos. Fairclough (2001) enfatiza que na Análise de Discurso Críticas (ADC) os textos são os eventos, os lugares onde vamos realizar a análise e que são, juntamente com outros momentos das práticas, elementos sociais, ampliando a ideia de discurso como prática social, como já vimos anteriormente no decorrer desse estudo. Portanto, para ele “todos esses processos são sociais e exigem referência aos ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares nos quais o discurso é gerado” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 99-100). O que nos faz refletir que no ambiente da internet, as postagens no Instagram são evidenciadas como material discursivo, sendo estes marcados por contexto proveniente dos seus enunciadores.

Em relação aos sujeitos que produzem os discursos encontramos em dois teóricos da ADC, como os discursos podem ser relacionados com a representação como vimos em van Leeuwen que relaciona como esses sujeitos aparecem nos textos produzidos, em que sugere sua teoria dos atores sociais com base na semiótica funcional, disposta a evidenciar os mecanismos de exclusão, supressão, e outros artifícios que reforçam ou diminuem significações de temas, grupos, ou outro aspecto socialmente permutável e temos também em van Dijk , que discute sobre a polissemia em torno do conceito de discurso e pontua como importante a consideração de que estão presentes elementos como significados compartilhados e a interação social contextualizada que amplia o discurso para além da linguagem e o coloca em uma perspectiva tripla que inclui discurso cognição e sociedade.

A complexidade de tal relação do discurso e da representação a partir de uma análise crítica se percebe relevante na proposta de captar as representações das masculinidades em homens jovens trans, por considerar os marcos que atravessam a escrita nas postagens do Instagram, sob o olhar ampliado, em que as representações das masculinidades para desse grupo social aparece em mecanismos na linguagem que envolve vários fatores como vimos na seção sobre discurso e representação e que se conecta com a proposta metodológica ser desenvolvida na pesquisa.

Em relação a ADC, temos ainda que ela se observa como importante quando reitera a linguagem como prática social que se insere tanto em grupos específicos, como também reflexo de um contexto social mais amplo, o que coloca o discurso como um dispositivo que reproduz ideologia, poder e também representações sociais visto nas produções textuais e que assumem uma perspectiva mutável e que sofre influências variadas na sociedade. De fato, para a ADC as várias formas de discurso presente na linguagem se efetiva em "texto" (no sentido mais ampliado de seu significado) os elementos observado nas relações de poder e nas práticas sociais , como podemos observar em Wordak (2003,p.104) um proposta para significar o que seja um texto para tal metodologia como sendo "um complexo conjunto de atos linguísticos simultâneos e sequencialmente inter-relacionados, atos que se manifestam em todos os campos sociais de ação como amostras semióticas (orais ou escritas e tematicamente inter-relacionadas) e muito frequentemente como "textos".

Desta forma, ao estudarmos as representações das masculinidades em postagens de homens trans no Instagram, temos que nos debruçamos em "textos" produzidos por estes atores sociais e que esses textos podem ser em palavras ou em imagem, como forma de narrativas presentes na plataforma digital. É esse "material discursivo" que vamos considerar

como pistas para a investigação proposta e que vai nos dar amparo para categorizar e identificar que tipo de masculinidade esses jovens homens trans estão representando ou reproduzindo nas suas discursividades. Temos, portanto os jovens homens trans como enunciadores, com todos seus contextos e as postagens como os enunciados (textos a serem analisados), com os elementos presentes que nos levam a identificar as representações das masculinidades e as conexões emergidas nesta perspectiva.

Desta forma, os discursos produzidos pelos sujeitos se inserem na sociedade como forma de prática social que se constrói, conforme vimos em Fairclough (2001, p.91) ao mencionar que:

> O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado

O que os faz concluir que a partir dos discursos produzidos na sociedade, há uma forma de dar sentido ao mundo em um movimento que insere em uma transformação de representações e significados em vários aspectos da vida social, como a questão de sexualidade, gênero e masculinidade, como efeito que parte de constituições de uma estrutura social e que estão em movimento constante. Daí a necessidade de compreender que tipo de masculinidades estão em circulação atualmente nos jovens homens trans no contexto brasileiro.

Voltando a questão do texto para a ADC, temos que em sua construção há mecanismos propostos por Fairclough (2001), que são as intertextualidades e interdiscursividades, que são vistas como elementos que sinalizam uma mudança na estruturação e reestruturação das ordens do discurso (conceito que foi evocado de Foucault) e que estão relacionados à mudança social. Sendo que a intertextualidade está relacionada ao fato de que o texto "responde, reacentua e retrabalha textos passados e, assim fazendo, ajuda a fazer história e contribui para processos de mudança mais amplos, antecipando e tentando moldar textos subsequentes" (p.134,135). Já quando nos referimos a interdiscursividade, temos que se constitui uma categoria mais ampla porque diz respeito não apenas aos textos passados que estão presentes em novos textos de forma manifesta, mas abarca toda a configuração de convenções discursivas que "migram" de um texto a outro e que nem sempre estão manifestas na superfície textual visível, mas podemos considerar que estão presentes nas "entre linhas" de qualquer manifestação textual.

Relacionando o discurso como prática social, que atravessa a linguagem como textos no sentido mais amplo, temos que Ramalho e Resende (2011) vão expor o discurso como uma parte irredutível da vida social, uma dialética entre linguagem e sociedade, uma parte constituinte das relações e efeitos sociais. Neste conceito, entende-se o discurso/linguagem e sociedade não como uma estrutura fixa a um corpo linguístico, ou na ação de usar o discurso em sua forma individual, mas sim na flexibilidade/interação entre ambos. As autoras defendem que as práticas e relações sociais constituintes sob discurso refletem em três principais funções: agir, relacionar e representar. É nessa última que vamos considerar importante na investigação aqui proposta, sendo que ao representar de alguma forma as outras dimensões estão interagindo dentro das estruturas discursivas refletidas nas práticas sociais.

Quando cruzamos a ADS e os conceitos sobre representações, temos que ela se mostra como um instrumento interessante para a pesquisa. O que pode ser visto nas contribuições principalmente dos teóricos van Leeuwen e Van Dijk, os quais postularam uma aplicabilidade da ADC que converge com a temática das representações, como vamos ver adiante ao pontuar considerações dos teóricos, e que ajudará na análise das representações das masculinidades em jovens homens trans no Instagram. Desta forma, Irineu (2019) ao abordar o tema das representações e sua relação com o discurso, traz um caminho interessante que aponta para a Análise Crítica do Discurso como uma ferramenta teórica que sinaliza as conexões entre a TRS, aspectos da Psicologia Social e da Linguística, que considera importante ao se tentar compreender o fenômeno das representações " como processos discursivos envolvidos na reprodução destes "objetos do pensamento" (MOSCOVICI, 1976) através dos quais elaboramos nossa visão sobre o mundo e sobre seus elementos constitutivos" (IRINEU, 2019,p.14). Quando o autor insere a ACD neste contexto, pode-se observar que está evidenciado o fato desta teoria dar ênfase aos processos ideológicos contidos nos discursos e que em suas discursividades há presença de dinâmicas, constituindo os discursos como não estáticos, mas possível de mudanças.

A ADC apresenta-se, portanto, como uma luz na investigação das representações das masculinidades em homens trans jovens, por adentrar nas discursividades presentes deste grupo social, acompanhar as mudanças presentes e como estas se mostram em suas postagens, textos e fotos. Como vamos ver ao aplicar sob a luz das contribuições de Van Leeuwen e Van Dijk, antes vamos trazer algumas considerações do uso da ADC na pesquisa encontradas em Ramalho e Resende (2011,p. 14) em que mencionam de início que a "ADC não pesquisa a linguagem como sistema semiótico nem como textos isolados, mas, sim, o discurso como um

momento de toda prática social" ou seja para a ADC interessa uma compreensão crítica das práticas sociais, sobre o conceito de prática social já vimos anteriormente no presente estudo, mas reiterando que podemos considerar como prática social como sendo "o conceito de prática social refere-se a uma entidade intermediária, que se situa entre as estruturas sociais mais fixas e as ações individuais mais flexíveis" (RAMALHO; RESENDE, 2011,p. 1).

Ao mencionar sobre as estruturas, é bom lembrar em que elas consistem para a ADC conforme trazem Ramalho e Resende (2011), em três ou níveis que são: fixas, flexíveis e intermediárias, de modo que ao nos referir a estruturas fixas estamos mencionando a estrutura social, ou seja, aspectos inseridos nas relações entre classe, instituições, política, economia etc. ao passo que as estruturas mais flexíveis estão relacionadas a eventos sociais, que podem ser evidenciados em interações ocasionais em que participamos, e o último nível mencionado é o intermediário, no qual se estabelece as práticas sociais, que são como já vimos e vamos considerar em Ramalho e Resende (2011, p.15) como: "entidades intermediadoras entre o potencial abstrato presente nas estruturas e a realização desse potencial em eventos concretos". As autoras trazem ainda na mesma página uma citação de (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21) em que relata que "práticas sociais são "maneiras recorrentes, situadas temporal e espacialmente, pelas quais agimos e interagimos no mundo"

Ao tomar nota dessas considerações iniciais de Ramalho e Resende (2011) em que vinculam prática social ao discurso e como reflete na linguagem, vamos foca na questão da textualidade na qual já pontuamos, mas agora mais específico de como a ADC pode contribuir como método de pesquisa. Dessa forma ao se analisar um texto, como as autoras pontuam, devemos compreender então que:

> Os textos que analisamos nos oferecem 'pistas' para a compreensão das práticas sociais investigadas. Como a relação entre o discurso e os demais momentos das práticas é de articulação e interiorização, por meio dos textos (produzidos em eventos discursivos situados) podemos compreender o funcionamento social dessas práticas (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 1).

Tendo os textos inseridos nas práticas sociais, ao investigar as representações das masculinidades como parte dessas práticas na sociedade contemporânea, temos que os enunciados que pretendemos analisar que são as postagens de jovens homens trans no Instagram sob dois aspectos que envolve a ADC, o aspecto teórico e metodológico, sendo que primeiro dá sentido ao segundo, ambos estão conectados pela perspectiva que lhes atravessam, mas ao considerar a ADC como metodologia ou como preferimos aqui, estratégia metodológica para compreender as indagações na presente pesquisa. Ramalho e Resende

(2011) pontuaram que a ADC enquanto abordagem teórico-metodológica “fornece subsídios para a realização de pesquisas qualitativas cujo principal material empírico são textos, sejam documentos oficiais, entrevistas, reportagens, textos publicitários, dentre tantos outros tipos de texto passíveis de serem materiais de pesquisas em ADC” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 73).

Trazendo para a pesquisa em curso, acrescentamos que as postagens do Instagram fazem também parte desse rol de materiais discursivos a serem analisados dentro da perspectiva teórico-metodológica da ADC. Ramalho e Resende (2011.p.) considera que a ADC fornece uma base importante para o desenvolvimento das pesquisas qualitativas, já que debruça sobre “o papel do discurso em relação a problemas sociais contextualmente situados” , aqui vamos refletir na permuta de problemas sociais por situações ou questões sociais, já que pode inferir algum juízo de valor ao levar a palavra problema ao pé da letra, já que a questão levantada aqui é situada em uma questão contemporânea que merece ser analisada que é a representação das masculinidades, o que sugere enxergar os problemas sociais como questões ou situações para serem analisadas. As autoras apresentam duas formas em que a ADC pode ser utilizada na pesquisa social, como análise documental e perspectiva etnográfica, sendo que na pesquisa em curso se escolheu uma derivação da etnografia que é a netnografia (por se tratar de uma pesquisa em meio digital).

As autoras acrescentam ainda que a ADC:

> A proposta teórico-metodológica da ADC oferece ferramentas analíticas para o/a pesquisador/a mapear conexões entre aspectos semióticos e não-semióticos do social, tendo em vista dois objetivos principais. Primeiro, investigar mecanismos causais discursivos e seus efeitos potencialmente ideológicos. Segundo refletir sobre possíveis maneiras de superar relações assimétricas de poder parcialmente sustentadas por (sentidos de) textos. (RAMALHO; RESENDE, 2011, p.105).

A essa citação, podemos considerar que adoção da ADC como estratégia teórico-metodológica é condizente a pesquisa por adentrar no cenário contemporâneo das identidades de gênero, sexualidades e principalmente a questão das masculinidades como questões sociais a serem analisadas para subsidiar as transformações sociais e aspectos relacionados a dinâmica das relações de poder, ideologia e hegemonia inseridos nesta temática. Assim, ao investigar as representações das masculinidades em perfis de jovens homens trans no Instagram, temos contato com os aspectos semiótico e não – semióticos das postagens, já que se trata de vivências midiatizadas das identidades transmasculinas no Instagram. O que nos

faz observar as relações presentes como poder, assimetria, resistência e lutas que o grupo social trava para transexistir.

Trazemos, portanto, as discursividades presentes nas postagens para que se discuta quais os tipos de masculinidades os jovens homens trans estão reproduzindo e como estas circulam na sociedade contemporânea. Ao identificar as categorias representadas, podemos inferir que estas de alguma forma estão sendo circuladas na sociedade contemporânea, o que traz a pesquisa aspectos evidenciados tanto nos grupos sociais específicos, mas também sinalizam para o contexto social mais amplo, considerando a representação elemento presente na sociedade e da cultura manifestada pela linguagem.

Ramalho e Resende (2011) chamam atenção sobre a complexidade relaciona a ADC quando esta serve como abordagem teórico-metodológica nas pesquisas sociais qualitativas, por ser uma abordagem transdisciplinar e aberta que dialoga com várias disciplinas e sua operacionalização se deve com leituras sobre variados temas que se inserem nas Ciências Sociais, sendo, portanto, como Chouliaraki e Fairclough, (1999, p. 17) ao se referirem a ADC como método, falam que ela "lançarem luz sobre a dialética entre o social e o discursivo em uma ampla variedade de práticas sociais". O que podemos ver que a ADC se insere nas complexidades associadas a uma pesquisa social, em que são observadas as variadas questões que envolvem o contexto social e as implicações que inseridas nas temáticas a serem estudas, e no caso da pesquisa em curso, as complexidades relacionadas a questão das masculinidades associadas aos estudos contemporâneos sobre gênero e sexualidades. Dessa forma, ao realizar uma pesquisa sob a luz da ADC, temos que é importante considerar os materiais discursivos em análise que:

> Um texto pode ser compreendido de diferentes maneiras, uma vez que diferentes combinações das propriedades do texto e do posicionamento social, conhecimentos, experiências e crenças do/a leitor/a resultam em diferentes compreensões. Parte da análise de textos é, portanto, análise de compreensões, que envolvem descrições e interpretações. A outra parte da análise é a explanação, que se situa na interface entre conceitos e material empírico. (RAMALHO; RESENDE,2011, p. 108).

Vimos em Ramalho e Resende (2011) que a ADC em sua perspectiva teórico-metodológica utilizada em pesquisas qualitativas apresentam principalmente esses dois vieses, que juntos consideramos ser muito oportuno para a presente pesquisa. Quando, por exemplo, nos debruçamos sobre as postagens de jovens homens trans, temos uma leitura sobre o universo desse grupo social, suas crenças e experiências e pra nós principalmente interessam as suas representações, mais precisamente as suas representações das masculinidades. Dessa

forma, adentramos nas compreensões desse grupo social e nos inserimos em pautas emergidas nos textos e imagens das postagens, o que sugere como as autoras colocam, uma análise realizada com uma interface com o material empírico e explanação dos temas que são enunciados ou evocados, o que como vimos faz a pesquisa ter uma característica explanatória.

Mas como explicar de forma prática a aplicabilidade da ADC no campo da pesquisa qualitativa? Ramalho e Resende (2011) trazem uma discussão e apresentam exemplos de como a ADC pode ser aplicada, destacando o uso de "categorias analíticas" e ainda nos trazem uma contribuição mais clara da relação entre discurso e representação como elementos que fazem parte da construção de identidades e identificações e que estão inseridas nos três momentos da ordem do discurso proposto pela ADC, em que foi explanado anteriormente no primeiro capítulo, e são evidenciados nesse contexto como importantes quando se objetiva analisar o material discursivo, já que estes "são realizados em traços semânticos, gramaticais e lexicais de textos. Isso implica que maneiras relativamente estáveis de representar, de (inter)agir e de identificar (-se) em práticas sociais são materializadas em textos" (RAMALHO; RESENDE ,2011, p. 108).

As categorias analíticas propostas como importantes na aplicabilidade da ADC nas pesquisas sociais são encontradas nesta leitura dos traços semânticos, gramaticais e lexicais dos materiais discursivos, e conectam a uma compreensão do contexto social em que foram produzidos de modo a relacionar com as questões levantadas nessas pesquisas. Sobre as categorias analíticas, temos em Ramalho e Resende (2011, p. 112-113) que elas são:

> Formas e significados textuais associados a maneiras particulares de representar, de (inter)agir e de identificar(-se) em práticas sociais situadas. Por meio delas, podemos analisar textos buscando mapear conexões entre o discursivo e o não discursivo, tendo em vista seus efeitos sociais.

As autoras trazem alguma destas categorias para exemplificar como pode realizar a prática da ADC em textos. Elas destacam ainda que "uma análise discursiva crítica não se confunde com simples leitura e interpretação" (RAMALHO; RESENDE, 2011,p. 108), ou seja, ao realizar uma análise discursiva deve-se atentar para questões que vão muito além de uma simples leitura ou interpretação de texto, mas se deve ir a fundo em questões que circulam na discursividade, nos arranjos, na coesão, de como o enunciador organiza as frases, palavras, expressões etc., bem como "conceitos associados a categorias analíticas aplicadas sistematicamente". Ramalho e Resende (2011) trazem algumas questões levantadas por Fairclough (2003) em relação as categorias analíticas em forma de quadro no qual aponta categorias como aspectos discursivos ou textuais associadas a questões a serem observadas

nos textos e elencam cerca de 8 categorias, como por exemplo: Estrutura genérica, Intertextualidade, Presunção e Interdiscursividade.

No presente trabalho vamos somar a essas categorias e aplicabilidade da ADC apresentadas por Ramalho e Resende (2011) às contribuições dos dois teóricos como já mencionamos anteriormente, van Leeuwen e van Dijk, que postularam suas análises com uma conexão interessante para o estudo das representações. Em van Dijk (199:2003) temos que o teórico faz uma intersecção entre discurso, ideologia e representação social, ao considerar que as práticas discursivas são realizadas na interação social, e que nesta interação há uma forte presença de constructos linguísticos-discursivos ideológicos que incidem nas representações em determinados grupos sociais.

Já van Leeuwen (1997) encontramos que tece sobre as representações dos atores sociais, partir das discursividades podemos perceber que as representações ajudam a sustentar relações de dominação dentro de uma determinada prática social, já que elas são ideológicas, e portanto podem ser construídas ou desconstruídas, evidenciada na forma como são formatados nos materiais discursivos analisados, refletindo como sujeitos que produzem os discursos e como esses sujeitos aparecem nos textos produzidos e sugere com base na semiótica funcional mecanismos de exclusão, supressão, e outros artifícios.

Em relação a análise textual, Irineu (2011) traz algumas considerações importantes sobre Dijk (2003) nas quais aparecem algumas categorias que auxiliam o pesquisador no momento da análise textual. O autor destaca que as estruturas textuais que revelam manobras intencionais, mas não necessariamente conscientes dos atores sociais que revelam as práticas ideológicas mediadas pela linguagem que estão inseridos na construção das representações sociais, aqui nós direcionamos que essas manobras aparecem nas postagens dos homens trans jovens no Instagram.

Irineu (2011) traz uma relação de categorias encontradas em Dijk (2003) que ajudam o pesquisador a analisar o material discursivo a ser trabalho. Dessa forma, ele relaciona 05 EID-Estruturas Ideológicas do Discurso e 04 Categoria de Análise Contextual, encontradas em Dijk (2003) sendo assim apresentadas em forma de tabelas:

Tabelas 1 - Categoria de Análise Textual

Categoria de Análise Textual	**Definição /Explicação**
1. *Circunstância, pela exposição de condições sociais específicas no discurso.*	Investigar a influência das condições sociais dos enunciadores por eles assumidas em seus discursos e suas RS de objetos ligados à cultura,

2. *Papeis sociais, revelados pela posição social assumida pelos enunciadores*.	Posição que de fato ocupa seja a posição por ele assumida e/ou deseja, a posição social sobre a qual o enunciador se afirmar revela elementos importantes dos motivos pelos quais ele se filia a dados grupos e a outros não.
3. *Pertencimento, pelo sentimento de fazer parte de grupos ou de categoriais sociais*.	Investigar como a sensação de fazer parte ou não de dados grupos torna-se condição relevante na construção de uma RS. Interessa-nos entender ainda como se dá, na linguagem expressa, a passagem da noção dos sujeitos da condição de indivíduos para a condição de grupos
4. *Referência aos "outros sociais", através dos referentes no discurso*	Interessa entender os mecanismos contextuais que levam os sujeitos a fazerem determinadas escolhas referenciais em detrimento de outras para a construção de objetos de RS

Fonte: IRINEU (2011, p. 116-117)

Quadro 2 - Estruturas Ideológicas do Discurso (EID)

Estruturas Ideológicas do Discurso (EID)	**Definição /Explicação**
1 - Aspe	Seleção/apresentação de termos e de expressões mediada por questões de crenças e funções ideológicas
2- Construções sintáticas	Relações intencionais na hierarquia sintática da sentença e suas implicações para a projeção de sentido em nível de estruturação de orações e/ ou períodos específicos
3-Elementos semânticos	Vistos sobre diversas manifestações como o significado conceitual, a intenção e a referência; o significado e a interpretação referida no léxico, por exemplo; as proposições, como o significado de cláusulas e orações
4. Estruturas retóricas	Apropriação, no texto escrito ou na conversação face a face, de determinadas figuras retóricas, a exemplo da ironia ou do eufemismo, além de outros efeitos de sentido pretendido*s*
5. Estratégias de controle do discurso	Promoção de determinadas enunciações com direção clara ou subentendida de tomadas de posição

Fonte: IRINEU (2011, p.117-118)

Em Van Leeuwen (1997) encontramos um "inventário sócio-semântico "com estratégias discursivas que aparecem nas construções textuais, nas quais podemos verificar quais são os diversos modos pelos quais os atores sociais podem ser representados, dessa forma, estabeleceu a relevância sociológica e crítica de algumas categorias linguísticas evidenciadas nos discursos, considerando o contexto cultural e social. Essas estratégias colocam sob dois sentidos principais em relação aos atores sociais na língua, são eles: agentes ou/e pacientes, como já vimos anteriormente.

Os atores sociais são inseridos em uma rede de sistemas linguísticos distintos e complexos que contemplam aspectos léxico-gramaticais como figuras retóricas, e esses sistemas linguísticos no discurso passam por transformações através de processos que

envolvem o apagamento, a reestruturação e a substituição da consistência linguística na forma de categorias como a inclusão ,exclusão e supressão (VAN LEEUWEN, 1997) que devem ser observados nas estruturas textuais e também o autor insere as imagens como materiais também cabíveis de análise, o que parta esta pesquisa se faz relevante.

Para a análise da imagem, o autor considera três dimensões importantes: distância social, relação social e interação social, que se relacionam a como as pessoas são representadas, descritas ou narradas pelo *viewer*. Dessa forma, são analisados os ângulos, planos, posição dos personagens que aparecem em cena, tudo é material para analisar as representações dos atores sociais. Dessa forma, quando Leeuwen (1997) introduz a na perspectiva imagética para a ADC, temos que evidencia ainda mais a sua aplicabilidade na pesquisa em curso, o que consideramos ser importante por inserir como ferramenta de análise contemporânea no campo das representações, por entender que esta não se aplica somente a estruturas textuais, mas está inserida em outras formas de discursos como prática social em constante transformação e que cada vez mais é permeado por dispositivos imagético, como é o caso do Instagram.

Temos então que na investigação estabelecida no estudo, utilizaremos o aporte teórico da ADC para direcionar as análises, considerando os textos e imagens como material discursivo a ser analisado segundo as categorias de análises apresentadas, apresentando as devidas conexões teóricas relacionada no escopo do trabalho como embasamento para as discussões e que servirão para se chegar as representações das masculinidades que pretendemos. Tendo como enunciadores os homens trans jovens, pretendemos associá-los como atores sociais inseridos no processo de transformação social em que participa os discursos, como prática social.

Dessa forma, foram selecionados 05 perfis como enunciadores referentes aos homens trans jovens, conforme os seguintes critérios:1-Ser identificado como um homem trans no perfil do *Instagram;* 2- Ter uma conta de perfil público no *Instagram*; 3- Possuir uma atividade na conta do Instagram de pelo menos de 01 ano; 4- Caráter motivacional e pessoal em suas publicações, não sendo provenientes de organizações; Ser uma conta brasileira;5- Os perfis devem estar diretamente relacionados às vivencias transexuais relacionadas aos transhomens;6- Ter idades entre 18 a 35 anos. Sendo assim, os perfis selecionados para serem analisados foram:

Lucca Najar (@lucca.najar): possui37,4 mil seguidores e 508 publicações (até dia 29/06/2019) e mais de um ano de conta ativa. No perfil se identifica como criador de conteúdo e youtuber, residindo em São Paulo.

Figura 1 – Perfil de Lucca Najar no Instagram



Fonte: Instagram.

Lorenzo Ferreira (@lorenzo_fcosta): possui 1.204 seguidores e 208 publicações (até 29/06/2019), com mais de um ano de conta. No perfil se identifica como 18 anos, casado, data de início da transição: 02/03/19.

Figura 2 – Perfil de Lorenzo Ferreira no Instagram



Fonte: Instagram.

Ivan Luca (@oivanmunhoz) possui 693 seguidores e 216 publicações (até dia 29/06/2019) e mais de um ano de conta ativa. No perfil se identifica como fotógrafo, 26 anos, e a data de início da transição: 13/09/2018.

Figura 3 – Perfil de Ivan Luca no Instagram



Fonte: Instagram.

Chris Cruz (@chrisincruz) possui 1.399 seguidores e 501 publicações (até dia 29/06/2019). No perfil se identifica como apenas feliz.

Figura 4 – Perfil de Chris Cruz no Instagram



Fonte: Instagram.

Paulo Vaz (@popo_vaz) possui 115 mil seguidores e 362 publicações (até dia 29/06/2019). No perfil se identifica como blogueiro e youtuber:

Figura 5 – Perfil de Paulo Vaz no Instagram



Fonte: Instagram.

Tais perfis de homens trans dito como aqui como enunciadores observáveis se encontram dentro do cenário analítico e compreensivo da pesquisa, como sujeitos que produzem discursos e reproduzem práticas sociais, são considerados como um grupo social que produzem representações como Van Dijk menciona, ou ainda são os atores sociais para van Leewuen. Esses são os protagonistas das enunciações que vamos nos debruçar, cada um trazendo em si um contexto que se intercruzam, nas suas próprias diversidades. São, portanto, os enunciadores observáveis da pesquisa e como enunciadores imprimem nas suas formas de linguagem as representações que pairam na cultura e na sociedade, que faz circular os sentidos e manifestar identidades como encontramos em Hall.

5.3Percurso de investigação: Estratégias metodológicas

A pesquisa está localizada dentro de uma pesquisa social, qualitativa, descritiva e explanatória, tem os que o percurso de investigação é como já mencionado uma travessia, que podemos estabelecer como ponto de partida um cruzamento de caminhos. Nessa encruzilhada

inicial convergem as vivências pessoais, vivências profissionais e acadêmicas, no contexto do mestrado, como pontuado na introdução do trabalho. Nessa encruzilhada inicial já se começa a adentrar em um movimento de aprendizagem, de produção de conhecimento e adentrar na conexão no emaranhado da temática proposta.

Dessa forma, tivemos que rever algumas propostas procedimentais de investigação, sob a luz da ADC para analisar o material discursivo emanado das postagens de jovens homens trans. Assim, se chegou à amostra estabelecida e já mencionada na seção anterior que são 10 postagens por perfil, acreditando que possa dar respaldo aos objetivos e hipóteses encontradas na pesquisa. Essas postagens se localizam num período de 6 meses, por considerarmos um período de maior regularidade, de maior amplitude que possa evidenciar discursividades mais legítimas para serem debruçadas na investigação em curso. Para ajudar na análise das representações das masculinidades encontradas nos discursos das postagens dos perfis escolhidos, foi construída uma tabela, embora a análise já se tenha dado a partir do contato com o texto e a imagem, numa perspectiva de interação social.

A seguir vamos apresentar a tabela pensada para melhor se debruçar em uma análise discursiva, a partir da abordagem da ADC postulada por Fairclough e contribuições para aplicação em , com foco nas categorias analíticas e das contribuições de van Leeuwen e van Dijk, ao associaram a ADC às representações, sendo que temos em Hall uma vertente conceitual que apoia as discussões que inclui as representações contextualizada com a linguagem, discurso, cultura e identidade, como vimos ao abordar sobre ela.

Tabela 3 - Esquema de análise analisada

Perfil	
Data da postagem	
Imagem	
Texto	

Então, vamos considerar as postagens incluindo os textos e imagens como o nosso material discursivo no qual vamos debruçar sobre categorias analíticas sob a luz da ADC, considerando as categorias e conceitos principalmente dos autores relacionados, o que pode vir a surgiu na análise novos elementos e, portanto, a necessidade de inserir alguma temática e sua respectiva consideração teórica. Dessa forma, vamos olhar para as postagens como um texto, como enunciados dos homens trans jovens composto pelos momentos da ordem do discurso.

6 REPRESENTAÇÕES DAS MASCULINIDADES EM PERFIS DE HOMENS TRANS JOVENS NO *INSTAGRAM*

Toda pesquisa busca algum tipo de resposta, busca alcançar algum tipo de objetivo, busca desmitificar alguma hipótese. Neste capítulo vamos criar pontes entre as teorias e a realidade, por meio da análise de postagens de alguns perfis de jovens homens trans selecionados previamente. A intenção é identificar as representações das masculinidades encontradas a partir do material discursivo disposto como recurso desse território de subjetividades e identidades manifestadas da sociedade contemporânea, o que é possibilitado pela escrita de si evidenciada por esses sujeitos, que ao se inscreverem nesses espaços, se mostram, se enunciam para o mundo. Representar masculinidades a partir desse contexto, identificá-las e confrontá-las com as questões de gênero atuais, a luta por quebra de hegemonia e ideologias que normatizaram corpos, sexualidades e identidades de gêneros.

Vamos, portanto, apresentar as representações das masculinidades encontradas nos perfis de jovens trans homens no Instagram em forma de categorias nas sessões, pretendemos nomeá-las de forma que contemplem um agrupamento de representações evidenciadas nas postagens, relacionando com os tipos de representações elencadas no capítulo 2 e fazendo novas conexões de modo a identificar as representações das masculinidades na contemporaneidade e trazer discussões e reflexões para esta perspectiva.

Desse modo, tem-se uma seção com a análises das postagens, como "trançados" teóricos e empíricos emergidos no cenário da pesquisa, as análises e os desdobramentos que as sugerem enquanto conexão com o referencial teórico que serviu de base para pesquisa, e as outras sessões serão destinadas às representações em forma de categorias que vamos nomear conforme agrupamentos de representações encontradas. A referência do "trançado" decorre do que Xavier (2017) considera importante para uma produção coletiva de conhecimentos, oriunda da multiplicidade de escritas que se entrelaçam nos encontros, relacionando esses "encontros de similaridades e diferenças que conduzam a deslocamentos de pensamentos e práticas" (XAVIER, 2017, p.7).

Quando Xavier (2017) faz alusão à trança, traz duas concepções aparentemente antagônicas, mas que surgiram como chamariz para esta proposição reflexiva. A primeira é sobre "enlaçar de modo a não deixar solturas, a evitar que se espalhem, que sofram dispersão", em seguida, traz outra: "produzir aberturas, linhas de fuga, escapes" (XAVIER, 2017, p.7). Ambas se encontram no processo de aprender e produzir conhecimento, quando a

autora aponta que é no “entre-espaço do prender da trança e daquilo que lhe transborda” (XAVIER, 2017, p.7),

Dessa forma, o presente capítulo se manifesta como um entrelaçamento entre as categorias teóricas que apontam sobre a investigação das representações das masculinidades em jovens homens trans a partir do material coletado nas postagens com a perspectiva metodológica da Análise de Discurso Crítica (ADC), baseada principalmente em dois importantes expoentes: Van Leewen (1997, 2003) e Van Dijk.

Por meio de Van Leewen (1997, 2003) e Van Dijk, buscamos realizar um processo de análise crítica do conteúdo proposto em relação aos objetivos e hipóteses do estudo, a partir das contribuições originais de Fairclough (2001). Aqui, como no escalar de uma montanha, chegamos no cume, no ápice do trabalho que é a motivação de qualquer pesquisa acadêmica. Desejamos chegar em algum resultado, não num resultado puramente positivo, mas que aponte para horizontes críticos do que foi observado e discursivamente coletado.

Ramalho e Resende (2011) trazem uma discussão e apresentam exemplos de como a ADC pode ser aplicada, destacando o uso de “categorias analíticas” e ainda nos trazem uma contribuição mais clara da relação entre discurso e representação como elementos que fazem parte da construção de identidades e identificações. As identidades e identificações estão inseridas nos três momentos da ordem do discurso proposto pela ADC e são evidenciados nesse contexto em que se objetiva analisar os traços semânticos, gramaticais e lexicais dosdiscursos. Isso implica que maneiras relativamente estáveis de representar, de (inter)agir e de identificar (-se) em práticas sociais são materializadas em textos” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 108).

É do cume que se contempla a paisagem. É no cume que se reflete sobre a caminhada e o percurso realizado, o que gera alívio e, também, uma vontade de ir mais além, é o que podemos nesta etapa do trabalho, na qual aferimos as representações que foram encontradas nas postagens e que direciona para desdobramentos e discussões acerca das masculinidades. Assim, em cada uma das próximas secções, iremos relacionar o material discursivo, analisado de forma que eles se conectem com a metodologia e o referencial teórico propostos no trabalho.

6.1 Posto, logo existo: transmasculinidades midiatizadas

A primeira categoria que vislumbramos como representação parece um tanto óbvia, mas carrega em si um importante ponto de partida para adentrarmos no universo de representação das masculinidades em jovens homens trans: a autoreferência como homem trans, o que podemos apontar como uma masculinidade que se inscreve discursivamente como uma subversão das normas hegemônicas de masculinidade e assume uma representação que está associada a masculinidade *queer*, dissidente e que rompe com ideologias e hegemonias de modelos de masculinidade fundamentada exclusivamente em bases anatômicas e fisiológicas. Aqui vamos considerar como foco a visibilidade das transmasculinidades na mídia social Instagram como auto-reconhecimento da identidade de gênero masculina como existência, reforço identitário e militância.

Na imagem abaixo está um recorte da tabela sobre as postagens de @chrisincruz, na qual podemos ver no texto as hashtags com referência a transmasculinidades autoreferenciadas, o que se repete nos demais perfis observados e analisados.

Figura 6 – Transmasculinidade autoreferenciada em post de @chrisincruz



Texto:	Data:
chrisincruz Às vezes a felicidade demora a chegar... Aí é que a gente não pode deixar de sonhar... Erga sua cabeça mete o pé ♪♪♫ #transexual #transformandovidas #transmen ##transgenderbrazil #transgenders #transman #vidastransimportam #transpride #pride #transboy	31/12/2019

Fonte: Instagram

Observamos, a partir da imagem acima, que o discurso mostra uma positividade, orgulho e visibilidade da identidade de gênero, contidos na conexão imagem, citação da letra da música e hashtags. Ser trans é evidenciado como orgulho, o que suscita uma representação de masculinidade *queer*, no bojo da pluralidade e diversidade que cabem a aceitação e o reconhecimento como manifestação identitária presente em homens trans jovens no Instagram. Tal representação elencada, pode ser evidenciada na concepção de discurso como prática social e, de forma mais específica, um discurso enquanto prática mutável e que se revela na expressão da linguagem contemporânea, com incremento de estratégias discursivas que evocam as transformações sociais no contexto de gênero.

É importante considerar que a autoreferência positiva e a publicização da identidade de gênero nos perfis encontrados na pesquisa vêm acompanhadas muitas vezes de elementos textuais que demonstram superação e luta por direitos de existência de uma masculinidade dissidente[28], o que nos orienta a enfatizar que a categoria abordada destaca a relevância da midiatização da transmasculinidade como processos de subjetivação e produção de sentidos, que perpassa o discurso como sinal de mudança social, como pontua Fairclough (2001). Se cruzarmos representação, cultura, linguagem e produção de sentidos, encontramos Hall (2016) que este utiliza conceitos sobre a linguagem para trabalhar representação. De acordo com ele, o papel ou função da linguagem como representação seria o de promover reflexões através de um olhar culturalista, ou melhor, a cultura por meio da representação possibilita ferramentas de interpretar realidades, comportamentos de determinados atores sociais, e estes podem contribuir por transformações no campo das representações.

Tanto Fairclough (2001) como Hall (2016) sinalizam que representação e discurso não são estáticos, o que justifica que a transmasculinidade publicizada nos perfis de homens trans demonstram um percurso sociocultural alicerçado em vivências de grupos sociais específicos, mas que - com a midiatização dos processos de transição, vida cotidiana e autoreferência, - acabam provocando um transbordamento de representação de forma mais ampla na sociedade, fundamentado também em elementos relacionados a hegemonia, como mencionam os estudos de Junior e Ottoni (2013).

Junior e Ottoni (2013), ao fazerem referência à manutenção ou transformação de uma ação ou prática social contida nos discursos, percebem que o conceito de hegemonia tem que ser levado em consideração. Para tal mencionam Fairclough (2001, p. 122) que relata que a "Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente

[28] Percebemos que muitos posts em que os trans homens autodeclaram-se como, podem ter esse cunho de resistência e/ou de busca por espaço na sociedade. Isto é,

definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais" ou ainda que "Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento".

Ao considerarmos a categoria "posto, logo existo: transmasculinidades midiatizadas", enfatizamos que as postagens de jovens homens trans que discursam sobre suas identificações, autoreferência da identidade de gênero, as nomenclaturas mencionadas, a visibilidade da superação, da transição, da luta por direitos, resultam em alianças e integrações que perpassam pelo poder da linguagem na representação dos homens trans como existências no campo das masculinidades, contrapondo com a "masculinidade hegemônica" como aponta Connell (1987:1995), mas a considerando plural.

Nas próximas seções, ressaltaremos que, ao mesmo tempo em que se rompe com modelos hegemônicos de masculinidade ao visibilizar as transmasculinidades, há armadilhas que ainda desembocam em normativas hegemônicas, como corporeidades e papeis sociais. Mas aqui o destaque é para a midiatização da identidade de gênero trans e como as postagens desses perfis podem contribuir entendermos a realidade. Ademais, como fim de legitimação do que foi defendido, apresentamos mais dois exemplos de postagens referentes aos perfis selecionados que evidenciam tal representação relacionada nessa seção, a do perfil de @luccanajar do dia 23 de abril de 2020 e @oivanluca do dia 27 de junho de 2020:

Figura 7 – Transmasculinidade autoreferenciada em post de @luccanajar



Fonte: Instagram

Figura 8 – Transmasculinidade autoreferenciada em post de @luccanajar



Fonte: Instagram.

Na postagem de @luccanajar observamos uma foto inspirada numa fotografia de um fotógrafo trans, Loren Cameron, um dos primeiros homens trans conhecido pelo enunciador e que o marcou profundamente. No texto, Luccas Najar faz um relato sobre empoderamento e autoestima para os homens trans e faz uma convocação para "olhar para nós com mais carinho, para não comparar nossa transição, para curtir nossas mudanças e curtir nossa jornada trans", o que demonstra de forma bem enfática a importância da visibilidade midiática para os homens trans, geram processos de reconhecimento e autoaceitação. Quando esta transmaculinidade é midiatizada no Instagram, a sociedade acaba percebendo uma existência que por muito tempo foi negligenciada, silenciada, renegada aos guetos e na vida exclusivamente privada e que agora alcança nova visibilidade, e uma nova forma de interação e vivência social.

Sobre essa midiatização vislumbrada na sociedade contemporânea, Castells (1999) considera que a vida humana extrapola as ruas, as casas, os cenários e territórios físicos, e ocupa as redes e interfaces tecnológicas. Um espaço de interação que faz ascender novos desafios culturais, éticos e políticos que permeiam a história da humanidade. Colvara (2016, p.29) aborda que "vivemos uma transformação social, em que a nossa subjetividade foi

alterada substancialmente com a técnica", o que nos evidencia a relação da mídia, discurso e prática social, que acaba por corroborar o atravessamento que a midiatização provoca na vida das pessoas.

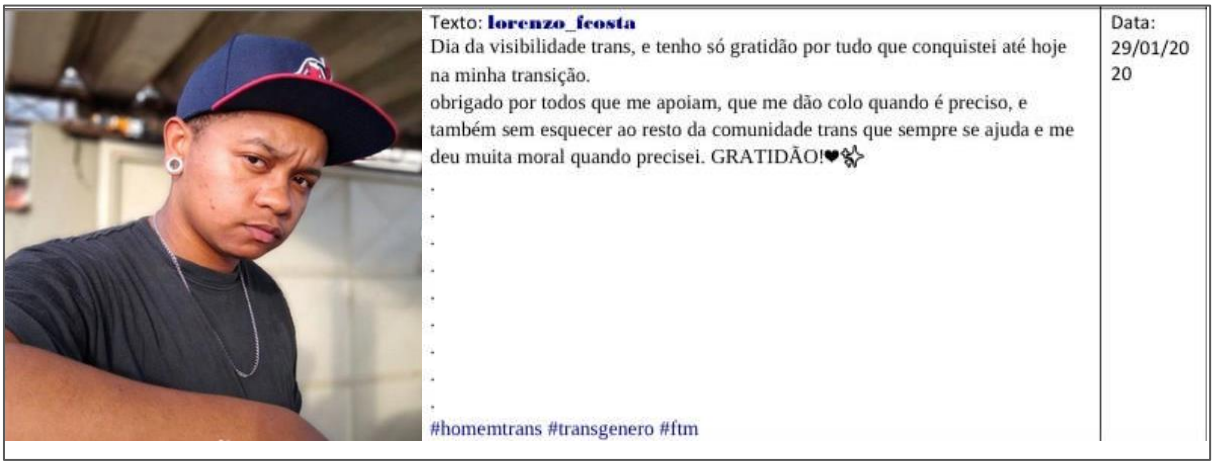
Voltando a postagem do perfil @luccanajar, temos no texto uma referência a transmasculinidade midiatizada, quando o mesmo convida os homens trans: "tire autorretrato seu, do seu corpo e mostre para o mundo o quanto a gente se orgulha de ser trans e que nosso corpo é lindo do jeito que ele é". Tal enunciado reitera? os apontamentos de Graciano (2018) que ressalta o papel do *Instagram* no processo de reconhecimento da transexualidade, sendo está visível pelas mensagens imagéticas, o que possibilita uma representação discursiva relevante na transmissão identitária dos sujeitos trans e evoca essa mídia como importante espaço discursivo e imagético que participa nos processos de produção de sentidos, mudança social e contribui para novas formas de representações que promovam cada vez mais respeito, orgulho, empoderamento e visibilidade. Isto também é evidenciado por Amorim (2016) que entende a exposição dos homens trans nas mídias sociais, como forma de visibilidade e reconhecimento, sobretudo nas narrativas vivenciais desses atores sociais inseridas nestas plataformas digitais, que servem como palco para mostrar sua transexperiência, que os colocando como pauta contemporânea de luta para resistência, para ter reconhecimento nos espaços da mídia social. Assim, os homens trans ganham cada vez mais espaço e visibilidade, mas cabe enfatizar que não buscam uma legitimação pelo "cistema"; ao se mostrarem, acabam também construindo mais uma rede de apoio, referência e legitimação.

Em relação à postagem extraída do perfil de @oivanluca, temos também um exemplo de evidência de sua trajetória trans, com ênfase no orgulho da sua "transexistência" e na autoreferência do processo da construção do ser homem. Ao observarmos a imagem, vemos que ele está em posição frontal, ao centro da imagem, olhando para a lente fotográfica, como quem olha para o espectador/audiência, vestido com calça, blusa e jaqueta jeans, usa relógio e mostra-se autocentrado e confiante. A fotografia revela uma conexão com o texto, como completude da mensagem da postagem sobre orgulho e reflexão da sua trajetória como homem trans, sua transição e perspectiva de desenvolvimento pessoal, o que mostra sua transmasculinidade como processo de autorealização. Dessa forma, postagem do dia 27 de junho de 2020: "Tenho um ORGULHO enorme do homem que me tornei, e das decisões que tomei... da minha trajetória, pela força, por todos os aprendizados que tive e pela chance que a vida me deu de ser uma pessoa melhor a cada dia. #pride #trans #lgbtqi #beyou". Podemos identificar que a palavra mais destacada é "orgulho", a qual é colocada em caixa alta e citada

entre as hashtags, evidenciando o Instagram como uma ferramenta que fortalece as identidades de homens trans na contemporaneidade.

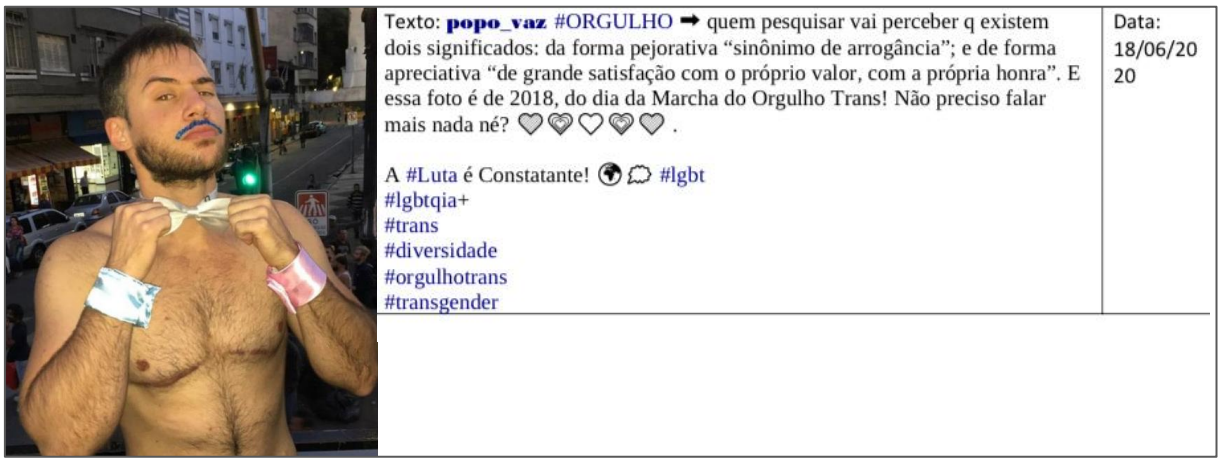
Continuamos com a perspectiva de orgulho e aceitação que as postagens de homens trans jovens representam no Instagram com mais dois exemplos nas postagens de @lorenzo_fcosta e @popo_vaz, nos dias 29 de janeiro de 2020 e 18 de junho, respectivamente:

Figura 9 – Transmasculinidade autoreferenciada em post de @lorenzo_fcosta



Fonte: Instagram

Figura 10 – Transmasculinidade autoreferenciada em post de @popo_vaz



Fonte: Instagram

A interseção entre discurso e representação nos faz relacionar aspectos importantes das referidas postagens inseridas na presente categoria abordada nessa seção. Van Dijk e Van Leeuwen outrora contribuíram para pensar essa conexão, dessa forma, as postagens são consideradas material discursivo. Ramalho e Resende (2011) pensam de forma aproximada

quando consideram o discurso como parte irredutível da vida social, uma dialética entre *linguagem* e *sociedade*, uma parte constituinte das relações e efeitos sociais.

Ainda sobre a importância de referenciar os discursos na investigação sobre as representações das masculinidades presentes na pesquisa, é importante considerar que as palavras de Oliveira e Carvalho (2013, p. 283-284) ao citar as contribuições de Fairclough (2008) relacionam que "as relações existentes entre língua e sociedade são inegáveis. Fairclough chama a nossa atenção para os efeitos constitutivos do discurso, que contribuem para a construção de identidades sociais", o que reforça a importância de postagens como as que exemplificamos para que as identidades de homens trans sejam consolidadas no espectro das masculinidades contemporâneas, e estes sejam cada vez mais percebidos como atores sociais presentes e que produzem sentidos a partir dos materiais discursivos enunciados nas postagens no Instagram.

Em relação às postagens que destacamos de @lorenzo_fcosta e @popo_vaz, vimos alguns elementos importantes que a Análise de Discurso Crítica nos ajuda a corroborar com uma representação de masculinidade que aponta para visibilidade transmasculina associada a orgulho, empoderamento, autoreferência positiva e outros aspectos de uma "transexistência". Temos que para van Leeuwen (1997, 2003), os jovens homens trans são atores sociais que estabelecem ferramentas discursivas na produção de enunciados que contribuem para a produção de sentidos na sociedade contemporânea, que relaciona como esses sujeitos aparecem nos textos produzidos com base em semiótica funcional, disposta a evidenciar os mecanismos de exclusão, supressão, e outros artifícios que desemboca em representações.

Dessa forma, vamos relacionar os exemplos das postagens acima dos perfis de Lorenzo Costa e Paulo Vaz, conforme os mecanismos identificados na perspectiva da análise discursiva proposta por Van Leeuwen (1997, 2003). Temos que na postagem do dia 29 de janeiro, dia da visibilidade trans, do perfil @lorenzo_fcosta aparece o seguinte texto:

> Dia da visibilidade trans, e tenho só gratidão por tudo que conquistei até hoje na minha transição. Obrigado por todos que me apoiam, que me dão colo quando e preciso, e também sem esquecer ao resto da comunidade trans que sempre se ajuda e me deu muita moral quando precisei. GRATIDAO! #homemtrans #transgenero #ftm.

No texto aparece o mecanismo de inclusão, conforme a categorização proposta por Van Leeuwen (1997, 2003), a qual inclui a categoria das pessoas trans, ou seja, que fazem transição de gênero, e as evidencia como atores sociais inseridos na sociedade, com opinião e influência em comportamento como apoio, acolhida e respeito. Sob a perspectiva discursiva

da inclusão textual, consideramos também a categoria das pessoas trans e comunidade trans como mobilização social, considerada importante pelo enunciador no processo de sua vivência pessoal. No mecanismo de inclusão, conforme a tabela proposta por Van Leeuwen (1997, 2003), estão presentes outras subcategorias que emergem nos discursos que "recontextualizam" os atores sociais, marcados por suas especificidades, que os diferenciam enquanto grupos sociais.

Assim, considerando a teoria de Van Leeuwen (1997, 2003), subtende-se que os homens trans estão alocados dentro de uma subcategoria sob a condição de agente da ação, como também paciente, quando Lorenzo Costa os inclui como o ser da ação (quando se refere à sua transição e enunciação) e também receptor em relação aos outros homens trans incluídos nos discursos (mencionando a comunidade trans), como categorização cultural na dimensão genérica. Podemos considerar as especificidades relacionadas ao grupo na postagem dentro do mecanismo de inclusão como diferenciação.

Temos ainda, sobre as considerações das representações nos discursos propostas por Van Leeuwen (1997, 2003), o "inventário sócio semântico" que parte da categoria inclusiva presente nas postagens de homens trans jovem no Instagram. No caso da postagem citada, @lorenzo_fcosta adota os hashtags "#homemtrans #transgenero #ftm". Tal vocabulário é utilizado como identidade e reconhecimento como parte desse inventário sócio-semântico posto por Van Leeuwen (1997, 2003) como discursos textuais mais específicos de determinados atores sociais.

Sobre a imagem, temos que Van Leeuwen (1997, 2003) propõe uma relação discursiva e a considera como material para analisar as representações dos atores sociais dispostas em mecanismos discursivos associados à imagem que aparecem tanto nos vídeos como em fotografias. Assim, ao analisarmos a imagem da postagem em questão do perfil @lorenzo_fcosta, podemos observar que Lorenzo Costa está ao centro, com olhar dirigido ao espectador, com adereços e vestuários relacionados ao "universo masculino", o que pode ser apontado como um *viewer* narrativo que assume uma relação social e interação que pressupõe uma ampliação linguística para o campo comunicacional, que reflete sobre as formas contemporâneas e ocidentais de comunicação e se apresenta como uma estratégia importante de pensar as representações presentes na discursividade de mídias, mais precisamente no Instagram.

Em relação à teoria de Van Dijk (1999, 2003), que dispõe sobre uma relação tridimensional discurso-sociedade-cognição observada nas representações atravessadas por

questões ideológicas, temos como exemplo a postagem de @popo_vaz, dia 18 de junho de 2020:

> #ORGULHO: quem pesquisar vai perceber q existem dois significados: da forma pejorativa "sinônimo de arrogância"; e de forma apreciativa "de grande satisfação com o próprio valor, com a própria honra". E essa foto e de 2018, do dia da Marcha do Orgulho Trans! Não preciso falar mais nada ne? A #Luta e Constatante! #lgbt #lgbtqia+ #trans #diversidade #orgulhotrans#transgender.

Irineu (2011), em seu estudo sobre representações, aponta que Van Dijk (1999, 2003) faz uma intersecção entre discurso, ideologia e representação social, ao considerar que as práticas discursivas são realizadas na interação social, e que nesta interação há uma forte presença de constructos linguísticos-discursivos ideológicos que incidem nas representações em determinados grupos sociais e identitários, ao qual denomina de "estruturas ideológicas do discurso (EID)". Ainda, em Irineu (2011, p.96):

> Tais estruturas podem ser entendidas como a reconstrução cognitiva, na linguagem, das principais condições sociais para a existência e a reprodução de grupos sociais variados, ou seja, as condições sociais da existência, a organização, a reprodução e as práticas sociais dos grupos e seus membros tanto em dimensões sociais como em dimensões mentais.

Abaixo uma tabela inspirada por Irineu (2011, p. 116-117) com a análise inspirada nas categorias de análise textual proposta por Van Dijk (1999, 2003) relacionada com o exemplo do texto da postagem supracitada:

Tabela 4 - Quadro de análise

Categoria de Análise Textual	**Relação com a postagem**
1. *Circunstância, pela exposição de condições sociais específicas no discurso.*	O contexto social do enunciador faz referência a um evento específico, relacionada ao público LGBTQIAP que é a Marcha do Orgulho Trans, na qual evidencia a população trans.
2. *Papeis sociais, revelados pela posição social assumida pelos enunciadores*.	O enunciador assume o papel de militante, congregando as lutas e o orgulho da comunidade trans, sendo um interlocutor desta com base nas estruturas textuais utilizadas como iniciar a postagem com a palavra orgulho maiúscula e em hashtag.
3. *Pertencimento, pelo sentimento de fazer parte de grupos ou de categoriais sociais*.	o enunciador se refere e se insere na comunidade trans, com o uso de hashtags que o autoreferencia como pertencente da comunidade LGBTQIAP, trangêneros, LGBT, diversidade.
4. *Referência aos "outros sociais", através dos referentes no discurso*	No discurso da postagem, o enunciador traz um artifício para elucidar a questão do orgulho trans associada a mensagem, com a utilização de uma oração de comparação em que menciona dois sentidos para a palavra orgulho, de modo a enfatizar o seu uso associado à "de grande satisfação com o próprio valor, com a própria honra". Esse artifício realça a produção de sentidos da

	postagem em detrimento do sentido pejorativo em que faz referência.

Fonte: Nossa.

A seguir, mais uma relação prática da teoria de Van Dijk (1999, 2003), em quadro com a sistematização de Irineu (2011, p.16-117), considerando as Estruturas Ideológicas do Discurso (EID):

Tabela5 - Quadro de análise

Estruturas Ideológicas do Discurso (EID)	**Relação com a postagem**
1 - Aspe	Uso das hashtags: #ORGULHO; A #Luta e Constatante! #lgbt #lgbtqia+ #trans #diversidade #orgulhotrans #transgender"
2- Construções sintáticas	Relações intencionais na hierarquia sintática da sentença e suas implicações para a projeção de sentido em nível de estruturação de orações e/ou períodos específicos.
3-Elementos semânticos	Presente na oração: "#ORGULHO quem pesquisar vai perceber q existem dois significados: da forma pejorativa "sinônimo de arrogância"; e de forma apreciativa "de grande satisfação com o próprio valor, com a própria honra".
4. Estruturas retóricas	Início da oração da postagem com a palavra em maiúsculo e caixa alta: #ORGULHO.
5. Estratégias de controle do discurso	Na oração"E essa foto e de 2018, do dia da Marcha do Orgulho Trans! Nao preciso falar mais nada ne? A #Luta e Constatante! #lgbt #lgbtqia+ #trans #diversidade #orgulhotrans #transgender" , o enunciador relaciona a foto em que aparece na referida marcha, despido da cintura para cima, trajando apenas adereços que fazem referência a roupa de gala masculina, utilizando gravata borboleta e punhos abotoados, com o bigode coberto de glitter azul brilhante.

Fonte: Nossa.

Van Leeuwen (1997, 2003) e Van Dijk (1999, 2003), conversam no sentido de evidenciar os processos/mecanismos discursivos que envolvem o cruzamento de discurso e representação, ao considerarmos o Instagram como um espaço imagético discursivo em que os homens jovens trans emitem suas representações na sociedade contemporânea midiatizada. Tal representação aqui elencada na presente seção aponta para uma representação da visibilidade e orgulho das transmasculinidades midiatizadas.

Assim, das 50 postagens analisadas, pelo menos 27 delas tinham algum material que remetia a visibilidade e autoreferência da transexualidade como orgulho e reconhecimento de uma luta coletiva, através de um processo individual que é a escrita de si no Instagram, o que dimensiona a produção de sentidos que se insere na sociedade contemporânea e desembocam na aquarela das masculinidades de Guilherme Almeida(ano), abordando que as mídias sociais

têm colaborado com o reconhecimento e visibilidade das pessoas transexuais, em especial aos homens trans.

Ao relacionarmos a linguagem dos discursos enunciados pelos homens trans jovens no Instagram, Hall (2000) evidencia a identificação como meio de posição sobre as práticas sociais, bem como os discursos produzidos que formam a organização da sociedade e identidades, sendo que a linguagem associada a cultura e representação constituem assim um dispositivo importante nas manifestações identitárias. Portanto, ao produzir sentidos nas postagens, os homens trans se inscrevem em mecanismos discursivos contemporâneos que podemos relacionar ao fortalecimento das identidades transmasculinas, na intersecção cultura, representação e identidade, contribuindo, assim, em uma forma atual de se representarem.

Dessa forma, a identidade se apresenta para Hall (2000, 2006) como um lugar onde os discursos particulares provocam posicionamentos que se vinculam aos processos discursivos inseridos nas práticas sociais contemporâneas, que descentralizam papeis sociais rígidos e se permite por ação da cultura e das transformações sociais em mudanças de representações. Sendo assim, considerarmos que as identidades estão relacionadas à representação e que elas são direcionadas aos significados em que assumem na sociedade.

Hall (2016) desenvolve o conceito de representação guiado pela investigação de como é construído o significado. Segundo o autor, representar é uma parte fundamental do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre participantes de uma mesma cultura. Portanto "Representar *envolve* o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos", afirma Hall (2016, p. 31). Ou seja, ao observarmos as postagens em que homens trans apontam suas identidades, visibilidades e suas transmasculinidades, podemos evidenciar um ato de representação das transmasculinidades como um ato de existir, de orgulho e de autoreferência como fortalecimento identitário.

Em relação às masculinidades, podemos associar a representação presente, como inserida na pluralidade com que evidenciamos tais manifestações performáticas e identitárias transmasculinas, o que nos leva a considerar como pertencentes às masculinidades *queer* ou dissidentes. Ao relacionar esta análise aos recortes teóricos que elencamos no escopo do trabalho, percebemos que a identidade de gênero e as performances de gênero desvinculam-se da masculinidade via determinação biológica, considerando como constitutiva e processual, conforme vimos em Butler (2002, 2003, 2010), Bento (2006, 2015), Preciado (2011) entre outros.

6. 2 No corpo, retratos de quem sou: uma corporeidade masculina?

Vimos no início da discussão teórica sobre gênero que esta categoria foi desenhada e constituída socialmente/culturalmente e que os marcadores identitários que a acompanham podem ser associados a normativas e convenções que foram baseadas em dominação e hegemonia de uma perspectiva masculina vinculada ao poder e à opressão feminina e todas as formas que divergem de uma masculinidade hegemônica representada em práticas sociais, imagem, discursos e representação são passiveis de questionamentos.

Algumas autoras e autores de uma vertente *queer*, foram importantes principalmente Butler (2002, 2003, 2010), Preciado (2011) e Bento (2006, 2015) para refletir sobre as rupturas dessa hegemonia masculina. Uma das questões centrais da perspectiva *queer* e da consideração do gênero como constituído socialmente e culturalmente, portanto, é romper com a norma do corpo como determinante do gênero, mas observamos uma indagação importante ao nos depararmos com as postagens dos perfis de jovens homens trans analisados que é: existe uma corporeidade masculina (pré)estabelecida?

No universo do material discursivo disposto, a maioria das postagens de alguma forma tem no corpo uma inscrição representativa das masculinidades, o que pode estar relacionado com o dispositivo imagético em pauta, que prioriza a imagem-fotografia e aponta importantes reflexões sobre o corpo masculino representado nas. Na presente secção, vamos dar mais foco às imagens, considerando-as como fonte de discurso e representação dos enunciadores/atores sociais e relacioná-las aos textos correspondentes, de modo a elencar e vislumbrar uma representação de masculinidade associada ao corpo.

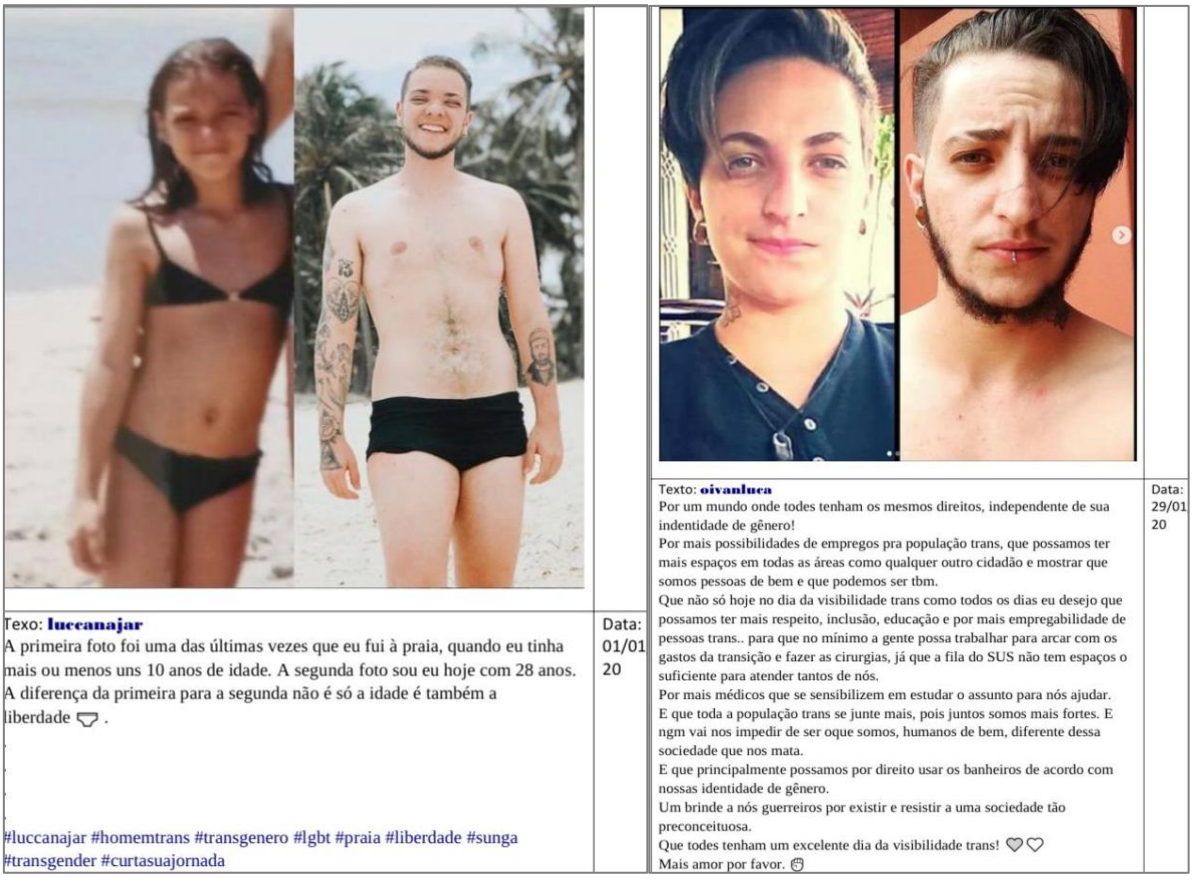
É importante considerar a importância da imagem, em especial a fotografia como uma forma de representação do mundo a partir dos sujeitos que a produzem. Dessa forma, Flusser (1985, p.9) considera que as "imagens têm o propósito de representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, interpõe-se entre mundo e homem", ou seja, elas mediam formas de representação que se inserem nos contextos aos quais aparecem e direcionam sentidos, sendo a fotografia, uma forma de imagem mais específica que acaba evidenciando representações projetadas em contextos identitários e discursivos. Assim, a fotografia se apresenta como uma imagem advinda de aparato técnico, portanto "(...) as imagens técnicas imaginam textos que concebem imagens que imaginam o mundo", como percebe Flusser (1985, p.13).

Aqui consideramos as imagens, em especial as fotografias, como um material discursivo valioso que se apresenta como narrativas de si contemporâneas e que constituem

um lócus representativo na produção de sentidos na mídia atual, como podemos observar em Pérsigo e Fossá (2010). As autoras discorrem sobrea questão da midiatização como um marco das sociedades contemporâneas que, para elas, compreende o desenvolvimento dos meios de comunicação que se inserem nos contextos de vida ou, ainda, pode ser referenciada como “um processo produzido por sujeitos simbólicos que necessitam de meios técnicos para expressar-se” (PÉRSIGO; FOSSÁ, 2010, p.6).

Vamos a seguir trazer alguns exemplos de imagens extraídas das postagens dos perfis dos homens trans jovens enunciadores observados na pesquisa para tecer reflexões sobre corpo, performatividade, representação e masculinidades:

Figura 11 - Antes e depois de @luccanajar e @oivanluca postados pelos perfiis



Fonte: Instagram.

As duas imagens acima registradas no perfis de @luccanajar e @oivanluca, respectivamente,apontam a corporidade como um elemento importante ao representar uma performace de masculinidades e demarcam um “antes e depois”, sendo um antes registrada como “sexo/gênero feminino” e o depois um registro de uma “nova identidade de gênero

masculina". Tais postagens associam o corpo atual masculino como libertador, uma conquista, mais coerente com sua autoimagem e performace de gênero, visto como determinante no processo transexual para assumir a identidade de gênero que sempre existiu e que foi aprisionada em um "corpo feminino".

Na observação de perfis de homens trans no Instagram, as postagens sobre "antes e depois" são recorrentes e sinalizam um enunciado de relevância que serve como uma referência de existência, de maior autoestima, de maior ajuste e discursam com uma ruptura de uma imagem que remete a aprisionamento. Em relação aos perfis selecionados para análises, a maioria traz esse tipo de postagem, como nos perfis de Luccas Najar e Ivan Luca.

Na postagem do dia 20 de janeiro de 2020, Lucas Najar mostra uma imagem repartida em duas, na da esquerda vimos uma fotografia mais antiga de quando era criança e na direita uma fotografia mais recente. Em ambas, ele se encontra em uma praia vestindo trajes de banho na corpreta, sendo que no recorte da esquerda o traje apresenta uma parte de cima, próprio dos biquinis que cobrem os seios, e na outra parte, Jucca Najar aparece de sunga, com o peitoral a mostra e esbanjando um sorriso maior do que quando na fotografia de criança em que aparenta um embotamento no sorrriso, aparentemente indicando timidez ou vergonha. Percebemos que aparecem marcadores identitários como o vestuário e a questão relacionada com os seios. Implicitamente o enunciador traz que no corpo feminino o seio tem que ficar escondido, mesmo quando criança, como um imperativo de aprisionamento. Outro marcador é relativo aos cabelos, em que na foto de criança estão mais longos e na atual aparecem curtos. Vamos a seguir observar a discursividade apresentada na legenda que acompanha a imagem conforme o texto abaixo, extraído da postagem do referido perfil.

> A primeira foto foi uma das últimas vezes que eu fui à praia, quando eu tinha mais ou menos uns 10 anos de idade. A segunda foto sou eu hoje com 28 anos. A diferença da primeira para a segunda não é só a idade é também a liberdade. #luccanajar #homemtrans #transgenero #lgbt #praia #liberdade #sunga #transgender #curtasuajornada.

No texto, o enunciador relata que tinha ido à praia pela última vez ainda criança, mencionando a idade de aproximadamente 10 anos e depois seu retorno aos 28 anos.Segue escrevendo que existe uma diferença fundamental que não se destina a idade, mas a seu corpo, atualmente com pelos e sem os seios (através de mastectomia), atribuindo um valor de "liberdade", em seus próprios termos. Ainda podemos identificar nas hashtags utilizadas por ele um reforço discursivo para vislumbrar tal representação, com destaque para a hashtag "sunga", "curta sua jornada" e "homemtrans", que evidenciam aspectos importantes utilizadas

como estratégias discursivas utilizadas por homens trans como atores sociais, nas aquis vislumbram o corpo despido como uma conquista da transição de gênero, trazendo uma peça do vestuário masculino como símbolo/ícone identitário e que demarca uma característica masculina.

Quando Lucca Najar relaciona a "liberdade" a poder ir à praia atualmente, podemos depreender que o enunciador se encontra em maior coerência com seu corpo, performando uma identidade de gênero que estava "aprisionada" no corpo feminino da infância. A liberdade mencionada por ele também se relaciona à satisfação com a autoimagem atual, celebrando com a alegria no sorriso posto na fotografia. Essa alegria e celebração com o corpo masculino atual corresponde ao que o enunciador menciona na hashtag "curta sua jornada", ou seja, uma mensagem aos demais homens trans para que vivenciem as etapas da transição, ou seja, do processo de hormonização e demais etapas da transição de gênero com motivação e valorização dessa transformação por qual passam, sendo considerado o aparecimento dos pelos, a musculatura mais hipertrofiada e a retira das mamas como passos que marcam de forma importante a vida dos homens trans.

Na postagem de Ivan Luca, vimos uma estratégia discursiva semelhante ao de Lucca Najar, com a imagem dividida em duas partes, com a esquerda relacionada a uma imagem anterior e outra mais atual, sendo que no perfil de Ivan Luca a fotografia da esquerda aparece já na fase jovem, com elementos que sinalizam um processo de transexualidade em andamento, mas ainda vemos aspectos relacionados ao corpo feminino. Dois aspectos parecem demarcar de forma relevante o "antes e depois" do enunciador: a presença/ ausência da barba e a presença/ausência da blusa. Embora o enunciador não tenha realizado o procedimento de retirada total da mama, o mesmo vai aparecer em várias imagens sem camisa, utilizando alguns recursos comoo uso de cinta e de adesivos nos mamilos.

Em relação à barba, a presença na imagem da direita, ou seja, a mais atual, direciona como resultado do uso dos hormônios e é visto como significativo avanço no processo transexualizador do enunciador. A barba vai aparecer na maioria das postagens dos homens trans pesquisados, como também de outros homens trans que observamos nos territórios virtuais, o que pode refletir como um traço físico atribuído aos resultados das tecnologias do corpo como refere Preciado (2011) e outros autores, e como um marcador de masculinidade tanto em homens trans como cisgêneros, associados também a tendências de moda atual, o que podemos constatar na grande expansão de barbearias, produtos estéticos e cosméticos

para crescimento e cuidados com a barba. Sobre a barba, muitos homens trans a celebram como troféu do processo transexualizador, conforme vamos ver adiante.

Voltando a postagem encontrada no perfil @oivanluca do dia 29 de janeiro de 2020, o texto da legenda remete ao dia da visibilidade trans, e nele o enunciador relaciona a importância da garantia de que os homens trans possam ter acesso ao processo de transição, como vemos nesse trecho: "e fazer as cirurgias, já que a fila do SUS não tem espaços o suficiente para atender tantos de nós". Tal considera a importância do corpo na transexualidade masculina, com intervenções e medicamentos para que possam corresponder a performance física da identidade de gênero masculina que passa pelas características secundárias advindas dos hormônios - que acaba conferindo um reconhecimento e legitimação de uma transexperiência.

O corpo, portanto, constitui um elemento fundamental quando se relaciona a performatividade de gênero, como vimos até aqui, destacando os exemplos das postagens. Sobre performar o gênero, vimos na exposição teórica que Butler (2002) nos traz uma reflexão que relaciona a performatividades de gênero à materialidade aferida aos gêneros hegemônicos, que tentam internalizar nos sujeitos transexuais uma exterioridade de modo que essas performatividades de gênero possam ser reconhecidas e legitimadas, conforme a normatização que confere à identidade de gênero em que se percebem. Dessa maneira, Butlerconsidera que essas performatividades não escapam das normas, mas ~~que~~ podem se movimentar para além delas.

A autora destaca que essas performatividades são encontradas nas discursividades, o que nos direciona para a conexão entre performance, discurso e representação das masculinidades, como discorremos neste trabalho. Butler (2002) recorre a concepção lacaniana de como a linguagem, a gramática, o imperativo que inscreve nas performatividades, por consequente na materialidade do gênero/sexo, pelas normas impostas como reguladoras, não sendo, portanto, a performatividade, "um ato singular", porque é sempre a reiteração de uma norma ou conjunto de regras e, na medida em que adquira a condição de ato no presente, esconde ou disfarça as convenções das quais é uma repetição (BUTLER, 2002).

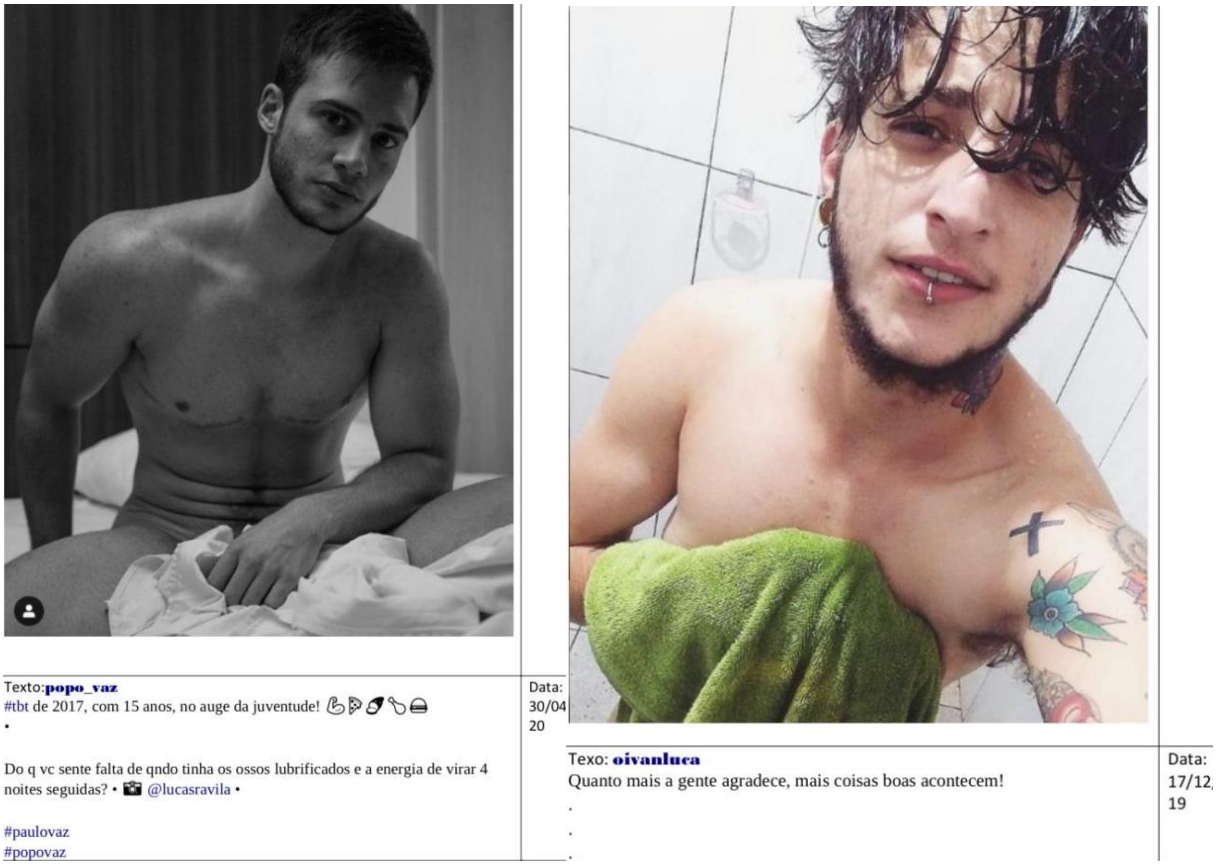
O corpo, enquanto norma, instaura uma repetição de representação reguladora que se apresenta na sociedade e cultura, e que aparece nos discursos sociotécnicos do Instagram, como enunciados que transpõem os atores sociais que são direcionados ao presente trabalho, mas podemos também atribuir como um corpo-norma que são representados em homens

cisgêneros, ou até por outros segmentos , a considerar que esses corpos normativos imperam nas mídias e nos espaços sociais, aqui se inserido enquanto reguladores e regulados pelas convenções, constituindo como repetições.

Dessa maneira, ao refletirmos sobre uma corporeidade masculina, devemos observar essas considerações como oportunas para se compreender uma materialidade de performances masculinas em homens trans jovens.

Adiante, vamos trazer mais exemplos das postagens de homens trans que trazem representações do corpo masculino, com foco nos aspectos identificados como elementos de marcação identitária masculina, refletindo no discurso texto-imagem como uma construção que se insere em construções social e culturamente imbricadas principalmente na sociedade ocidental como corpo viril, sensual, com pelos, músculos, etc., e que são mais "aceitos".

Figura 12 - Postagem do feed de @popo_vaz e @oivanluca



Fonte: Instagram.

Nas postagens acima, vamos focar nas imagens dos perfis @oivanluca e @popo_vaz, as quais trazem corpos masculinos despidos, no ambiente de casa, ambos com olhar direcionado para câmera/espectador, mostrando o corpo como expressão de sensualidade e

vaidade, ou ainda como empoderamento de vivenciar uma performatividade materializada no corpo. Discursivamente, podemos observar que, ao olhar para o espectador, tais enunciadores colocam-se como confortáveis nos seus corpos, indicando autoestima e satisfação com a autoimagem. É como olharem para sociedade e autodeclararem sua existência. Um ponto de reflexão, é que tanto Paulo Vaz como Ivan Luca cobrem partes do corpo. Em relação a imagem extraída do perfil de Paulo Vaz, vimos que o lençol cobre sua genitália e, na imagem do perfil de Ivan Luca, o enunciador cobre os seios. Ressaltamos que as regras do Instagram não permitem nudez total do corpo, mas aqui vamos observar a construção de sentidos nas fotografias para dialogarmos com a relação da ruptura biológica da performance de gênero, enquanto determinista nas identidades de gênero.

Retomando a concepção de performatividade de gênero, temos que Butler (2002) vai considerar que constitui uma realização na esfera individual, sendo referenciado no sentido coletivo como performativo, aplicada aos discursos que constrói os gêneros. A autora entende que o processo performático se confere ao interno/externo, público/privado e aponta que em uma performance de ressignificação do corpo, há um direcionamento do olhar do "outro". Esse "outro lacaniano" que diz, que nomeia, que define, que estabelece uma relação de espelho, de reconhecimento, o que podemos observar nos mecanismos discursivos presentes nas imagens e postagens no Instagram. O outro espectador se remete ao "espelho lacaniano", e torna a existência dos corpos masculinos legitimada.

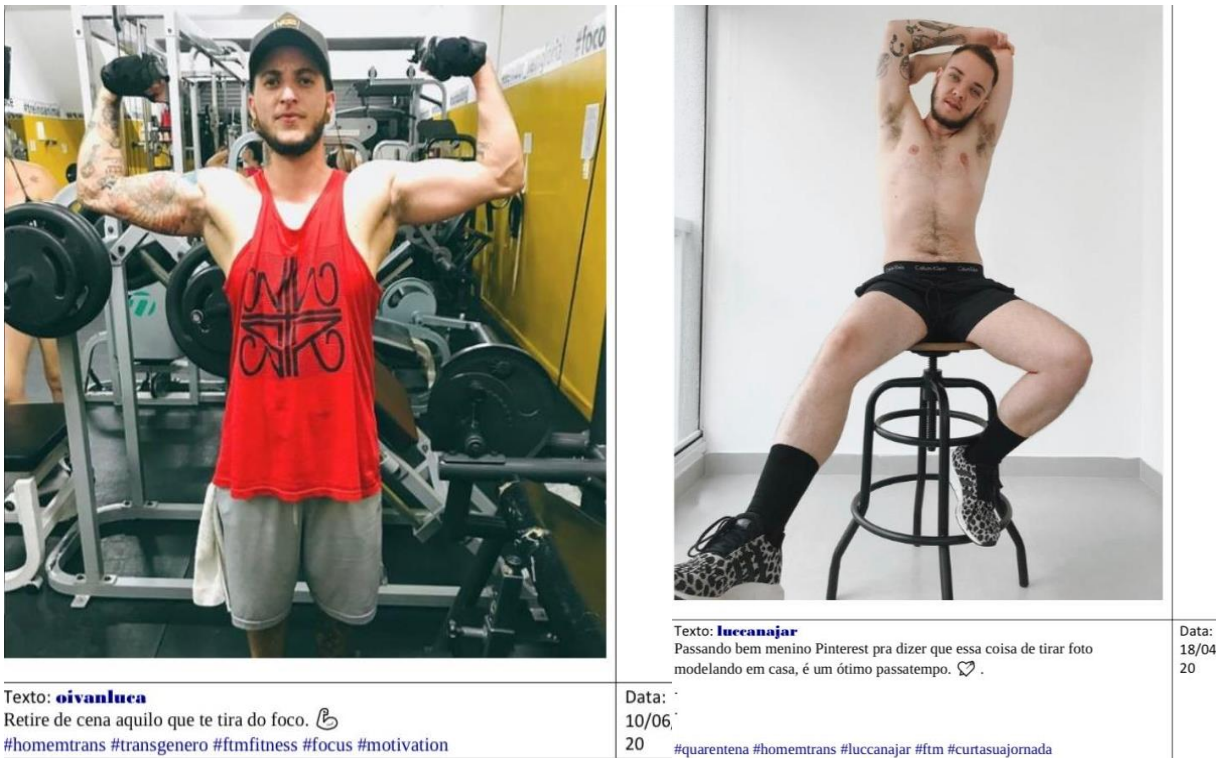
Dessa forma, ao performar, os sujeitos, podem ter uma escolha consciente de reinventar para si um corpo apresentado ao mundo como lhe convém no sentido de pertencer ao sexo-gênero que se identifica, conforme já vimos nos capítulos teóricos, em relação a performatividade de gênero. No caso dos homens trans, isto pode ser observado nas imagens do processo de transição, tratamento hormonal, vestuários e acessórios, que reinventam um corpo para encaixar na representação corporal masculina, isto é, vestuário e acessórios, aproximando-se de representações corporais masculinas.

Sobre a questão da transmaculinidade aliada à performance de gênero, Bento (2008, p. 24-25) comenta que "a transexualidade é uma das múltiplas expressões identitárias que emergiram como uma resposta inevitável a um sistema que organiza a vida social fundamentada na produção de sujeitos 'normais/anormais' e que localiza a verdade das identidades em estruturas corporais". A autora reflete sobre a transexperiência como um processo não patológico, que se situa em uma das expressões identitárias dos sujeitos, e que passa pelo corpo e suas representações, nas performatividades.

De acordo com o levantamento teórico realizado, podemos inferir que o corpo masculino foi construído socialmente, já que a relação gênero e construção social é claramente observada, sendo que as performances de gênero são de alguma forma reproduções dessa construção, como podemos evidenciar em Fávero (2010). O autor aborda que a dicotomia homem-mulher, masculino-feminino acaba por desembocar em estereótipos e normatizações, e que esses aspectos foram criados, e que também podem passar por mudanças, "se há construção é possível reconstruir" (FAVERO, 2010, p. 24). No caso da corporeidade, algumas características atribuídas nas representações podem ser transformadas em um processo dinâmico que se insere no contexto social. Dessa forma, o que hoje é representado como elementos de um corpo masculino pode ser que no futuro se altere.

Scott (1995) nos traz uma concepção de gênero compreendendo-a como "construções culturais" o que nos direciona a pensar que essas construções são advindas de relações de poder e dominação. O que nos leva a considerar que a imagem e representação do corpo masculino também são resultantes desse processo, o que pode ser evidenciado se pensarmos que essas relações de poder e dominação são presentes em vários dispositivos, desde das relações sociais como também advinda das instituições que imperam normativas. Esse "outro" pode ser as mídias, a moda, os grupos sociais, o que de alguma forma exerce certa força.

Figura 13 - Performances em feed dos perfis @oivanluca e @luccnajar



Fonte: Instagram.

Dessa maneira, podemos perceber que existe uma propensão dos homens trans observados de representar o corpo masculino como uma discursividade imagética relacionada a certos padrões sociais que são convencionados na nossa sociedade, com presença de marcadores identitários como na imagem anterior.

Como vimos nas imagens dos perfis de @luccanajar e @oivanluca, alguns elementos parecem demarcar de forma evidenciada o corpo masculino representado, que são marcas identitárias presentes nas representações das masculinidades em homens trans jovens no Instagram. Dessa forma, as postagens mostram os corpos masculinos associados a: pelos, barba, músculos, vestimentas e assessórios que são fortemente atribuídos aos homens.

Na postagem do dia 10 de junho de 2020, Ivan Luca postou uma foto na academia, na qual aparece usando uma camiseta, em posição de halterofilista, mostrando os músculos dos membros superiores e ao fundo aparecem aparelhos de ginásticas. Na legenda, lê-se: “Retire de cena aquilo que te tira do foco. #homemtrans #transgenero #ftmfitness #focus #motivation”. Podemos discursivamente analisar que a postagem atribui dois sentidos importantes que se convergem em relação a palavra foco: o de continuar no processo de transição de gênero e no processo de hipertrofia muscular, sendo que um é atrelado ao outro.

Na imagem extraída da postagem do perfil de Lucca Najar do dia 18 de junho de 2020, na qual ele está sentado em uma cadeira com os braços levantados mostrando o corpo despido da cintura para cima, vestindo um short curto, é evidenciado os pelos nas axilas, barriga e membros superiores e inferiores, os peitos sem as mamas advinda do procedimento de mastectomia. Na legenda, ele menciona “Passando bem menino Pinterest para dizer que essa coisa de tirar foto modelando em casa, é um ótimo passatempo. #quarentena #homemtrans #luccanajar #ftm #curtasuajornada”. O que mais nos chama a atenção é o termo “bem menino” que faz referência à imagem remetida a um padrão hegemônico de corpo masculino.

Mais baixo, apresentamos duas postagens do perfil @chriscruz, uma na data de 06/12/2019 e a outra do dia 03/03/2020, que se referem a um elemento identitário muito presente nas representações de corpos masculinos, a barba. Apontaremos algumas considerações discursivas sobre sua importância na construção e representação do corpo masculino no referido perfil, não diferente de outros perfis.

Vamos considerar alguns aspectos discursivos que essas duas imagens nos mostram sobre o enunciador, em relação ao elemento representativo do corpo masculino. Na primeira imagem, Chris Cruz se encontra em fotografia estilo selfie em close, na qual aparece com a mão sobreposta à parte esquerda da face, com olhar também direcionado para a esquerda, com

barba rala e na legenda encontra-se a seguinte frase: "Boa noite! E a barbita crescendo de novo #transexual #transformandovidas #transgenders #transgender #transmen #transpride #pride #vidastransformadas #vidastransimportam #transboy".

Figura 14 - Duas postagens de @chriscruz enfatizando sua barba



Fonte: Instagram.

Na segunda postagem, vimos Chris Cruz com um sorriso largo, barba espessa, olhando para o lado direito, também em estilo selfie e em semi close, acompanhada do texto:

> Nunca me disseram que seria fácil, só quem vive a luta todos os dias, sabe o tamanho da força que existe dentro de si e o tanto de gigantes que enfrentamos por dia. Porém, o fato de se olhar no espelho e ver o que sempre quis ver a vida toda, já supera qualquer obstáculo. Sendo assim, pegue suas opiniões e críticas e enfie no cú. ❤️ Beijos de luz 😘😘😘#transexual #transgeneros #transgenderbrazil #transgenderpride🌈 #pride🌈 #transman #transmen #transmenofinstagram #homenstransbrasil #vidastransimportam".

Assim, ao observamos discursivamente a primeira postagem mencionada, temos que há uma alusão à barba no texto e na foto, sendo que a relação apresenta que o enunciador se

refere ao fato de que no processo de transição os pelos da barba voltaram a crescer, fato que o deixa animado para ter uma barba maior. Já na segunda, há claramente uma satisfação com o tamanho da barba na imagem e, no texto, ele traz uma reflexão sobre a autoimagem que o enunciador sempre quis ver, ao mesmo tempo em que pontua sobre desafios e dificuldades no processo de transição e faz uma menção a crítica e opiniões de outras pessoas, realizando mecanismos discursivos para demarcar que não se deve preocupar com o que dizem as pessoas sobre essa "construção do corpo masculino", realizada pelos homens trans.

Ao reportarmos a Hall (2016), vimos que representar é um ato de compartilhamento dentro de uma mesma cultura e pela utilização de conceitos e classificações possibilita maneiras de pensar as coisas. Dessa forma, vimos um corpo masculino com características de certo ponto em comum ao associarmos as postagens dos perfis em questão. Considerando ainda em Hall (2016), temos que o processo de análises de representação, por se tratar de um quadro complexo, se faz necessário trabalhar com interpretação da representação com uma postura de assumir recortes ou fragmentos do mundo social, já que pode ser considerado que quando se representa, se fragmenta uma parte de um todo.

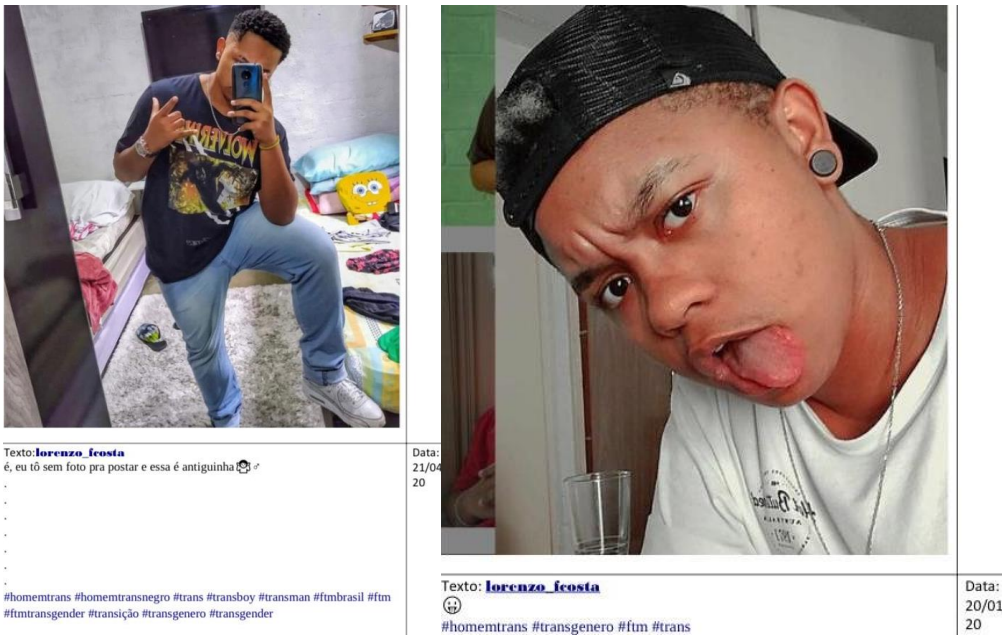
Dessa forma, ao fazer uma intersecção entre representação, cultura e identidade, temos que a linguagem atravessa muito fortemente esses conceitos em Hall (2016). Aqui destacamos que a linguagem transpõe a escrita, no sentido de texto em letras, mas em um sentido mais amplo, que inclui a imagem, as intertextualidades e interdiscursividades que intercruzam para além da materialidade dos signos, mas está muito mais presente nos "significantes". É neste lugar (o significante) que podemos encontrar de forma muito evidente a representação e suas conexões com a cultura e identidade.

A constituição da representação do corpo masculino não se inscreve somente no corpo físico, mas no corpo social, com o uso de vestimentas, acessórios e outros que remetem ao universo masculino que se construiu na cultura e sociedade, como vimos presente de forma bem evidenciada no perfil do @lorenzo_fcosta (figura acima), nas quais podemos observar o uso de roupas, acessórios, gestos e expressões que são dimensionados à masculinidade.

Ainda sobre corpo masculino, vimos que nas postagens analisadas há uma relação de oposição ao corpo feminino, destacando que aparecem marcadores identitários relativos ao seio, sua presença e ausência, que foram ressaltadas num grande número de postagens observadas. A relação do corpo reprimido enquanto referência ao sexo biológico feminino e a apoteose libertadora que é a nudez do corpo masculino no processo de transição. Abaixo

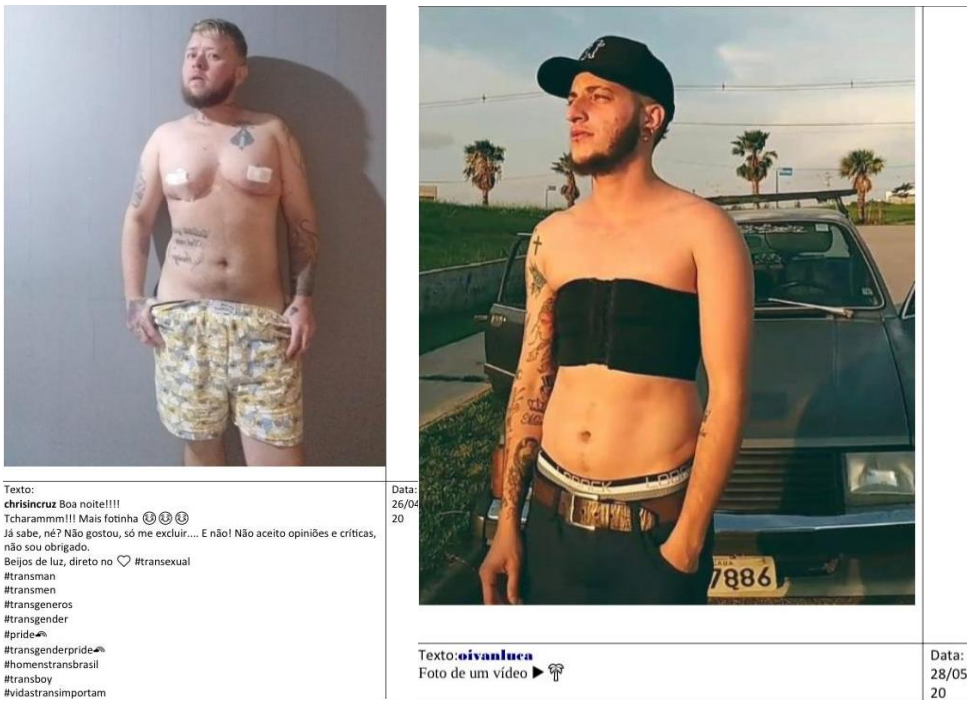
algumas postagens que vislumbram essas considerações que estão presentes em imagens e textos apreendidos no material discursivo mapeado.

Figura 15 - Roupas e acessórios masculinos do perfil @lorenzo_fcosta



Fonte: Instagram.

Figura 16 - Perfis @chrisincrus e @oivanluca cobrindo os peitorais



Fonte: Instagram.

Nas imagens acima, extraídas das postagens dos perfis @chriscruz e @oivanluca, respectivamente, podemos observar que os seios são escondidos por artifícios como cinta e fita adesiva, de modo que refletimos que os enunciadores, por inferência discursiva, não os queriam no seu corpo, ou por não infligirem a regra do Instagram, que não aceita a mostra dos seios femininos, sob pena de alguma sanção da mídia social.

Podemos refletir que a relação com os seios aparece certamente como uma representação de masculinidade, na qual sua presença é conflituosa e questionadora da sua performance de gênero masculina. Evidenciamos a relação de presença ou não da genitália masculina, o pênis ou algo alusivo a ele foi incipiente nas postagens contempladas ou não se percebeu nas construções discursivas analisadas, o que nos leva a questionar tal ponto e que pode ser uma indagação para outras pesquisas, já que na sociedade atual o falo/pênis aparece como elemento identitário masculino de forma contundente.

Podemos refletir, ao considerar essa categoria de representação alinhada com a concepção de um corpo masculino que foi desenhado ao longo de um processo sócio-histórico e cultural que se inscreve nas representações desses atores sociais (os homens trans jovens). Ao considerarmos as contribuições sobre representação em Van Dijk (1999; 2003), vimos que há uma intersecção entre discurso, ideologia e representação, ao considerar que as práticas discursivas são realizadas na interação social e que nesta interação há uma forte presença de constructos linguísticos-discursivos ideológicos, abordando uma perspectiva tripla que inclui discurso, cognição e sociedade.

Desse modo, a representação de corpo masculino assimilada na perspectiva discurso-cognição-sociedade pelos homens trans jovens analisados, se baseia na concepção de um corpo masculino com presença de características físicas como cabelos curtos, presença de pelos faciais e corporais, ausência de mamas/seios. Em relação a performance de gênero, o uso de roupas como calça jeans, cuecas, tênis, camisas t-shirtetc., permeiam esse corpo masculino socialmente construindo e representado nas postagens de homens trans jovens no Instagram.

6.3 Entre rupturas e encaixes: desafios em superar modelos hegemônicos de masculinidades

Conforme vimos na seção anterior, a representação das masculinidades perpassa pela imagem da corporeidade masculina, que se encontra em performatividades que reproduzem

ou não um corpo-norma. É construído socialmente e culturalmente e se insere nas discursividades e relações de poder que o constituem hegemonicamente. Dessa forma, atribui-se ao corpo social comportamentos e performances de masculinidades, sendo que encontramos ainda uma representação pendular nas postagens de homens trans no Instagram, ou seja, as postagens sinalizam um tensionamento entre representar uma masculinidade contemporânea pluralizada, dissidente e associada a uma masculinidade que consideramos como *queer* e ao outro polo, uma reprodução de masculinidade hegemônica e mais tradicional, partindo do ponto de que estão implicadas em construções normativas construídas historicamente e socialmente.

Sobre essas representações, vimos um movimento de encaixe e rupturas que os homens trans jovens transitam, como podemos observar nos exemplos de postagens elencadas a seguir. A primeira postagem que trazemos para indicar tal representação é a do perfil @lorenzo_fcosta do dia 05 de dezembro de 2019, na qual o enunciador aparece com sua namorada em trajes mais formais de festa, ao que parece em uma cerimônia de formatura:

Figura 17 - @lorenzo_fcosta em foto com sua namorada



Fonte: Instagram.

Em outro exemplo, extraído do perfil de Paulo Vaz (figura abaixo), vimos uma outra possibilidade de masculinidade que contrapõe com a anterior, o que mostra que as representações de masculinidades em perfis de jovens homens trans no Instagram acompanham as pluralidades e maior fluidez nas masculinidades contemporâneas. Dessa forma, na postagem do referido perfil do dia 22 de abril de 2020, mostra uma imagem do enunciador com seu namorado, abraçados, expressando afetividade o que ressalta uma relação homoafetiva.

Figura 18 - @popo_vaz com seu namorado na quarentena



@**popo_vaz** E assim seguimos na quarentena: o @hmcpedro dormindo e eu procurando algo na casa pra consertar! #quarentena #soninho #lgbt #lgbt🌈 #trans #transman #transgender #casal #sevcficardormindoeuvoutezuar
Data da postagem: 22/04/20

Fonte: Instagram.

Ao dimensionarmos a experiência transexual, Bento (2008, p. 19), aborda que "a transexualidade é um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gêneros no corpo" ainda que "a experiência transexual quebra a causalidade entre sexo/gênero/desejo e desnuda os limites de um sistema binário assentado no corpo-sexuado" (BENTO, 2008, p.21). Vimos que a experiência da transexualidade masculina vislumbra a sua relação com a questão já debatida sobre o desencaixe de concepções

essencialmente vinculadas ao binômio homem/mulher como derivadas da genitália, rompendo com paradigmas exclusivamente fundamentados no biológico, fisiológico e ainda patologizante.

Aqui cabe ressaltar que no percurso da pesquisa, a autoreferência e identificação de um corpo social masculino são representações importantes associadas aos homens trans, e aqui consideradas como pertencentes à aquarela mencionada pelo pesquisador Guilherme Almeida (2019) que nos faz pensar na multiplicidade de transexperiências masculinas a serem evidenciadas, bem como no movimento de encaixe e rupturas, ou seja, manutenção e dissidências de uma masculinidade ditam hegemônica.

Dessa forma, ao falarmos em masculinidade hegemônica, temos que ela se constituiu como símbolo de dominação , como vimos nos estudos de Bourdieu (2002), que relaciona uma construção que passa pelas relações de gênero, poder e corporeidade, que se consolidou uma hierarquia dos sexos presente nas questões que estão no cerce da masculinidade dominante presente na história da ciência, na classe social e nos demais aspectos da sociedade, o que ele considera como *habitus*, que vai delinear em práticas que representa o universo masculino.

Ainda temos em Bourdieu (2002) que a dominação masculina faz uma adequação da ordem simbólica do mundo social, sendo seus mecanismos efetivos de atuação através de uma submissão que legitima uma forma de violência que ele denomina de violência simbólica. Ela é exercida pelas vias mais sutis de dominação, em que à medida que os dominados aplicam aquilo que os domina fazendo de seus atos de conhecimento, atos também de reconhecimento e dominação, o que justifica uma representação de masculinidade baseada nessa hegemonia para muitos homens trans, que por estarem presentes no *habitus* do ser homem, carrega em si as marcas do patriarcado, machismo e outras características presentes nesse tipo de masculinidade.

Na postagem de Lorenzo Costa observamos uma representação baseada na heteronormatividade compulsória como aspecto relacionado à masculinidade mais tradicional construída socialmente. Lorenzo ocupa a postura do homem enamorado a uma mulher, símbolo da família tradicional, diferente de Paulo Vaz que, mesmo se identificando como homem, mostra a sua identificação sexual e afetiva pelo sexo masculino, isto é, identifica-se como não-binário.

Portanto, se existe uma masculinidade hegemônica e dominante, também existe uma masculinidade contra hegemônica ou dissidente. Ao falarmos de uma dissidência ou ruptura

de hegemonia relacionada à masculinidade, lembramos de Preciado (2011), quando fala do corpo político, do corpo *queer*, que desestabiliza a norma do gênero e provoca um novo olhar com aparente estranheza e que refaz uma ordem de poder com sua resistência. Não diferente disso, vimos na primeira categoria a autoreferência e a midiatização da transexualidade como exemplo de dissidência de um modelo de masculinidade hegemônico, no sentido principal de romper com a norma determinista corpo-gênero-biologia-fisiologia.

O corpo transmasculino pode assumir uma dissidência, fazendo-o um corpo político, como reflete Preciado (2011) ao considerar os estudos de Foucault sobre a sexopolítica, em que faz uma alusão a biopolítica do poder, para relacionar sobre as pessoas que vivem a margem de normas e subvertem assim uma "ordem natural" ou "norma natural".

No exemplo do perfil de Paulo Vaz na postagem do dia 22 de abril de 2020 aqui mencionados, vimos essa ruptura à uma masculinidade hegemônica em dois sentidos principais: a questão da desvinculação da genitália como determinante do ser homem e a orientação sexual homoafetiva, que nos aponta para algumas possibilidades de ser homem dentro das masculinidades plurais, admitindo uma fuga à heterossexualidade compulsória e a heteronormatividade.

Sobre a questão da homossexualidade presente nas representações das masculinidades aqui apresentadas, vimos que corrobora Bogea (2019) ao mencionar que a homossexualidade e a masculinidade são tabus que permeiam os homens sobre a premissa que se constituiu ao afirmar que na masculinidade devem-se negar a presença da homossexualidade, já que há um padrão de heterossexualidade compulsória atrelada as masculinidades. Mas que esse padrão cada vez mais pode ser revisto e desconsiderado, apoiado em discursos normativos que devem ser cada vez mais superados, abarcando as variações de sexualidades dentro do espectro das masculinidades. Dessa forma, ao inserir a orientação sexual homoafetiva na performatividade do gênero masculino, Paulo Vaz realiza mais um desencaixe, mais uma ruptura e reflete a diversidade e pluralidade presente nas masculinidades contemporâneas.

Oliveira e Carvalho (2013) destacam o posicionamento do Fairclough (2001) ao considerar que a prática discursiva de si constitui uma articulação de elementos sociais diversos como: atividades, sujeitos e suas relações, instrumentos, objetos, tempos e lugar, formas de consciência, valores. Ramalho e Resende (2011) propõem o discurso como uma parte irredutível da vida social, uma dialética entre *linguagem* e *sociedade*, que constituem relações e efeitos sociais, relacionando discurso, linguagem e sociedade não como uma estrutura fixa, mas sim na flexibilidade e interação entre eles. Desta forma, vimos que ao

postar sobre a homossexualidade, Paulo Vaz reflete as mudanças discursivas que incidem nas mudanças sociais, e sendo o Instagram um dispositivo imagético-discursivo em que se percebe uma escrita de si midiatiza, a relação linguagem, sociedade e discurso vão, portanto, acompanhar tais dinâmicas dos elementos sociais presente nas práticas sociais.

Ramalho e Resende (2011) ainda defendem que as práticas e relações sociais constituintes nos discursos refletem-se em três principais funções: agir, relacionar e representar. O que podemos observar ao ver as postagens de homens trans no Instagram é que, de fato, esses três elementos se apresentam quando vamos analisar as representações das masculinidades, e em especial, ao relacionar os homens trans como atores sociais. Leeuwen (2008) acredita que os sujeitos dispõem de alguns mecanismos presentes nos textos e imagens, com base na semiótica funcional, mecanismos de exclusão, supressão e outros artifícios que reforçam ou diminuem significações de temas, grupos ou outros aspectos sociais, que fazem parte do inventário semântico.

Sobre as imagens, vimos uma ampliação linguística para o campo comunicacional, que, conforme já vimos na parte teórica, resulta em aplicar as categorias e outros mecanismos de análise crítica que contribuam para visibilizar os mecanismos de representação ao contexto imagético. Para a análise da imagem, o Leeuwen (2008) considera três dimensões importantes: distância social, relação social e interação social, que se relacionam a como as pessoas são representadas, descritas ou narradas pelo *viewer*. Assim, são analisados os ângulos, planos, posição dos personagens que aparecem em cena; tudo é material para analisar as representações dos atores sociais, o que vai de encontro à proposta de análise das postagens no Instagram, que tem a imagem como um grande componente para se debruçar em análises.

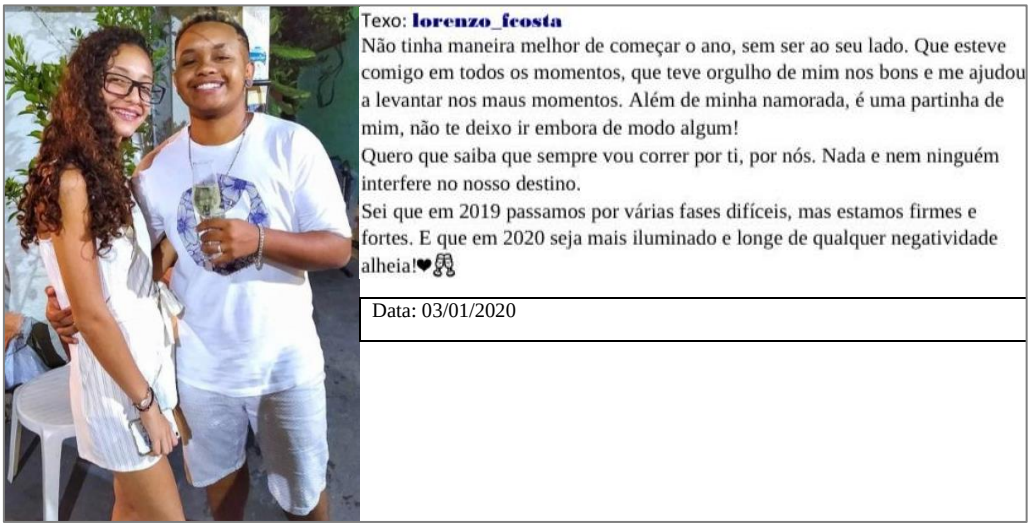
Em relação a discurso e representação de atores sociais, vimos em Van Dijk (1999; 2003) uma intersecção entre discurso, ideologia e representação social, ao considerar que as práticas discursivas são realizadas na interação social, e que nesta interação há uma forte presença de constructos linguísticos-discursivos ideológicos que incidem nas representações em determinados grupos sociais e identitários, ao qual denomina de “estruturas ideológicas”, desta forma, os atores sociais legitimam suas representações pelas discursividades presentes nestas estruturas e estas inseridas na relação entre tridimensional discurso-sociedade-cognição.

No perfil de Lorenzo, também encontramos outro exemplo que se encaixa dentro da masculinidade clássica ou hegemônica em que estamos considerando na presente seção. A postagem do dia 03 de janeiro de 2020 traz Lorenzo Costa com sua namorada em evento

social, na qual ele aparece de camisa e bermuda, com um copo de cerveja na mão, ele usa acessórios como colar e pulseira masculinos e com a legenda que faz referência a relação de namoro, conforme imagem mais abaixo.

Ressaltamos que ao considerar a relação heterossexual como encaixe na perspectiva das masculinidades hegemônicas, estamos considerando o aspecto da heterossexualidade compulsória e como esta aparece na literatura como uma característica identitária associada ao masculino, conforme já mencionamos anteriormente em Bogea (2019). Sobre o medo e a repulsa de homens à referência homossexual Badinter (1993) aponta que "essa repulsa ao diferente, se reflete no medo pela igualdade entre os sexos, pois esses sujeitos geralmente são defensores da manutenção dos papéis sexuais tradicionais" (BOGEA,2019, p.95).

Figura 19 - Foto de @lorenzo_fcosta



Fonte: Instagram

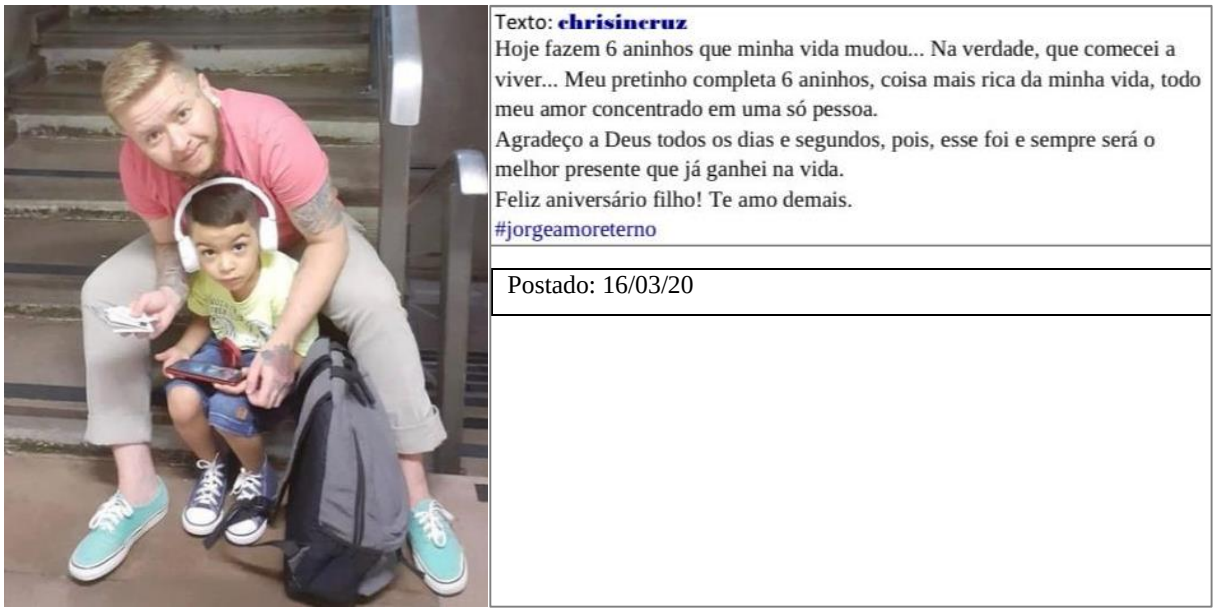
Dessa forma, evidenciamos que a maioria das postagens analisadas mostram uma masculinidade em que a heterossexualidade compulsória se observa como encaixe dentro da perspectiva mais tradicional, sendo que esta se constitui como uma normatividade que vem sendo paulatinamente superada na contemporaneidade, com a ajuda das redes sociais como o Instagram.

Dentre os exemplos observados/identificados/analisados como desencaixe da perspectiva mais tradicional e hegemônica da masculinidade, a afetividade é expressada em algumas postagens encontradas, como na postagem abaixo de Chris Cruz, a qual aborda a relação de cuidado e carinho direcionada a seu filho. Desta forma, vimos que dentro das representações das masculinidades aparece uma ruptura, considerando a questão da

perspectiva binária, de atributos identitários relacionados socialmente a papeis sociais mais femininos. Diante disso, vamos utilizar algumas categorias de análise contextual e estruturas ideológicas do discurso encontradas em Dijk (2003) de forma sistematiza em quadro por Irineu (2011) para relacionar alguns elementos discursivos que elucida as expressões de cuidado, afetividade e carinho identificadas na referida postagem do dia 18 de março de 2020.

Em relação às Estruturas Ideológicas do Discurso - EID de van Dijk (2003), encontramos na referida postagem que há o que se denomina de aspe em relação a termos e de expressões mediada por questões de crenças e funções ideológicas, como as expressões: “Meu pretinho”, “coisa mais rica da minha vida” e “melhor presente que já ganhei na vida”. Elas fazem referência a concepção de uma relação em que o enunciador se coloca como ente de posse, que estabelece um cuidado e valorização da relação de paternidade, o que denota convivência e afetividade e um grau de satisfação em vivenciá-la.

Figura 20 - Chrisineruz com seu filho



Fonte: Instagram.

Tabela 6 - Analise da postagem de Chrisineruz com seu filho

Categoria de Análise Textual	**Relação com a postagem de @chriscruz**
1. *Circunstância, pela exposição de condições sociais específicas no discurso.*	Trata-se de um discurso alusivo ao aniversário de 6 anos do filho do enunciador.
2. *Papeis sociais, revelados pela posição social assumida pelos enunciadores.*	Na postagem, o enunciador se define como papel social de pai, dedicado e amoroso

3. *Pertencimento, pelo sentimento de fazer parte de grupos ou de categoriais sociais*.	O enunciador apresenta duas principais referências de pertencimento em relação a grupos sociais: homens e pais.
4. *Referência aos "outros sociais", através dos referentes no discurso.*	Os "outros sociais" seriam os seguidores e expectadores que o acompanham e assim tomam parte dos relatos de afetividade expressados na postagem.

Fonte: Instagram.

Sobre as construções sintáticas, observamos que o texto da legenda traz arranjos que sintetizam o pensamento do enunciador de enaltecer a data de aniversário do filho, para evidenciar o apreço que ele direciona, então as frases e período aparecem em uma sequência em que o enunciado inicia com a localização do contexto, como na frase "Hoje fazem 6 aninhos que minha vida mudou", o que nos faz localizar cronologicamente o evento do nascimento do filho, em seguida podemos identificar uma sequência de frases que corroboram com a narrativa ideológica discursiva construída pelo enunciador, como nas frases: "Meu pretinho completa 6 aninhos, coisa mais rica da minha vida, todo meu amor concentrado em uma só pessoa" .

Outras Estruturas Ideológicas do Discurso- EID, podem ser encontradas na postagem que são consideradas como exemplo de uma representação de masculinidade que evidencia uma vertente contemporânea da função ou papel social de paternidade participativa, em que os homens compartilham responsabilidades no cuidado com os filhos. Sobre masculinidades contemporâneas vamos ver mais na secção posterior em que iremos destacar as masculinidades plurais identificadas nos perfis analisados.

Assim, vimos que o enunciador se utiliza de estruturas discursivas para reforçar a afetividade e relação pai-filho, em que determinadas figuras retóricas são encontradas como nas expressões: "Agradeço a Deus todos os dias e segundos", em que há uma dimensão de intensidade exacerbada em dias e segundos e "melhor presente que já ganhei na vida", que relaciona o nascimento como metáfora de um presente.

Há ainda na referida postagem, a observância do recurso discursivo de que é bastante utilizado nas postagens dos homens trans e de uma forma geral que são o uso das hastags, em que no caso específico aqui dimensionado aparece " #jorgeamoreterno" , que podem ser relacionadas tanto como recurso de retórica ou como umas aspe para o texto dentro da perspectiva das estruturas ideológicas do discurso defendidas por Van Dijk, por se tratar de um artifício das narrativas contemporâneas que dá ênfase aos discurso produzidos nas mídias digitais.

Diante das discursividades apresentadas na postagem de Chris Cruz, observamos que a paternidade representada como características de afeto, cuidado, com expressividade que remete a papeis que geralmente são associados ao feminino, o que aqui consideramos como desencaixe do modelo mais tradicional de masculinidade. Ressaltamos que a afetividade aparece em algumas postagens de homens trans no Instagram, dentro do universo pesquisado, e aponta para uma representação mais contemporânea de masculinidade que coloca o homem também como papel de cuidador e não só de provedor.

Essa mudança de paradigma pode ser compreendida dentro da perspectiva de cruzamento entre as formas contemporâneas de linguagem através das mídias sociais que repercutem em transformações sociais e culturais que atravessam os comportamentos humanos e se mostram nas representações como práticas sociais mutáveis presentes nos discursos. Discurso e prática social, como vimos, estão imbricamente relacionados e direcionam para uma produção de sentidos numa sociedade, através da conexão entre linguagem, cultura, representação e identidade, através da "virada cultural", proferida por Hall (1997), na qual relaciona que:

> A "virada cultural" amplia esta compreensão acerca da linguagem para a vida social como um todo. Argumenta-se que os processos econômicos e sociais, por *dependerem* do significado e terem conseqüências em nossa maneira de viver, em razão daquilo que somos -nossas identidades - e dada a "forma como vivemos", também têm que ser compreendidos como práticas culturais, como práticas discursivas (HALL, 1997, p. 29, grifos do autor, sic).

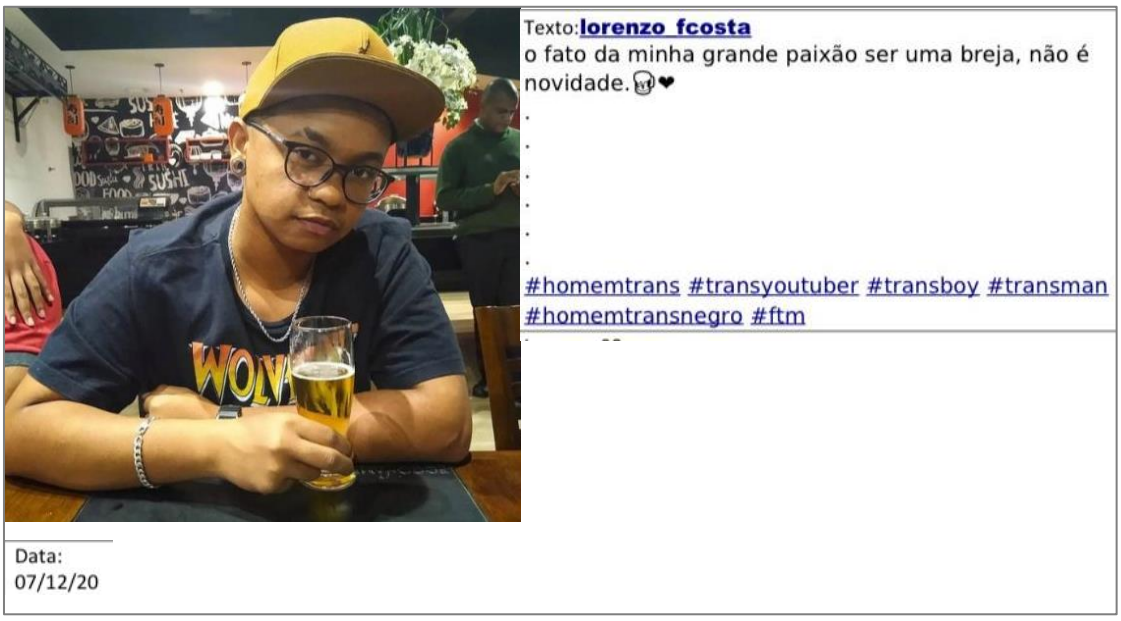
Dessa forma, ao observarmos as representações das masculinidades em homens trans no Instagram, temos nos deparado com novas formas de vivenciar a masculinidade, que acompanham as transformações sociais decorrentes de muitos movimentos pelos quais passam nossa sociedade. Anteriormente trazemos reflexões teóricas sobre a relação gênero, cultura e sociedade, principalmente com as contribuições do feminismo e da teoria *queer*, que repensa essas conexões e apontam transições importantes no comportamento social e em especial aqui, no comportamento dos homens, ao considerar as transmasculinidades como uma prima importante de se estabelecer com andam as masculinidades contemporâneas.

Dominação e resistência, encaixe e desencaixe, normas e subversão. As contradições nas representações das masculinidades em jovens homens trans no Instagram parecem espelhar também as representações de homens cisgêneros, quando observamos as postagens em geral. Os homens parecem que estão nesse movimento de identificação e representação, sobretudo quando vamos relacionar aspectos como moda, profissão, comportamentos etc.

Entretanto, nos homens trans, pela própria especificidade, como corpos *queer* ou corpos políticos, e aqui considerando corpos não só físicos, mas corpos sociais, esses movimentos de tensão e contradição são relevantemente percebidos.

Dentre os exemplos de representações que podemos considerar como encaixe, encontramos mais uma vez no perfil @lorenzo_fcosta, na postagem do dia 07 de dezembro de 2019 o enunciador aparece com um copo de cerveja na mão, em que se lê no texto da legenda: "o fato da minha grande paixão ser breja, não é novidade", conforme imagem abaixo:

Figura 21 - @lorenzo_fcosta com copo de cerveja



Fonte: Instagram.

Observamos que a postagem traz uma discursividade sobre o aspecto da relação do homem com a bebida e o desprendimento, marcas identitárias que são fortemente associadas ao masculino, sobretudo quando consideramos uma performatividade gênero atrelada a perspectiva de masculinidade abordada como mais tradicional. Dessa forma, algumas estruturas ideológicas do discurso são encontradas na postagem que marcam o sentido produzido pelo enunciador ao performar uma masculinidade mais tradicional e ainda dominante. Podemos identificar na utilização das aspas na expressão "breja", no uso dos elementos semânticos como "grande paixão" e estruturas retóricas como no corpo do próprio texto "o fato da minha grande paixão ser breja, não é novidade", que traz um jogo de palavras que insere no enunciado uma aproximação para quem ler e ao ver a imagem conecta-se com a ideia de que beber cerveja é algo que o referencia nas suas relações sociais.

Como já vimos anteriormente, Butler (2002, p. 134) reitera sobre as forças que imperam nas performatividades, as colocando em um lugar não tão livre em si, mas estão relacionados a uma escolha consciente de reinventar pra si um corpo apresentado ao mundo como lhe convém no sentido de pertencer ao sexo-gênero que se identifica, mesmo que essa performatividade seja restrita as normas do sexo-gênero identificado. Já Bento (2008; 2006) considera que a performatividade de gênero encontra na transexualidade sua forma bem evidente, ao relacionar que os sujeitos que procuram adequar corpo, sexualidade e gênero, reinventando-os aos modos mais coesos com sua própria autodesignação performática. O que nos faz pensar que os homens trans performam masculinidades, sendo estas inseridas dentro de perspectivas normativas e de suas rupturas.

Consideramos que as performances, corpos, rupturas ao modelo normativo binário e que aprisiona corpos, corpos estes vivos, *queer*, políticos, tecnológicos, em movimento para transexistir em seus espaços, em seus contextos, ou ainda essa normativa impera nesses sujeitos de modo que há uma tentativa de encaixe. Isso nos faz refletir sobre os atravessamentos das representações das masculinidades dos homens trans jovens no Instagram como manifestação discursiva desses atores sociais que está conectada com a perspectiva relacional da linguagem-cultura-sociedade inserida nas práticas sociais e na produção de sentidos.

Relacionar a representação das masculinidades e com o corpo masculino é considerar que os atores sociais utilizam estruturas discursivas ideológicas que reproduzem na linguagem midiática do Instagram um corpo masculino que foi hegemonicamente construído e instituído nas relações de poder presente nas relações e práticas sociais, mas que admitem especificidades que o coloca em diálogo com um corpo em construção que subverte o corpo-norma.

Acima, trouxemos uma imagem do enunciado do perfil de Paulo Vaz, no qual profere uma importante consideração do corpo transmasculino. Na foto, vemos um corpo inscrito com elementos do corpo-norma masculino e marcas da mastectomia como sinal de um corpo político, que pela tecnologia dos corpos, da qual entende Preciado (2011), faz um movimento de encaixe e desencaixe. Reflete sobre corpo político conferido aos transexuais que vai desestabilizar as normativas pelas tecnologias do corpo, sendo que as intervenções que conferem aos homens trans os coloca em um lugar de confronto e estranhamento ao determinismo biológico, que vamos considerar como representação dentro das masculinidades plurais encontradas nos perfis de jovens homens trans no Instagram.

Figura 22 - Chrisineruz com seu filho



Fonte: Instagram.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar representações das masculinidades em perfis de jovens homens trans no Instagram nos deparamos com uma travessia de desafios, arestas, achados e reflexões que permearam a referida pesquisa, o que apresentamos como possíveis considerações ao percurso traçado em três partes, sendo a primeira destinada a avaliação dos objetivos e hipóteses propostos e suas correspondentes aferições, a segunda refere-se a apresentação das representações das masculinidades derivada das análises realizadas e também trazemos uma discussão sobre os desdobramentos da pesquisa.

Em relação aos objetivos propostos no referido trabalho, temos que ao conferir como objetivo central investigar as representações das masculinidades presentes nas narrativas discursivas das postagens em perfis de jovens trans homens no *Instagram,* vimos como exitosa ao relacionar uma análise das postagens como material discurso, observando elementos que pudessem subsidiar a identificação das representações das masculinidades, utilizando-se da Análise de Discurso Crítica, na qual evidenciamos principalmente as contribuições dos teóricos Van Leeuwen e Van Dijk, que relaciona o discurso dos atores e grupos sociais inseridos nas representações, como elementos discursivos que se observaram as relações de hegemonia, poder, normatizações e subversões como mudanças no discurso presentes na dinâmica das práticas sociais.

No tocante ao objetivo, destacamos ainda o desafio da investigação de perfis no Instagram, no qual refletimos os caminhos éticos e mais assertivos para corresponder a pesquisa em questão, considerando que ao investigar as postagens dos sujeitos, tomamos contato com intimidades da vida privada que perpassa pelos atravessamentos identitários e sociais que marcam as trajetórias pessoais dos homens trans jovens analisados. Nos apoiamos em leituras que legitimam tal investigação das postagens, considerando o caráter público que elas possuem, conforme encontramos em Langer e Beckman (2005) considerações éticas sobre como realizar a pesquisa, sendo que esses autores destacam que ao analisar conteúdos de comunidades abertas, ou seja, públicas, não seria necessário alguma autorização oficial para análise, já que ao publicarem, as pessoas disponibilizam o conteúdo para o público em geral, contudo, entramos em contato com os perfis para mencionarem sobre pesquisa para que fosse estabelecido algum elo mais ético e compromisso da investigação como relevante socialmente.

Sobre os objetivos secundários, nos quais foram elencados como: 1- Identificar categorias representacionais das masculinidades em discursos presentes nas postagens de perfis de jovens trans homensno*Instagram;*2- Estudar os conceitos sobre gênero, masculinidades e transexualidades evocados a partir das referências teóricas e do material coletado; e3- Comparar as narrativas discursivas das masculinidades encontradas nos perfis de jovens homens trans à perspectivas atuais sobre gênero, masculinidades e transexualidade. Temos que se evidenciaram ao longo do estudo os referidos objetivos, sobretudo no levantamento do conteúdo teórico e na observação do material discursivo coletado.

Dessa forma, identificamos as categorias representacionais das masculinidades em discursos presentes nas postagens de perfis de jovens trans homens no *Instagram* conforme vamos destacar mais adiante, correspondendo em agrupamentos de sentidos nos enunciados baseado nos referenciais utilizados para a pesquisa, o que nos direciona ao cumprimento deste objetivo específico. Temos ainda que nas diversas fases da pesquisa, foi relevante estudar os conceitos sobre gênero, masculinidades e transexualidades a partir das referências e conteúdos dispostos a contribuir com as discussões e reflexões sobre a temática proposta, considerando a efetividade de mais um dos objetivos destinados na pesquisa. O estudo também de certo modo comparou as narrativas discursivas das masculinidades encontradas nos perfis de jovens homens trans às perspectivas atuais sobre gênero, principalmente conectando às análises das representações com as masculinidades plurais contemporâneas que se inserem na perspectiva atual da referida temática.

Em relação às hipóteses apresentadas, nas quais relacionamos no início da pesquisa em que constava como primeira a de que os sujeitos jovens trans homens expressam e manifestam suas representações através da mídia social *Instagram*. Por meio de fotos, vídeos e textos agrupados no que se chama de "postagens", na qual a plataforma digital se evidencia como espaço de narrativas discursivas que marcam uma escrita de si na contemporaneidade, evidenciou-se que de fato ao considerarmos a representação em Hall(1997, 2000, 2006, 2016) conectada a concepção de discurso (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; RAMALHO E RESENDE, 2011; VAN LEEUWEN, 1997;VAN LEEUWEN, 2003) e as considerações sobre a midiatização da sociedade atual (THOMPSON, 1990; HJARVARD, 2008; E BRAGA, 2006) vista no estudo, temos que a reflexão hipotética se consolidou na presente pesquisa.

Uma outra hipótese que relacionava os sujeitos jovens trans homens sendo atravessados pelas representações das masculinidades tem assumido na contemporaneidade, contemplando um modelo de masculinidade plural, na qual vimos uma premissa de que não

existe uma única categoria de homem, uma forma exclusiva de vivenciar o exercício do masculino, mas preferimos considerar que exista o exercício de variadas formas de masculinidades. Sobre isso, Bento (2015) aponta em seu estudo:

> Os estudos sobre homens tentam demonstrar que a multiplicidade de masculinidade também pode ser observada no mesmo contexto social. Pode-se chegar a tal conclusão ao se fazer um exame mais aproximado, com o foco de análise mais fechado, e a partir do cruzamento da variável gênero com classes sociais, raça/ etnia e geração. (BENTO,2015, p.86).

Tal contribuição nos faz relacionar que o estudo das masculinidades plurais deve ser entendido com uma percepção de intercruzamento, e que a partir de determinados contextos e vivências podemos refletir uma manifestação diversificada de masculinidade. Dessa forma, temos que ao abordar o tema das masculinidades como plurais, é notável que se pontue a dinamicidade, complexidade e interseccionalidade em questão, ou se, olhar os homens em seus contextos e adentrar nas especificidades nos ajuda a chegarmos ao ponto de visualizar uma possível masculinidade contemporânea, destacando o seu percurso de construção e as variadas constituições que se mostraram ao longo do tempo e espaço, o que reflete consideravelmente nas representações das masculinidades em perfis de jovens homens trans no Instagram.

A última hipótese apresentada mencionava que os perfis dos jovens trans homens produzem sentidos a partir das postagens, e essas repercutem nos usuários das mídias sociais sobre as manifestações identitárias masculinas, sendo estas inseridas no contexto discursivo, como prática social circulante na sociedade contemporânea. Dessa forma, foi observado que ao analisarmos as narrativas discursivas presentes nas postagens, estas podem ser observadas em um conjunto mais amplo, quando contemplamos outros perfis de homens (cis ou trans) no Instagram e ao observar o tema das masculinidades abordado atualmente, se percebe que a discussão aponta para uma perspectiva de análise da masculinidade de forma geral, o que pode ser evidenciado em próximos estudos.

Desse modo, consideramos que a pesquisa apontou algumas possibilidades de representações das masculinidades em jovens homens trans no Instagram, mesmo com a amostra sendo reduzida a 5 perfis em um universo que não se tem ao certo o número de jovens que se define como homens trans, a pesquisa já sinaliza uma diversidade de masculinidades representadas, o que corrobora com estudos e teorias mais contemporâneas sobre as masculinidades vistas como plurais e coexistentes, já que identificamos elementos das masculinidades ditas hegemônicas , como também masculinidades com características

dissidentes e contra-hegemônica e aponta 3 linhas ou abordagens de representações aferidas nas postagens analisadas discursivamente, são elas: 1- Posto, logo existo: as transmasculinidades midiatizadas; 2- No corpo, retratos de quem sou: uma corporeidade masculina?; e 3- Entre rupturas e encaixes: desafios em superar modelos hegemônicos de masculinidades. Sendo assim, essas abordagens de representações permeiam a masculinidade contemporânea em sua pluralidade, conforme vamos pontuar adiante.

Na secção "Posto, logo existo: as transmasculinidades midiatizadas; 2- No corpo, retratos de quem sou: uma corporeidade masculina?" vimos que os homens trans jovens se autoreferenciam dentro das transmasculinidades, conferindo às suas vivências uma transexperiência inserida dentro das masculinidades *queer* ou dissidentes, como mencionamos no escopo do trabalho no que diz respeito às masculinidades plurais. Sobre essa abordagem de representação das masculinidades, destacamos ainda que tal representação aqui elencada na presente seção aponta para uma representação da visibilidade e orgulho das transmasculinidades midiatizadas, abordando que as mídias sociais têm colaborado com o reconhecimento e visibilidade das pessoas transexuais, em especial aos homens trans, conforme encontramos em outros trabalhos.

Na próxima abordagem de representação elencada, intitulada "No corpo, retratos de quem sou: uma corporeidade masculina?" trouxemos uma reflexão sobre uma performatividade de gênero inscrita no corpo, sendo reproduzida ao longo de uma construção social e cultural que desenhou um corpo masculino, com suas características e marcadores identitários que assumem um corpo performático representado por elementos físicos e sociais como cabelos curtos, presença de pelos faciais e corporais, ausência de mamas/seios, e o uso de roupas como calça jeans, cuecas, tênis, camisas t-shirtetc., permeiam esse corpo masculino socialmente construindo e representado nas postagens de homens trans jovens no Instagram.

Já na secção "Entre rupturas e encaixes: desafios em superar modelos hegemônicos de masculinidades", trazemos uma representação de masculinidade conflitiva, pendular e polarizada entre hegemonia e dissidência. Dessa forma, ao observarmos as representações das masculinidades em homens trans no Instagram, nos deparamos com novas formas de vivenciar a masculinidade como também a presença de performances associadas à masculinidade mais tradicional ou hegemônica.

Sendo assim, intercalamos a essas categorias mencionadas anteriormente, alguns tipos de masculinidades contemporâneas encontradas a partir de estudos dos teóricos e teóricas que se debruçaram a tal temática de pesquisa, e que vamos relacionar com as postagens analisadas

nos perfis. Dessa forma, como já mencionamos, temos entre as masculinidades, a hegemônica, que é relacionada com a "capacidade de impor uma definição específica sobre outros tipos de masculinidade' (BENTO, 2015, p. 87) ou ainda que ela "apresenta o homem no poder, com o poder e de poder. A masculinidade torna-se sinônimo de força, sucesso, capacidade, confiança, domínio, controle" (BENTO, 2015, p. 89), na qual podemos considerar que ela constrói uma ideologia que lhe dá sustentação e define padrões de comportamento que devem ser seguidos pelos homens e se estrutura com base em relações assimétricas entre os gêneros.

Por outro lado, vimos também a masculinidade subalternizada, que é quando ocorre como sendo a relação estabelecida entre a masculinidade dita hegemônica como uma forma hierárquica que subalterniza outro tipo de masculinidades que não correspondem ao ideal hegemônico. Sendo que esta forma de masculinidade está associada a padrões de desigualdade e assimetria entre os homens que não assumem os postos que foram historicamente e culturalmente, no campo ideológico, estabelecidos como legitimamente pertencentes aos homens, a saber "o homem branco, de classe média, de meia-idade, heterossexual, é a masculinidade que estabelece os padrões para os outros homens pelos quais são julgados e, na maioria das vezes, considerados incompletos" (BENTO, 2015, p. 89)

Outra possibilidade de vivenciar a masculinidade é quando se apresenta uma masculinidade tóxica , que é quando corresponde a uma concepção de masculinidade apoiada nas normas e características da hegemônica, entretanto, traz marcas identitárias aos homens que os limitam e os coloca em um movimento de corresponder a determinadas características que foram historicamente construídas, o que o fazem procurar performar um padrão hegemônico que acaba provocando mal estar ao próprio homem e aos que estão ao seu redor.

Se por um lado temos esse tipo de masculinidade tóxica, uma outra resposta à masculinidade hegemônica se evidencia no que vimos como masculinidade dissidente ou *queer*, que contrapõe a esta e se apoia principalmente na teoria *queer*, mais precisamente em um dos seus expoentes, que vivencia em si mesmo essa (trans) masculinidade, que é o filósofo Paul Preciado. Ao mencionar a importância política dos corpos *queer*, como vimos já neste trabalho, Preciado (2011) destaca então uma sexopolítica na qual incidem sobre as pessoas que vivem à margem de normas, os *queer* enquanto dissidentes, que causam estranhamento e são necessários para desestabilizar uma engrenagem padronizada de corpos e gêneros, o que inclui a transexualidade masculina e as variadas possibilidades de performances.

Temos ainda, na perspectiva de oposição ou contraposição às masculinidades hegemônicas ,que são vistas no trabalho, a masculinidade marginalizada, que é apontada como sendo os grupos de homens que se encontram " à margem" , ou seja, historicamente foram excluídos de processos sociais como trabalho, educação e práticas sociais , por condições que são marcadas pela interseccionalidade que os colocam em uma situação "de fora" de um " ponto de vista privilegiado" (na perspectiva de bellhooks) , olhar este de dominante e colonizador que tem no capitalismo e nos seus modos de produção e modos de ser , assim, colocam à margem as masculinidades indígenas, masculinidades "latinas" e masculinidades negras.

Dentre o elenco das masculinidades plurais, encontramos também a masculinidade denominada de ubersexual , por fazer referência a adjetivo que permeou os homens em décadas anteriores, sendo denominados de metrossexual e que mais recente , com algumas transformações no comportamento , cultura e sociedade, essas masculinidades foram atribuindo outras características como além da vaidade, do cuidado com o corpo, com o status, com a moda, com um performance que colocam os homens em um patamar de "bem sucedido", "belo", "atraente" e se mostra contemporâneo , preocupado com uma autoimagem e adepto a tecnologias diversas, como vimos na pesquisa de Zurian (2011).

Dessa forma, as postagens trazem elementos discursivos em que estão inseridos conceitos de hegemonia em relação a masculinidade constituída nas relações de poder que a fizeram como padrão na sociedade ocidental e que permeiam as representações das masculinidades em homens trans jovens. Esses elementos discursivos incluem os textos e imagens, conforme já mencionamos como material analisado e que podemos considerar, nas representações do grupo social referido e quando nos debruçamos nas Estratégias Ideológicas de Discurso e posições dos atores sociais presentes nas construções dos textos/imagens. a masculinidade hegemônica está presente na produção de sentidos na nossa sociedade, mascada vez mais aparecem outras possibilidades dissidentes.

Consideramos também que o presente trabalho se encontra ainda em travessia, por se evidenciar como inacabado em si, já que toda pesquisa possui arestas e lacunas que deverão ser preenchidas por um novo olhar sobre a pesquisa, por novas diretrizes e caminhos que possam apontar novos caminhos a percorrer. Refletimos em algumas eventuais fragilidades no percurso da pesquisa e escrita, que podem de alguma maneira repercutir no processo. Em se tratando de processo, o que percebemos como notório foi sem dúvida a aprendizagem que tal percurso possibilitou e a possibilidade enxergar novos horizontes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades? **Rev. Estud. Fem**. Florianópolis, v. 20, n. 2, pág. 513-523, agosto de 2012. Acessado em 28 de jun. 2019. Disponível em:

AMORIM, Alexandre de S. Homens (in)visíveis a experiência de transhomens Brasileiros nas mídias virtuais. Universidade Federal de Santa Catarina Centro de filosofia e ciências humanas Programa de pós-graduação em Psicologia, Florianópolis, 2016 <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/168176> Acesso em 28 de jun. 2019.

ÁVILA, Simone. **Transmasculinidades: a emergência de novas identidades políticas e sociais**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

ÁVILA, Simone; GROSSI, Miriam Pillar. "Maria, Maria João, João: reflexões sobre a transexperiência masculina". In: **Fazendo gênero 9: diásporas, diversidade, deslocamentos**, 23 a 26 de agosto de 2010, Florianópolis. Acessado em 28 de set. de 2020. Disponível em:

BELLO, Cíntia Dal. **Subjetividade e tele-existência na era da comunicação virtual: o hiperespetáculo da dissolução do sujeito nas redes sociais de relacionamento**(doutorado).Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica, 2013

BENTO, Benerice. **A reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. **Homem não tece dor: : queixas e perplexidades masculinas** / 2. ed. – Natal– RN: EDUFRN, 2015.

_____. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008

BIANCHI, Eliane Maria P. Giavina; IKEDA, Ana Akemi. Usos e aplicações da groundedtheory em Administração. **GESTÃO**.Org, v. 6, n. 2, p. 231-248, 2008. Acessado em 28 de set. de 2020. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/gestaoorg/article/view/21521

BOGÉA, Arthur F. **Discursos de gênero no espaço escolar: quais referências de masculinidades?** Mestrado (dissertação)-Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 2a ed. 160p.

BRAZ, Camilo. Transmasculinidades, temporalidade: Antropologia do tempo, da espera e do acesso à saúde a partir de narrativas de homens trans. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos),

BUNDE, Mateus. Análise do Discurso. Todo estudo, 2019. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/portugues/analise-do-discurso>. Acesso em: 06/07/2019, às 13h04min.
BUTLER,Judith.**Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro:2003

_____. **Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del "sexo"** - P ed. - Buenos Aires – Paidós,2002.

_____. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010

COLLINS, Patricia. Black FeministThought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment. New York: Routledge, 2009.

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W. "Masculinidade hegemônica. Repensando o conceito". RevistaEstudosFeministas, v. 21, n. 1, p. 424, jan./abr. 2013

_____. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

_____. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista estudos feministas.** Florianópolis, 2013.

_____. W. *Masculinities*. Berkeley: University of califórnia Press, 1987.

DIEB. M. H. **Educação infantil e formação docente:** um estudo em representações sociais. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2004.

DURKHEIM, E**. As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**.1 ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FÁVERO, Maria Helena. **Psicologia do gênero: psicobiografia, sociocultura e transformações.**Curitiba: UFPR, 2010

FERNANDES, Larissa de S; CALADO,Camila; ARAUJO ,Claudia Affonso. Redes sociais e práticas em saúde: influência de uma comunidade online de diabetes na adesão ao tratamento. **Ciência & Saúde Coletiva**, 23(10):3357-3368, 2018
Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X

FLUSSER, Vilém. Ensaio sobre a fotografia. Lisboa: Relógio D'Água, 1998. 96p.

_____. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Sinergia, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. MARCIONILO, Marcos José. (Ed.). Indicação editorial de Profa. Dra. Salma TannusMuchai. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Microfísica do Poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. 18 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José AugustoGuilhon Albuquerque. Rio de Janeiro (RJ): 1999.

GRACIANO, Douglas A. A margem da imagem: uma análise da (in)visibilidade trans no Instagram. Dissertação (Mestrado)–Universidade EstadualPaulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2018.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Revista Educação e Realidade, v. 22, n. 2, p. 15-26, jul/dez, 1997.

_____. Quem precisa de identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: RJ, 2000.
_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª e.d. 11. ed. -Rio de Janeiro:DP&A, 2006.
_____. **Cultura e Representação**. ITUASSU Arthur, organização e revisão técnica. Tradução de Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro (RJ): Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

IRINEU, Lucineudo Machado **Representações sociais sobre a latinidade em sites de redes sociais contemporâneas: uma investigação discursivo-ideológica situada no Orkut**. Mestrado (dissertação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística**,** Fortaleza, 2011.

JESUS, Leandro S. B. Discursos de imagens: reflexões entre linguagens, ideologias e cinema. *In.*:**Anais** do IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - ENECULT. Faculdade de Comunicação/UFBA, 28 a 30 de maio de 2008, Salvador-Bahia-Brasil.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. *In:* JODELET, D. (org.). **As Representações Sociais**. Rios de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 17-66.

_____. **Representationsociale**: Phenomène, concept et théorie. Paris: PressesUniversitaires de France, 1984.

_____. Représentationssociales: undomaineenexpansion. In: JODELET, D. (org). **Lesreprésentationssociales.** 2. ed. Paris: PUF, 1991.

JUNIOR, Isley B. da Silva : OTTONI ,Maria Aparecida Resende.Corpo, discurso e representação: uma análise imagética do homossexual na revista veja. **Horizonte Científico. Secção Linguística e Letras**. Vol. 7 N.º 1. Set. 2013. Acessado em 31 de agosto de 2020. Disponível me:http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/issue/view/963

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LOURO, Guacira. L. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
MAGALHÃES, Francisco Laerte J. **Veja, Isto é, Leia: a imagem e a imagem nos discursos de capa das revistas Veja e Istoé; produção e disputas de sentido no episódio das mortes de Paulo César Farias e Suzana Marcolino**. Teresina: EDUFPI, 2003. 158 p.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização.** 16º GOLE. Associação Brasileira de Leitura. Campinas-SP, 2007 . Acesso em 2 de set. 2020. Disponível em:

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, p. 725-747, 2017.

MISKOLCI, Richard. Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre Teoria Queer. **Florestan.** São Carlos. n. 2, p. 08, 2014.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **A Representação Social da psicanálise**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
MORAES, Maria Laura Benner. **Stuart Hall**: cultura, identidade e representação. Revista Educar Mais.v.3, n. 2, 2019.

OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.).**Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

OLIVEIRA, Luciano Amaral; CARVALHO, Marco Antônio Batista. **Fairclough**. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (org.). Estudos do discurso: perspectivas teóricas. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 281-309

OLIVEIRA, Márcio de. O conceito de representações coletivas: uma trajetória da divisão do trabalhoàs formas elementares. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 13, n. 22 p. 67-94, jul./dez. 2012. Acessado em 20 de agosto de 2020.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". **Rev. Estud. Fem.** , Florianópolis, v. 19, n. 1, pág. 11-20, abril de 2011. Acessado em 20 de agosto de 2020. Disponível em :http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100002&lng=en&nrm=iso

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual. Práticas subversivas de identidade sexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2017
Psicossocial.**Cad. Saúde Pública**., Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/sep, 1993. Acesso em 31 de jul. 2020. Disponível em :

RAMALHO, Viviane. RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica**: O texto como material de pesquisa. Coleção: Linguagem e Sociedade, v. 1., Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RECUERO, R.; FRAGOSO, S.; AMARAL; A. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

SANTANA, Anderson Luís. **As consequências da revolução sexual: uma reflexão sobre as transformações da vida intima em tempos de modernidade liquída**. Juiz de Fora, Universidade Estadual de Juiz de Fora, 2016
SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SIQUEIRA, Holgonsi e MEDEIROS, Márcio. Somos todos ciborgues: aspectos sociopolíticos do desenvolvimento tecnocientífico. Revista Configurações, v. 8, p. 11-32, 2011. Acessado em 28 de set. 2020. Disponível em: https://journals.openedition.org/configuracoes/882
SPINK, Mary. Jane. P. .O Conceito de Representação Social na Abordagem

TERRA, Victor do Vale. **Representação e imagem: o Instagram como ferramenta de produção de novos sentidos.**Monografia submetida à Banca de Graduação como requisito para obtenção do diploma de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

VAN LEEWEUN, T. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, E. R. (orgs). **Análise Crítica do Discurso: Uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Caminho, 1997. p. 169-222.

VANDIJK. T. La multidisciplinariedaddelanálisiscrítícodel discurso: unalegatoen favor de ladiversidad. In: WODAK, R.; MICHAEL, M. **Métodos de análisis crítico del discurso**.1ed. Barcelona: Gedisa editorial, 2003. p. 143-176.

_____. **Ideología y discurso:** una introducciónmultidisciplinaria. Barcelona: Ariel, 2003.

VIEIRA JUNIOR, L. A. M..Quantas curtidas merece essa "trans?": a recepção da transexualidade nas mídias.Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2018.

ZURIAN, Francisco A. **Héroes, machos o, simplemente, hombres: una mirada a larepresentaciónaudiovisual de las (nuevas) masculinidades**. Secuencias– 34, UniversidadComplutense de Madrid 2011.

APÊNDICES

APÊNDICES I: Tabela de coleta de Dados (postagens) de @Luccanajar

<table>
<tr><td>Imagem 01

</td><td></td></tr>
<tr><td>Texto:
luccanajar
A busca da "passabilidade" é uma imposição social, desde que decidi me expor na internet, eu escuto e leio muitas coisas (que hoje, consigo lidar bem), mas vejo que quanto mais tempo eu estou nessa jornada trans, mais imposições sobre o meu corpo existem. Sabe aquelas regras "é coisa de homem", "é jeito de homem", "é voz de homem", "é corpo de homem", ela se torna tão pesada e tão opressora para as masculinidades trans quanto para qualquer outro, uma vez, que não adianta absolutamente nada, você nunca será o suficiente.
.
.
.
.
.</td><td>Data:
12/05/2020</td></tr>
</table>

#luccanajar #homemtrans #ftm #lgbt #naoeopiniao #transfobia	
Imagem 02 	
Texto:luccanajar Nesse final de semana tirei fotos inspirada no Pinterest. Já posso ser um menino Pinterest? Hahaha 🖤 . . . . . #luccanajar #homemtrans #transgenero #lgbt #lgbtq🌈 #pinterest	Data: 13/04/2020
Imagem 03	

	
Texto: luccanajar O que eu fiz no domingo? Modelei pra @bruolipimenta e as fotos ficaram bem menino Pinterest, o que acharam? . . . . #luccanajar #homemtrans #lgbt #pinterest #ftm #curtasuajornada	Data: 10/05/2020
Imagem 04	

	
Texto:luccanajar E essa foto foi inspirada no autorretrato que o fotógrafo Loren Cameron, que é homem trans, tirava do seu corpo. Ele foi um dos primeiros homens trans que ouvi falar através de uma amiga (@tatianacarvalhocosta) e apesar de não ter sido a minha referência para iniciar a transição, desde o primeiro dia que ouvi falar dele essa história nunca saiu da minha cabeça. E depois fui conhecendo outros homens trans que, além de me inspirar contribuíram para que eu seja o homem que sou hoje. E por isso nos últimos anos venho falando sobre empoderamento e autoestima para nós homens trans, falando para olhar para nós com mais carinho, para não comparar nossa transição, para curtir nossas mudanças e curtir nossa jornada trans. E hoje eu quero que você tire autorretrato seu, do seu corpo e mostre para o mundo o quanto a gente se orgulha de ser trans e que nosso corpo é lindo do jeito que ele é 🖤 (Se tirar a foto me marca pra gente curtir esses momento juntos, juntas e juntes) . . . . . #luccanajar #homemtrans #curtasuajornada #ftm #lorencameron #transgenero #transsexual #autoretrato	Data: 23/04/2020
Imagem 05	

	
Texto: luccanajar Passando bem menino Pinterest pra dizer que essa coisa de tirar fotomodelando em casa, é um ótimo passatempo. 💘 . . . #quarentena #homemtrans #luccanajar #ftm #curtasuajornada	Data: 18/04/2020
Imagem 06	

	
Texto: luccanajar O dia de hoje foi incrível! Meu desejo é que o ano inteiro eu possa ver muitas pessoas trans trabalhando (no mercado formal), fortalecendo o rolê, apoiando e sendo apoiado. Que o ano todo a gente seja força, resistência e amor. #visibilidadetrans . . . . . #luccanajar #homemtrans #transgenero #lgbt #lgbtq #curtasuajornada	Data: 29/01/2020
Imagem 07	

	
Texto: luccanajar Ontem foi dia de ter trans mediando um painel da @hbobr na @ccxpoficial e foi LINDO! 🏳️‍🌈Nesse universo de filmes, séries e entretenimento é difícil encontrarmos quem verdadeiramente se importa com a visibilidade de causas como LGBTI+, negritude e empoderamento femino, mais difícil ainda encontrarmos responsabilidade ao tratarmos desse tema! Por isso, eu fiquei tão feliz e empolgado quando descobri sobre a nova série da HBO, 1/3 do elenco são pessoas trans, todo mundo foi treinado para lidar com pronomes neutros e respeitarem uns aos outros! As cabeças criativas do projeto tinha espaço de fala para trazer cuidados essenciais sobre os assuntos. Isso realmente revoluciona o mercado e fazer parte disso me deixa com esse sorrisão! Obrigado @hbobr e #todxsnós 🖤 Na segunda foto tem o elenco principal é a diretora Vera Egito Foto: @diegopadilha . . . . . #hbo #hbolatam #hbobr #hbonaccxp #ccxp #ccxp19 #ccxp2019 #todxsnos #luccanajar #homemtrans #lgbt	Data: 07/12/2019
Imagem 08	

	
Texto: luccanajar falei que a foto só de sunguinha ia chegar 🩲 . . . . . #homemtrans #luccanajar #lgbt #transgenero #praia #maceio #curtasuajornada	Data: 26/12/2019
Imagem 09	

	
Texto: luccanajar Imagem de um homem trans em isolamento. . . . . #luccanajar #homemtrans #homemtransemcasa #transgenero #curtasuajornada #ftm #lgbt #lgbtq	Data: 04/04/2020
Imagem 10	

	
Texo: luccanajar A primeira foto foi uma das últimas vezes que eu fui à praia, quando eu tinha mais ou menos uns 10 anos de idade. A segunda foto sou eu hoje com 28 anos. A diferença da primeira para a segunda não é só a idade é também a liberdade 🩲 . . . . . #luccanajar #homemtrans #transgenero #lgbt #praia #liberdade #sunga #transgender #curtasuajornada	Data: 01/01/2020
Imagem 11	



Texto: luccanajar

Data: 14/01/2020

Durante 24 anos da minha vida, eu nunca fui tão eu mesmo quanto agora, eu sempre busquei me encontrar em coisas e pessoas e quando eu descobri que TUDO que eu sempre senti tinha um nome, eu me senti tão completo, que parecia que não ia caber em mim…

Só que nesse processo todo, eu descobri um outro tipo de monstro, que desde o dia que eu me tornei o Lucca eu tive que lidar. Esse monstro geralmente aparece em formato de bot na internet ou é uma pessoa bem religiosa que acredita no amor de Cristo, ele vive na atual sociedade e sempre me diz com convicção: "VOCÊ NÃO É UM HOMEM!". Alguns me acham um homem afeminado e por isso estou sendo "trans errado", outros dizem o tempo todo que estou tentando enganar alguém (ainda não entendi como, afinal, tá em todo canto que sou trans, rs) e a maioria deles, dizem que vão rezar por mim, por minha alma.

Eu saí de todo um processo interno para enfrentar um processo externo, que o tempo todo, busca em mim, algum motivo para deslegitimar quem eu sou.

E nesse mês da #visibilidadetrans, quero deixar aqui, para todas, todos e todes, a transfobia dói, machuca, causa em nós pessoas trans constrangimento, é por causa desse pensamento, que ainda vemos atos transfóbicos em espaços públicos, privados e não é questão de opinião, é questão de vida e possibilidade de continuar existindo!

#ChegaDeTranfobia #TransfobiaNãoÉQuestãoDeOpinião #curtasuajornada

(formato de foto inspirado no maravilhoso @caiorevela)

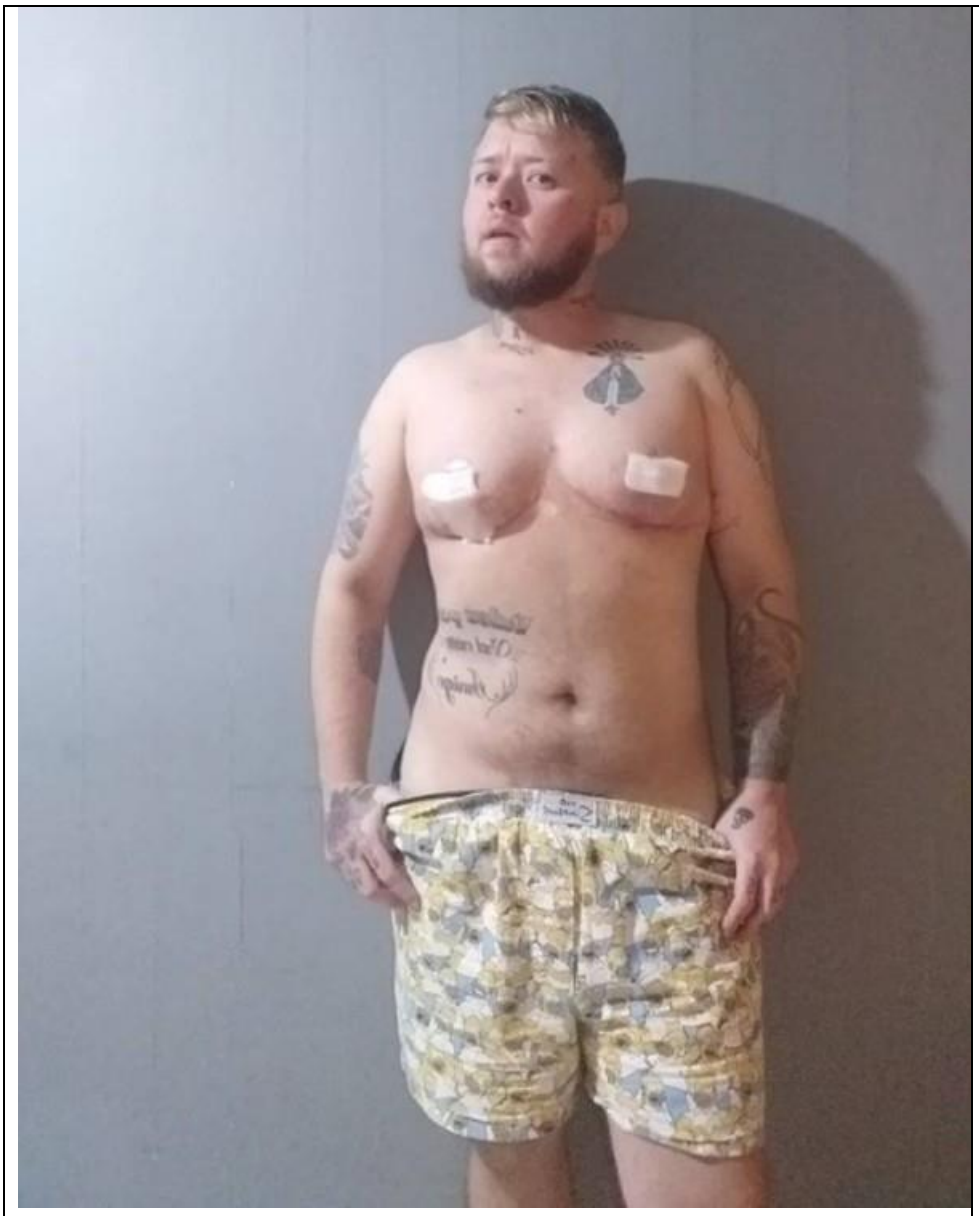
APÊNDICES 2 Tabela de coleta de Dados (postagens) de @Chrisincruz

<table>
<tr><td>Imagem 01
</td><td></td></tr>
<tr><td>Texto:
chrisincruz Boa noite!
E a barbita crescendo de novo 😘

#transexual #transformandovidas #transgenders #transgender #transmen #transpride #pride #vidastransformadas #vidastransimportam #transboy</td><td>Data:
06/12/2019</td></tr>
<tr><td>Imagem 02</td><td></td></tr>
</table>

	
Texto: **chrisincruz** Às vezes a felicidade demora a chegar... Aí é que a gente não pode deixar de sonhar... Erga sua cabeça mete o pé 🎶🎶 #transexual #transformandovidas #transmen ##transgenderbrazil #transgenders #transman #vidastransimportam #transpride #pride #transboy	Data: 31/12/2019
Imagem 03	

	
Texto: **chrisincruz** Boa noite! Vai um gordinho aí no seu feed... 😘😘😘 #transexual#transgenderpride #transgenders #transmen #transman#homenstrans #homenstransgeneros#pride #vidastransimportam	Data: 20/06/2020
Imagem 04	

	
Texto: **chrisincruz** Boa noite!!!! Tcharammm!!! Mais fotinha ☺ ☺ ☺ Já sabe, né? Não gostou, só me excluir.....E não! Não aceito opiniões e críticas, não sou obrigado. Beijos de luz, direto no ❤ #transexual #transman #transmen #transgeneros #transgender #pride🌈 #transgenderpride🌈 #homenstransbrasil #transboy #vidastransimportam	Data: 26/04/2020
Imagem 05	

	
Texto: chrisincruz Boa noite, princesos! Segue uma foto do gordinho feliz ☺ 😍💔 #transexual #transgenderpride #transgenders #transman #transmen #transmenofinstagram #transgeneros #homenstrans #homenstransbrasil #vidastransimportam #pride	Data: 04/03/2020
Imagem 06	

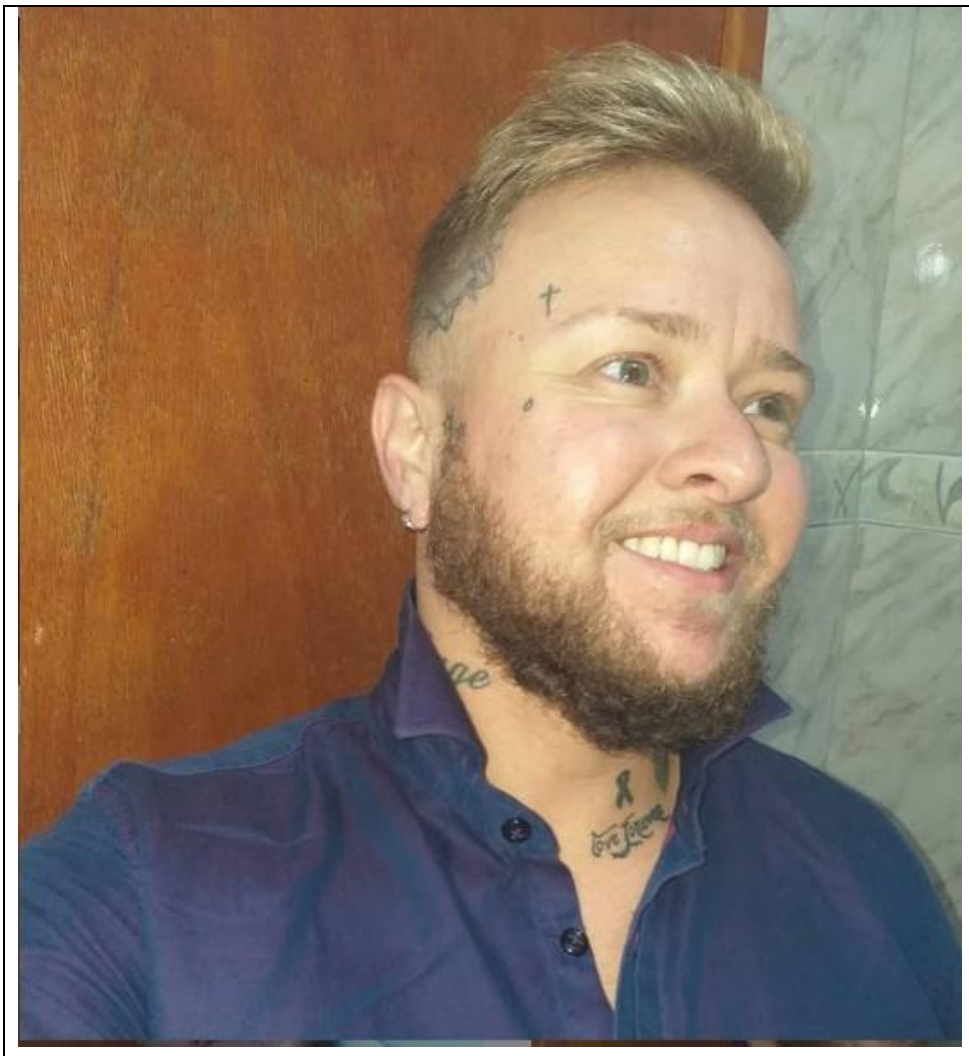


Texto:	Data:
chrisincruz E hoje é o dia do orgulho, mas pra mim todos os dias são dias de orgulho. Sinto orgulho da pessoa que sou, da força que tenho e crio todos os dias apenas por optar em ser eu mesmo, mas nem todo o peso do mundo é maior do que o peso não poder viver sendo você mesmo. #pride #homenstransbrasil #homenstrans #transmen #transman #transgenderpride #transgender #transboy #vidastransimportam	28/06/2020

#lgbtqi #orgulhotrans#respeito	
Imagem 07 	
Texto: chrisincruz Boa noite! Se preparem para as fotinhas do gordinho 😗 Não gosta? Morde o rabo.... Beijos de luz 😘😘 #transgenderpride🌈 #transgeneros #pride🌈 #transman #transmen #homenstransbrasil #homenstrans #vidastransimportam #liberdade #soueu #transfellas	Data: 16/04/2020

#transftm	
Imagem 08 	
Texto: chrisincruz Inchadinho e com dor, mas já me sinto livre 💔 Obrigado, Deus 💔🙏😍 #transexual #trasngender #transman #transmen #transpride #homenstransbrasil #homenstrans #vidastransimportam #transboy	Data: 18/03/2020
Imagem 09	

 ‘	
Texto: chrisincruz Hoje fazem 6 aninhos que minha vida mudou... Na verdade, que comecei a viver... Meu pretinho completa 6 aninhos, coisa mais rica da minha vida, todo meu amor concentrado em uma só pessoa. Agradeço a Deus todos os dias e segundos, pois, esse foi e sempre será omelhor presente que já ganhei na vida. Feliz aniversário filho! Te amo demais. #jorgeamoreterno	Data: 16/03/2020
Imagem 10	

	
Texo: chrisincruz Nunca me disseram que seria fácil, só quem vive a luta todos os dias, sabe o tamanho da força que existe dentro de si e o tanto de gigantes que enfrentamos por dia. Porém, o fato de se olhar no espelho e ver o que sempre quis ver a vida toda, já supera qualquer obstáculo. Sendo assim, pegue suas opiniões e críticas e enfie no cú 💔 Beijos de luz 😘😘😘 #transexual #transgeneros #transgenderbrazil #transgenderpride🌈 #pride🌈 #transman #transmen #transmenofinstagram #homenstransbrasil #vidastransimportam	Data: 03/03/2020
Imagem 11	

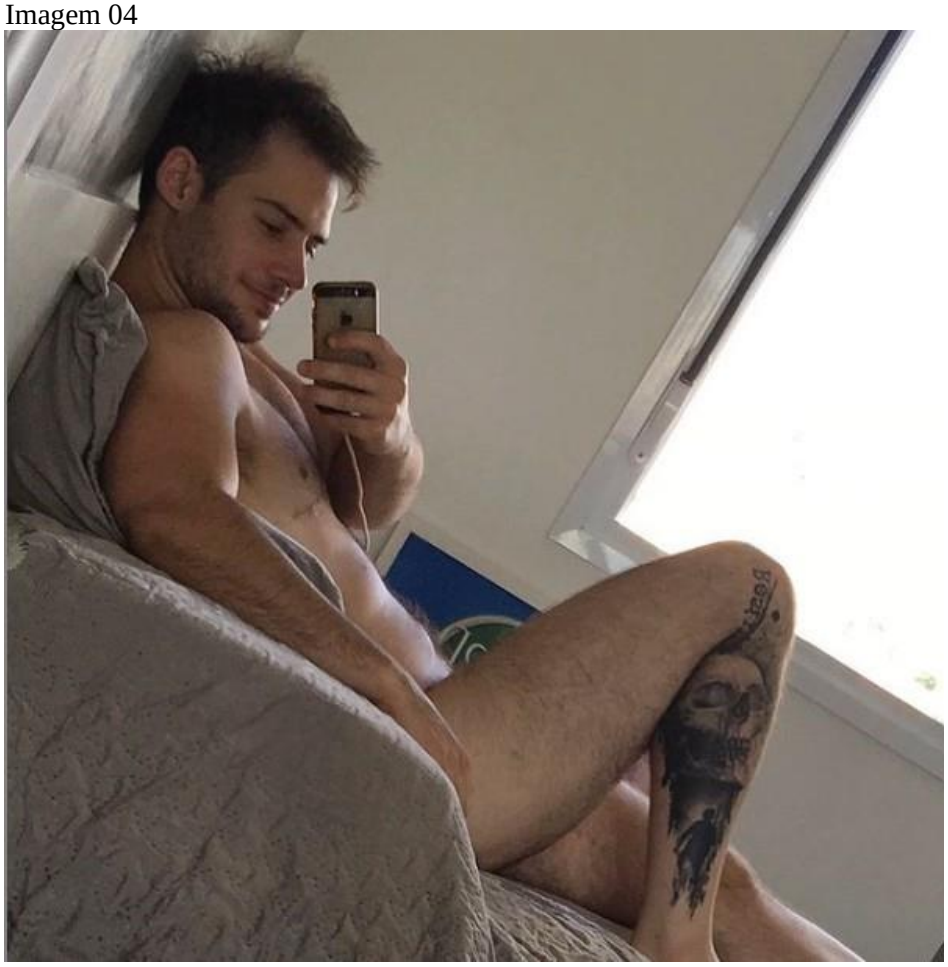
	
Texto: chrisincruz Se um dia eu abrir um salão, já tenho o uniforme 😂😂 #odeiocalça #liberdade #transman #transgenderpride🌈 #transformandovidas #transexual #pride #transgeneros #vidastransimportam	Data: 01/02/2020

APÊNDICES 3 - Tabela de coleta de Dados (postagens) de @Popo_vaz

Imagem 01 	
Texto: popo_vaz #ORGULHO ➡ quem pesquisar vai perceber q existem dois significados: da forma pejorativa “sinônimo de arrogância”; e de forma apreciativa “de grande satisfação com o próprio valor, com a própria honra”. E essa foto é de 2018, do dia da Marcha do Orgulho Trans! Não preciso falar mais nada né? 💙❤️🤍❤️💙 . A #Luta é Constatante! 🌎💭 #lgbt#lgbtqia+ #trans #diversidade #orgulhotrans #transgender	Data: 18/06/2020

#transman #travesti #mulhertrans #homemtrans#naobinarie	
Imagem 02 	
Texto:popo_vaz #tbt de 2017, com 15 anos, no auge da juventude! 💪🍕A🍗🍔 • Do q vc sente falta de qndo tinha os ossos lubrificados e a energia de virar 4 noites seguidas? • 📸 @lucasravila • #paulovaz #popovaz	Data: 30/04/2020

#trans #transmodel #transman #transgender #homemtrans#lgbt #lgbt🌈 #cama #juventude	
Imagem 03  	
Texto: popo_vaz Foto refletindo meu bom humor da manhã! 👹 . Tenho impressão q a galera aki é mais noturna, certo? . 📸 nenê @hmcpedro #noturno4ever #trans #transgender #transman #homemtrans #topetinhovacalambeu	Data: 17/04/2020

#lgbti #🌈	
Imagem 04 	
Texto:popo_vaz Biscoito? Sim pfvr! Gosto do de chocolate e um cafezin junto! 😌🍪🥛☕ #trans #transgender #transman #transgenero #homemtrans #cama #quarentena #camamelhoramiga #🍪 #tattoo #nadaprafazer	Data: 03/04/2020
Imagem 05	

	
Texto: popo_vaz Estou há 01:30 tentando fazer o @hmcpedro desgrudar de vê as lontras 🥜 😒 #saipedro #hmcpedro #popovaz #trans #transman #homemtrans #venhaviveroutravezaomeulado	Data: 07/03/2020
Imagem 06	

	
Texto: popo_vaz “Sob a luz do sol, Forte olhar da tua abundancia...” mentira gente, só queria ta assim agora! 🛁 ♂💧💨💨 #piscina #boiando #😇 #transatlantico #trans #transgender #homemtrans #transman #lazy #transparente #sun🌞	Data: 07/02/2020
Imagem 07	



Texto: popo_vaz 📸 @lucasravila #visibilidadetrans#transman #transgender #homemtrans #trans #paulovaz #transmodel #transflag #antra #mulhertrans#transwoman #travesti #naobinario #lgbt	Data: 29/01/2020

#	
Imagem 08 	
Texto: popo_vaz Eu olhando pra comentário de hater... 📸 @andersonmmacedo_#pink #trans #transgender #homemtrans#transman #transmodel #lgbt # #desprezo #saidaqui	Data: 28/01/2020
Imagem 09	

	
Texto: popo_vaz Sim, uso oculos...mas nao uso! Foto climada pelo amigo kengo @thyagossantos #oculos #nerd #trans #transman #transgender #homemtrans #lgbt # # #exemplodehomi #mintira #preguicaducarai #4zói	Data: 13/12/2019
Imagem 10	

	
Texto: popo_vaz Solzin sempre bom pro humor, pras vitamina e biscoito. 🌞🍪💫 #trans #homemtrans #transman #transgender #PauloVaz #piscina #poser #modeloprofi #molharobiscoito #bolachabiscoito #1990 #quemtendeutendeu	Data: 06/01/2020
Imagem 11	

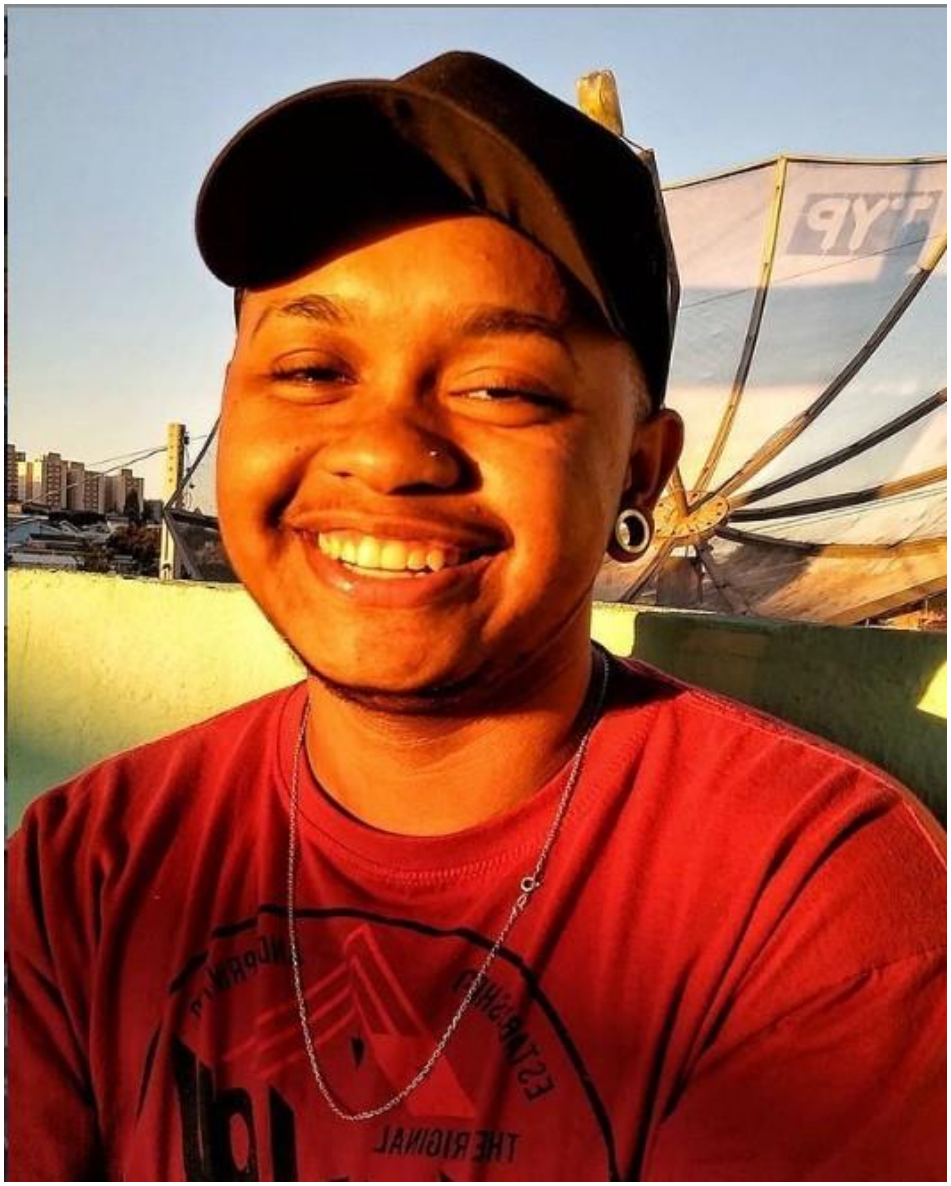


Texto: popo_vaz
“Vc tem uma cara de homossexual terrível” BOLSONARO, Jair .2019

#caradehomossexualterrível

Data: 21/12/2019

APÊNDICE 4 - Tabela de coleta de Dados (postagens) de @Lorenzo_fcosta

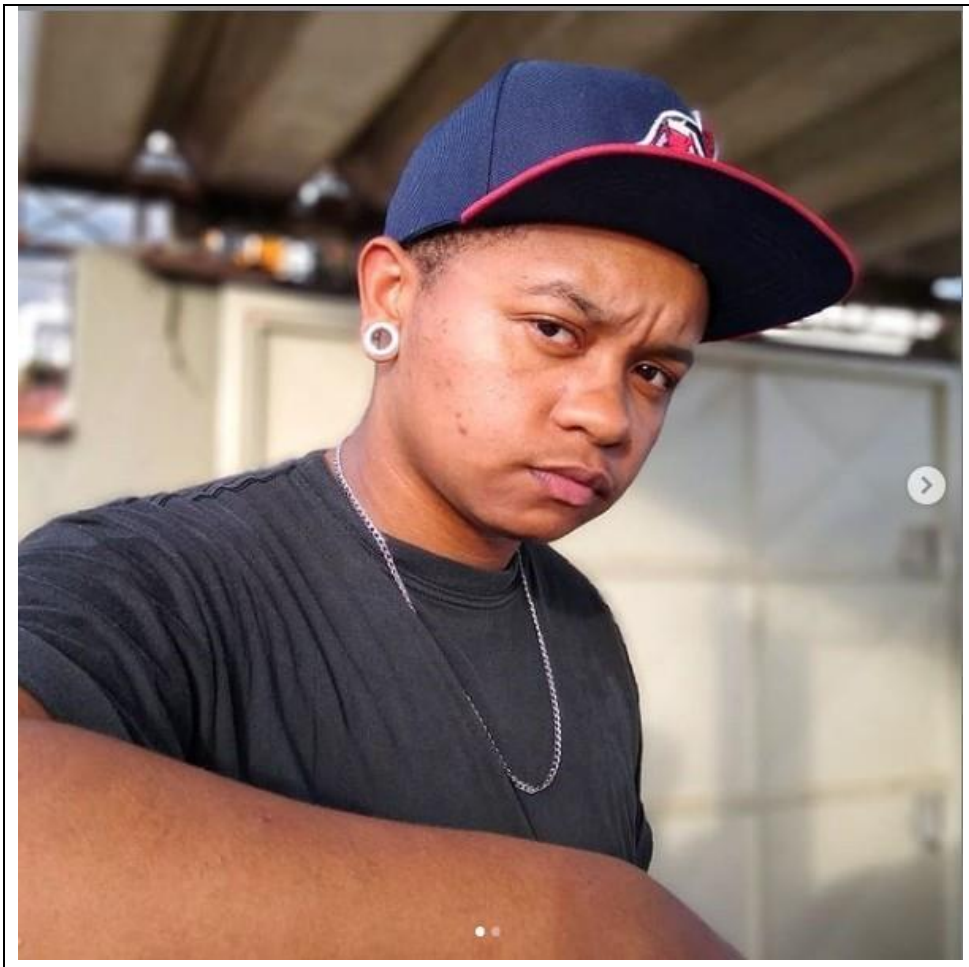
Imagem 01 	
Texto: lorenzo_fcosta lembro nem o motivo desse sorriso de mongol, mas tá ae pra completar a fileira. 🌞	Data: 20/05/2020

. #homemtrans #homemtransnegro #transnegro #transição #transman #transboy #transgenero #transgender #transnegro #trans	
Imagem 02 	
Texto: lorenzo_fcosta saudade da academia né meu filho? 😔 . . . . . . #ftmfitness #transman #transboy #transgenero #transgender #transnegro #trans #homemtrans #homemtransnegro #vidasnegrasimportam	Data: 04/06/2020

#vidastransnegrasimportam	
Imagem 03 	
Texto: lorenzo_fcosta Às vezes eu falo com a vidaÀs vezes é ela quem diz Qual a paz que eu não quero conservarPra tentar ser feliz? 😛	Data: 27/04/2020

#homemtrans #homemtransnegro #transição #ftm #trans #transboy #transman #transgenero #transgender	
Imagem 04 	
Texto:lorenzo_fcosta é, eu tô sem foto pra postar e essa é antiguinha🤷🏾♂️ . . . . #homemtrans #homemtransnegro #trans #transboy #transman #ftmbrasil #ftm #ftmtransgender #transição #transgenero #transgender	Data: 21/04/2020
Imagem 05	

	
Texto: lorenzo_fcosta Você me enche de orgulho e não me canso de dizer, parabéns amor por maisuma conquista.❤️😊	Data: 05/12/2019
Imagem 06	

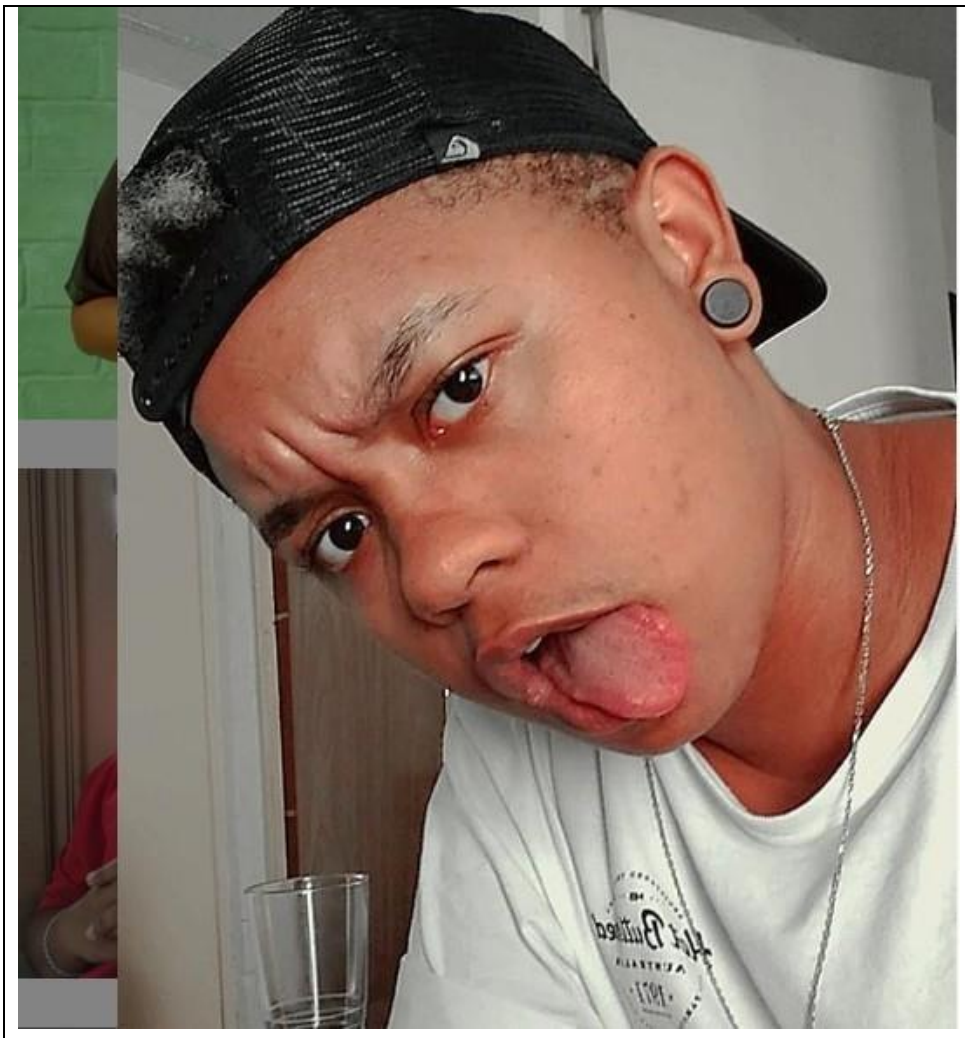
	
Texto: lorenzo_fcosta Dia da visibilidade trans, e tenho só gratidão por tudo que conquistei até hoje na minha transição. obrigado por todos que me apoiam, que me dão colo quando é preciso, e também sem esquecer ao resto da comunidade trans que sempre se ajuda e me deu muita moral quando precisei. GRATIDÃO!❤️✨ . . . . #homemtrans #transgenero #ftm	Data: 29/01/2020
Imagem 07	

	
Texto:lorenzo_fcosta o fato da minha grande paixão ser uma breja, não é novidade.🍺❤️ . . . . . . #homemtrans #transyoutuber #transboy #transman #homemtransnegro #ftm	Data: 07/12/2019
Imagem 08	

	
Texto: lorenzo_fcosta 1 ano em T hoje, e eu só tenho a agradecer por todos que me ajudaram, ainda ajudam, pelas motivações, bem, por tudo, eu sou GRATO!🙌🏽 (Amanhã tem vídeo no canal mostrando as diferenças de antes e depois, não percam família!)🔥 . . . . . #homemtrans #homemtransnegro #transgenero #trans #transgender #lgbt #lgbtq🌈 #transman #transição #deposteron #durateston #ftm #ftmbrasil #ftmtransgender	Data: 02/03/2020
Imagem 09	

	
Texto: lorenzo_fcosta Às vezes eu falo com a vida Às vezes é ela quem diz Qual a paz que eu não quero conservar Pra tentar ser feliz?😛 . . . . #homemtrans #homemtransnegro #transição #ftm #trans #transboy #transman #transgenero #transgender	Data: 27/04/2020
Imagem 10	

	
Texo: lorenzo_fcosta Não tinha maneira melhor de começar o ano, sem ser ao seu lado. Que esteve comigo em todos os momentos, que teve orgulho de mim nos bons e me ajudou a levantar nos maus momentos. Além de minha namorada, é uma partinha de mim, não te deixo ir embora de modo algum! Quero que saiba que sempre vou correr por ti, por nós. Nada e nem ninguém interfere no nosso destino. Sei que em 2019 passamos por várias fases difíceis, mas estamos firmes e fortes. E que em 2020 seja mais iluminado e longe de qualquer negatividade alheia!🥊🥂	Data: 03/01/2020
Imagem 11	

	
Texto: lorenzo_fcosta 😛 #homemtrans #transgenero #ftm #trans	Data: 20/01/2020

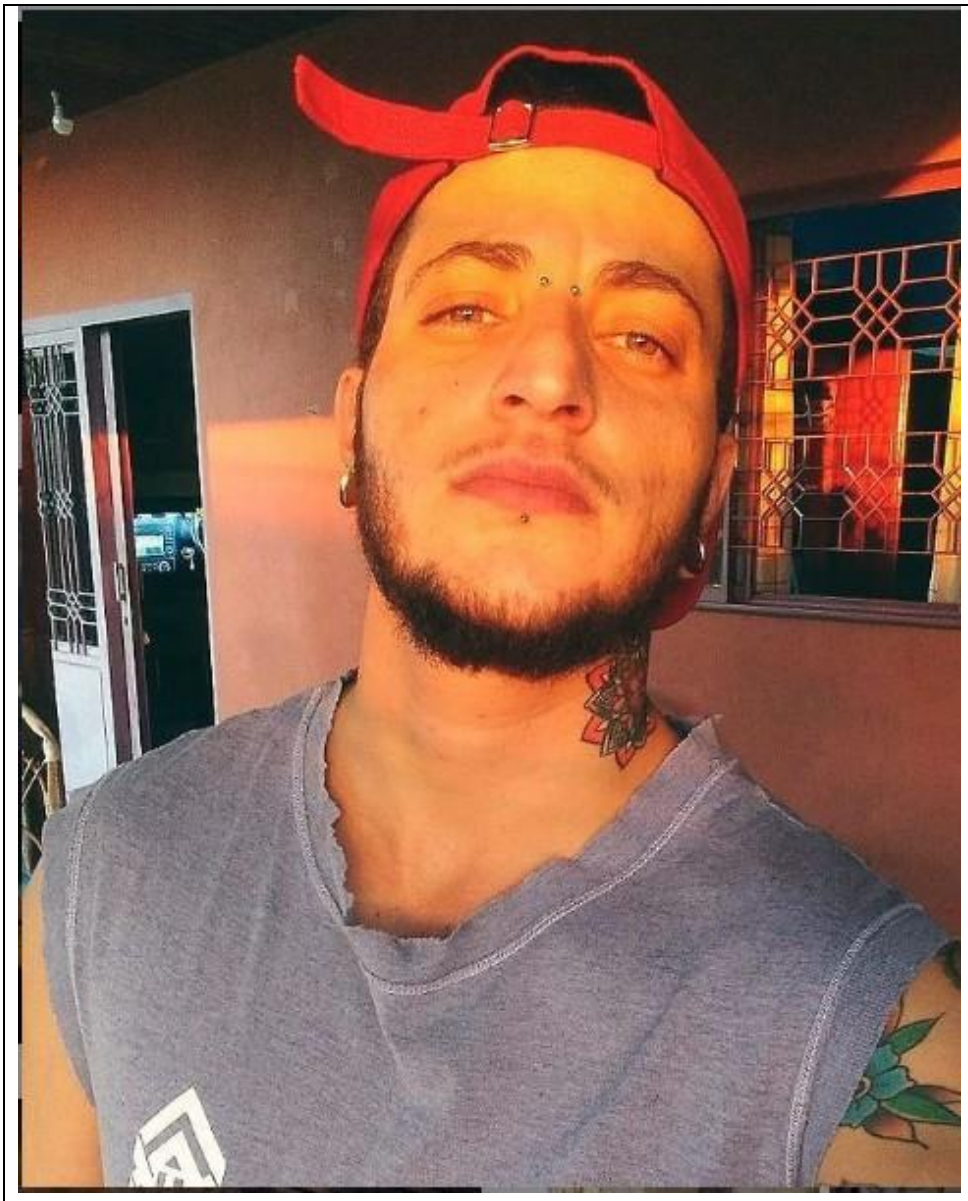
APÊNDICE 5 - Tabela de coleta de Dados (postagens) de @Oivanluca

Imagem 01 	
Texto:oivanluca Imagine uma nova história para sua vida e acredite nela.	Data: 16/03/2020

#homemtrans #transgenero	
Imagem 02 	
Texto: oivanluca Tem 3 intrusos na foto 😂 #homemtrans #transgenero	Data: 20/06/2020
Imagem 03	

	
Texto: oivanluca Retire de cena aquilo que te tira do foco. 💪 #homemtrans #transgenero #ftmfitness #focus #motivation	Data: 10/06/2020
Imagem 04	

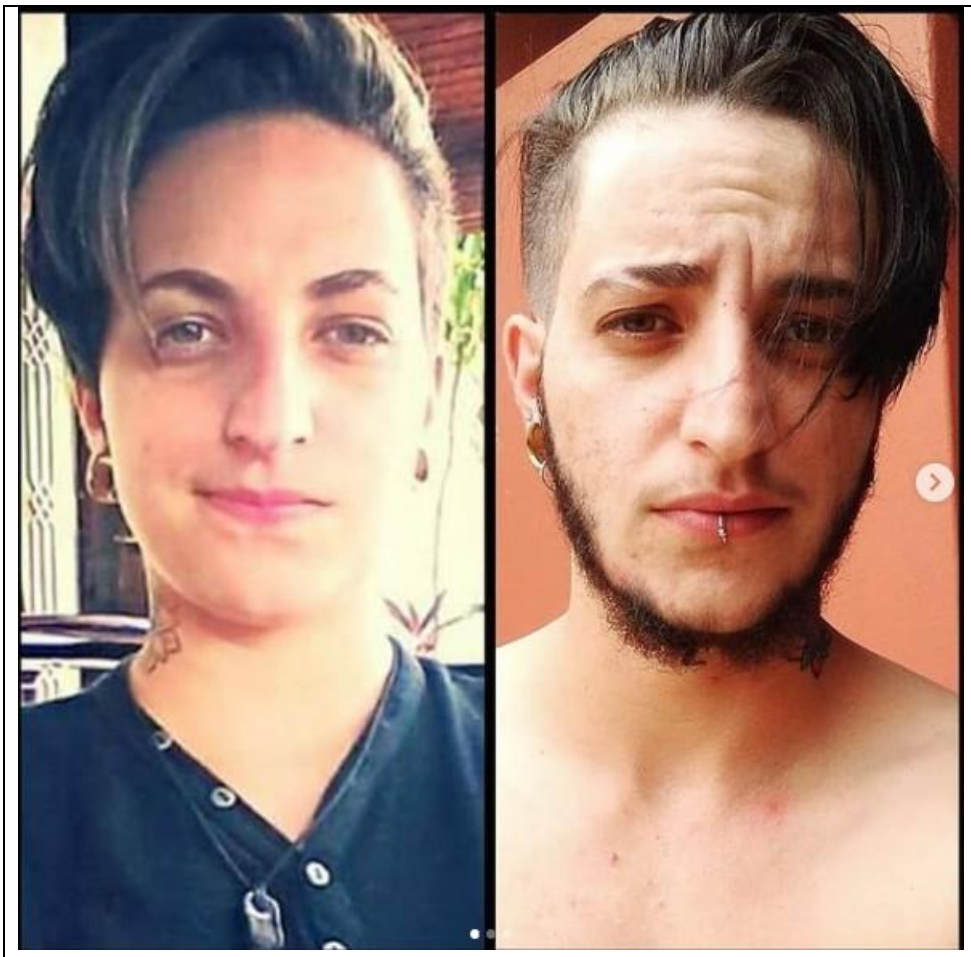
	
Texto:oivanluca Foto de um vídeo ▶🌴	Data: 28/05/2020
Imagem 05	

	
Texto: oivanluca 'Só sei que quero pararde fingir não ver no dia um caminho cada vez mais longo'.. #danceofdays	Data: 09/05/2020
Imagem 06	

	
Texto: oivanluca Sextou com "S" de saudade. 🖤 . . . . #homemtrans #transgenero #ftm #trans #transition #transgender #lgbtqi #friday #missing #street #sextou #quarentena #quarentine	Data: 17/04/2020
Imagem 07	

	
Texto: oivanluca "É, perdi o medo de dizer Que nada atinge meu querer E que sempre faço o que mais me pede a vida.." . . . . #homemtrans #transgenero #transgender #ftmbrasil #trans #transition #lgbtqi #ftmfitness	Data: 14/04/2020
Imagem 08	

	
Texto: oivanluca Tenho um ORGULHO enorme do homem que me tornei, e das decisões que tomei.. da minha trajetória, pela força, por todos os aprendizados que tive e pela chance que a vida me deu de ser uma pessoa melhor a cada dia. #pride #trans #lgbtqi #beyou	Data: 27/06/2020
Imagem 09	



Texto: oivanluca
Por um mundo onde todes tenham os mesmos direitos, independente de sua indentidade de gênero!
Por mais possibilidades de empregos pra população trans, que possamos ter mais espaços em todas as áreas como qualquer outro cidadão e mostrar que somos pessoas de bem e que podemos ser tbm.
Que não só hoje no dia da visibilidade trans como todos os dias eu desejo que possamos ter mais respeito, inclusão, educação e por mais empregabilidade de pessoas trans.. para que no mínimo a gente possa trabalhar para arcar com os gastos da transição e fazer as cirurgias, já que a fila do SUS não tem espaços o suficiente para atender tantos de nós.
Por mais médicos que se sensibilizem em estudar o assunto para nós ajudar.
E que toda a população trans se junte mais, pois juntos somos mais fortes. E ngm vai nos impedir de ser oque somos, humanos de bem, diferente dessa sociedade que nos mata.
E que principalmente possamos por direito usar os banheiros de acordo com nossas identidade de gênero.
Um brinde a nós guerreiros por existir e resistir a uma sociedade tão preconceituosa.
Que todes tenham um excelente dia da visibilidade trans! 💙❤️
Mais amor por favor. ✊
.
.

Data: 29/01/2020

. . . . #homemtrans #ftmbrasil #lgbtqi #transgender #transgenero #trans #visibilidadetrans #lgbt #corpolivre #travesti #transexual #respeito #orgulhotrans #pride #visibility #29dejaneiro #2020	
Imagem 10 	
Texo: oivanluca Quanto mais a gente agradece, mais coisas boas acontecem! . . .	Data: 17/12/2019

. . . . . . #homemtrans #trans #ftm #lgbt #transgenero #transgender #transboy	
Imagem 11 	
Texto: oivanluca Continuar reclamando do tempo perdido, é continuar perdendo tempo. Prossiga! . . . #homemtrans #trans #ftm #transgenero #transgender	Data: 15/12/2019